WENCESLAU DE MORAES

Cartas do Japão

II

UM ANNO DA GUERRA

(1904-1905)

Com um prefacio de VICENTE ALMEIDA D'EÇA

PORTO
LIVRARIA MAGALHÃES & MONIZ — EDITORA
12, Largo dos Loyos, 12

1905

CARTAS DO JAPÃO

II

UM ANNO DA GUERRA

(1904-1905)

WENCESLAU DE MORAES

Cartas do Japão

II

UM ANNO DA GUERRA

(1904-1905)

Com um prefacio de VICENTE ALMEIDA D'EÇA

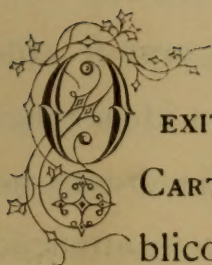
PORTO

LIVRARIA MAGALHÃES & MONIZ — EDITORA

12, Largo dos Loyos, 12

1905

TYPOGRAPHIA PROGRESSO
DE
Domingos Augusto da Silva & C.ª
Largo de S. Domingos, 15
PORTO

Se eu podesse dizer...

O EXITO brilhante do volume de CARTAS DO JAPÃO que se publicou o anno passado, obrigava o editor, obrigava os *tres amigos* e obrigava o auctor a recompensarem a estima do publico, dando-lhe outro volume de CARTAS.

Refiro-me ao auctor em ultimo logar, para dar ao menos esta satisfação

ao seu insistente desejo de que não se falle d'elle, modestia de tal maneira fóra do commum que o fez desentranhar-se em exclamações de pasmo quando teve a surpresa, que esses amigos lhe prepararam, de receber um exemplar do primeiro volume das CARTAS.

D'elles sabêm os leitores das CARTAS quem foi o primeiro: Bento Carqueja, esse espirito de tão grande cultura, esse patrono de toda a ideia generosa ou util, que dia a dia cresce no conceito dos que seguem com attenção a sua obra meritoria; foi quem prefaciou o outro volume, e ali escreveu em periodos scintillantes o que era a alma japoneza e o que eram as CARTAS.

Chegou a vez agora ao segundo.

*

* *

Wenceslau de Moraes não carece de ser apresentado, e seria irrisão que a isso se atrevesse quem nos trabalhos das lettras nunca se avantajou em primores. Mas, se assim como Bento Carqueja pôde livremente esboçar os elementos da psychologia japoneza, alguem quizesse tentar a analyse da psychologia do auctor das CARTAS, talvez ninguem como este segundo amigo possua elementos preciosissimos para o fazer. Se ás CARTAS que são para o publico,

se podessem juntar as que só ao amigo são destinadas; se d'este escrinio, onde a alma d'um bom se revela em gemmas rutilantes, fosse permittido extrahir as joias de absoluta pureza que elle encerra; se, ao menos, condensando, resumindo, esbatendo, fosse licito dar a entender o que só n'essas cartas se lê; então, por mais desvaliosa que fosse a mão d'obra, o valor intrinseco da materia prima mostrar-se-hia inapreciavel. Então se veria como essa psychologia encerra as mais nobres qualidades que podem determinar um caracter—a integridade, a dedicação, o escrupuloso cumprimento do dever, a superioridade ás offensas mesquinhas....

Não; seria abuso de confiança contar ao publico o que só para o amigo

foi escrito. E nem é preciso: os que lêem a obra, já hoje avultada, de Wenceslau de Moraes, podem fazer a psychologia do auctor, porque, todos o sabem, a Arte tem este condão maravilhoso: por mais que intente mascarar-se, por mais que procure enganar, se procura, não o consegue nunca; o artista revela-se sempre, tal qual é; se deseja disfarces, melhor será que não produza.

Façam, pois, os admiradores do nosso auctor essa analyse, e grato lhes será o trabalho, porque é sempre consolador descobrir um caracter. E consintam-me que, de collaboração com elles, aponte tão sómente uma feição.

Tenho para mim que a Dôr é condição indispensavel á plenitude da acção

intellectual e muito mais á perfeição do trabalho artistico. A Dôr é o acicate que incita as energias, é o tonico para as fraquezas da alma, é o cadinho onde as qualidades individuaes se acrisolam. Nascem as criaturas á custa da dôr materna; só se produzem perfeitas as obras do espirito, quando o inventor soffreu. Por isso a Dôr é necessaria, e baldado se torna o esforço para fugir-lhe. A Dôr ennobrece, e bem mesquinho será quem não saiba sentil-a. Só ella dá grandeza d'alma; sem ella não ha senão egoismo. Entendamo-nos: para que a Dôr produza estes salutares effeitos, é necessario não a temer; soffrer com ella, mas luctar sempre. Por isso estão fóra da natureza os *sobrehomens* á Nietsche e os *misogynos* á Schopenhauer e á Gorki.

Supprimir a Dôr empregando a força, luctar com soberbia pelo primeiro logar calcando os humildes e destruindo os fracos, procurar na mulher sómente o instrumento do goso, mas refugir a tudo que por causa d'ella nos possa trazer soffrimento, e, como ultima conclusão, despresal-a porque é fraca, ou dispensal-a porque nos é inutil ou embaraçosa, são aberrações da consciencia humana, embora sejam o codigo dos egoistas. É necessario soffrer para viver; quem não conhece a Dôr, quem nunca teve sensibilidade para soffrer, ou, se alguma vez a teve, veiu a perdel-a, esse tal não vive, vegeta.

E afinal o *sobrehomem* um dia conhece que lhe falta alguma coisa; os fumos da gloria dissipam-se; os inebria-

mentos da força deixam de actuar; forma-se o isolamento em roda d'elle, pois que se collocou muito alto, e toda a mais gente está muito abaixo. E então o *sobrehomem* soffre pela primeira vez a Dôr, e salva-se; desce do pedestal a que o elevou o orgulho, vem para a communidade misera de que tentára separar-se, é apenas um *homem,* como todos devem procurar ser. E o *misogyno* que se esqueceu de que teve mãe, esse, mais infeliz quasi sempre, termina por ser victima, indigna de compaixão, de qualquer megera que vinga os desprezos proclamados pelo egoista.

Censurando quem pela mulher só professa desdem, nem por isso se applaude o *effeminado*, que não sabe manter a dignidade do proprio sexo,

nem o *femeeiro*, tão ignobil na especie como ignobil é o termo, nem mesmo o *feminista*, que, na maioria dos casos, mais parece um disfructador do que um convencido. Não: o que se applaude, porque é a verdadeira lei imposta pela natureza, é a estima pela mulher, o reconhecimento da sua indispensabilidade na sublime harmonia da creação, a conformidade com a Dôr que por ella se soffre. E assim é que do Loti, cujo nome acode sempre que se trata de Wenceslau de Moraes, nos aborrecem as jactancias amorosas dos primeiros livros, mas nos enlevam as paginas, de verdadeira estima pela mulher, do *Ramuntcho* e d'outras composições mais recentes.

E voltando ainda ao universal im-

perio da Dôr, deve observar-se que elle se manifesta nos mais grandiosos productos do genio. Os *Lusiadas,* com serem a glorificação d'uma raça, estão alanceados dos mais pungentes dramas da Dôr humana, desde os soffrimentos obscuros do navegante cada dia a braços com os perigos do mar, até ao martyrio de Ignez e á tristeza incomportavel de quem vê a Patria prestes a morrer. A *Alma Gentil* e a canção do *Desamparo* são, só por si, dois poemas da Dòr, inegualaveis. Do *D. Quixote* se disse já, e creio que se disse bem, que aquelle riso perenne é apenas a mascara transparente da Dôr, da tristeza por um ideal que desapparece, do desconsolo pelo vacuo produzido por essa falta que nada substitue. Camões e Cer-

vantes foram grandes artistas, porque soffreram muito e sentiram profundamente a Dôr.

Pois bem. Se quizermos pela obra de Wenceslau de Moraes conhecer da psychologia do escritor, facil nos será observar que toda ella é dominada pela Dòr, que a sua alma se encontra macerada pelo soffrimento, que a tristeza do desconforto proprio e dos males alheios a ulcéra e mortifica. Raro será o capitulo onde uma palavra ou uma phrase não indique esse estado, porventura ás vezes levado até ao desalento, mas em todo o caso *sentido*, e por isso dando o resultado appetecivel, a producção de paginas esplendidas de verdade e de colorido. E afinal nem esse trabalho será talvez necessario. No *Preludio* do *Dai-*

Nippon conta-se a historia *d'um homem que morreu em Macau*, historia commovente d'um intellectual retrahido desde a juventude, porque n'essa idade uma grande dòr o ferira; esse homem, facilmente se adivinha, era o proprio escritor...

E d'esse mesmo *Preludio* e de toda a obra de Wenceslau de Moraes transparece a influencia que a mulher teve nos seus destinos, influencia que lhe vincou magoa indelevel na alma dolorida, mas que nem por isso o levou a enfileirar-se entre os tresloucados que a maldizem.

*

* *

E agora só mais algumas palavras a respeito do presente volume.

Nas primeiras CARTAS, publicadas o anno passado, descrevia-se principalmente a situação economica e politica do Japão actual, dando-se aqui e alem algumas indicações sobre as modalidades artisticas e intellectuaes, tão interessantes, d'esse povo. Mas a propria situação politica apresentava, como feição proeminente, a lucta diplomatica do

Japão com a Russia, lucta que dia a dia se ia exacerbando, até que veiu a dar a declaração da guerra. Com os primeiros actos de hostilidade termina esse volume das CARTAS.

O actual abrange o primeiro periodo da guerra — desde o combate naval de Chemulpo até á grande batalha terrestre de Mukden.

N'elle se pode ir seguindo, a passo e passo, esse terrivel drama, primeiro circumscrito quasi ao bloqueio de Porto Arthur, mas que em breve se desenvolve pelo avanço das tropas japonezas na Coréa e na Mandchuria; começam os combates junto á poderosa fortaleza, tenazes e violentissimos de parte a parte; cahe finalmente Porto Arthur, e diminue por então o interesse da acção

maritima do Japão, para se avolumar a importancia da acção terrestre. Fere-se a batalha de Mukden, que na verdade encerra o primeiro cyclo do tragico duello, e com essa batalha conclue o presente volume.

Mas não é só dos acontecimentos da guerra que elle se occupa; pelo contrario, entremeando-se ás noticias das hostilidades e ás considerações, por vezes da maior importancia e acerto, sobre as consequencias da guerra, apparecem-nos deliciosos quadros da natureza, da arte e dos costumes do Japão, campo dilecto do auctor, inexaurivel thesouro de que a sua impressionabilidade vae tirando successivas paginas preciosissimas. E tudo temperado pelo seu sentimento predominante, a Bonda-

de, e tudo acrisolado pelo seu maior estimulo, a Dôr.

Os leitores saberão entender quanto estas CARTAS valem. Assim eu o podesse dizer...

Lisboa, maio de 1905.

Vicente Almeida d'Eça.

Cartas do Japão

«Estalou a guerra emfim!»
(CARTAS DO JAPÃO — *Antes da guerra.* — Carta XL, de 18 de fevereiro de 1904).

I

2 de março de 1904

Patriotismo, amor e paixão, que justificam as maiores audacias — A politica da Russia na presente guerra — Os japonezes senhores do mar — Explica-se a razão que assiste ao Japão em luctar pela sua preponderancia no Extremo-Oriente — O Japão em festa, ao vêr a partida das tropas para a guerra — As estampas guerreiras — Necessidade e conveniencia da representação da marinha portugueza nas aguas do Extremo Oriente.

O MUNDO que assiste como espectador attentissimo ao grande drama iniciado na região extremo-oriental, deve esperar todas as audacias do povo japonez, embora lhe pese confessal-o, por orgulho de raça. A prophecia de um acontecimento tremendo, que devia commover a Europa inteira, proferida pela bôcca do velho Kruger durante a carnificina

do Transvaal, estava só na bòcca e tambem na alma do venerando ancião; os outros, todos os boers menos elle, tiveram de contemporisar, de acceitar a dura condição de vencidos e a perda irremediavel da sua patria.

No Japão, cada homem, cada mulher, cada creança, é um Kruger; ha aqui, com as estatisticas na mão, *uns 45 milhões de krugers*; o patriotismo affecta na alma japoneza o estado de uma paixão, de uma quasi loucura, de um quasi delirio; e é d'este povo, e de mais nenhum outro, que é licito presumir-se os mais estupendos arrojos, quando se trate do engrandecimento da patria ou de salval-a das garras do colosso que a ameace.

Definamos melhor as cousas, se é possivel. Na Europa, na America civilisada, o patriotismo é, sobretudo, um dever civico; os soldados marcham para a guerra em obediencia a este preceito. No Japão o patriotismo não é um dever: é um amor, uma paixão, é uma febre contagiosa, que põe em ebullição o sangue dos soldados, e tambem o dos camponezes, e tambem o das mulheres, e tambem o das creanças, esquecendo todos tudo para um unico fim — a gloria do *Dai-Nippon*. E' este sentimento que faz dos japonezes um povo unico, em coragem e abnegação, do

que elles darão, estou certo, sobejas provas, no decurso das hostilidades com a Russia, seja qual fòr a sorte final das armas. Emquanto a esta não se nega a ferocidade legendaria dos seus cossacos, por outro lado a enorme extensão do seu territorio, a dura autocracia que pesa sobre o povo, a crassa ignorancia e a miseria das massas, tudo faz prevêr que o enthusiasmo que anima a grande maioria dos soldados no campo de batalha, seja de um caracter anodino, rastejando pelo nivel de um simples dever de disciplina. E veremos. . .

A que serão devidas as qualidades excepcionaes d'este curioso povo japonez? a uma caracteristica biologica? á educação? á religião professada? Talvez devidas a tudo isto e a muito mais; a religião, todavia, deve entrar como um factor predominante. A religião do japonez, o *Shintôismo*, antes um culto — culto da patria e de si mesmo — em todo o caso uma religião de orgulho, de iniciativa e de esperança terreal, differe como um antipoda de todos os systemas religiosos das sociedades civilisadas (christianismo, judaismo, mahometismo, buddhismo); emquanto que estes vão glorificando a humildade, o sacrificio, o recolhimento, a dòr, a peniten-

cia, o *Shintôismo* é o clarim da alegria e da esperança, gritando ás massas este unico estribilho: — «Respeita os teus antepassados e segue os teus instinctos!» — Hei-de voltar a este assumpto, que me parece interessante, n'uma proxima correspondencia, com tempo e espaço para mais amplas considerações.

— Póde já presumir-se quaes serão as tendencias da politica russa nas presentes hostilidades. A Russia procurará seguir uma attitude defensiva, muito em harmonia com o estado incompletissimo dos seus armamentos no Extremo-Oriente, prolongando quanto possivel a guerra. Será, pois, uma guerra exhaustiva, no intuito de enfraquecer o inimigo, que sabe em difficil situação economica, e para o qual uma longa campanha póde trazer gravissimas complicações financeiras. Os japonezes é que não se submetterão a este programma, e tratarão certamente de provocar novos encontros, por mar e por terra, que levem a guerra a um desfecho rapido.

O que se póde desde já assegurar é que os japonezcs se encontram senhores do mar. A consulta de uma carta geographica é n'este momento interessantissima. Vejamos. A Russia tem a força da sua esquadra abrigada em Porto Artnur e alguns navios em

Vladivostok. A esquadra japoneza escolheu para base das suas operações a ilha de Tsushima, maravilhosamente collocada a mui curta distancia do imperio e da costa sul da Corêa, e d'alli destaca os seus navios, já para um lado, já para outro, para o mar Amarello e para o mar do Japão, impedindo os navios russos de largarem dos seus coutos. Isto permitte aos japonezes o irem transportando sem risco algum as suas tropas para a Corêa, ao que effectivamente se está procedendo com grande afan. É de crêr que em breves dias as forças japonezas avancem para o norte, passando além da fronteira coreana, onde se encontram já tropas russas, occupadas na faina de fortificações. Cerca da fronteira coreana deverá dar-se, em breve espaço, uma grande batalha.

Uma rapida inspecção da mesma carta geographica nos revela desde logo a alta importancia estrategica da peninsula coreana e do estreito da Corêa, esta chave do caminho maritimo que leva á Mandchuria e á Siberia. Quando a Russia domine na Corêa e no estreito, o Japão póde considerar-se perdido; quando tal dominio caiba aos japonezes, a preponderancia russa no Extremo-Oriente deixa de ser praticavel.

O que se apresenta extremamente curioso é o conjuncto de cirumstancias que se dão e tornam esta guerra um acontecimento sem parallelo na historia, de modo que os preceitos do direito internacional, até hoje admittido, passam a ser deficientes. A invasão e a guerra vão dar-se na Mandchuria, que ainda é *theoricamente* sólo da China, a qual se declarou neutral, e na Corêa, paiz independente, que tambem se declarou neutral. Mas um exemplo comesinho talvez explique melhor a situação e se preste a conclusões importantes: um sujeito, no intuito de defender os seus interesses e os bens de sua casa de um bando de invasores, começa por defender dos mesmos invasores as casas dos visinhos, por onde a sua é vulneravel; e isto porque os visinhos, por incuria ou por fraqueza, não se oppõem á invasão. Outro exemplo, se o preferem: ha tres casas contiguas e pega fogo em uma de um extremo; os proprietarios do outro extremo, sabendo que os visinhos estão dormindo, não hesitam em ir apagar o incendio que se ateia e que, sem tal intervenção, não requerida, passaria á habitação intermedia e ainda á sua propria. A questão, assim exposta, creio que não deixa duvidas sobre a justiça que assiste aos japonezes. Entra em

jogo o legitimo principio da conservação. A China e a Corêa, pela sua fraqueza e apathia, figuram como interdictas; e o acto de defendel-as á força contra um perigo imminente, e de mais a mais com prejuizo de terceiro, é legal, certamente.

— O Japão inteiro está em festa. Com a confiança inquebrantavel, que lhe é propria, nas futuras victorias, este povo acolhe com explosão de jubilo os seus regimentos, seguindo em comboyos successivos até ao ponto onde embarcam nos navios transportes que os vão levar ao encontro do inimigo. A cidade de Kobe mais se presta para taes manifestações, por ser atravessada pela linha ferrea em toda a sua extensão. O espectaculo é realmente admiravel. A população inteira agglomera-se, dia e noute, ao longo do percurso; milhares de bandeiras, de galhardetes, de lanternas, de balões, de archotes, dão ao quadro tintas de gala indescriptivel. Quando se aproxima o comboyo, os gritos de — *Banzai! Banzai!* — (Viva! Viva!) eccoam como uma fanfarra immensa; e a fila de carruagens carregadas de soldados, precedidas da locomotiva arquejante e enfumaçada, passa em apotheoses de exclamações cariciosas, de chapéus que se agitam no ar,

de mãosinhas de musumés, brancas de neve, que applaudem. *Banzai! Banzai!*...

Reapparece uma industria, que estava posta de parte desde a guerra com a China: a das estampas guerreiras. Encontram-se profusamente em Tokio, em Yokohama, em Osaka, em Kobe, em toda a parte, expostas á venda a preços infimos, representando episodios dos combates que se travam; e tão rapido é o seu fabríco, após as noticias telegraphicas, que melhor se poderiam chamar... *telegrammas illustrados*. O povo faz roda junto das lojinhas, irrompendo em exclamações de jubilo.

Estas estampas são productos de pinceis modestissimos em recursos artisticos, essencialmente populares e tão ingenuos quanto patrioticos. As còres vivas resaltam de estupendas figurações de bombas que rebentam, de torpedos em explosão, de ondas que espadanam, de carcassas de navios inimigos que se afundam, de russosinhos que mergulham, de impavidos marujos japonezes vencedores. Como documentos da alma popular, em effervescencia, são preciosas!....

— Os jornaes portuguezes trazem-nos a noticia de que o governo pensa em enviar agora ao Extremo-Oriente algum ou alguns dos nossos cruzadores.

Creio que assim seja, e a resolução será acertadissima. Perante os gravissimos acontecimentos que se esperam da guerra, apenas começada, os navios de guerra poderão ser um precioso soccorro aos nacionaes do mesmo paiz espalhados no Extremo-Oriente. Pelo que nos respeita, ha, como é notorio, um numero muito notavel de portuguezes nos portos do sul do China, em Shanghae por exemplo: embora estejamos por emquanto longe de motivos de receio n'esta parte da região extremo-oriental. Mas ha tambem alguns portuguezes na Corêa, e bastantes no Japão; e n'estes paizes, especialmente no primeiro, a presença de um navio de guerra portuguez póde prestar, em dado momento, relevantissimo serviço a estes portuguezes. Mas a missão dos vasos de guerra de uma nação neutral, no theatro das hostilidades, não se limita ao mister, já bastante meritorio, de proteger os subditos da mesma bandeira: aos officiaes de bordo offerece-se preciosissima opportunidade de estudo e de ensino prático, tão necessarios n'esta época em que o homem do mar deve ser muito versado nos multiplices ramos do seu officio; e, mais do que tudo, essa presença traduz o interesse que um determinado paiz vota aos grandes

acontecimentos mundiaes, o que firma o prestigio do seu nome no conceito da sociedade das nações. Recorde-se o que se passou no bem recente combate naval de Chemulpo, com que o Japão abriu as hostilidades: bombardeados os navios russos e prestes a submergirem-se, as suas guarnições apavoradas salvaram-se a nado e em escaleres e encontraram abrigo nos navios estrangeiros presentes — cruzador italiano «Elba», cruzador francez «Pascal» e cruzador inglez «Talbot»; eis uma bella missão a registar, que ennobrece as nações representadas por estes tres cruzadores. Os navios de guerra das nações neutraes pódem tambem ser chamados a defender os portos das mesmas nações contra uma tentativa de violação, por parte de um dos belligerantes, dos seus direitos de neutralidade, e não nos esqueçamos de que temos a nossa colonia de Macau a bem curta distancia do theatro das hostilidades.

A Inglaterra tem actualmente nas aguas do Extremo-Oriente 47 navios de guerra, dos quaes cinco couraçados e sete cruzadores. A Allemanha tem 14, incluindo alguns bellos couraçados e cruzadores. A Italia tem tres cruzadores e acaba de mandar seguir mais

quatro. A França mantém egualmente uma soberba esquadra.

Quanto a nós, posto que conservemos sempre nas aguas de Macau uma canhoneira (quando não mais), é certo que, por motivos varios, os nossos navios raramente visitam os differentes portos visinhos. Ha pouco mais de um anno, excepcionalmente, a canhoneira «Diu» desempenhou uma brilhante commissão, percorrendo os portos do China; antes d'ella, creio que em 1888, a «Rio Lima» visitára os mesmos portos (Amoi, Fuchau, Shanghae, Chefu e Taku), passando depois ao Japão, entrando em Nagasaki, Kobe e Yokohama.

Nos portos japonezes, particularmente, é cousa rara vêr-se um vaso de guerra portuguez. O ultimo que aqui esteve foi a «Zaire», creio eu, não passando de Nagasaki e Kobe. Dê-nos ao menos a guerra actual pretexto para mostrarmos a nossa bandeira n'estes portos longinquos, com manifesto interesse do nosso prestigio e para intima satisfação dos muitos portuguezes que se encontram espalhados pelos paizes do Extremo-Oriente.

II

10 de março de 1904

O Japão em evidencia — A religião japoneza — O chamado perigo amarello — A lenda e a moral do Shintôismo — O culto dos antepassados — Outras seitas religiosas — Contrastes — O que é o perigo amarello — Outros perigos — Chimeras dos europeus — Uma carta de Herbert Spencer.

Não resta duvida de que o Japão está em evidencia, mercê da crise actual, que tem por theatro o Extremo-Oriente. Por isto se me affigura que merecem especial interesse n'este momento todas as considerações, mesmo todas as divagações, que se relacionem com o Imperio do Sol Nascente.

N'esta persuasão vou hoje referir-me, em rapidos traços, a dous assumptos importantes: a religião japoneza, que é o Shintòismo, e o chamado *perigo amarello*. Na carta anterior, já alludi ao primeiro assumpto, e frizava então que o Shintòismo deve entrar certamente como um dos factores predominantes do caracter do japonez, fazendo d'elle um

povo excepcional entre todos pelo seu orgulho nacional, pela sua coragem perante o perigo e pelo arrojo das suas energias; tentarei hoje tornar mais convincente uma tal affirmação.

O Shintòismo é a religião primitiva dos japonezes. Possue uma lenda, em que figuram varios deuses, lenda que a massa do povo hoje mal conhece e não preoccupa os illustrados. Os deuses crearam o Japão, isto basta; não importa saber como foi creado o resto do mundo, o que demonstra a que altura, desde as mais remotas éras, subiu o orgulho da tribu; para os japonezes, o mundo é o Japão.

Lenda e ritos são em geral, no presente tempo, méros pretextos para festivaes, em que o povo, crente ou descrente, se diverte. O que profundamente lançou raizes na alma japoneza foi a moral do Shintòismo, a qual se resume n'estes dous principios: — «respeita os antepassados e segue os impulsos dos teus instinctos».

O culto dos antepassados não é exclusivamente do Japão; é, pelo menos, peculiar a todos os povos asiaticos, posto que exercido com mais rigorosa perseverança pelos chinezes e japonezes. A consequencia primeira de

tal culto, e a mais importante, é uma forte constituição da familia, d'onde deriva um intenso amor ás tradições, aos costumes, ao sólo patrio, á raça; e é isto exactamente que vêmos manifestar-se nas nações citadas, embora o Japão, quando estudado apenas superficialmente, pareça levar-nos a conclusões differentes. O culto dos antepassados tem as suas mais pomposas manifestações nos templos shintòistas, que são erguidos, não em honra dos deuses, mas em memoria dos grandes homens, — guerreiros, poetas, eruditos. — Aos templos antes se deveria chamar monumentos, e sob este aspecto o Shintòismo é menos uma religião do que um culto da patria, representada pelos seus vultos eminentes. Do culto dos antepassados, ou melhor, dos mais remotos antepassados, que foram os deuses creadores do sólo sagrado de Nippon, passa-se naturalmente ao culto do imperador, que descende directamente de taes deuses, occupando um logar na série de uma unica dynastia. O respeito pelo soberano é, pois, um dogma Shintòista.

O segundo principio — «segue os impulsos dos teus instinctos» — deriva da concepção optimista, que o japonez faz do sêr humano, isto é, de si mesmo. Effectivamente, se os

deuses, bons e prazenteiros, crearam as flôres odoriferas, os fructos saborosos, as arvores gentis, os insectos multicòres, as aguas crystallinas, as montanhas graciosas, emfim a inteira harmonia sorridente d'este paiz encantador, e crearam tambem o japonez, este não póde ser um perverso, um monstro, mas sim tambem uma cousa boa e utilisavel. Dizem os japonezes, com um raciocinio que não póde ser taxado de imbecil: — «Os deuses enviaram aos paizes estranhos os seus prophetas, os seus messias, para trazerem ao caminho da virtude os homens, que eram ruins; no Japão nunca houve prophetas nem messias, porque os homens eram bons e não careciam d'elles». — Com uma tal noção de si mesmos, nada mais logico, mais natural, do que obedecerem a esta boa maxima, bem facil de cumprir — «segue os dictames do teu pensamento, dos teus caprichos, dos teus desejos, o impulso natural dos teus instinctos».

O Shintòismo, despido da sua fabulação e dos seus ritos, reduz-se, pois, a um culto da tribu, da raça (familia, instituições, soberano) e a um culto da propria vontade. É o orgulho da nação e de si proprio, santificado.

Com o correr dos seculos, outras seitas religiosas penetraram no Japão: o Buddhismo,

que adquiriu grande preponderancia, e, muito menos acceitado, o Christianismo, nas suas varias subdivisões. No entretanto, era tão facil ser-se buddhista por exemplo, e ao mesmo tempo amoroso da sua raça e do seu sólo, que os convertidos não deixaram de ser shintòistas, no que a palavra exprime como synthese de estima pelo soberano, pela familia, pela patria e por si mesmo; pelo que particularmente respeita ao Buddhismo, que se tornou popularissimo no Japão, mesmo até hoje, os proprios bonzos tiveram o cuidado, para evitar complicações previstas, não de transformar o sentimento do povo para se approximar da nova religião, mas de transformar o Buddhismo para se approximar do povo.

Bem. Já podemos fazer uma ideia do japonez shintòista, como é todo o japonez: — enlevado no seu soberano, no seu paiz e em si proprio; deixando voar livremente o pensamento, alegre e descuidoso, confiando plenamente nas suas energias.

Comparemos agora o Shintôismo com os outros systemas religiosos das sociedades cultas. Que se trate do Christianismo, ou do Judaismo, ou do Mahometismo, ou do Buddhismo, havemos de convir que qualquer

d'estas theologias faz do sêr humano um filho do peccado, um criminoso, que só pela modestia, pelo recolhimento, pela oração, pelo martyrio, se poderá salvar. A terra é um valle de lagrimas; a felicidade não está n'ella, mas sim no outro mundo, n'uma mansão de eleitos, raros, porque o inferno é o paradeiro da grande massa de homens. Bemaventurado o desprezivel, o humilde, o idiota mesmo. Ensina-se a obediencia, não por amor e confiança no chefe, mas por humildade. Quem recebe uma bofetada n'uma face deve offerecer a outra face a outra bofetada. Quaesquer que sejam os meritos d'estas differentes religiões, e são muitos (que não me proponho enumerar), o que parece dever concluir-se, e muitos assim concluem, é que taes religiões foram lentamente amassando e moldando no barro humano o homem actual, degenerado, muito differente do homem primitivo, com manifesto enfraquecimento dos seus dotes de iniciativa, de independencia, de apêgo á terra-mãe, de coragem, de alegria, de livre arbitrio, de confiança em si e de esperança na sua obra. O japonez é o contrario de tudo isto; e manda a verdade que se diga que não é peor, segundo as estatisticas criminaes, do que o seu irmão na especie embebido de outras crenças.

Ora eu penso que esta liberdade de consciencia de que o japonez goza, o seu livre arbitrio, e tambem o culto amoroso que tributa ao seu soberano, aos seus heroes e ás suas instituições (e tudo isto é o Shintôismo), em concorrencia com outros dotes moraes e physiologicos -- relativa insensibilidade á dôr, indifferença pela morte, sobriedade, etc., — fazem d'elle um povo de selecção na época historica que atravessamos, dotando-o de uma coragem sem rival, de um patriotismo incomparavel, de uma confiança cega nos seus destinos, de uma louçania emfim de sentimento capaz de eleval-o aos mais arrojados e surprehendentes commettimentos. Se me engano, desculpem-me os leitores o tempo que lhes tomei com estas divagações, então irremediavelmente classificadas como simples frivolidades.

— Fallemos agora do *perigo amarello*, que parece ter voltado a occupar as attenções da imprensa franceza e allemã, após um longo periodo de tréguas em que passou de ser moda. O que tem graça é que ainda ha poucos dias, antes do rompimento das hostilidades, uma parte d'esta mesma imprensa reputava a nação japoneza como um pequeno povo, a termo da sua evolução e prestes a extinguir-se! . . .

O *perigo amarello* é, como se sabe, o perigo que as nações occidentaes, representadas principalmente pela Europa e pela America, julgam vèr para os seus interesses n'um grande desenvolvimento moral e economico das nações extremo-orientaes, impellidas pelo sòpro vivificador do povo japonez. O *perigo amarello* não tem uma importancia absoluta, como alguns lhe querem dar. É um perigo como outro qualquer perigo; sendo certo que a existencia das nações está sujeita a mil perigos n'este mundo. Se a Europa berra em exclamações patheticas a proposito do problematico *perigo amarello*, o que não diria a Africa, por exemplo, se fosse dada a jogos de rhetorica, a proposito do indiscutivel *perigo branco?* Sobre a Turquia pesa o *perigo russo;* sobre a Bulgaria pesa o *perigo turco;* a Tunisia tem o *perigo francez;* a America tem o *perigo negro;* os negros da America, os filippinos, os cubanos, teem o *perigo americano;* emfim, para cada nação, para cada grupo de homens, existe pelo menos um perigo, na nação ou no grupo de homens que poderá affectar a sua industria, o seu commercio, a sua independencia, os seus interesses de qualquer ordem — economicos, politicos, moraes.

A defeza contra o *perigo amarello* é perfeitamente justificavel, baseada nas leis naturaes e universaes da lucta pela existencia. O que fôra para desejar é que tal defeza se apresentasse como simples lucta, não pretendendo envolver uma especie de direito divino que a Europa se arroga no sentido de dominar os outros povos ao sabor dos seus interesses exclusivos. N'outros tempos dizia-se que o homem era o rei da creação e que o universo inteiro surgira para lhe prestar conforto; esta chimera já cahiu em ruinas. O europeu de hoje pensa que elle é superior a todos os outros homens, e veio ao mundo para dominal-o; é conveniente demolir tambem esta chimera.

O europeu — a raça branca — occupa hoje a eminencia na sociedade das nações, mercê do desenvolvimento que attingiu; mas querer que este desenvolvimento seja eternamente progressivo e que tal supremacia não decline, é exigir muito dos destinos.

O solitario de qualquer nacionalidade, aquelle que por temperamento ou circumstancias especiaes da existencia observa do alto do seu isolamento moral a evolução dos povos, sorri-se das presumpções do branco. Se admira os seus progressos scientificos, os

resultados maravilhosos das suas industrias, nega-se a prestar inteiro culto ás suas glorias civilisadoras, de que tanto se ufana. A acção da raça branca junto das outras raças tem sido sempre uma guerra egoista, despotica e sangrenta, na qual o minucioso aperfeiçoamento dos seus canhões tem sempre representado o melhor argumento para convencel-as; questão de melhor polvora e de melhor aço, questão de força, o que bastaria para presumir um limite a tal acção, proximo ou remoto.

O solitario que considero, vê-se mesmo impellido a admittir desde já indicios prenunciadores da decadencia do branco. O enfraquecimento physico do homem occidental é manifesto. Quando este duro aviso não bastasse, outros symptomas de ordem moral se apresentam, embora custe confessal-os. São elles a lenta dissolução dos laços de familia, dos brios civicos, da honestidade publica, a crescente venalidade das consciencias, a mingua de escrupulos, a ausencia de ideal, o gradual rebaixamento moral, emfim, das sociedades.

Quanto ao *perigo amarello*, o solitario admitte-o desde hoje, sem odios nem invejas, como uma nova concorrencia, ao trabalho e

á industria, já sensivel e dentro em breve mais intensa. Não se decide ainda em reconhecer-lhe condições bastantes para vir revolucionar o mundo; o que, em todo o caso, se tem de acontecer, só será n'uma época certamente ainda longinqua. No entretanto, se é a esta raça amarella, já tão enorme em numero e tão prolifera, que está reservada a missão remota de vir reanimar o Occidente anemisado e pervertido, que importa? . . . Venha ella, espalhe o bem. E diga-se por ultimo: se taes são os seus destinos, toda a resistencia do homem branco será ephemera, apenas poderá retardar de alguns annos (nada) o tremendo desfecho; porque contra as grandes erupções naturaes nada póde fazer o mesquinho alcance da iniciativa humana.

— Depois de lidas estas linhas, que pódem ser ou não convincentes, mas, em todo o caso, não passam de simples divagações de quem se attribue o unico merecimento de conhecer um pouco, por forçada experiencia, o caracter asiatico, principalmente o japonez, julgo deverem merecer algum interesse as seguintes referencias a uma carta sobre o Japão, escripta por Herbert Spencer, o eminente pensador inglez ha pouco fallecido, e dirigida ao barão Kaneko, politico japonez,

occupando recentemente um logar no ministerio de Tokio.

Spencer, que mantinha relações muito intimas com o barão Kaneko, expunha-lhe em fórma de carta, ha cerca 12 annos, as suas opiniões pessoaes sobre este paiz; tal carta só agora acaba de ser dada á publicidade. Diz Spencer, entre outras cousas, que os japonezes deveriam manter-se tão afastados quanto possivel dos americanos e dos europeus. Julga um erro a politica de abrir as portas do imperio aos estrangeiros e aos capitaes estrangeiros; tal politica, perante uma raça mais poderosa e mais poderosas nações, conduz a attrictos inevitaveis, que serão prejudiciaes aos japonezes. Entende que deve ser negada aos estrangeiros a posse de terrenos, negados mesmos os arrendamentos, admittidos unicamente como usufructuarios annuaes, gozando apenas dos privilegios que sejam julgados necessarios ás permutações mercantís.

Com relação aos casamentos entre japonezes e estrangeiros, o philosopho inglez é categorico, aconselhando terminantemente que sejam prohibidos taes enlaces. Os mestiços, quer se trate dos sêres humanos ou de outros animaes, dão sempre maus productos quando

entrem em jogo variedades muito dissimilhantes, principalmente a partir da segunda geração; taes productos traduzem uma tão incalculavel mistura de caracteres, que bem póde chamar-se-lhes organisações chasticas; e é isto que se dará, fatalmente, com os japonezes, se não se esforçarem por conservar a sua raça afastada quanto possivel das outras raças.

Eis, em resumo, as considerações de Spencer, as quaes se prestam incontestavelmente a viva controversia por parte de economistas e biologistas que sigam outros crédos; os proprios japonezes teem-se desviado muito de taes conselhos e apparentemente com bom exito. O que resalta, sem duvida alguma, d'estas considerações é como que um desejo carinhoso de que a familia japoneza, como uma tribu de eleição, se mantenha pura de outros contactos e ciosa do seu sólo, para proseguir no desempenho dos se[us] destinos; quando um tal desejo emana de u[m] vulto como é Herbert Spencer, uma da[s] grandes glorias da humanidade intellectua[l], o conceito não deve passar despercebido [e] correr na enxurrada das banalidades.

III

15 de março de 1904

Os ultimos acontecimentos da guerra — Os cavalleiros bandidos da Mandchuria — Os bombardeamentos de Vladivostok e de Porto Arthur — A esquadra japoneza e o almirante Togo — Algumas considerações ácerca do dominio e aspirações russas no Extremo-Oriente — As tropas japonezas que marcham para a guerra — Enthusiasmo japonez — A proposito de donativos — Diversos.

Eis o resumo dos ultimos acontecimentos da guerra, dos quaes os leitores terão tido noticia pelos telegrammas que ahi devem ter chegado.

Um partido coreano mostra-se contra os ponezes e contra o tratado de alliança entre seu paiz e o Japão; na residencia do mi-istro dos negocios estrangeiros coreanos foram lançadas bombas de dynamite, que explo-ram sem causarem victimas.

O marquez Ito acaba de partir para a Corêa, na qualidade de embaixador extraordi-nario do Japão, acompanhado de numerosa

comitiva. Liga-se a mais alta importancia á missão do eminente estadista, que, em mui avançada idade, não recusa á patria os serviços da sua grande competencia.

Pela Mandchuria, umas hordas chinezas mal conhecidas por emquanto, a que chamam *cavalleiros bandidos*, estão prejudicando bastante os russos, apparecendo de improviso onde lhes appetece, destruindo a linha ferrea e eclipsando-se sem serem attingidos. Diz-se que entre os *cavalleiros bandidos*, cujo numero se avalia em mais de 40:000, se encontram muitos japonezes, que abraçaram aquella vida errante em beneficio da sua patria.

Em 6 do corrente, uma esquadra japoneza bombardeou, pela primeira vez, o porto russo de Vladivostok; os fortes da entrada, que soffreram algumas avarias, não responderam, nem os navios russos sahiram ao encontro dos japonezes. Pela mesma occasião, tambem Porto Arthur e Dalny (Talien-wan) foram bombardeados.

Em 10, os japonezes déram um novo ataque a Porto Arthur, o quarto em numero e supposto o mais terrivel; mas faltam detalhes. Tiveram principal parte no combate os *destroyers*, dando-se varios encontros com os *destroyers* inimigos, dos quaes um foi a pique.

Houve perdas da parte dos japonezes, mas parece que as dos russos foram muito sérias e que esta batalha representa mais uma victoria para a esquadra do Japão. Seguidamente, a cidade de Dalny foi bombardeada, sendo destruidas varias construcções russas. E nada mais consta, pondo de parte boatos mais ou menos verosimeis, um dos quaes, muito improvavel, dava Porto Arthur abandonado pelos russos, depois de haverem lançado fogo á cidade.

Até agora toda a acção naval tem redundado em gloria para a esquadra japoneza, sob o commando do prestigioso almirante Togo; devendo concluir-se que a esquadra russa se encontra práticamente inutilisada. Resta vêr o que será a guerra em terra, na qual, parece, os russos confiam plenamente. Não é de esperar que se dêem sérios combates antes de um ou dous mezes. Sejam quaes forem os resultados da tremenda lucta que vai travar-se, estejamos certos que não ficarão por aqui os actos de irradiante patriotismo dos bravos servidores do imperio do Japão, que está hoje despertando as attenções do mundo inteiro.

— Á falta de melhor assumpto, parece-me de algum interesse o apresentar aqui ligeirissimas considerações sobre o dominio e aspi-

rações russas na região extremo-oriental, empreza colossal, causa unica da gravissima crise politica a que hoje assistimos.

A actividade da Russia exerce-se na Siberia ha mais de 300 annos. Apenas libertado do jugo dos tartaros, este paiz essencialmente continental e com mui difficil accesso ao mar, virou-se naturalmente para léste, que nenhuma barreira séria offerecia contra a sua expansão. Para léste era o espaço immenso e indisputado; e dir-se-hia que um vago presentimento, um impulso de instincto, a attracção do mar, animavam o povo russo a proseguir na direcção do oceano asiatico para obter portos, sem os quaes as grandes ambições de uma grande tribu nada pódem levar a effeito. Foi lenta a tarefa, dura por vezes a resistencia dos indigenas; e só no anno de 1858, após incansavel perseverança, que é uma das feições mais preponderantes do caracter dos russos, era definitivamente alcançada a bacia média e inferior do Amur e arvorada a bandeira moscovita á beira do mar asiatico. A Russia estava de posse da inteira e amplissima zona conhecida pelo nome de Siberia.

As ambições da Russia foram a pouco e pouco crescendo e definindo-se, constituindo, finalmente, um programma vastissimo, nada

menos do que alcançar o predominio na China e em toda a região extremo-oriental, o que envolve a posse de pontos estrategicos que lhe garantam tambem a supremacia no mar.

Uma das grandes consequencias de tal programma é a linha ferrea transsiberiana, cuja ideia data já de longos annos; mas foi Alexandre III que lhe deu corpo, sendo o primeiro passo para obra tão monumental a linha do Ural, inaugurada em 1880. O seu *terminus* devia ser Vladivostok, porto siberiano fortificado e em situação admiravel como centro estrategico, em face do Japão e a curta distancia da Corêa.

Em 1895, terminada a guerra entre o Japão e a China, esta ia entregar ao vencedor uma forte indemnisação monetaria e ceder-lhe as ilhas dos Pescadores, Formosa e a já cobiçada pelos russos peninsula de Liao-Tung, com Porto Arthur e Talien-wan. Os russos é que não podiam admittir tamanho golpe nas suas ambições; conseguiram chamar para o seu lado a Allemanha e a França, e as tres potencias reunidas representaram diplomaticamente ao Japão para renunciar a Liao-Tung, cuja posse, diziam, seria de um perigo permanente para a paz do Oriente e do mundo in-

teiro. O Japão cedeu; e a Russia, em troca dos seus bons officios, obtinha permissão da China para fazer passar pela provincia chineza da Mandchuria o traçado do seu caminho de ferro, e era auctorisada tambem a occupar tal região por tropas suas, sob o pretexto de protegerem o material e os trabalhos a emprehender.

Não ficam por aqui as machinações do colosso moscovita. Em março de 1898, depois do golpe de theatro pelo qual a Allemanha se apossou de Kiauchau, a Russia entendeu que não devia ficar inactiva e arrancava á China a assignatura de uma convenção, pela qual esta lhe cedia por *emprestimo* Porto Arthur e Talien-wan. Tal audacia representava uma affronta, immerecida, lançada ao imperio japonez; mas que importava? A Russia conseguira realisar os seus mais desejados fins; sem desistir do traçado que levava o seu caminho de ferro a Vladivostok, tratou da construcção de um ramal até Porto Arthur; e da entrada do golfo de Petchili póde finalmente ameaçar Pekim e o coração da China!...

Ulteriormente, os recentes disturbios dos *boxers* levaram as principaes potencias da Europa, os Estados-Unidos e o Japão a enviar á China tropas suas, na defeza dos pro-

prios interesses e n'um intuito humanitario.
A Russia não se esqueceu de servir-se de
tão excellente ensejo para encher de soldados
seus a Mandchuria, onde até então só podia
conservar sem escandalo uma pequena força
para proteger o andamento da linha ferrea;
querem mesmo alguns dizer que a revolta dos
boxers foi provocada pela Russia, ou pelo menos
levada a um grau de maior gravidade
pelos seus subtis estratagemas. O facto é que,
terminada a insurreição e em harmonia com
a boa justiça e accordos anteriores, todas
as potencias se apressaram a fazer recolher
as suas tropas, menos a Russia, que, pelo
contrario, as foi augmentando e tratando a
Mandchuria como paiz conquistado.

Eis, em rapida summula, qual tem sido a
marcha do colosso do norte no sentido de
léste e os resultados a que chegou. A Russia
apossára-se virtualmente da Mandchuria e
dava sobejas provas de que em breve faria o
mesmo á Corêa, onde a sua influencia crescia
dia a dia. Este procedimento incorrecto e
esta politica machiavelica affectaram bastante
os paizes com interesses no Extremo-Oriente,
sobretudo a Inglaterra e os Estados-Unidos,
não contando o Japão.

Com respeito a este ultimo, a cobiça insa-

ciavel da Russia e as suas tendencias exclusivistas representam já uma grande quebra de interesses, fazendo adivinhar bem mais sérios prejuizos; não se perca de memoria que o Japão vive principalmente do seu commercio com a China e outros paizes visinhos. Mas ha mais: os russos ás portas do Japão são terrivel e constante ameaça á sua independencia e integridade territorial e constituem immensa barreira á marcha brilhante dos seus progressos. Sabe-se como a Russia respondeu ás repetidas instancias do governo japonez, para a fazer desistir dos seus designios. O resultado é a crise a que assistimos, cujo desfecho, certamente funesto — porque a guerra é sempre uma calamidade — está longe de prevêr-se.

— A passagem dos comboios carregados de tropas que seguem para a guerra continúa sendo o alvo de grandes manifestações populares. Na cidade de Kobe, que é atravessada em toda a sua extensão pela linha ferrea, as ruas principaes estão litteralmente cobertas de bandeiras; o povo afflue em cardume para vêr e acclamar os seus soldados. O espectaculo é deveras commovente e sobre tudo emocionante para o estrangeiro, o qual, menos animado de optimismos de que

a turba indigena, fita n'um relance a chusma alegre dos soldados, muitos dos quaes não voltarão por certo ao torrão patrio.

O enthusiasmo japonez não se limita a embandeirar as ruas; por toda a parte correm subscripções destinadas a obter donativos, não regateados, já para os fundos da guerra, já para a excellentemente organisada sociedade japoneza da Cruz Vermelha, já para as familias dos reservistas, que quasi todos teem mulher e filhos, que deixam em tristes circumstancias.

A proposito de donativos, não resisto á tentação de contar aqui um caso que põe em evidencia o feitio da alma japoneza e o seu arreigado patriotismo, capaz de vir glorificar os mais abjectos subditos do imperio. Foi ha dias executado n'uma prisão de Tokyo um criminoso de nome Hamamura, que havia commettido varios assassinios e roubos audaciosos. Pouco antes da hora fatal, o carcereiro fez-lhe constar que um seu parente depositára dous yens (mil réis) afim de lhe ser servida uma ultima refeição opipara, á moda europeia, e perguntou-lhe que pratos preferia. Hamamura pensou alguns instantes no assumpto e respondeu que dispensava todos os pitéus, sendo o seu unico desejo contribuir com os

dous yens para os fundos da guerra... Foi acceite o donativo.

— Está calculado que os *touristes* que viajam no Japão deixam annualmente n'este paiz uma somma não inferior a 15 milhões de yens, ou mais de 1.500:000 libras esterlinas. Taes viajantes são principalmente de nacionalidade ingleza, americana, allemã e franceza, que veem attrahidos pelos notorios enlêvos d'este paiz, sobretudo deleitosos n'uma certa quadra do anno, de abril a novembro. Um jornal europeu, publicado n'este imperio, referia-se ao assumpto e exhortava ha pouco os *touristes* a não desistirem da sua habitual excursão em consequencia da guerra. O theatro das operações annuncia-se como devendo ser a Corêa, a Mandchuria e os mares visinhos. Por outro lado, a esquadra japoneza acha-se senhora do Oceano, encontrando-se os navios russos acoutados em Porto Arthur e Vladivostok, d'onde não sahem, o que mais garantias dá de tranquillidade aos viajantes que se destinem ao Japão.

Ora, tambem eu me permitto fazer as mesmas considerações aos meus patricios. As hostilidades em nada empanam os attractivos da paizagem nipponica; e a prova está em que as ameixieiras já florescem, e em

breve será a vez dos pecegueiros, das cerejeiras, das azaleas; a boa natureza creadora não se incommoda, lá porque dous bandos de homens se disputam com armas na mão interesses e primazias. Se, pois, ahi em Portugal um *touriste, rara avis*, haja pensado em lançar rumo para este paiz do *Dai-Nippon*, onde o precederam Mendes Pinto e o sr. Mendonça e Costa, que venha, não se assuste com a guerra. As balas não chegam cá, posto que se estejam cruzando a relativamente pouca distancia. E quando cheguem? Sabem que uma granada moderna, quando bem esvasiada e cuidadosamente limpa, póde substituir perfeitamente uma garrafa de cerveja? . . .

Por outro lado, o commercio continúa até bastante auspicioso durante estes primeiros mezes do corrente anno; o que quer dizer que os negociantes portuguezes, que entraram ou desejam entrar em relações mercantís com o Japão, podem persistir no seu proposito.

— Agora, para terminar, se querem rir, como eu ri (o que me succede raras vezes), ouçam a seguinte historia, que acabam de contar-me como veridica, posto que eu por tal veracidade não responda; em todo o caso, nos tempos mavorcios em que vivemos por aqui, vem a proposito.

O capitão Kusunosé, de um dos regimentos de Tokio, recebeu ha dias o seguinte convite de uma dama das legações estrangeiras:

« Madame Ledoux (chamemos-lhe assim) pede o prazer da companhia do capitão Kusunosé, na quarta-feira, ás 9 horas da noute ».

O official respondeu por esta fórma, no seu melhor francez:

« O capitão Kusunosé apresenta os seus cumprimentos a madame Ledoux e sente informar que 13 soldados e dous sargentos devem estar de serviço e um cabo encontra-se com baixa á enfermaria; mas o restante da companhia do capitão Kusunosé terá muito prazer em assistir á reunião de madame Ledoux, na quarta-feira ».

IV

28 de março de 1904

A acção naval japoneza — Considerações — A acção terrestre — Circumstancias que militam n'esta acção a favor dos japonezes — O prestigio da Russia — O que esse prestigio demandará para vencer — Os perigos a que o Japão está exposto — Ou a victoria ou a ruina — O exercito russo talvez, apesar de tudo, não possa esmagar o Japão — Algumas considerações sobre as origens do povo japonez — D'onde provém o nome do Japão.

O DRAMA da guerra, quando succeda, como é o caso geral, que o theatro das hostilidades offereça portos maritimos e extensões de terra firme e os belligerantes disponham de esquadras e de exercitos, póde sempre dividir-se em duas partes distinctas: a acção naval e a acção terrestre. É o que se dá com o Japão e a Russia.

Na lucta que se trava, a acção naval já reverteu toda em favor e em gloria dos japonezes; e assim continuará até ao fim, salvo eventualidades completamente imprevistas. Os torpedeiros — e diga-se de passagem que os

japonezes são talvez os melhores marinheiros-torpedeiros do mundo, — os torpedeiros, ao mesmo tempo que já demonstraram categoricamente a supremacia d'estas machinas de guerra sobre as outras unidades das esquadras (couraçados e cruzadores), conseguiram assegurar o triumpho do Japão sobre o mar, desbaratando e destruindo muitos dos grandes navios do inimigo e forçando os que ainda lhe restam a abrigar-se á sombra das fortalezas de Porto Arthur e de Vladivostok, d'onde não sahem.

Devem-se, todavia, ir repetindo os ataques dos japonezes a estes dous pontos, e a consequencia natural será a completa destruição da esquadra russa do Extremo-Oriente, já a estas horas certamente muito dizimada e muito desmoralisada. Para que a fortuna passasse dos japonezes aos russos, seria preciso admittir que uma nova esquadra russa, muito mais possante do que a primeira, viesse da Europa até aqui; mas tal é difficilimo admittir, porque em primeiro logar seria necessario *fazel-a*, e uma esquadra não se faz tão depressa como se deseja. . . Registemos, pois, desde já, sem reservas, a victoria da esquadra japoneza sobre a esquadra russa, facto tanto mais estrondoso quanto era a opinião corrente que os

marinheiros nipponicos, vencedores, ha nove annos, dos miseros chinezes, deveriam fatalmente mostrar-se muito inferiores se tivessem um dia de medir-se com uma força naval europeia. A experiencia provou o contrario.

Resta considerar a acção terrestre, ainda nem iniciada, se pozermos de parte umas ligeiras escaramuças que se déram já, sem importancia alguma. Militam principalmente em favor dos japonezes as seguintes circumstancias: o dominio que adquiriram no mar, o que permitte livre percurso aos seus transportes, com tropas, com munições, com viveres; a excellencia dos seus soldados, que são como nenhuns magnificos na marcha, muito instruidos, muito disciplinados, optimos atiradores, e como nenhuns animados de immenso patriotismo, de immensa coragem, de completo despreso pela vida; registe-se ainda um armamento admiravel. Milita em favor dos russos sobretudo o seu numero, ou antes o numero que pódem attingir, enviados pouco a pouco de um paiz enorme, com uma população tres vezes maior do que a do Japão; e é-lhes de preciosissimo recurso o seu caminho de ferro transsiberiano, posto que ainda accuse muitas imperfeições de construcção que lhe diminuem o alcance prático e possa immen-

samente soffrer quando o inimigo se proponha destruir a linha ao acaso das suas investidas.

No entretanto, deve imaginar-se que a Russia já esteja duramente soffrendo no seu orgulho nacional pelas recentes glorias alcançadas contra a sua esquadra por um povo asiatico; e que por outro lado se lhe torne uma necessidade imperativa o não perder o alto prestigio de que goza perante as nações occidentaes, e porfiar ao mesmo tempo na realisação dos seus intentos expansivos do lado do Extremo Oriente, que são a sua grande ambição de ha mais de tres seculos. A Russia prepara-se certamente na hora presente para reunir n'estas paragens um immenso exercito, cujos soldados se contem por milhões, no determinado intuito de esmagar completamente as forças japonezas. A empreza demandará largos mezes, mas não faltará paciencia para leval-a a cabo; tanto mais que a paciencia é uma das grandes virtudes dos russos e que a demora redunda tambem em arma de combate, pois são bem conhecidas as circumstancias pouco prosperas do thesouro japonez, presumindo-se que uma longa campanha possa arrastar o imperio a graves difficuldades financeiras.

Ora a invasão da Mandchuria e dos paizes visinhos por esse immenso exercito, recebendo dia a dia reforços, substituindo a falta de cada soldado morto no campo de batalha por tres ou quatro soldados frescos recemchegados pelo caminho de ferro, affigura-se de terriveis consequencias; parecendo dever presumir-se que todo o orgulho, toda a coragem, todo o patriotismo dos japonezes serão inuteis e que estes morrerão como heroes, *mas morrerão*, perante a enorme desproporção do inimigo. O Japão, este não morrerá; mas iniciará então uma existencia de miseria, ferido em todas as suas aspirações, abatido em todas as suas energias, joguete do despotico vencedor; será n'uma palavra, a ruina tremenda, da qual talvez jámais possa surgir, prestigioso e forte, como agora se encontra. Acontecerá assim? Custa-me crêl-o. O Japão bem ponderou, por certo, todos os perigos que o ameaçavam antes de atirar a luva ao colosso moscovita. É difficil acreditar que elle se submettesse antecipadamente por si proprio a este terrivel dilemma: — victoria ou ruina. O Japão não admitte a ruina. Se ousou arremessar a primeira granada aos dous cruzadores russos no porto de Chemulpo, é porque contava por seguro que não iria ser esmagado sob a pata

do *Urso do Norte*. Com que emergencias conta? Nada sabemos. No entretanto, bem possivel é que o Japão tenha a certeza de poder envolver na lucta, n'um momento critico, uma ou mais nações occidentaes, ou de electrisar pelo brilho dos seus feitos a massa enorme da população chineza, a qual se levante em peso, resolvida a auxiliar o seu visinho asiatico, de quem, e não da Russia, póde muito esperar na successão dos tempos; ou será ainda um mysterioso designio ou uma mysteriosa revelação, em que entre em jogo a subtileza propria, o *sexto sentido* nipponico, esse *dom de raça* a que já me tenho referido n'estas cartas e que continúo a adivinhar na alma japoneza, scentelha de genio que allumia este povo, por caminhos desconhecidos, aos mais inesperados triumphos? . . . E, deve ainda advertir-se, quaesquer intervenções que sobrevenham no estado actual da crise, poderão ir affectar enormemente a paz universal, envolver os occidentaes em lances com que não contavam; mas os japonezes é que poderão muito ganhar com ellas, ou, talvez melhor, os russos é que poderão muito perder com ellas. Concluindo: apesar de todas as apparencias, parece-me que não caberá ao immenso exercito

russo a satisfação de esmagar d'esta vez o povo insular do *Dai-Nippon*.

— No momento historico actual, em que o Japão está attrahindo as attenções do mundo inteiro, não me parece fóra de proposito apresentar aqui algumas rapidas considerações sobre o que se sabe das origens d'este povo extraordinario, que viveu durante seculos e seculos no mais mysterioso recolhimento e que, resolvido a adoptar a civilisação occidental, em menos de 50 annos se encontra sufficientemente forte para se erguer contra as ambições russas e ir desafiar o colossal imperio europeu.

Convém antes de tudo que fixemos a configuração geral do Japão. O paiz estende-se na direcção approximada de sudoeste para nordeste, avisinhando da costa norte da China e do extremo sul da peninsula da Corêa, da qual está apenas a algumas milhas de distancia; e é principalmente constituido por uma grande ilha central, chamada Hondo ou Nippon, e por mais tres de menor grandeza, Yeso ao norte em continuação de Hondo, e Kyushû e Shikoku ao sul.

A historia do Japão, posto que não alcance as éras remotissimas da historia da China, vai comtudo bem mais longe nos tempos do

que a de qualquer Estado europeu da actualidade. As mais velhas chronicas japonezas, o *Kojiki* e o *Nihonji*, datam do nosso seculo VIII; d'ellas se pódem colher preciosissimas informações, as quaes são particularmente precisas a partir do nosso seculo V; mas, segundo as mesmas chronicas, havia já mais de dez seculos que reinava a dynastia dos Mikados, ou Imperadores, ininterrompida até hoje. O primeiro imperador, Jimmu-tennò, descido do céu sobre a ilha de Kyushû cerca do anno 711 antes de Christo, passa depois para a grande ilha, encontrando na provincia de Yamato povos da mesma raça dos seus subditos, com os quaes se trava em guerra e que subjuga; escolhe em seguida Kashiwabara, em Yamato, para capital do Imperio Nascente; é alli acclamado em 11 de fevereiro de 660 e vota-se á organisação do Estado. No seculo V, os antepassados dos japonezes actuaes eram senhores de Kyushû, de Shikoku e da metade sudoeste da grande ilha de Nippon.

Os modernos estudos levam a conclusões em harmonia com a lenda, como logicamente devia succeder. E' conhecido que, muitos seculos antes da éra christã, piratas de origem mongolica, vindos da Corêa, se entregaram a

amiudadas investidas na costa occidental do Japão, fixando-se alguns em Kyushû, para onde trouxeram suas familias, e onde exterminaram ou d'onde expulsaram os habitantes indigenas que encontraram, que eram os ainos, dos quaes em breve fallarei. Mais tarde uma expedição, partindo de Kyushû sob o commando de um chefe supremo, que não seria outro senão Jimmu-tennô, atravessou o mar e passou para a grande ilha onde deparou com povos da mesma raça, igualmente vindos da Corêa, já estabelecidos no Hondo. Travou-se lucta, ficando vencedor Jimmu-tennô; mas vencedores e vencidos juntaram-se depois e proseguiram n'uma commum tarefa de expansão e de conquista, escorraçando pouco a pouco para o norte os ainos, os quaes, por fim se refugiaram em Yeso, onde até hoje se encontram, reunidos n'uma pequena tribu de não mais que uns 17:600 individuos, que parece se vão extinguindo, como acontece aos aborigenes na America, como acontece a todas as raças em presença de raças superiores.

Os japonezes de hoje são, pois, segundo as opiniões mais auctorisadas, a que me apoio, filhos de duas correntes de emigrantes vindos da mesma procedencia, da Corêa. Per-

tencem assim á familia chamada uralo-altaica, que comprehende os finnios, os magyares, os turcos, os mongolios e os coreanos. Nada teem de commum com os chinezes, a não ser o participarem dos caracteres genericos do mesmo grande ramo asiatico; o que por outro lado se comprova pela differença radical entre as duas linguas, a chineza monosyllabica, a japoneza agglutinante. E quando a Russia, auxiliada por parte da imprensa de outros paizes, começa agora a invocar o espantalho do *perigo amarello*, tem graça chegar-se á conclusão de que os japonezes não são *amarellos*, mas que *amarellos*, em certa proporção, são os russos, que soffreram por muito tempo o dominio dos tartaros, os quaes, retirando-se, lhes deixaram não poucos vestigios do seu sangue! . . .

As duas correntes de emigração a que me referi, embora da mesma origem, deveriam ter pertencido a castas differentes. A isto se attribue o facto de dous typos invariaveis que se encontram na massa da população japoneza: um, commum nas classes baixas e que accusaria os descendentes dos vencidos, de cara de lua cheia avermelhada ou escura, de nariz largo e achatado, de maçãs do rosto salientes, de olhinhos repuxados; outro, o da tribu no-

bre de Jimmu-tennò, de rosto oval e pallido, de nariz aquilino, de bellos olhos fendidos em amendoa. Muitos visitantes teem feito a curiosa observação de que as japonezas patenteiam em geral um typo mais distincto e gracioso do que o sexo forte da mesma nacionalidade; sem pretender haver achado a explicação do problema, assento a hypothese, que me parece não ir de encontro ás noções da sciencia adquirida, de que possivelmente, nos mil e mil vezes repetidos cruzamentos de sangue que se dão entre as duas categorias citadas, a filha possue mais aptidões do que o filho para herdar as qualidades physicas do ramo nobre.

Quanto aos elementos malaio e indonesico, aos quaes se julgou em principio dever attribuir uma grande importancia como factores constituitivos da raça japoneza actual, parece que hoje a perderam. A influencia do chinez é tambem infima.

Pelo que toca aos ainos, povo aborigene do Japão, ou pelo menos habitando o sólo muito tempo antes dos seus actuaes usufructuarios, são elles bastante alvos, possuindo longa barba e tidos pelos homens mais cabelludos do mundo inteiro, de costumes primitivos, dados á pesca e á caça. Só no nosso

seculo XVIII é que os japonezes conseguiram dominal-os por completo. A prolongada visinhança das duas tribus, japonezes e ainos, poderia fazer suppôr o seu natural cruzamento e por consequencia uma grande participação do elemento aino no typo japonez hoje existente; mas apresenta-se uma razão categorica, agora conhecida, que invalída por completo tal hypothese — os mestiços aino-japonezes são estereis á terceira ou quarta geração.

Quereis por ultimo saber (se não sabeis) d'onde provém o nome de *Nihon*, ou de *Nippon*, que os japonezes dão ao seu paiz? Ao contrario do que poderia esperar-se, provém da palavra chineza, composta, *jip-pên* (que nós traduzimos por *Japão*); quer dizer *origem do sol*, isto é, *logar d'onde o sol nasce*, evidentemente traduzindo a impressão de um povo que vivia ao occidente da terra japoneza. O *Zipangu* de Marco Polo deriva do mesmo termo chinez, com a addição da palavra *Kuo*, que quer dizer *paiz*. O nome de *Nihon* parece ter sido primeiramente empregado pelos japonezes, em linguagem official, só no anno 670 depois de Christo. Anteriormente chamavam *Yamato* (o caminho das montanhas) ao sólo que habitavam, em concorrencia com outras

denominações mais exoticas, como *O-mi-Kuni* (o grande augusto paiz), ou ainda, se me desculpam a citação, *Toyo-ashi wara-no chiseki no nagai-ho-aki-no-mizuho no kuni* (a-luxuriante-planicie-de-bambus-a-terra-das-frescas-espigas-de-arroz-que-durará-mil-vezes-quinhentos-outomnos).

V

5 de abril de 1904

As noticias da guerra — O exercito japonez tal como é — A comparação da Russia e do Japão — A imprensa europeia e as hostilidades — França, Russia e Japão — A opinião franceza — A ideia que se deve fazer do povo japonez — As sympathias que merece — Livros a respeito do Japão.

As ultimas noticias da guerra são as seguintes.

Em 27 de março uma segunda expedição tentou novamente obstruir a entrada de Porto Arthur, submergindo quatro velhos vapores que para tal fim seguiram para aquelle ponto, comboiados por uma esquadrilha de torpedeiros e *destroyers*. Parece que o intento que se tinha em vista, foi apenas parcialmente conseguido. No combate que se travou, os navios russos soffreram varias avarias. Do lado dos japonezes, ha a registar treze mortos e feridos, entre os quaes se conta um distincto official, o commandante Hirose, que uma bala de canhão de tiro rapido attingiu na fronte, matando-o instantaneamente.

Em terra, na parte norte da Coréa, teem-se effectuado varias escaramuças; uma d'ellas occorreu na manhã de 28, cerca da cidade de Chongju, entre forças de cavallaria, terminando pela retirada dos russos, occupando os japonezes a cidade.

Nada mais se sabe. Correm variadissimos boatos que não reproduzo, não querendo imitar a grande maioria dos correspondentes dos jornaes europeus, cujas estupendas mentiras, pelo que vejo nas folhas que me chegam ás mãos, tocam as raias da phantasmagoria.

— Tenho visto ultimamente avaliado o exercito japonez em tempo de guerra, por alguns jornaes da Europa, e creio que mesmo pelo *Commercio do Porto*, em 400:000 homens. Julgo dever indicar uma correcção.

E' impossivel apresentar dados rigorosos a tal respeito, visto faltarem ha annos estatisticas minuciosas sobre o assumpto, o que é devido, sem duvida, ao interesse do governo japonez em não esclarecel-o. No entretanto, póde suppòr-se, sem ir muito longe da verdade, que as forças japonezas de terra orçam por 600:000 homens, quando incluidos o activo ordinario, a reserva e a *landwehr*; se contarmos tambem com os depositos e a *landsturm*, o numero póde ainda ser muito augmentado.

Eis qual é a actual organisação militar japoneza: Todos os individuos do sexo masculino com 20 annos completos de idade estão sujeitos ao serviço militar, devendo fazer 3 annos de serviço activo e 4 na reserva. Depois d'este periodo são obrigados a servir na *landwehr* por 5 annos. Ha 1.º e 2.º depositos; o 1.º deposito, com uma duração de 7 annos e 4 mezes, é organisado com aquelles individuos que não foram alistados para activo serviço; o 2.º deposito, de 1 anno e 4 mezes, é composto com os individuos que não foram alistados no 1.º deposito. O serviço da *landsturm* é dividido em duas classes, sendo a 1.ª composta dos individuos que completaram a *landwehr* e o 1.º deposito, e incluindo a 2.ª todos os outros individuos. Todo o japonez, dentro dos limites de 17 a 40 annos de idade, é obrigado a servir a sua patria em caso de emergencia nacional.

O exercito em activo serviço conta actualmente a divisão da guarda imperial e mais 12 divisões, distribuidas pelos differentes pontos do imperio; e inclue 48 regimentos de infanteria, 15 regimentos de cavallaria, 18 regimentos de artilheria, 13 batalhões de engenheiros, forças de praça, corpo de caminhos de ferro, guarnições de Formosa e Tsushima, etc.

Vem a proposito lembrar agora que, comquanto a Russia seja immensamente maior em área do que o Japão, as populações dos dous imperios estão longe de apresentar proporcionaes differenças. Assim, orçando a população do Japão por 45 milhões de individuos, a da Russia é de 129 milhões, isto é, bastante inferior ao triplo da população japoneza. Póde a Russia, como é sabido, levantar um enorme exercito em tempo de guerra, mas não póde, claramente, envial-o em massa ao Extremo-Oriente. Conclue-se, pois, que as tropas russas, que terão de haver-se com o inimigo, não o encontrarão por certo em numero tão mesquinho que lhes assegure desde logo os louros da gloria. Pelo contrario, a lucta será renhida, a victoria tenazmente disputada. Jogam-se, por um lado, as ambições seculares do colosso europeu; por outro lado, a independencia, por assim dizer, do sólo dos Mikados.

— Vão agora chegando ao Japão os primeiros jornaes da Europa com referencias ao facto do rompimento de hostilidades no Extremo-Oriente. Vejo com satisfação que a imprensa europeia presta em geral a devida justiça ao procedimento adoptado pelo imperio japonez. Apenas a imprensa franceza, não toda, se mostra discordante, o que nada deve

admirar, visto que, assim como *noblesse oblige*, tambem *alliança obriga*, sendo natural que os francezes, cuja amabilidade é proverbial, sejam amaveis com os russos, seus actuaes alliados. Digamos, de passagem, que a França, que em 1895, juntamente com a Allemanha, se poz ao lado da Russia para impedir que o Japão se apossasse da peninsula de Liaotung, que a China vencida lhe cedia, desde aquelle momento deu o primeiro passo para alienar de si as sympathias do Japão, ganhas desde longos annos em virtude de intimas relações commerciaes, intellectuaes e politicas, que iam promettendo crescente e prospera expansão; agora, os artigos dos jornaes francezes não servirão por certo a fazer reviver taes sympathias. A França, em toda a verdade, não tem sido muito feliz com a sua norma de politica em todo o Extremo-Oriente, podendo aliás ter desempenhado um papel proeminente n'esta parte do mundo, em harmonia com a alta posição que occupa na sociedade das nações; sem já fallar em Siam, a sua interferencia na China tem quasi que meramente rastejado no campo das intrigas clericaes, esquecendo-se de alargar a sua influencia moral e commercial, que bem mais util lhe poderia ter sido.

Mas, voltando á má vontade contra o Japão de uma parte da imprensa franceza, é de presumir que ella se tenha reflectido na opinião em Portugal, que é *alliado politico* da Inglaterra, mas *alliado intellectual* da França; como, porém, não o é da Russia, convém, parece-me, que no nosso paiz se faça uma ideia justa d'este povo, perante a terrivel crise em que se acha envolvido.

Eu não nutro nem sombras de pretensão de querer por estas singelas cartas orientar a opinião dos meus patricios em favor dos japonezes. Desejaria, é certo, que em Portugal se não regateasse a sympathia de que o Japão é merecedor; e afigura-se-me este momento mais azado do que nenhum outro para que se consultem com interesse os melhores livros que fallam d'este paiz e que ensinam a amal-o. E' lamentavel que a grande maioria, não direi só dos portuguezes, mas de todos os europeus, conheçam tão mal o *Dai-Nippon*, encantador pelas suas paizagens, pelos seus aspectos, e o seu povo, adoravel pela arte, pelos costumes, e dotado de qualidades brilhantes, que o tornam um dos mais estimaveis povos do mundo inteiro.

N'este intuito, vou apresentar aos leitores do *Commercio do Porto*, ao capricho da minha

fatigada reminiscencia, os titulos de alguns livros interessantes, que julgo deverão ser lidos com particular agrado. Na litteratura ingleza contam-se os seguintes volumes do erudito snr. Chamberlain, que occupa distinctamente desde longos annos uma cadeira na Universidade de Tokio: *Things Japanese*, *Murray's Handbook for Japan*, etc. No mesmo idioma: os brilhantes volumes de Lafcadio Hearn, *Glimpses of unfamiliar Japan*, *Out of the East* e *Kukoro*; de Miss A. M. Bacon, *Japanese Girls and Women*; de A. B. Mitford, *Tales of Old Japan*. Escriptos em francez, cito os seguintes volumes, resumindo a lista: *Essai sur l'histoire du Japon*, de De la Mazelière; *Le Japon*, de I. Hitomi; *La renovation de l'Asie*, de P. Leroy-Beaulieu; os tres livros de E. de Goncourt *La maison d'un artiste*, *Outamaro* e *Hokousai*; *La Restauration impériale*, de Layrle; *L'art japonais*, de Gonse; *La Sœur du Soleil*, de J. Gautier; o recente primoroso volume *Etude sur Hokousai* de M. Michel Revon, ex-professor em Tokio e actualmente em França, onde pelas suas conferencias e outros trabalhos de vulgarisação é um dos poucos que muito concorrem para fazer conhecido e amado o *Imperio do Sol Nascente*. Fiquemos por aqui; mas direi ainda, terminando este

assumpto, que as photographias, as gravuras, as estampas sobretudo, abundantes e baratissimas no Japão, prestarão aos curiosos um valiosissimo auxilio no estudo dos aspectos do paiz e dos costumes d'este povo.

VI

26 de abril de 1904

A guerra russo-japoneza — A perda do Petropaulowsk — O almirante russo Makaroff — As cerejeiras em Tokio — A imprensa jornalistica no Japão.

PASSARAM-SE bastantes dias sem haver a registar nenhuma noticia importante do campo das hostilidades, vindo apenas informações de ligeiras escaramuças entre guardas avançadas dos dous exercitos. Sabe-se agora que as forças belligerantes se encontram a cerca de 600 jardas de distancia entre si, mas separadas pelas alcantiladas montanhas do valle do Yalu, difficeis de transpôr, o que póde demorar ainda por alguns dias um encontro sério entre os dous exercitos.

Chega a noticia sensacional de ter o almirante Alexeieff, vice-rei da Russia no Extremo-Oriente, pedido a demissão do seu alto cargo, em virtude de descontentamento pessoal na marcha dos negocios e de desconsi-

derações que julga ter soffrido. O facto é de grande importancia e dá bem ideia das intrigas e dos resentimentos que fermentam na administração superior do imperio do czar. Um jornal inglez do Japão, commentando a noticia, judiciosamente lamenta que a exoneração de Alexeieff, um dos maiores instigadores da guerra, não se tivesse dado alguns mezes antes, o que possivelmente poderia ter levado a uma solução pacifica da questão.

Com respeito á guerra maritima, tambem se déram longas tréguas de incidentes, até que finalmente nos chegaram informações de um setimo e oitavo ataques da esquadra japoneza a Porto-Arthur, com resultados extremamente commoventes. Na manhã de 13 a esquadra japoneza atacou Porto-Arthur, sahindo para o mar os navios russos afim de lhe darem combate; estes, porém, trataram de recolher logo após, atemorisados com o grande numero dos barcos inimigos, alguns dos quaes, certamente avisados por meio da telegraphia sem fios, correram de longe a reforçar a primitiva esquadra. O mar estava tempestuoso; a esquadra russa, na pressa de se pôr a salvo, abandonou á mercê do inimigo um dos seus *destroyers*, que foi atacado e mettido no fundo. O couraçado «Petropaulowsk»,

quando ia passar a barra, tocou n'um torpedo que os japonezes haviam fundeado préviamente, explodindo e afundando-se. N'elle pereceram mais de 600 homens, incluindo o almirante Makaroff, chefe das forças navaes russas no Extremo-Oriente. O principe Ciril Vladimir, que se achava a bordo, foi um dos raros sobreviventes, mas encontra-se ferido.

O couraçado «Petropaulowsk» era uma das bellas unidades de combate da esquadra russa, de construcção moderna, poderosamente armado, com um deslocamento de 10:960 toneladas. Quanto á morte do distinctissimo almirante, de alta competencia profissional, conhecido e respeitado no mundo inteiro, deve ella ter sido muito sentida em toda a Europa, e foi-o certamente no Japão, a despeito do alcance que representa em favor dos seus exitos navaes. Em Tokio, eminentes vultos politicos testemunharam publicamente o seu sentimento; a imprensa procedeu da mesma fórma; e em todo o Japão o povo se absteve de commentar em enthusiasmos o seu novo feito de armas, que teve como resultado uma tamanha catastrophe e a perda ingloria do almirante Makaroff. Veja-se n'isto uma manifestação da classica fórmula

do *Yamato-Damaskii* (o velho cavalheirismo do Japão), apresentando-se ainda em finas delicadezas de sociabilidade, mesmo no campo da lucta, tendo por mira o exterminio.

Em 15, deu-se ainda outro ataque em Porto Arthur, bombardeando a esquadra japoneza os fortes e o ancoradouro. Por esta occasião os novos cruzadores «Nisshim» e «Kasuga», ha pouco adquiridos na Italia, fizeram a sua estreia de fogo, satisfazendo completamente os officiaes japonezes.

— A correspondencia referente ás negociações entre o Japão e a Russia, trocada entre o barão Komura, ministro japonez dos negocios estrangeiros, e o snr. Kurino, ultimo ministro do Japão na Russia, tem tido larga publicidade na imprensa local e é digna do mais attento estudo; por ella se manifesta claramente a maneira, ao mesmo tempo digna e conciliadora, empregada pelo Japão, no intuito de resolver pelos meios pacificos o problema do Extremo-Oriente. A Russia é que não perfilhava iguaes intuitos, embora se não cansasse de apregoar a paz por todo o orbe; e, pela sua indelicadeza para com o Japão, pela sua teimosia em não desistir em nenhum ponto das suas largas ambições, arrastou o conflicto ao extremo em que hoje se

encontra e que todos os imparciaes lamentam profundamente.

— Durante as tres primeiras semanas d'este mez, o Japão inteiro, especialmente Kyoto, onde, por acaso me encontrei, achou-se em grandes alvoroços, podendo dizer-se que toda a gente andava pelas ruas, com excepção de algum raro moribundo de mau gosto... Questão de guerra? Uma esperada invasão dos russos no sólo sagrado de Nippon? Nada d'isto, felizmente. E' que as cerejeiras floriam, e nenhum bom japonez deixa passar esta quadra sem ir peregrinar pelos logares mais famosos, onde as deliciosas arvores — sakura, em denominação indigena — se ostentam em indescriptiveis primores primaverís.

Fique-se sabendo, se é que se não sabe, que as cerejeiras japonezas, que os sabios do Occidente appellidam com desdem e em arrevesado latinorio *prunus pseudo-cerasus* (assim como quem diz *as falsas cerejeiras*), produzem uns despreziveis fructosinhos, incapazes de tentarem mesmo uma gallinha esfomeada; mas, em flôres, não ha maravilha comparavel.

As cerejeiras abundam por toda a parte no Japão. Em Tokio, em Osaka, em Yoshino e em muitos outros sitios, ha pousos afamados

aonde o povo corre para gosar a sua florescencia, em dòce recolhimento. Folgam os olhos; as mãos não profanam taes encantos; ainda não vae longe o tempo em que era punido de morte aquelle que arrancasse uma haste ás cerejeiras dos jardins de Tokio.

Kyoto é tambem notavel por taes arvores, sobretudo por uma, a mais bella cerejeira do Japão; é a cerejeira de Guion, *Guion-no-sakura*, cerca do templo de Guion, no parque de Maruyama. Quando em começos de abril se sóbe a dòce rampa que conduz a Maruyama (a montanha redonda), vão, a pouco e pouco, desenhando-se e projectando-se no fundo verde da paizagem, aqui e alli, de mistura com os pinheiros, as graciosas cerejeiras, ainda nuas de folhas, mas recamadas de flòres; segundo as variedades, e segundo a hora e segundo o local, os aspectos d'estas florescencias variam, ora similhando agglomerações fôfas de neve, em novellos de fumo, ora chammas de incendio. A certa altura surge, em triumphos incomparaveis, a cerejeira de Guion, muitas vezes secular, de nodoso e robusto tronco, estendendo em torno os longos braços, cujos extremos cahem em pendor, e coberta de myriades de florinhas alvas, que lhe dão a apparencia de uma arvore de prata, mara-

vilha fabulosa, digna de adornar jardins de fadas. O vasto parque enche-se de passeantes, que véem de longe admirar tamanho encanto; e, como se o dia não bastasse, de noute brilham lampadas electricas e ardem archotes em torno, illuminando aquella phantastica cascata, que jorra flôres a êsmo. . .

E' em tal occasião que mais interessante se torna ao forasteiro o admirar este povo por excellencia delicado, em extasis perennes perante as glorias da natureza-mãe. Que *musumés* deliciosas, que creancinhas adoraveis, sorrindo ás flôres, suas irmãs! . . . Mas todos, homens na pujança da juventude, velhinhos alquebrados, todos offerecem ao exame rostos bons e captivantes, dulcificados pelo sentimento de amor á vida e á creação, que anima as consciencias. A guerra concorre para o espectaculo com mais uma gentileza: convém que as tropas que ainda não partiram, mas partirão, esperem o seu turno em salutar effervescencia, alheias a ocios perniciosos; assim, de logares distantes, acodem em marchas forçadas e ao som do alarido das cornetas os bravos soldadinhos; chegam emfim a Maruyama, poeirentos, estafados, jubilosos, com grandes ares mavorcios; ensarilham as armas e recebem ordem dos seus chefes para dis-

persarem e irem contemplar a cerejeira de Guion... Encantadoras batalhas de flòres!...

— Affigura-se-me que esta carta deve chegar ao seu destino cerca de fins de maio, isto é, dous ou tres dias antes da altamente sympathica commemoração do 50.º anniversario do *Commercio do Porto*. Enviando d'aqui as minhas sincerissimas felicitações á illustre redacção d'este jornal, julgo terem cabimento n'este momento e n'este logar algumas ligeiras considerações sobre a imprensa jornalistica do Japão.

As publicações baratas de vulgarisação datam de velhos tempos n'este imperio, quando se tratava de algum grande crime emocionante ou cousa parecida, sendo então a noticia gravada toscamente n'uma tábua e reproduzida por impressão em folhas soltas; dizem-me que ainda hoje o processo é empregado e muito productivo, indo por vezes o esperto vendilhão berrar o escandalo á porta de algum compromettido no assumpto e que se vê obrigado a comprar a edição toda a bem do seu decoro. Mas nada d'isto é o jornal. O *Kaigwai Shimbun*, publicado em 1864-1865, foi a primeira tentativa jornalistica; era seu editor um tal Joseph Heco, japonez, que em 1850 cahira ao mar de uma lorcha japoneza,

sendo salvo por um navio estrangeiro e levado para a America, d'onde voltou quando o Japão se abriu ao convivio mundial.

Em 1871, o *Shimbun Zazahi* indica uma segunda tentativa. O *Nisshin Shinjiski*, publicado em 1872 pelo inglez John Black, um dos primeiros residentes europeus de Yokohama, foi, porém, o primeiro jornal digno d'este nome, moldado á europeia, com artigo de fundo, critica dos acontecimentos politicos, noticiario, etc. Aos inicios do jornalismo japonez tambem andou muito ligado um portuguez de Macau, Rosa, ha poucos mezes fallecido, do que dei conta n'estas cartas.

A novidade agradou muito e o jornalismo entrou em moda no Japão. Ha seis annos, havia n'este imperio 1:500 publicações periodicas, incluindo jornaes diarios, *magazines*, boletins de sociedades, revistas de arte, etc.; o numero tem certamente ainda augmentado. Taes publicações são todas escriptas em japonez, com excepção de poucas, em geral editadas por estrangeiros, escriptas em inglez, e uma apenas, creio, em allemão. Vem a proposito dizer que muitos portuguezes de Macau se dão ao officio de impressor, de sorte que bastantes d'elles exercem cargos nas emprezas jornalisticas de todo o Extremo-Oriente.

No Japão, um portuguez pelo menos se encontra actualmente ao serviço de um editor inglez e ainda ha poucos mezes publicava por conta propria uma folha diaria.

Os jornaes japonezes são baratissimos; as melhores folhas diarias, com oito grandes paginas de leitura, não custam mais de 200 reis mensaes aos assignantes; nos annuncios que são caros, é que os editores tiram os seus maiores proventos. No Japão toda a gente sabe lêr e toda a gente é curiosa de noticias; de maneira que toda a gente compra e lê o seu jornal. O jornal diario contém os ultimos telegrammas, calorosas discussões partidarias, revista estrangeira, de modo a interessar os politicos nipponicos; traz sobra de referencias mercantís e uma chuva de annuncios, tornando-se precioso á gente do commercio; e não se esquece das mulheres, que são talvez os seus melhores clientes, fornecendo-lhes romances-folhetins com illustrações profusas, pequeninos escandalos, mexericos, referencias elogiosas ás *gueishas* (cantoras profissionaes), que constituem legiões nos centros populosos.

Um dos exemplos mais frisantes de como no Japão as coisas se passam ao reverso da Europa é o livro ou o jornal. A primeira

pagina do jornal seria a ultima entre nós; a escripta segue em linhas de alto a baixo e lê-se da direita para a esquerda; as columnas são em sentido horisontal. Quanto ás gravuras, primam pelo exotismo e algumas são dignas de exame.

Nos caracteres empregados dá-se uma circumstancia curiosa: a escripta é feita em caracteres ideographicos, adoptados na China ahi pelo nosso seculo quarto, sendo cada palavra representada por um só symbolo; mas, como o sexo feminino não possue bastante illustração, em geral, para lêr por este systema, ao lado de cada symbolo e em typo mais miudo segue a mesma palavra em notação alphabetica, que é o *hiragana*, inventado no anno 835 por um sabio budhista japonez. De sorte que cada artigo do jornal é escripto simultaneamente por dous processos, aos quaes se póde chamar, sem maldade — leitura para homens e leitura para damas. . .

VII

4 de maio de 1904

A guerra russo-japoneza — A Europa, o Japão e a China — Considerações — Ultimas noticias da guerra — Por mar e por terra — Os soldados japonezes — Os reservistas — Scenas diversas — As mulheres japonezas — A virtude de uma faixa — pontos fatidicos; Criados e criadas — Traços curiosos do povo japonez.

QUANTOS mais mezes vão passando e mais se pensa no conflicto que se debate entre um grande imperio europeu e um grande imperio asiatico, e nas suas consequencias possiveis, mais se affigura para alguns a situação tremenda e capaz de resultados tão graves, que provoquem uma terrivel catastrophe sem exemplo na historia do mundo.

Teria sido talvez possivel que a Europa nunca houvesse pensado na China e no Japão, deixando estas duas potencias do Extremo-Oriente inteiramente á parte, entregues ao seu absoluto isolamento, o que ellas tanto queriam, e á sua civilisação exotica, que ellas julgavam sem rival. Os occidentaes ainda não pensa-

ram e certamente nunca pensarão em especulações lucrativas no sólo do planeta Marte; pois o mesmo deveria ter succedido com a região citada, que pela indole dos seus povos e dessimilhança de interesses mais parece pertencer a outro planeta. Mas, quando praticamente isto não fosse exequivel, em virtude das qualidades expansivas da raça humana, as relações dos occidentaes com chinezes e japonezes deveriam ter sido limitadas a puras relações commerciaes, facil tarefa, pondo absolutamente de parte o pseudo-carinhoso intuito de nos arvorarmos em educadores, de infestarmos o sólo alheio de missionarios, de engenheiros, de sabios, de militares, respeitando pelo contrario a civilisação alheia e a integridade do sólo que não era nosso.

Não succedeu, porém, assim. Os occidentaes suppozeram os chinezes e os japonezes uma raça caduca, como os indios da America, ou uma raça infantil, como os negros da Africa; e trataram de escravisal-os do melhor modo que poderam, de arrancal-os ás suas crenças, aos seus costumes, ás suas civilisações, e emfim, de lhes extorquir ainda, não ao Japão, mas á China, pedaços de territorio, que transformaram em fócos irradiantes dos seus altos propositos ambiciosos.

Rebentou agora a guerra que conhecemos, a qual teve por origem unica a cobiça desenfreada da Russia pelo sólo chinez. Não se sabe como acabará. No entretanto, seja qual fôr o desfecho, o golpe está dado, o desafio está lançado, e a Russia, e com ella todos os Estados occidentaes, hão-de redobrar de actividades para proseguir no campo da sua politica exploradora.

Bem. A China encontra-se fraca, ou antes, de todo alheia ao espirito militar, sem energias de resistencia. A China ha-de prestar-se, muda e inerte, a todas as machinações da usurpação. O Japão, se fôr vencido, nem mesmo fará ouvir o seu protesto. Tudo correrá ás mil maravilhas. Dentro de 50 annos, dentro de 100 annos, dentro de 200 annos, quando fôr, teremos uma China inteiramente civilisada ao nosso gôsto, consumindo os nossos artigos, fallando as nossas linguas, lendo os nossos livros, explorando minas, habil nas industrias, fundindo canhões, construindo couraçados, com brilhantes exercitos, dirigidos pelos nossos generaes, e já se sabe, retalhada — um pedaço sendo da Russia, outro pedaço da Inglaterra, outro da Allemanha, etc.

Mas a alma não se transforma. A alma asiatica será eternamente a mesma. Quando

a China se encontre assim transformada, ao lado do Japão, que já o está, será então o momento para os povos asiaticos de pòrem em prática as lições recebidas dos seus mestres, cuspindo á viva força a civilisação imposta, escorraçando os intrusos, fechando as suas portas, voltando á sua civilisação patriarchal. Da civilisação occidental apenas guardarão os canhões e os couraçados, que a experiencia lhes terá mostrado constituirem o melhor argumento da logica mundial. Será a *vendetta* tremenda! . . .

— Ultimas noticias da guerra.

Alguns navios de guerra russos, aproveitando bom ensejo de sahirem de Vladivostok sem serem vistos pela esquadra japoneza, fizeram uma curta apparição no porto de Gensan, na Corea, onde bombardearam e metteram a pique o vapor mercante «Goyo-maru», que alli se achava. Isto succedia em 25 de abril. A 26, encontrando no mar e perto de Gensan o vapor «Kiushiu-maru», que transportava tropas do inimigo, e fieis á prática adoptada pela esquadra russa de não provocar a combate senão os paquetes, metteram-no igualmente no fundo. Dos soldados japonezes que não quizeram render-se, uns 70 foram mortos, outros foram feitos prisioneiros, alguns prefe-

riram suicidar-se, e alguns, finalmente, conseguiram alcançar a terra nos escaleres do barco afundado. Póde dizer-se que é este o primeiro desastre dos japonezes na presente guerra.

Em terra, na fronteira coreana, téem-se repetido os encontros, um sobre todos digno de especial menção, por não ter certamente parallelo na historia, travando-se a lucta entre forças de cavallaria russa e torpedeiros japonezes que seguiam o rio Yalu.

Agora annuncia-se, ainda com poucos detalhes, uma primeira batalha em terra, ao nordéste de Yalu. A lucta foi renhidissima, oppondo os russos uma resistencia desesperada ao primeiro passo invasor do exercito inimigo. Contam-se uns 700 mortos e feridos do lado dos japonezes e 800 do lado dos russos. O resultado final foi uma gloriosa victoria para os japonezes, que occuparam Chulien-cheng, aprisionando 20 officiaes e muitos soldados e tomando 20 canhões, cavallos e bastante material. Este primeiro encontro dos soldados de Nippon com tropas brancas ha-de ficar registado na historia.

— Foram-se já muitos milhares de soldados, a caminho do campo das hostilidades, lá para a Corêa, lá para as costas do norte da China, não se sabe bem para onde. . . As filas

de comboios não cessaram de correr pela linha ferrea, durante longas semanas, carregados de tropas; até que, finalmente, houve uma pausa em tal exodo. Mas ainda por cá ficaram muitos soldados, certamente; tornam-se mesmo agora mais visiveis, em cidades e aldeias, longe dos aquartelamentos ordinarios e onde era cousa rara vêr-se uma farda passear.

São os reservistas, chamados a reforçar as forças de combate, veteranos da guerra da China, alguns já de cabellos grisalhos e profundas rugas na cara. Uns apparecem de ponto em branco, de fardas novas e insignias reluzentes; outros ainda não tiveram tempo de equipar-se, vestem ainda o *kimono* burguez, calçam ainda as sandalias da aldeia, apenas se distinguem pelo bonnet do uniforme, posto petulantemente no alto da cabeça. Mourejam de um para o outro lado, fazendo as ultimas despedidas, fazendo as ultimas mercas, de ordinario acompanhados da familia, a esposa e os filhitos ou a mãe e o pai septuagenarios. Commovem estes grupos.

A chusma dos reservistas, surgindo de norte a sul, de léste a oeste, por todo este Japão, vai dando logar a umas scenas da rua assaz estranhas, que a principio muito intrigaram os estrangeiros residentes, até que

emfim o caso se explicou. Encontram-se agora vagueando pelos logares populosos bastantes mulheres, em geral pobremente vestidas, trazendo nas mãos uma faixa de panno de algodão, branco ou amarello, com muitos signaes marcados a tinta escura, e munidas de agulha e linha juntamente; acercam-se de outras mulheres que vão passando, segredam-lhes não sei quê, o mundo feminino faz roda e cada qual, successivamente, dá um ponto na faixa por suas proprias mãos e vai-se embora.

Aclaremos o caso. Cada uma d'estas mulheres ou é mãe, ou é esposa, ou é filha, ou é irmã de um reservista. A faixa é destinada a ir servir de cinta a esse parente querido, apertada junto ao corpo por baixo da fardeta; e é tida por possuir a virtude de preservar do effeito mortifero das balas inimigas. Na faixa dão-se mil pontos, nada mais nem nada menos; cada mulher dá um só ponto; são, portanto, mil mulheres a occuparem-se da cinta; a gente da familia collaborou primeiramente, depois seguiram-se as amigas, as visinhas; depois foi-se para a rua, correndo de aldeia em aldeia ou de cidade em cidade, pedindo ás mulheres que vão passando o seu concurso, até se completar o numero fatidico de pontos. É n'isto que está a virtude, para os crentes;

e para nós, os descrentes (e porque não seremos crentes?) a poetica e enternecedora ingenuidade d'este acto. Como não seria milagrosa uma tal cinta, quando mil mulheres trabalharam no mesmo santo intuito; juntando os seus mil votos pela felicidade do marmanjo?...

Sempre e em todo o mundo o encanto feminino!... Ai, mãos gentilissimas e milagrosas das *musumés!* quanto vos não deveria eu, a vós, mil raparigas, se resolvesseis offerecer-me uma cinta trabalhada pelas vossas duas mil mãos, que me servisse de couraça contra os golpes da fortuna e os pontapés da sorte?...

— Ha poucos dias, um jornal inglez da terra dava publicidade a uma carta de um correspondente, na qual se lembrava a grande vantagem que haveria em crear-se no Japão uma instituição de ensino de criados e criadas de servir, de modo a evitar os contínuos dissabores que se dão com taes sujeitos, especialmente entre familias europeias, irritando-nos diariamente os nervos, em virtude da detestavel maneira de se desempenharem dos seus cargos.

Ora eu estive para responder, tambem por epistola, ao tal correspondente; mas depois, não sei porquè, passou-me o impeto. Vou

agora, porém, resumir o que diria, a titulo de curiosidade e como documento da feição social d'este povo interessante.

É certo que os serviçaes japonezes e em particular os do sexo feminino, mais commummente utilisados, são detestaveis. Nota-se, entre outros defeitos, a sua proverbial incuria, a curta permanencia na mesma casa, a constante má vontade nos serviços que desempenham; chega isto a tal ponto, que as lamentações sobre o assumpto constituem um dos themas favoritos de conversa entre as damas europeias residentes, nem sempre muito inventivas na difficil arte do colloquio. No emtanto, a tal instituição de ensino, aconselhada pelo correspondente do jornal a que me referí, seria obra perfeitamente inutil, não tendo os criados japonezes, e principalmente as criadas japonezas, empenho algum em aperfeiçoar-se no seu mister.

O curioso é saber-se que esta caracteristica, feita de ignorancia e de má vontade, da classe que estou considerando, reverte toda em favor da japoneza e da maneira de ser da sociedade nipponica. Na Europa, ha por toda a parte, como é bem notorio, a profissão das criadas de servir; triste profissão, em que se alistam as desprotegidas da sorte, as que não

téem familia nem probabilidades de a adquirir, as desprovidas de qualquer recurso.

No Japão, felizmente para elle, ainda se não dão taes circumstancias. A suprema miseria, com as suas terriveis exigencias, tal como ella se manifesta no mundo occidental, é desconhecida n'um paiz onde a sobriedade do povo se contenta fartamente com um punhado de arroz por cada dia.

Depois, essa condição de *abelha neutra*, destinada unicamente a mourejar, e que pesa sobre um tão grande numero das mulheres occidentaes, não attinge ainda a japoneza. Em regra, a japoneza é destinada a ter um marido, mais ou menos authentico, a ser mãe, a cuidar dos filhos, do seu lar. N'estas condições sociaes, comprehende-se facilmente que a serviçal japoneza, trazida ao seu mister por alguma discordia de familia, ou por algum contratempo subito, ou pelo capricho momentaneo de correr terras, ou na mira de arranjar peculio e enxoval, admitta a sua situação apenas como transitoria.

Isto bastaria para explicar a má vontade e o nenhum desejo de aprender, de que dá provas no desempenho dos seus deveres; mas junte-se ainda a indole altiva da raça, talvez ainda mais caracteristica na mulher do que

no homem; e, para o caso de sermos europeus, o odio instinctivo que os japonezes professam por nós todos e pelos nossos usos; e assim não restará duvida alguma de que a serviçal nipponica será sempre uma ignorante incorrigivel, supportando a custo seis mezes de escravidão em casa alheia, almejando unicamente pelo momento de fazer a trouxa e abalar, dedicando então os seus finos dotes carinhosos ao companheiro, aos filhos, ao seu casebre humilde, mas em requintes de escrupulos de asseio.

— A presente guerra vai dando ensejo a tornarem-se conhecidos alguns curiosos traços do caracter do povo japonez. Apresento tres exemplos.

Na aldeia de Teko, districto de Satsuma, vive em rural simplicidade uma familia contando pouco menos de cem membros. O chefe da familia, Okada Bunyemon, acaba de completar o seu 70.º anno de existencia; a consorte conta 72 invernos. Onze filhos nasceram do casal, sendo sete varões e quatro raparigas; o mais velho tem hoje 50 annos, o mais novo 28, e são todos casados, tendo ao todo 24 filhos. Ora, como alguns dos netos tambem se acham casados, 20 bisnetos alegram a existencia dos velhinhos. Esta familia vive toda

reunida actualmente e n'uma santa paz, bem rara n'este mundo; ultimamente pensou em commemorar com uma grande festa as suas felizes condições; mas o velho patriarcha obtemperou que tal festa não iria em harmonia com as presentes condições da sua patria, propondo em substituição que todos concorressem para os fundos da guerra, no que se concordou, rendendo a collecta 150 yens (15 libras).

Outro exemplo. Um certo camponez, de uma aldeia do districto de Hiogo, chamado Yamagata Yosaku, tem muitos filhos, tendo já visto partir tres d'elles para a guerra desde o começo das actuaes hostilidades. O facto de uma só familia contribuir com tantos servidores, é excepcional favor do céu; e o ancião, no dia proximo do 61.º anniversario natalicio, vai commemoral-o erigindo tres tumulos, expressando por esta fórma o desejo de que os seus tres soldados combatam até á morte. . .

A outra historia é presenceada por mim proprio. Entrava eu ha dias n'uma loja de louças, com o fim de comprar um vaso para flôres. Deparei com o estabelecimento abandonado; chamei, gritei, até que, finalmente, a dona da casa me appareceu. Fiz a escolha,

concordamos no preço, mas, tão cheio de pó estava o tal vaso, que a boa da mulher deu-se ao trabalho de limpal-o, espanador em punho, emquanto que ia palestrando e desculpando sua incuria. — «Ha mais de quatro dias, dizia-me ella, que ninguem cuida da casa, nem mesmo a poeira se sacode; andamos todos doudos de alegria!... Imagine o senhor que meu cunhado acaba de partir para a guerra pela terceira vez. Na primeira vez, tratava-se da guerra com a China. Na segunda vez, era a baralha com os *boxers*. Agora vai contra a Russia. Pensa elle e pensamos todos nós que o caso não passa de folia; as balas já o conhecem, não lhe hão-de fazer mal. Ha-de voltar, são como um pêro; ha-de trazer-nos um russo empalhado de presente. Fizemos-lhe grandes festas, acompanhamol-o ao embarque, rindo, folgando, uma galhofa!... Até o meu pequeno, que não tem mais de cinco annos, berrava, agitando no ar uma bandeira japoneza: — «Viva o Japão! Viva o Japão!»

VIII

17 de maio de 1904

As ultimas noticias da guerra; vantagens obtidas pelos japonezes; peripecias varias — As paginas da historia japoneza e como téem sido apreciadas — Força naval portugueza no Extremo-Oriente — Notas de viagem.

A BATALHA do Yalu, á qual me referi na correspondencia anterior, occorrida em 1 do corrente e gloriosa para os japonezes, que após uma lucta sangrenta conseguiram atravessar o rio e occupar Chulien-cheng, achando-se assim no seio da Mandchuria, marca o inicio da campanha terrestre, que vai ser certamente acompanhada da acção naval da esquadra do almirante Togo. Entramos assim no periodo agudo; as actividades dos belligerantes devem achar-se no momento presente em enorme effervescencia; mas, infelizmente para os curiosos, poucas noticias chegam, mesmo aqui, das scenas do grande drama que se desenrola.

As ultimas informações da batalha do Yalu accusam que os russos perderam 2:394 combatentes, entre mortos e feridos, contando-se no numero 70 officiaes; as perdas japonezas foram de 900 homens.

Em 3, a esquadra japoneza, obedecendo a duras exigencias do plano geral da campanha, procedeu a uma terceira tentativa de obstrucção do canal da entrada de Porto Arthur, para o que conduziu ao local alguns barcos mercantes, no intuito de os fazer submergir em sitio conveniente. Esta tentativa foi a mais mortifera das tres e, como as outras, não completamente satisfactoria, pois os fortes do inimigo descarregaram vivissimo fogo sobre os barcos, afundando-os antecipadamente e fazendo bastantes victimas; a coragem proverbial dos marinheiros japonezes não se desmentiu em tão tremenda empreza.

Em 5, uma divisão japoneza desembarcou em Kinchau, na peninsula de Liaotung e a 40 milhas de Porto Arthur. Como resultados immediatos d'este brilhante acto de audacia, deve considerar-se positivo que a linha ferrea russa foi logo destruida n'aquelle ponto e que Porto Arthur se encontra isolado e cercado pelas forças japonezas; sabe-se que o almirante Alexeieff e o grão-duque Boris tiveram

apenas tempo de retirar-se precipitadamente para o interior, para não ficarem á mercê do inimigo. Resta vêr o que farão os japonezes: se se contentarão em prolongar o cêrco até que, por carencia de recursos, os russos se vejam obrigados a render-se; ou se, por assalto, correrão a apoderar-se d'aquella praça de guerra. Apresenta-se mais provavel esta ultima hypothese, por estar mais na indole do povo nipponico, embora tenham de sacrificar algumas centenas de vidas; e tambem porque o cêrco seria longo, parecendo que as forças russas de Porto Arthur, reduzidas actualmente ao minimo, possuem viveres para um anno seguro.

As ultimas noticias dão já as tropas japonezas em Fuin-panchen, encontrando-se grupos exploradores ao longo da estrada que vai a Liaoyang. Haverá alguma grande batalha nas visinhanças de Mukden? . . .

Os mysteriosos bandidos chinezes téem feito larga destruição na linha ferrea russa.

Chegam informações de que o torpedeiro japonez n.º 48 e o cruzador «Miyako» foram a pique, em resultado de terem tocado em minas submarinas, que os russos haviam collocado perto dos portos que occupavam. Houve algumas victimas.

Os russos abandonaram Newckwang. Consta tambem que destruiram as docas e caes em Dalny, no intuito de não serem utilisados pelos japonezes.

O governo japonez contrahiu um emprestimo de 10 milhões de libras no estrangeiro, em condições pouco favoraveis, a julgar pelos commentarios da imprensa local.

A guerra tem já dado pretexto a um sem numero de publicações litterarias, gravuras allusivas, bilhetes postaes, etc. Appareceu ultimamente á venda em Tokio um curioso mappa geographico, onde a Russia é representada por um enorme polvo, estendendo os seus tentaculos sugadores á Turquia, á Bulgaria e ao mais que se sabe. O Japão está representado por um soldado, fazendo fogo com a sua arma. Portugal, felizmente, longe do alcance do monstro, é figurado por um tranquillo fradesinho, que empunha uma garrafa e um copo. . . allusão ao famoso «Portwine», o que mostra não ser aqui desconhecido este producto da nossa terra, graças aos snrs. Menéres e outros benemeritos.

— Tendo assim apresentado, em resumo, as mais recentes peripecias da guerra, parece-me interessante lançar agora um rapido olhar retrospectivo sobre as paginas da historia japo-

neza dos ultimos dez annos e vèr como a opinião occidental, mercê da força irresistivel dos factos, se tem successivamente modificado com respeito a este povo.

Ainda até ha pouco tempo, o Japão era, para a grande maioria dos illustrados do Occidente (não fallemos dos não illustrados), o Japão dos livros de Loti, e nada mais, isto é, o paiz das cegonhas bordadas e das chimeras, o paiz das paizagens lilliputianas e das mulheres acariciadoras, envoltas em sêdas multicòres.

Quando, pelo anno de 1894, surgiram os primeiros boatos de que o Japão ia fazer guerra á China, com o fim de garantir a independencia da Corêa, o espanto do mundo inteiro foi geral. A catastrophe completa para o povo japonez foi logo prophetisada. Velhos residentes europeus do Japão diziam (ouvi-os eu) que o castigo d'essa louca ousadia de ir um punhado de asiaticos, apenas iniciados na civilisação europeia, provocar o immenso e mysterioso imperio chinez, seria a absoluta derrota; e não sei já que grande sabio, com vastos conhecimentos das cousas do Extremo-Oriente, apregoava aos quatro ventos que soára a hora do desapparecimento da pequenina tribu de Nippon.

Sabe-se bem o que se passou e como os japonezes concluiram a empreza cobertos de gloria, em terra como no mar, e como alcançariam certamente Pekim, se não fosse a opposição dos Estados do Occidente, aos quaes em todo o caso foram ensinando que a China não era esse colosso impenetravel como até então fòra julgada.

Passou-se depois a dizer que a victoria havia sido ganha contra um povo asiatico, cahido na derradeira desmoralisação e na infima fraqueza; mas quando, improvavelmente, os japonezes tivessem de bater-se contra uma nação branca, contra um Estado europeu, a sua incompetencia apresentar-se-hia indiscutivel.

E' verdade que em 1900, durante os tumultos dos *boxers*, os japonezes combateram contra os rebeldes ao lado de contingentes de tropas do mundo inteiro; e consta que se distinguiram entre todos, pela optima organisação militar, pela sua disciplina, pela sua honestidade e pela sua admiravel coragem. Mas ainda não se queria vêr o que era evidente, e assegurava-se que o governo japonez, por um requinte de orgulho nacional, escolhera o grupo de expedicionarios de entre a flòr do seu exercito, com qualidades distinctas, excepcio-

naes, alheias á grande maioria dos soldados do Mikado.

Ainda ha poucos mezes, em novembro passado, perguntava eu a um addido militar de uma das legações europeias de Tokio que impressão pessoal lhe haviam deixado os exercicios e manobras militares do exercito japonez, acabados de realisar na cidade de Himegi: — «Tudo muito bem, respondeu-me elle; tudo muito bem. . . *para japonezes*».

A phrase traduz por completo a opinião que os estrangeiros faziam do imperio do Japão até ha poucos dias, no respeitante aos seus recursos militares e á sua sciencia da guerra: ainda e sempre a proverbial denominação de «um povo de macacos», simples e imperfeitos imitadores de todas as instituições europeias: e mais nada.

Rebenta agora a guerra. D'esta vez é o Japão que se levanta contra a Russia colossal, a potencia mais temida em toda a Europa: isto, quando esgotados todos os recursos diplomaticos para levar a uma solução pacifica o problema extremo-oriental, que é nada mais nem nada menos que uma questão de vida ou de morte para este florescente paiz do Sol Nascente. D'esta vez, as prophecias dos estranhos são categoricas: a marinha do Mikado,

com 30 annos de existencia, sem tradições, sem prática, corre ao massacre irremediavel e á destruição immediata das suas unidades de combate. Não succedeu, porém, assim, antes bem pelo contrario: a esquadra japoneza, impellida sempre a tomar a offensiva, porque o inimigo lhe foge ou só lhe apparece ao abrigo dos canhões de Porto Arthur, tem feito numerosas investidas, desenvolvendo uma coragem sem igual, uma tactica naval superior, devastando os barcos inimigos, causando innumeras victimas, dominando completamente o mar.

Bem. Diz-se então: No fim de contas, dado o excellente material da marinha japoneza, o seu maior poder, comparado com a esquadra russa do Extremo-Oriente e as vantagens locaes de que aproveita, os resultados felizes até agora alcançados podiam-se prevêr. Mas resta esperar pela campanha em terra.

O primeiro combate da campanha em terra acaba de se ferir e a batalha de Chulien-cheng corresponde a uma brilhantissima victoria para as armas nipponicas. O exercito japonez acaba de passar além da fronteira coreana e de invadir a Mandchuria, apesar da resistencia offerecida pelo inimigo. E houve resistencia, e durissima; não se pense que os russos, em

obediencia a uma tactica, que fôra em tempo apregoada, deixaram mui propositadamente os japonezes internar-se na Mandchuria, para depois mais facilmente os cercarem e exterminarem; tal hypothese cahe pela base quando se considere que as perdas das forças russas avultaram muito, tendo, além d'isto, a artilheria de entregar ao vencedor 20 dos seus canhões e muitas munições de guerra.

Não, os descrentes já não podem appellar para mais provas; a verdade refulge. A reputação dos japonezes está feita como potencia militar de primeira ordem, tanto no mar como em terra, mercê da alta estrategia, da supina coragem, da optima organisação de que deram tão plenos testemunhos. Aos brios dos marinheiros e soldados deve juntar-se a excellencia das ambulancias, dos hospitaes, a carinhosa acção da Cruz Vermelha, a conducta delicada do povo, emfim, o que tudo leva a affirmar que o Japão inteiro se tem mostrado admiravel em todo este drama sensacional, em que joga a sua integridade territorial e a sua independencia e o futuro florescente das suas energias productoras. Quando se pense, por outro lado, no alto desenvolvimento das industrias japonezas, na grande illustração do povo, no eminente grau da

sciencia adquirida, nas actividades que prosperam, então o imperio do Japão, sahido da mysteriosa comprehensão asiatica para abraçar a civilisação moderna ha apenas 37 annos, mas guardando ainda as suas delicadezas proprias, apparece ao observador sincero como um deslumbrantissimo meteoro social, uma apotheose sem exemplo no mundo, levando fatalmente á unica conclusão de que nos achamos em presença de uma tribu excepcionalmente privilegiada e excepcionalmente intelligente. Um bravo pelo Japão! . . .

Póde já assegurar-se que na grande lucta que se trava, caberão ao imperio do Sol Nascente as honras da victoria final? E' cedo certamente para dizel-o. No entretanto, em face de tamanha previdencia, de tamanha destreza e de tamanha coragem, só se deve julgar admissivel uma catastrophe das armas nipponicas, se se dér, tendo por unica causa a onda humana, immensa e indestructivel, do inimigo, que pela enorme desproporção de numero enxameie, envolvendo e esmagando os bravos soldadinhos japonezes. Seria então o caso de recordar a famosa canção da opera comica que se cantava nos meus tempos, dos *tres contra um*, que eu cito a custo, por não comportar hilaridades o sangrento conflicto

que está assombrando o mundo inteiro, mas que em todo o caso exprime melhor do que nenhum outro commentario as consequencias possiveis da lucta, tão desigual em numeros, que se fere; vá sempre a canção, que é da «Gran-Duqueza»:

> Apprêtons-nous pour la vengeance,
> Soyons adroits:
> Il est seul et nous, quelle chance!
> Nous sommes trois!...

—Recebeu-se noticia de que os nossos navios de guerra «Adamastor» e «Vasco da Gama» chegaram a Macau, d'onde partiram para Hong-Kong afim de procederem a ligeiros reparos e limpezas, sendo mesmo provavel que a estas horas já se achem a caminho de Shanghae. Estes dous cruzadores, conjuntamente com a canhoneira «Diu», que se achava estacionando em Macau, formam uma respeitavel força naval portugueza no Extremo-Oriente, nem mais se deveria esperar da nossa parte. E' caso para nos congratularmos por ter o governo portuguez tão bem comprehendido que no momento presente era brio nosso acompanharmos as demais nações da Europa na sua representação naval nas proximidades do tremendo conflicto que se fere.

Agora, o que será para desejar é que os dous cruzadores *cruzem*, não se limitando a uma fastidiosa e inutil permanencia em algum porto chinez; e que mostrem a sua bandeira nos principaes portos da China, da Coréa e do Japão, no que prestarão um alto beneficio ao prestigio do nome portuguez. Aqui os esperamos e com muita satisfação.

— *O snr. Fernão Mendes Pinto n.º 2*, perdão, o snr. Mendonça e Costa, tem tido a gentileza de enviar aos seus amigos do Japão alguns numeros da «Gazeta dos Caminhos de Ferro», da qual é director e proprietario, e onde estão sendo publicadas as «Notas de viagem» da larga excursão que ultimamente realisou no Extremo-Oriente. Escritas com fina observação, têem aqui sido lidas com agrado e mais interesse estarão certamente despertando no nosso paiz, dando-lhes o momento presente particular encanto sensacional. Servirão ellas a animar alguns portuguezes a encorporarem-se á onda dos *touristes* que tanto frequentam este paiz, mesmo no periodo critico que atravessamos? Assim o espero e assim o desejo.

IX

28 de maio de 1904

Dois desastres da marinha japoneza e a esquadra de Vladivostock — As operações na peninsula de Liao-tung — O discurso do snr. Doumer; a sua declaração relativamente á guerra e considerações a proposito — As festas em Tokio pela passagem gloriosa do rio Yalu.

A marinha japoneza acaba de soffrer dois grandes desastres. Na madrugada de 15 do corrente, o novo cruzador «Kasuga» abalroou com o cruzador «Yoshino» durante um densissimo nevoeiro, perto dò promontorio de Chantung, afundando-se o «Yoshino». A's 11 horas da manhã do mesmo dia, o couraçado «Hathuse» foi de encontro a uma mina submarina nas visinhanças de Porto Arthur, a qual fez explosão, indo a pique o couraçado.

As perdas de vidas foram, como se imaginava, numerosas. No entretanto, deve servir de consolação aos marinheiros da esquadra japoneza o facto de não serem devidos este

dois accidentes a imperícia sua ou a superior estrategia do inimigo, mas sim a causas normaes em tempo de guerra, mais de prever-se em taes paragens, onde o mar se apresenta frequentemente tempestuoso e onde actualmente reinam constantes e densissimos nevoeiros, que muito prejudicam a navegação. Quanto a minas, consta que os russos as estão espalhando no alto mar, com grave risco para os navios neutraes, o que já está provocando protestos na Europa.

Sabe-se agora que o cruzador russo «Bogatyr» encalhou ha dias á entrada de Vladivostock, durante um denso nevoeiro, e tão desastrosamente, que se perdeu.

Restam, pois, no porto de Vladivostock tres navios russos, agora sob o commando superior do almirante Skrydloff, succcessor de Makharoff, e destinado á esquadra que se encontra em Porto Arthur, para onde não póde seguir pela falta de communicações com aquelle porto. A esquadra de Porto Arthur deve hoje representar um deslocamento de 70:628 toneladas; o total da esquadra japoneza, feito já o desconto dos navios perdidos, é de 204:645 toneladas.

— As ultimas noticias registam os bons resultados das operações das forças japonezas

na peninsula de Liaotung. Kinchau, um pouco ao norte de Dalny, foi occupado na manhã de 16 após um combate desesperado, que durou 26 horas. A parte sul de Liaotung correspondendo ao territorio que foi *dado* de *aluguer* á Russia pela China, acha-se actualmente bloqueada pela esquadra japoneza conforme declaração do almirante Togo, commandante em chefe.

As forças na Mandchuria tambem avançam com bom exito, complicando-se agora muito a tarefa para aquelles que tentam seguil-as pela simples informações dos jornaes, abundantes de nomes barbaros de differentes localidades, difficeis de precisar.

—Os jornaes do Japão publicavam ha dias um telegramma de Londres, informando que o snr. Doumer, presidente da commissão do orçamento francez, n'um discurso que proferiu n'um banquete, condemnou [illegible] mente a attitude de alguns francezes [illegible] peitante á alliança franco-russa; referindo-se á guerra, o snr. Doumer disse ser imp[illegible] para a França estar do lado do povo a[illegible] em uma lucta entre as duas civili[illegible] oriental e occidental.

Muito bem: chama-se a isto não ter p[illegible] na lingua; e seguramente as palav[illegible]

notabilissimo politico e habil administrador, ex-ministro das finanças, ex-governador da ɩdo-China, e sem duvida destinado ainda a ais altos cargos, encontrarão sympathica hesão na grande maioria dos homens da ɹropa. Certos excentricos, porém, que sof- ɪrem do mal chronico de sorrir de tudo que vão ouvindo por este mundo, não deixarão de sorrir-se tambem no caso presente, embora corram o risco de se expôr á indignação das turbas. Se a opinião do snr. Doumer re- presenta a opinião da França, como é prova- l, que a Inglaterra aguente como podér a ɪerroada, com o que ella por fim pouco se rala, pois lá tem os seus planos, e não foi or certo por simples ingenuidade que se fez alliada do Japão. Então fica-se sabendo que impossivel á França estar do lado do povo ello em uma lucta entre a civilisação occi- a civilisação oriental (ponha-se pri- duvida se tal definição da lucta é ɹdadeira). Fica-se mais sabendo, por logica cção, que a França só estará ao lado do amarello nas seguintes circumstancias: pacatamente ir infestando o sólo asiatico ɪegião dos seus missionarios, que ella não er para si, mas acha muito bons para os s: para dominar na Indo-China e para

arrancar ao Siam pedaços do seu territorio; para impingir ao Extremo-Oriente a sua industria e por vezes os seus aventureiros.

Resumindo: a França admitte o povo amarello como uma vacca leiteira para seu uso, a qual vá mungindo emquanto ella tem leite, e nada mais. Se a vacca escouceia, indigna-se e põe-se do lado dos outros sujeitos que tambem se servem da mesma vacca para identicos e peores fins. O que a França não admitte, e com ella, diga-se toda a verdade, a grande maioria das nações occidentaes, é que uma certa tribu d'estes amarellos, á qual impozemos a nossa civilisação, a adaptasse a si tão bem, que se erga agora forte e instruida e pretenda defender a sua integridade e os seus interesses, pretendendo defender tambem a integridade e os interesses dos povos visinhos, menos fortes, com os quaes conta naturalmente para o engrandecimento pacifico da propria expansão e das proprias actividades. O Japão não nutre o designio de arrancar á França uma das suas provincias, ou á Allemanha, ou á Italia, ou a outra nação qualquer occidental; protesta apenas, com os meios de que póde dispôr, contra a conquista que algumas d'aquellas nações intentam no sólo asiatico e que evidentemente equivalerá a uma

enorme barreira contra o seu commercio, pois a Asia e e tem de continuar a ser o seu natural cliente, e sem um tal cliente o Japão não póde viver.

Não se dá, pois, presentemente o que apregoa o snr. Doumer, — uma lucta entre as duas civilisações oriental e occidental; — dá-se a natural e legitima revolta d'aquelle que defende contra o invasor a massa dos seus bens: apresentada assim a questão, (e é como julgo deve ser apresentada), não deveria restar duvida, se se escutasse apenas a voz da justiça, sobre os direitos que assistem ao imperio japonez para desembainhar a espada.

Mas a humanidade não escuta apenas a voz da justiça, escuta principalmente a voz das suas ambições, no caso presente mais intolerantes, por se impôrem tambem preconceitos de raça em effervescencia. E' interessante prophetisar desde já que d'este esforço herculeo do Japão contra o colosso do norte, e admittindo mesmo a hypothese mais favoravel para o Japão do final triumpho das suas armas, os louros da victoria lhe acarretarão amargas desillusões. O Japão, que ficará pobre e arruinado por longos annos nas suas energias productoras, deve contar

com a inveja universal; por outro lado, a politica que segue, impõe-lhe o dever de deixar intactas a China e a Coréa, e não poderá esperar indemnisação alguma de guerra, pela impossibilidade manifesta de ir a S. Petersburgo reclamal-a. Póde então perguntar-se o que ganhará o Japão, que o compense dos sacrificios immensos que se impõe? Ganhará seguramente a consideração — não digo sympathia — a consideração mundial e o respeito e a sympathia de todos os povos asiaticos, mais ou menos seus visinhos. Quem sabe? Talvez isto lhe baste.

As nações estranhas, que estão vendo o espectaculo das galerias, é que vão já ganhando muita cousa. A Inglaterra ganha os seus progressos politicos no Thibet. Os grandes argentarios inglezes e americanos ganham na agiotagem do emprestimo. Os contrabandistas do mundo inteiro vão ganhando. Ganham muitos, ganharão muitos.

— A gloriosa passagem do rio Yalu pelas forças do exercito japonez foi festejada em Tokio por uma procissão de lanternas, em que figuravam mais de 100:000 pessoas. Tamanha era a onda humana e tão densa em certas ruas mais estreitas, que varios individuos ficaram contusos, dando-se mes-

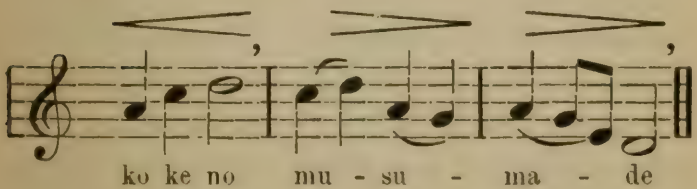
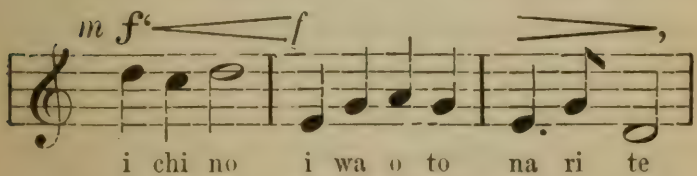
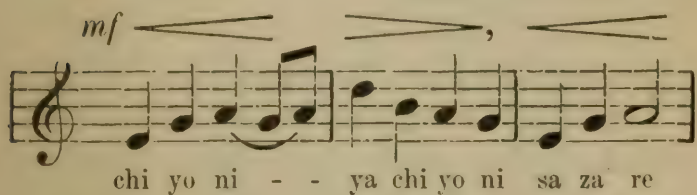
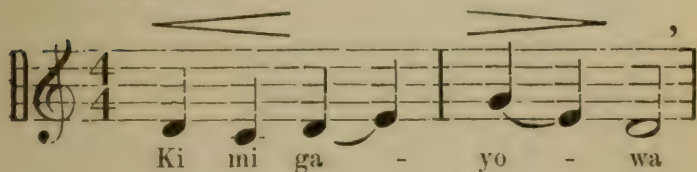
mo duas mortes; as auctoridades já providenciaram para que se não repitam accidentes lamentaveis de tal ordem. O que esta estupenda commemoração prova, se ainda fosse necessario proval-o, é o grande enthusiasmo que anima o povo nas presentes circumstancias. O facto responde por si a uma pergunta que ha dias me dirigia um amigo de Lisboa, pedindo que o informasse se a guerra, iniciada pelo Japão, correspondia ao sentimento geral do povo ou era uma simples especulação dos governantes; eu apresentei-lhe ligeiros traços, referentes á profunda commoção popular que aqui palpita, acrescentando, por me faltar absolutamente o tempo para longas missivas, que, se quizer saber o resto... *comprasse o papel.* O *papel* era *O Commercio do Porto*; a phrase, talvez já não usada hoje, era a que empregavam no meu tempo pelas ruas os pregoeiros das novidades sensacionaes.

— As *japonezices* estão em moda em Inglaterra, o que não surprehende, quando se considera que ella é alliada do Japão. Ora, se póde ampliar-se o velho axioma algebrico — *duas cousas iguaes a uma terceira, são iguaes entre si* — dizendo — *duas nações alliadas a uma terceira são alliadas entre si,* — conclui-

mos (não se assustem!) concluimos *mathematicamente* que nós somos alliados do Japão. Mais concluimos, agora *hermeneuticamente*, que as *japonezices* devem tambem entrar em moda em Portugal. N'este intuito, na impossibilidade de expedir a cada uma das minhas leitoras (acaso terei leitoras?) uma boceta de charão... porque sahiria isso muito caro — presumpções de auctor! —, envio-lhes d'aqui o hymno nacional japonez, *Kimigayo (O reinado do nosso soberano)*, presumindo que as suas mãos commovidas se aprazerão em ensaial-o no piano domestico. Eis, pois, o hymno, musica e lettra, indo esta em japonez. E eis tambem a traducção portugueza, que vai em chata prosa, por eu já não ser poeta e nunca ter sido musico: — *Floresça longamente em glorias o reinado do soberano! Nunca experimente revézes! Seja qual pequeno seixo, que se eleva até ser um rochedo enorme, que os seculos revestem de musgos!...*

Affigura-se-me a idéa delicadissima, com um classico sabor de impressionabilidade indigena. Veja-se com que graciosidade o sentimento da longa duração se acha expresso no seixo, que por justaposição se transforma em rochedo gigante; e como a immutavel e

gloriosa tranquillidade se traduz pelos musgos verdes, avelludando a rocha núa!... Outro, mais habilidoso do que eu, poderá adaptar á musica as palavras.

HYMNO JAPONEZ

X

7 de junho de 1904

A guerra — O cêrco de Porto Arthur — As perdas dos japonezes na batalha de South Hill — A quéda prevista de Porto Arthur — O que succederá depois? — Os futuros reforços da Russia — O patriotismo e heroicidade dos japonezes — Os proprios russos são os primeiros a reconhecel-os — As noticias da ultima hora — Scenas pueris — Expedição de nove damas americanas.

Ao tempo em que escrevo esta carta, lances sangrentos se travam ou pelo menos se preparam para breve na peninsula de Liao-Tung, onde as forças japonezas se encontram e apertam o circulo que tem por centro Porto Arthur, contendo muitos milhares de soldados russos; mas o telegrapho pouco falla agora. Bem possivelmente, após os terriveis combates de Kinchau e de South Hill, travados nas mais duras condições, os japonezes entregam-se a um curto mas indispensavel repouso, para de novo proseguirem com impetos medonhos até alcançarem o seu grande fim desejado, que é a occupação de Porto Arthur. Na batalha de South Hill as perdas

japonezas foram de 4:211 homens, incluindo 749 mortos, dos quaes 46 eram officiaes; mas conseguiram desalojar o inimigo d'aquella fortissima posição, que na Europa se julgava inexpugnavel. Em Dalny, antes dos japonezes alli entrarem, os russos poderam metter no fundo uma canhoneira sua e varias lanchas a vapor, a fim de não poderem ser uteis ao inimigo, retirando-se depois para Porto Arthur.

Segundo a opinião geral e em vista dos factos consumados, Porto Arthur deve em breve cahir em poder dos japonezes; pois apesar das suas vastas fortificações e da valorosa defeza que se espera das tropas russas alli concentradas, nada resistirá á indomavel bravura dos filhos de Nippon, para os quaes a vida nada vale, batendo-se como leões para a unica gloria da patria. A empreza será terrivel, no emtanto; morrerão 20:000 soldados, talvez mais, mas os restantes desfraldarão a bandeira do Sol Nascente sobre as ruinas d'aquelle porto, que já foi japonez, conquistado valorosamente á China, mas que a politica russa fez restituir ao primitivo dono, para pouco depois o chamar seu.

Que succederá depois? A Russia não se cansa de apregoar a proxima concentração no theatro da guerra de um immenso exercito e a

chegada a estes mares, de uma esquadra quasi fabulosa, que deve largar do Baltico. A Russia faz por ignorar todos os revezes soffridos até agora, annunciando que a lucta ainda não começou, alludindo assim ao momento da chegada d'estes tremendos reforços, para então iniciar a obra do esmagamento dos japonezes, predita já pelo general Koropatkine. A quem estuda imparcialmente as peripecias do drama, parecem um tanto problematicas essa immensa concentração de forças russas em uma região onde será difficilimo alimental-as por alguns mezes, e a vinda de essa nova esquadra a estas paragens, onde não poderá contar com portos de abrigo, sem já fallar na colossal empreza de poder chegar até cá; mas tudo póde ser possivel, quando esforços arrojadissimos se emprehendam e altas coadjuvações, embora disfarçadas, se dispensem. Soará então a hora da tremenda catastrophe para o Japão, obrigado a medir-se com forças inimigas incomparavelmente superiores ás forças de que poderá dispôr e ainda por cima minado pela escassez de recursos pecuniarios? Possivelmente os japonezes terão previsto este terrivel desfecho e preferirão o aniquilamento completo, cobertos de gloria (porque ha derrotas gloriosas), e laureados

pela admiração do mundo inteiro, á vergonha da tranquillidade que se lhes offerecia sob a condição do sacrificio dos seus sonhos mais caros de desenvolvimento e de expansão, na região que geographicamente se prestava para campo da sua marcha evolutiva. No emtanto, estamos, por certo, ainda longe de poder formular hypotheses temerarias. Admitta-se, como dizem os russos, que a guerra ainda não tenha começado; paira, com effeito, n'esta parte do mundo, um sòpro prenunciador de não sei que gigantesca tempestade social, excedendo tudo que a imaginação nossa devanear; não se póde, porém, prevêr nada positivo. Esperemos.

O velho espirito de bravura militar dos japonezes resuscita, ou antes, adormecido durante longos annos de progressos pacificos, refloresce hoje com igual intensidade, causando a admiração mundial.

Os proprios russos tecem os mais rasgados elogios á heroicidade dos filhos de Nippon. Contam os russos que, em uma das tentativas do inimigo para obstruir Porto Arthur, os marinheiros subiam aos mastros dos barcos que se iam afundando sob a metralha dos fortes para gritarem *Banzai!* (Viva!) pelo imperador do Japão antes de desapparecerem

nas ondas. Em uma embarcação, que se afundava, a guarnição subiu aos mastros para agitar signaes e assim guiar os outros vapores que se dirigiam ao mesmo local. Um marinheiro foi descoberto pelos russos nadando para terra; quando foi intimado a render-se, empunhou o seu revolver, com o qual não cessou de fazer fogo até que o mataram e desappareceu no oceano.

Na batalha de South Hill, onde os russos esperavam permanecer por um ou dous mezes, graças á excellencia natural da situação e aos recursos com que contavam, os japonezes repetiram as cargas sem descanço, soffrendo terriveis perdas, até conseguirem desbaratar e vencer o inimigo; arrojo sem exemplo na historia e que mostra quanto vale a tempera d'estes asiaticos.

Em Osaka, a noticia das perdas na batalha de South Hill foi recebida pelos parentes das victimas com exemplar serenidade. As auctoridades do deposito da divisão de Osaka, ao possuirem a lista dos mortos, convocaram no Club Militar as viuvas dos officiaes, ás quaes transmittiram a triste nova. Todas se mostraram dignamente conformadas, patenteando dons de coragem pouco vulgares no seu sexo. A senhora Fujioka, esposa do te-

nente-coronel do mesmo appellido, um dos mortos, dirigiu-se depois para sua casa, onde reuniu todos os filhos, fallando-lhes em primeiro logar dos perigos a que anda sempre exposta a vida do soldado; depois annunciou-lhes a morte do pai, exhortando-os a que se conduzissem de futuro conforme os desejos do defunto; em vista da compostura materna, os filhos supportaram silenciosamente e corajosamente o seu golpe.

— Reservando um pequeno espaço para as noticias da ultima hora, eis o que se me offerece relatar.

O almirante Togo informa o seu governo de que no dia 4 foram vistos pela esquadra do bloqueio em Porto-Arthur varios navios russos fóra da barra, occupando-se na faina de descobrir e retirar algumas minas submarinas que os japonezes alli haviam collocado. Uma canhoneira russa, presumidamente a «Giljak», foi de encontro a uma das minas, que fez explosão, afundando-se o barco. A «Giljak» era construida de aço, de 1:300 toneladas, com uma guarnição de 150 a 200 homens e fortemente armada.

Chegam noticias de origem russa de que as forças moscovitas se decidiram finalmente a tomar a offensiva e que um tremendo corpo

de exercito marcha para o sul em soccorro de Porto Arthur, hoje sitiado pelo inimigo. Segundo a imprensa local, o facto de vir a informação do lado dos russos, que deveriam ter todo o empenho em conservar secreto tal movimento, faz acreditar que a noticia é uma simples invenção, lançada no intuito de amedrontar os japonezes. Veremos.

Como succede em todos os grandes acontecimentos, a guerra actual, ao passo que vai urdindo grandes scenas tormentosas e commoventes, vai simultaneamente servindo de pretexto para scenasinhas pueris e grotescas, que não devem em todo o caso passar sem commentario, pelo menos a titulo de salutares diversões ao espirito sobresaltado do observador attento. No numero d'estas ultimas está a expedição de umas nove damas americanas da Sociedade da Cruz Vermelha da *Great Republic*, as quaes chegaram a Yokohama ha alguns dias, em resultado da sua espontanea resolução de virem prestar serviço n'este imperio durante o conflicto que se fere. Eu vi-as uma vez de relance, em um parque publico, onde os pobres japonezes, que téem multiplicado inventos para ser agradaveis ás suas illustres visitantes, lhes offereciam um *Five o'clock Tea*, com acompanhamento de bolos e gelados,

uma das mil frivolidades que as *yankee* mais do intimo apreciam n'este mundo. As damas vestiam garridamente os seus uniformes de combate brancos, com toucas brancas petulantes, um pouco ás tres pancadas sobre a nuca. Como physico, classificam-se pelo typo de missionarias chegadas á idade das desillusões, enormes de estatura, sem vislumbres de graça, insexuaes, rostos angulosos e frios, oculos terrificos nos narizes, mãos e pés de tremendas proporções. Aqui se pespegam pois estas seresmas, alèm de cuidarem dos feridos sem que ninguem as convidasse, e tambem certamente e em primeiro logar afim de cuidarem de si mesmas, do seu conforto, que naturalmente inclue os vastos aposentos para cada uma, os quartos de *toilette*, de banho, o salão commum, as copiosas e variadas refeições, talvez o seu copinho de *whisky*, o chá da tarde, sem contar as varias excursões ás montanhas, o *sport* nautico, bicyclettista e do *kodack*, as práticas religiosas e do *tennis*. O que tem muita graça, é que os japonezes possuem cá uma Sociedade da Cruz Vermelha sua, que póde ser considerada modêlo de perfeição no mundo inteiro, e um corpo de enfermeiras superiormente educadas e habilissimas. Estas enfermeiras, como authenticas

japonezinhas que são, têem todas umas carinhas dôces e sympathicas, umas mãos de fadas proprias para todos os desvelos; são extremamente carinhosas, asseadas, modestissimas em exigencias, contentando-se com o seu jantarinho de arroz cozido, dormindo á noute em commum, sem leitos, sobre a esteira de um cubiculo. Os feridos russos, no hospital de Matzuyama, adoram-nas; divertem-se a jogar a pélla com ellas, como creanças com creanças.

Emfim, *noblesse oblige*, e os japonezes não tiveram remedio senão aceitar os serviços impostos e acabam de enviar as nove damas para os hospitaes de Hiroshima. Estou certo de que não deixarão de implorar os seus deuses para que não lhes mandem mais d'estes exemplares de hysteria caridosa, que tão importunos e dispendiosos se lhes tornarão; se a America teima em ser amavel, que a gentileza feminina se transfira aos manos e aos maridos, para que, na hypothese de um segundo emprestimo para acudir ás despezas da guerra, elles se mostrem menos propensos á agiotagem do que se mostraram no primeiro emprestimo, realisado ha algumas semanas.

XI

19 de julho de 1904

A temperatura — A guerra — A Europa e as victorias japonezas — Porto Arthur — A importancia da tomada d'esta praça pelos japonezes — Os ultimos acontecimentos — Algumas phrases sobre o Japão e o povo japonez, escriptas por notaveis viajantes — O que disse S. Francisco Xavier a respeito do Japão — Impressões dos japonezes que teem visitado a Europa.

Com a temperatura tropical que reina agora, embora por pouco tempo, n'estas paragens, tornada repetidamente ainda mais insupportavel pelas rajadas abrazadoras dos tufões que passam perto e pelo ar humido e pesado que se respira, as forças falham, as aptidões fallecem; e, francamente, seria uma durissima tarefa o tentar reunir ideias para descrever minuciosamente as peripecias da guerra e critical-as em seguida. Felizmente para o meu caso, as noticias não teem abundado muito durante estes ultimos dias, se pozermos de parte citações menos importantes com referencia a variadas escaramuças trava-

das em cem pontos diversos, denominados por nomes barbaros quaesquer, que nem mesmo se encontram nas cartas mais minuciosas. Effectivamente, com respeito á guerra, paira agora aqui como que uma calmaria ameaçadora, similhante ás ameaçadoras calmarias meteorologicas, annunciadoras da proxima tempestade. A tempestade prevista e que conserva em suspensão as attenções do mundo inteiro, será uma grande batalha nas planicies que avisinham Sianyang, ou o tremendo assalto aos ultimos fortes e entrincheiramentos de Porto Arthur, sendo qualquer dos dous acontecimentos de uma importancia capital para os futuros successos da contenda. A Europa, quasi por completo hostil aos japonezes no comêço das hostilidades, electrisa-se perante os admiraveis arrojos e as successivas victorias d'estes incomparaveis *amarellos*, que luctam como tigres pela independencia e pelo engrandecimento da sua patria e pelas prosperidades de toda a vasta região extremo oriental; e a Europa, collocando-se a pouco e pouco do lado dos nippons, aguarda anciosa pelos successos futuros, confia nas suas glorias e está prompta para gritar com elles: — «*Banzai! Banzai* pelo Japão! . . .»

Ha dias, O — kiku San — a snr.ª Chrysan-

themo (mas não a de Loti) — dizia-me em confidencia que, ás escondidas da mãe, estava cuidando de arranjar um traje completo á europeia — saia, *blouse*, botas, *chaspellinho* e tudo o mais, — para assim se vestir quando fôr annunciado que Porto Arthur cahiu nas mãos dos japonezes; e ir assim para a rua, pimpona, assistir ás commemorações que se projectam. Eu sorri e prometti que as meias lhe offereceria eu, um par de meias de sêda preta mui janotas, para calçarem os seus pésitos alvos, invariavelmente nús sobre as esteiras. Vistam-se, pois, á europeia todas as *musumés*, e á japoneza todas as meninas europeias, e vão todas, e vamos todos festejar a tomada de Porto Arthur, quando se dér e se se dér, é que constituirá talvez o acontecimento mais notavel, não do seculo xx, que ainda não tem historia, mas de toda a historia moderna da humanidade em pezo! . . .

A tomada de Porto Arthur pelos japonezes será, effectivamente, de uma importancia immensa para os acontecimentos futuros; importancia moral, que se alastrará por toda a China e irá mesmo mais longe; importancia material e immediata, pois representará ao mesmo tempo, segundo todas as probabilidades, o aniquillamento da esquadra russa, que

terá de render-se ao inimigo dentro de Porto Arthur, se os russos não preferirem destruil-a e afundal-a por si proprios, ou então se verá forçada a sahir para o mar e a ser destruida pelos navios japonezes, podendo ainda admittir-se a hypothese de alguns navios russos poderem ganhar algum porto neutro da costa da China, onde, segundo todos os usos internacionaes, deverão ser detidos até findarem as hostilidades.

Mas cahirá, realmente, Porto Arthur nas mãos dos japonezes? Tudo faz prevêr que assim aconteça, quando se não supponha que o exercito inteiro nipponico seja abrazado em chammas e reduzido a cinzas pelas minas subterraneas que os russos hajam collocado na sua passagem, como ha alguns dias certos boatos, vindos de fóra, de mui pouco credito, tentavam fazer acreditar.

Mas vamos á rezenha dos ultimos acontecimentos. Em 8 do corrente, occupação de Kaiping pelos japonezes, facto que os torna senhores de toda a provincia de Liaotung, com excepção de Porto Arthur, que está nas condições que todos conhecem.

Em 6, deu-se o facto significativo de ter partido de Tokyo para o campo do conflicto o marechal marquez Oyama, investido do alto

cargo de commandante em chefe de todas as forças japonezas na Mandchuria; o marquez vai acompanhado de um brilhante estado-maior, cujo chefe é o prestigioso barão de Kodama. A esquadra de Togo tem feito repetidos ataques a Porto Arthur, constando que, em 27 de junho, um cruzador e um *destroyer* russos foram a pique, e que, em 8 do corrente, o poderoso cruzador «Askold» soffreu grossa avaria. A canhoneira japoneza «Kaimon» foi pelos ares perto de Talienwan, por ter tocado em uma mina submarina russa; morreram umas 20 pessoas, incluindo o commandante da canhoneira. O vice-almirante Kaminura, um dos menos felizes officiaes japonezes na presente campanha, conseguiu encontrar no mar os navios russos de Vladivostok, quando estes tentavam, presumivelmente, dirigir-se a Porto Arthur; Kaminura pòde evitar que tal acontecesse, mas não logrou atacar os navios russos, que beneficiaram de um denso nevoeiro e voltaram ao seu habitual refugio de Vladivostok.

Um triste incidente a relatar: consta que, ha alguns dias, os russos *passearam* pelas ruas de Porto Arthur dous officiaes japonezes seus prisioneiros, no intuito de incitar o animo das tropas moscovitas; os dous officiaes, não

podendo resistir ao ultrage, suicidaram-se depois. Se o facto é verdadeiro, cabe enorme responsabilidade a quem auctorisou tamanha ignomnia, tendente a desprestigiar um exercito inteiro de uma nação que se diz de raça branca, com altas pretenções de civilisada; em nenhumas circumstancias os japonezes seriam capazes de commetter tão grande infamia, positivamente.

Mais tristes incidentes: estão sendo aqui commentados com a maior indignação, não só pelos japonezes, mas pela imprensa estrangeira, os factos, conhecidos por telegrammas, de terem sahido do mar Negro alguns barcos da frota mercante russa, os quaes, depois se arvoraram em cruzadores de guerra, apresando o vapor inglez «Malacca» e apossando-se da mala de correspondencia para o Japão, que vinha a bordo do vapor allemão «Prinz Heinrich»; esta ultima proeza é simplesmente classificada de *pirataria* pelo jornal inglez mais respeitado de todos que se publicam n'este imperio. Confiemos em que as potencias neutraes tomarão sérias providencias.

— Como agora o Japão e os japonezes estão occupando intensamente as attenções do mundo inteiro, não é certamente inopportuno recordar n'este logar algumas phrases sobre

este imperio e sobre este povo, escriptas por notaveis viajantes que por aqui téem passado. No entretanto, é curioso observar que sobre o assumpto se téem escripto e dito as opiniões mais diversas e contradictorias; e eu apostaria até que não se encontram dous residentes estrangeiros no Japão que pensem identicamente em tal materia.

S. Francisco Xavier, em meados do seculo XVI, diz: — «Esta nação é a delicia da minha alma».

Diz Will Adams, nos principios do seculo XVII: — «O povo d'esta ilha do Japão é bom de natureza, excessivamente cortez e valente na guerra. A justiça é seguramente exercida sem nenhuma parcialidade contra os transgressores da lei».

Escreve o allemão Engelbert Ksempfer, no fim do seculo XVII: — «Arrojados... heroicos... vingativos... desejosos de fama... muito industriosos e soffredores de fadigas... grandes favoritos de civilidades e de boas maneiras e muito garridos em si proprios, nas suas vestes e casas, tudo limpo e asseado... Em toda a especie de trabalhos manuaes, sejam de luxo ou utilitarios, não lhes faltam materiaes e habilidades; e tanto assim é que, se téem ensejo de chamarem mestres de fóra,

excedem muito todas as outras nações em engenho e esmero de acabamento, particularmente em obras de latão, ouro, prata e cobre. . . Professam um grande respeito e adoração pelos seus deuses, adorando-os por varios modos: e supponho poder affirmar que em prática de virtudes, em pureza de vida e devoção exterior, elles estão muito acima dos christãos».

Sir Rutherford Alcock escrevia em 1860 esta phrase, que se popularisou até hoje como um proverbio: — «O Japão é um verdadeiro paraizo das creanças». — N'outro logar, diz o mesmo auctor: — «Ha aqui um erro algures, do qual resulta que n'um dos mais encantadores e ferteis paizes do mundo inteiro as flôres não téem perfume, as aves não téem canto e os fructos e os vegetaes não téem sabor». Um dos meus collegas dá as caracteristicas d'esta terra por uma outra trilogia, da qual devo limitar-me em dizer que não é inferior em exactidão, embora talvez menos poetica: — «mulheres sem saias de balão, casas sem percevejos e paiz sem advogados» (tem-nos agora já, mas ainda não tem percevejos). — Acrescentarei, por conta propria, que ha ainda uma outra trilogia, popular entre residentes europeus e provavelmente inventada por algum

d'elles em uma hora de azedume: — «Flôres sem odor, fructos sem sabor e mulheres sem pudor.»

— «No que respeita á feição moral, a media japoneza é franca, honesta, fiel, carinhosa, gentil, cortez, confiante, dedicada, filial, leal. O amor da verdade pela verdade, a castidade, a temperança, não são virtudes caracteristicas» (porque são geraes). — Assim escreve o rev. W. E. Griffin.

— «Seguramente, para a alegria, delicadeza se obriedade, para branduras de voz e sempre risonha tagarelice, para a abençoada faculdade de colher das mais simples coisas um são aprazimento. . . nenhum outro paiz póde aspirar a mostrar primazias sobre uma multidão festival no Japão.» — (General Palmer.)

Persival Lowell nota uma sensivel falta de originalidade nos japonezes e acrescenta: — «Modificações sobre motivos estrangeiros, modificações sempre artisticas e algumas vezes deliciosamente engenhosas marcam a extensão da originalidade japoneza. . . Uma geral incapacidade para ideias abstractas é outra notavel caracteristica do intellecto do japonez. . . . . . Por ultimo, o decoroso comportamento do povo inteiro acusa a falta da sua actividade mental; não são os costumes que

fazem o caracter, mas sim o caracter que decide dos costumes. Não se esperam pensamentos arrojados de uma etiqueta tão estranhamente cumprida.»

— «Os japonezes impressionam-me como o povo mais feio e mais divertido que eu tenho visto, e ao mesmo tempo o mais limpo e engenhoso.» — (Miss Bird).

— «A terra das gentis maneiras e das artes phantasticas. . . Os japonezes téem uma alma mais de passaro ou de borboletas do que de ordinarios sêres humanos. . . Não serão elles que tomarão e poderão tomar a vida a sério.» — (Sir E. Arnold.)

— «O Japão provou de mais aos europeus; o jogo agora é d'elle, que explora os exploradores.» — (W. Lawson).

— «Certamente a terra do sol nascente, mas tambem a terra do occaso do romance» — (Curt Netto.)

— «O Japão dos nossos dias é uma traducção mal feita» — (Um residente diplomata.)

— «A terra do desapontamento.» — (Um antigo residente.)

O conhecido Loti, tão enthusiasta do Oriente, não professa a mesma alta estima pelo Extremo-Oriente; sendo certo que, com respeito ao Japão, não são poucas as paginas

escriptas do seu punho em que tudo se deprime, terra e povo. O famoso romance *Madame Chrysanthème* é um dos volumes de Loti onde mais se tenta redicularisar os japonezes, especialmente as japonezas, o que mereceu do escriptor Hitomi, no seu recente livro *Le Japon*, as seguintes curiosas observações: — «Alguns viajantes estrangeiros téem julgado as japonezas pelas criadas do hotel ou pelas mulheres faceis que encontraram. Não tendo occasião de vêr as mulheres honestas senão na rua e não tendo jámais fallado com ellas, pretenderam tornal-as conhecidas de nós todos. Não faltam exemplos bem tristes de quantos erros grosseiros, de quantas injustiças tal leviandade tem originado; mas acreditemos que os povos civilisados não se deixam enganar por observadores tão superficiaes. . .» — E continúa, em termos mais realistas, condemnando o citado romance de Loti.

Fiquemos por aqui, no respeitante a citações. Concluirei, fazendo umas ligeiras referencias ao que parece mais impressionar, do nosso lado, os japonezes que visitam a Europa e relanceiam os nossos costumes; cito para o caso, em resumo, o que diz sobre o assumpto o auctorisado professor Chamberlain no seu precioso livro *Things Japanese*. As nossas

mais notaveis caracteristicas, segundo a critica japoneza, resumem-se n'esta trilogia: — falta de limpeza, preguiça e superstição. — Sobre o primeiro ponto, nada temos para allegar em nossa defeza; sem já fallar nos differentes cuidados de asseio, que merecem as casas japonezas e as nossas, basta que se considere que o banho é ainda na Europa uma prática quasi luxuosa, da qual se abstem, por economia e por aversão, a grande maioria das populações; pois no Japão toda a gente toma banhos, geralmente diarios, não havendo infima aldeia provinciana que não possua casas de banhos publicos, orçando a admissão por cerca de 10 réis ou mesmo menos. Com respeito ao segundo ponto, não se estranhe que nos alcunhe de «preguiçosos» um povo que compára os habitos dos nossos operarios, com os seus domingos, com os seus dias santos, com os seus feriados, ao dia de trabalho japonez, que é de 15 horas, attingindo 365 o numero de dias de trabalho de cada anno. Com referencia ao ultimo ponto, talvez tenham razão os japonezes em chamar-nos supersticiosos; em todo o caso, os exaggêros em que descambem a tal respeito, serão filhos da incompetencia critica com que elles observam as nossas igrejas e as nossas cerimonias cultuaes.

O que se conclue de tudo isto é que o japonez, contra o que poderia julgar-se, pouco se deslumbra com os aspectos da nossa civilisação, voltando á patria sem perda sensivel dos sentimentos amorosos e exclusivistas que tributa ao seu *Dai-Nippon.*

XII

27 de julho de 1904

Maravilhoso espectaculo dado pelo Japão ao mundo — A sua evolução industrial e scientifica — Recursos de que o Japão dispõe para defender os seus interesses por meio das armas — O seu prestigio — Raças branca e asiatica — Os progressos do Japão — Causas especiaes a que obedecem esses progressos — A Russia — Os acontecimentos da guerra — Porto Arthur e Liao-Yang — O apresamento de navios pelos russos — Esquadra de Vladivostock — Os mestiços japonezes.

O MARAVILHOSO espectaculo dado pelo Japão ao mundo pela evolução industrial e scientifica por que tem passado desde 1868, isto é, desde o advento do novo regimen politico do imperio, evolução ainda o anno passado brilhantissimamente confirmada na exposição de Osaka, não deve deixar duvidas áquelles que estudam attentamente este paiz sobre o seguinte facto: que a moderna orientação das actividades pacificas não constitue um traço exclusivo da raça branca, pois que os nipponicos, povo asiatico, a attingem, annunciando-se desde já como intelligentissimos com-

petidores no campo do trabalho, da industria, do commercio e de todas as energias productoras.

Debaixo de um outro ponto de vista, o Japão tem-se mostrado, durante os ultimos cinco mezes, igual, se não superior, aos principaes Estados cultos: refiro-me aos recursos com que conta, materiaes e scientificos, para defender por meio das armas os seus interesses, contra uma nação que pretende offendel-os. E o exemplo não poderia ser mais eloquente do que este a que assistimos, porque a nação que se apresenta em campo, é nada menos do que o *colosso do norte*, que se impõe duramente na Europa pelo prestigio do seu immenso sólo, da sua enorme população, dos seus grandes recursos.

Effectivamente, o sorriso motejador que em geral mereceu, nos centros cultos, a attitude firme do Japão ao declarar a guerra á Russia, já hoje não seria desculpavel, por simplesmente alvar. Os japonezes estão cobertos de gloria; a sua acção, quer por mar, quer por terra, tem sido sempre victoriosa; a sua tactica tem sido admiravel e sobejamente comprovativa da alta capacidade do exercito nipponico e da marinha nipponica. Quanto á Russia, está humilhada, o seu prestigio afunda-se. Nem já

vale a pena fallar nos apregoados planos estrategicos do general Kuropatkine; ha apenas confusão, desorganisação, desmoralisação. A partida não está ganha ainda; mas o que se póde desde já affirmar, é que se a Russia fôr, por fim, vencedora, não o deverá á pericia dos seus generaes, mas á enorme massa de homens que poderá um dia enviar á Mandchuria ao encontro dos heroes nipponicos.

Tira-se de todos estes factos um importantissimo conceito, que ainda ha poucos mezes ninguem ousaria formular: é o não se poder mais admittir a raça branca como uma raça privilegiada, a que as outras raças devam fatalmente obediencia. O Japão, asiatico, combate contra a Russia, de raça branca, e apresenta-se superior a ella; o Japão, asiatico, mostra ao mesmo tempo um desenvolvimento de trabalho e um grau de civilisação muito superiores ao desenvolvimento de trabalho e ao grau de civilisação de muitos dos Estados da raça branca. A superioridade do branco não tem, pois, razão de ser apregoada, pois não se é superior por se ter os olhos azues ou os cabellos louros, mas pelos progressos realisados nas conquistas positivas da evolução da tribu.

Se, admittindo, como não se póde deixar de admittir, o grau invejavel de progressos

materiaes do Japão, tentassemos depreciar o japonez com respeito ao seu feitio moral, psychico, resvalariamos para o campo da manifesta banalidade. Não é dado ao homem julgar em absoluto os differentes modos de ser sentimentaes do seu similhante; não póde dizer, por exemplo, que a ideia que elle liga á familia, ou á mulher, ou a Deus, é superior á ideia que á familia, ou á mulher, ou a Deus liga um homem de outras crenças. Os mysterios da alma são insondaveis; a excellencia dos homens mede-se unicamente pelas suas acções.

Ora, seria pueril admittir que a nação japoneza seja *um povo eleito do Senhor*. Se, de facto, os nipponicos apresentam um exemplo frisantissimo, unico, de desenvolvimento em harmonia com a evolução moderna, mundial, é isto certamente devido a causas especiaes, eventuaes, que favoreceram optimamente tal desenvolvimento; e entra na ordem das cousas naturaes que um outro povo asiatico, o chinez por exemplo, attinja um dia identico desenvolvimento. Eu imagino que uma das consequencias da guerra actual póde ser o reconhecimento pelos povos de raça branca d'este principio, a saber, que os povos de outras raças são capazes de adquirir um alto grau de civi-

lisação, de modo a poderem cuidar dos seus interesses sem tutella e a defendel-os pelas armas contra aggressões de estranhos. Possivelmente, uma tal noção levará os Estados modernos a serem mais prudentes na sua expansão colonial, hoje mais cubiçosa do que nunca; não porque reconheçam a justiça da causa dos povos que escravisam, mas por uma prudente precaução contra a natural desforra dos escravisados. Como actualmente as colonias e as *zonas de influencia* constituem a vacca leiteira da qual os Estados e os grandes syndicatos tiram os maiores proventos para a satisfação dos seus desmandos e dos seus caprichos, o retrahimento da expansão colonial deve fazer prevêr uma medonha crise economica geral. Será então occasião de se voltarem as attenções para um problema que, apesar da sua immensa importancia, nunca se estudou, pelo menos nos gabinetes dos dirigentes, — qual é o da mais equitativa distribuição das riquezas, erguendo um dique contra o desmesurado monopolio das grandes fortunas, das quaes beneficiam tres ou quatro millionarios á custa do sangue da grande massa das populações.

No campo restricto a que visam especialmente estas linhas, quanto poderia fazer a

Russia, se, em vez de lançar as garras avarentas a um sólo longinquo que não lhe pertence, cuidasse pelo contrario de melhorar os seus males internos, resgatando o povo, miserrimo *mujik*, das algemas que o opprimem, derramando sobre elle a instrucção de que carece, facultando-lhe os meios de elevar-se pelo trabalho e de augmentar o seu conforto! . . .

— Por aqui, as attenções estão-se principalmente concentrando na perspectiva emocionante do assalto decisivo a Porto Arthur e nas probabilidades de uma tremenda batalha nas visinhanças de Liao-Yang. A derrota das forças que guarnecem Porto Arthur e a consequente occupação da praça pelos soldados de Nippon parecem certas, embora custem muitos milhares de vidas ao intemerato belligerante asiatico. Demora-se o acontecimento, o que mais faz convencer que os japonezes tomam todas as precauções para só ferirem o combate quando estiverem certos da victoria.

Fóra d'isto, dois acontecimentos recentes estão despertando uma viva commoção no meio onde me encontro. Um é a pirataria exercida pelos navios mercantes russos, mascarados em vasos de guerra, pirataria que se realisou nas aguas do mar Vermelho e de que foram victimas um paquete da

mala imperial allemã e outro de uma Companhia ingleza. Não insisto no assumpto, que a estas horas deve já ser bem conhecido em toda a Europa; direi apenas que estes factos véem de molde a fazer eliminar da causa russa as sympathias mundiaes, sendo por si bem eloquente o energico procedimento que tomaram os dous governos offendidos. Acreditam-se agora mais facilmente as repetidas queixas que os japonezes fazem do procedimento do inimigo, cujas forças, nas peripécias mais graves das batalhas, não se pejam de arvorar a bandeira branca, ou mesmo a bandeira japoneza, para assim poderem fugir sob tão protectoras insignias.

O segundo acontecimento, muito digno de attenção, é uma nova sortida da esquadra de Vladivostok, conseguindo d'esta vez atravessar o estreito de Tsugaru, que separa a ilha de Yezo da grande ilha de Nippon, entrando assim em pleno Pacifiico. Esta esquadra é composta dos magnificos cruzadores «Russia», «Rurik» e «Gromovoi» e possivelmente de alguns torpedeiros.

Ha alguns dias que estes navios se encontram cruzando nas visinhanças de Yokohama, á espreita dos barcos mercantes que passam ao seu alcance, os quaes apresam ou mettem a

pique. Comprehende-se a situação alarmante e os gravissimos inconvenientes que ella traz ao commercio em geral. Mal se prevê quaes sejam as intenções finaes da esquadra russa, pensando uns que tratará de regressar a Vladivostok, outros que procurará alcançar Porto Arthur no designio de juntar-se aos navios russos que se encontram n'aquelle porto, o que redundará certamente n'um grande combate naval com a esquadra de Togo. E tal é a durissima e inadiavel empreza em que se acha empenhada n'este momento a frota japoneza para os lados de Liaotung, que ainda lhe não permittiu o poder destacar alguns dos seus navios para o Pacifico, de modo a darem caça aos tres barcos inimigos e a restabelecerem a segurança da navegação mercante na costa occidental do imperio.

—Nas cidades do Japão mais povoadas de europeus, Yokohama, Kobe, Nagasaki, e ainda accidentalmente em outros pontos, não é raro encontrar exemplares de mestiços japonezes, em geral filhos de mãe japoneza e de pae europeu. Em boa verdade, são relativamente raros os casaes em que o marido é japonez e a mulher europeia, devidos em regra taes enlaces de excepção á circumstancia de muitos nipponicos permanecerem por alguns annos

na Europa ou na America, occupados em estudos ou em negocio, sendo alguns attingidos pelas settas travêssas do Cupido louro das nossas cidades. O caso contrario — marido europeu e esposa japoneza — é aqui bem mais frequente, e ainda em muito maior proporção o das ligações fortuitas, não consagradas, mas não menos proliferas — louvado Deus! — em que o varão pertence sempre á raça branca. O certo é que, como eu ia dizendo, o mestiço japonez já hoje não é raro; pelas ruas populosas encontram-se muitas vezes figurinhas exoticas de creanças louras e de olhos azues, vestindo *kimonos* indigenas, calçando sandalias nos pés nús, tagarelando em excellente lingua do paiz com a garotada japoneza.

Apresso-me a dizer que, na minha opinião e na de muitos, o typo mestiço é em geral physicamente inferior ao japonez e ao europeu, dos quaes deriva, parecendo que o typo moral é tambem geralmente inferior ao de cada uma das duas raças componentes. Os mestiços chinezes, hoje abundantes em Hong-Kong, em Shangai e n'outros pontos, offerecem a meu vêr melhores productos.

Seria, por certo, interessante e util estudar attentamente o mestiço japonez, pelo que respeita aos seus dotes physicos e moraes, qua-

lidades resistentes e progenitoras, etc., procurando estabelecer qual seja a sua influencia futura na evolução do paiz. E', porém, muito cedo para emprehender tal estudo. Nada se póde averiguar do que interessa a época anterior, quando os primeiros europeus, principalmente portuguezes, começaram a concorrer ao Japão. Os mestiços japonezes, reconhecidos como taes, datam do segundo periodo em que se estabeleceram relações estranhas com este povo, isto é, desde cerca de 1854; são em via de regra jovens e poucos ainda terão filhos; no entretanto, se nos apoiarmos em observações scientificas do mesmo genero, esta meia-raça desapparecerá á terceira ou quarta geração.

Os chinezes chamam aos seus mestiços «fan-kuai-sai», isto é, «filhos-do-diabo-branco»; os japonezes, mais cortezes e sobretudo mais humoristicos, chamam aos seus «ainoko», isto é, «filhos do amor». Quantas referencias philosophicas n'esta só palavra «ainoko»! . . .

XIII

10 de agosto de 1904

Os ultimos acontecimentos da guerra — A esquadra russa de Vladivostok — Desastres soffridos por varios navios mercantes japonezes — Avultadas perdas materiaes — Como se effectua este corso — Porto Arthur — O exercito russo — Os seus revezes — A guerra acusa já um grande phenomeno de ordem moral: as sympathias pela causa japoneza — Portugal e o Japão — Feições moraes do povo japonez — A arte e a sensibilidade d'este povo — Surprezas na arte de jardinagem — Um instantaneo.

Cumpre-me, na minha missão de chronista, ir relatando aos leitores os ultimos acontecimentos da guerra, ou antes, commentando-os, a meu modo, porque as noticias telegraphicas, embora recheadas de pêtas (nunca se mentiu tanto pelo telegrapho como agora), já ha muito lhes levaram informação circumstanciada dos factos occorridos.

A esquadra russa de Vladivostok já regressou ao seu porto de refugio, após um cruzeiro de alguns dias na costa léste do Japão, assignalado por uma longa lista de desastres soffridos por varios navios mercantes, japone-

zes e neutraes, sendo uns mettidos a pique e outros levados para Vladivostok, onde provavelmente serão julgados boas prezas. Alguns navios de guerra japonezes foram expedidos em perseguição dos tres cruzadores russos e parece mesmo que chegaram a avistal-os; mas esses cruzadores que são excellentes barcos e dispõem de velocidade magnifica, podéram evitar o combate; decididamente não estava no seu programma de operações entrarem em fogo.

Estas sortidas dos navios de Vladivostok, tornadas agora mais frequentes e que provavelmente se repetirão ainda, emquanto a esquadra de Togo se achar empenhada no bloqueio de Porto Arthur, téem occasionado avultadissimas perdas materiaes e tambem de vidas, e tendem a difficultar immensamente o commercio estrangeiro com o Japão. No entretanto, servem ellas para pòr em relêvo as incalculaveis vantagens que o Japão encontrou na acção energica da sua esquadra, tornando-o senhor dos mares visinhos; pois se imagina, por estas sortidas fortuitas, o que teria succedido se os navios russos encontrassem facilidades para cruzarem constantemente nas proximidades das costas nipponicas.

Com respeito a este papel de corsario, que

uma secção das forças navaes russas se apraz em ir desempenhando (a outra secção limita-se á quasi absoluta passibilidade em Porto Arthur), não se póde, em rigor, condemnar tal programma, posto que elle não seja de molde a exaltar os brios da marinha do czar. O que é altamente condemnavel é a maneira como este corso se vai exercendo, em manifesta opposição a todas as regras de direito internacional em uso e aos costumes humanitarios seguidos pelos povos cultos. Confiamos que as grandes potencias da Europa e da America, feridas no seu orgulho e nos seus interesses por tão insolito procedimento, saberão chamar á ordem o colosso do norte, como urge que se faça.

Agora a parte comica (porque faz bem ir rindo sempre) do ultimo cruzeiro dos navios de Vladivostok. O almirante Skrydloff, chefe de todas as forças navaes russas no theatro da guerra, dá conta telegraphica ao seu soberano dos feitos realisados; dois vapores neutraes foram postos a pique, um outro vapor neutral aprisionado e tres pequenos barcos de véla japonezes, com carga de sal (para usos de pesca), igualmente afundados; e termina informando que os tres cruzadores recolheram a Vladivostok. . . sem avarias e sem a perda de um só homem.

Bravo! Os tres cruzadores vão para o mar como tres ladrões de estrada vão para o campo; acommettem os incautos e desarmados transeuntes, espoliam-nos dos seus haveres, descarregam sobre elles os bacamartes; fogem da esquadra japoneza, quando apercebem na linha do horizonte as columnas esguias do fumo das suas chaminés; recolhem em paz a seus penates... E não houve avarias, nem perdas de um só homem. Pudéra! O contrario é que seria portentoso!...

— De Porto Arthur nada se sabe ao certo, estando prohibida a publicação de quaesquer noticias que se lhe refiram. No entretanto, boatos transpiram; um grande desfecho é esperado por estes dias.

Em terra, ha a registrar uma serie de acontecimentos auspiciosos para as armas japonezas. Confirma-se a tomada de Tasbichao e de Newchwang; para este ultimo ponto, onde funcciona um posto da alfandega imperial chineza, já foi requisitado pessoal japonez pela superintendencia de Pekim. O general Kuroki atacou os russos perto de Motienling, a noroeste de Liao-Yang, do que resultou, após varias operações, a retirada do inimigo. Por ultimo, chega-nos noticia de um telegramma que Kuropatkine acaba de dirigir ao

czar, informando-o do movimento de retirada das forças russas para o interior, duramente dizimadas pelos japonezes e pelo calor abrazador da região, e que termina fazendo votos para que as tropas imperiaes possam resistir ao inimigo na nova situação onde se encontram.

Este telegramma parece constituir a confissão formal da extraordinaria série de desastres soffridos pelo exercito moscovita desde o inicio das hostilidades e do desanimo que lavra entre elle.

— A guerra russo-japoneza, que tanto está maravilhando a Europa inteira, acusa já um grande phenomeno de ordem moral, que vem compensar em parte os japonezes dos duros sacrificios que para elles representa esta lucta gigante, ferida no interesse das suas mais caras e justas aspirações; este grande phenomeno é a larga corrente de sympathias que se manifesta e engrossa, dia a dia, em todos os centros cultos, pela causa nipponica. O que de melhor resta ainda no intimo da nossa sensibilidade, não de todo embotada pelo egoismo delirante que caracterisa a época social que atravessamos, emociona-se, electrisa-se, perante as qualidades extraordinarias que hoje patenteia este povo longinquo das ilhas do Pacifico.

Referindo-me especialmente a um cantinho do mundo, mas que mais amorosamente me interessa do que este mundo todo, referindo-me a Portugal, observo que no meu paiz, onde ha poucos mezes o Japão era quasi um nome desconhecido, se inicia um notavel movimento de interesse e de estima pelos nipponicos e pela sua causa; provam-no a voz da imprensa, que anda muito empenhada no assumpto, e as notaveis conferencias já levadas a effeito em alguns dos nossos centros intellectuaes, tendo igualmente por thema os japonezes. Tal movimento, quando chegar a paz, que ha-de chegar, póde levar-nos a estreitar mais intimas e proficuas relações com o imperio do Japão, visinho do nosso Macau e ligado intimamente ás nossas gloriosas tradições historicas. Mas poderá muito mais acontecer: o exemplo do esforço herculeo, sem precedentes, que representa a evolução social japoneza nos ultimos cincoenta annos, é contagioso, quando a sympathia facilite a propagação; este exemplo poderá acaso vir sacudir os nossos nervos de heroes adormecidos e nostalgicos, incutindo-nos desejos novos de trabalharmos mais pelo nosso bem. Seria extremamente curioso o duplo phenomeno, do dominio material e do dominio psychico, que poderia succeder então:

— Mendes Pinto leva aos japonezes as primeiras armas de fogo e ensina-lhes o seu manejo; mais de tres seculos depois os portuguezes compram aos japonezes os seus primorosos canhões para irem guarnecer Macau; estes asiaticos receberam dos nossos viajantes as primeiras noções da civilisação occidental, e seriam elles a inocular-nos agora, embora inconscientemente, o sôpro vivificante que deve impellir os povos modernos nas suas actividades creadoras. Estranha lei de permutações e de compensações, realisada nas armas de fogo e realisavel nas ideias abstractas da evolução social! . . .

— Quando se estuda com intenções de sympathia, ou pelo menos de sinceridade, o povo japonez, uma das suas feições moraes que mais surprehende e encanta é, sem duvida, a aptidão que possue, incomparavelmente delicada, para apreciar as bellezas da creação. Adivinha-se como que um sentido a mais n'estes asiaticos, um não sei quê, que os põe em emotiva participação com os mysteriosos labores genesicos da natureza-mãe. N'este ponto de vista, nós, os europeus, somos infinitamente inferiores a elles, a ponto de nem sequer podermos imaginar de leve a synthese psychologica que os aspectos das cousas lhes

suggerem e o que lhes passa nos cerebros, em alvoroços jubilosos, perante os simples espectaculos comesinhos da vida quotidiana. E' esta e será sempre a maior barreira que separa e separará o europeu do nipponico; nós não vêmos como elle, não sentimos como elle, não amamos como elle; elle vê, sente e ama muito mais delicadamente do que nós; perante o seu requintado pantheismo, o nosso coração é frio e inerte como um pedaço de marmore.

A arte japoneza, em todas as suas manifestações, é um preciosissimo e irrefutavel documento da sensibilidade estranha d'este povo. Enleva-nos, captiva-nos; no entretanto, tentariamos aprofundar-lhe as intenções, porque ha o mysterio da inspiração que nos escapa. Sem, pois, grandes pretensões de analysta e sem mesmo recorrer ás altas manifestações artisticas dos japonezes, o que é um delicioso passatempo para aquelle que tem de viver no seu meio, é ir commentando-lhes uma phrase, registando-lhes uma sentença, notando-lhes uma preferencia, surprehendendo-lhes um sorriso, vagabundeando emfim em pensamento no campo ignoto da alma japoneza, como um amoroso herborisador que se aventurasse n'alguma floresta virgem de uma região exotica desconhecida.

Que surprezas, por exemplo na arte de jardinagem! . . . O jardim não tem flôres; as flòres estimam-se, mas exhibem-se sómente em determinadas épochas, em espaços apropriados. O jardim japonez, em geral reduzido a alguns metros quadrados de terra, é a miniatura emocionante de paizagem indigena, com os seus lagos e com os seus riachos lilliputianos, com o massiço verde das mattas, com as rochas rendilhadas a surdirem do sólo, revestidas de musgos frescos. O amor dos nipponicos pelas penedias tòscas, a que os musgos adherem pela successão serena dos tempos, é uma verdadeira caracteristica do seu feitio esthetico, e baldadamente se pretenderia dar ideia dos effeitos gentilissimos que elles realisam n'este ramo de preferencias, em mimos decorativos do jardimsinho imprescindivel, contiguo á casa de habitação.

Os cuidados que o japonez dispensa a uma arvore, a um arbusto, imprimindo curvas preferidas aos seus troncos, recortes especiaes á sua rama, acusam n'elle um carinho pelos sêres vegetaes comparavel, se não excedido, ao que qualquer de nós poderá ter pela sua amada. Certas fórmas casuaes da creação, como a da arvore que se debruça á beira da laguna e se mira tranquillamente no espelho

das aguas, ou como a da braçada que se estende sobre a porta do lar, lembrando o gesto de um amigo que nos abençoasse o albergue, são particularmente estimados pelo japonez, a elles sujeitando, por esforços incessantes, o arbusto tenro que planta ao pé de si.

O japonez, segundo o seu temperamento psychico, imprimirá ao jardim que cultiva uma ideia abstracta, a que poderiamos chamar a alma das cousas, alli reunidas por selecções harmonicas. Tal jardim representará a paz, outro representará a castidade, outro os antigos tempos... representará *para elle*, é claro. O olho azul do visitante occidental, embora armado do mais prescrutador monoculo, não verá nada d'isto; o visitante passará indifferente e desdenhoso, esmagando debaixo das grossas solas dos seus sapatos de *globetrotter* os musgos avelludados que levaram 100 annos a desenvolver-se.

Fóra do jardimsinho domestico, o japonez tem o Nippon inteiro, que é todo elle um jardim, para espraiar as suas contemplações amorosas, deleitando-se na escolha minuciosa das paizagens e sujeitando-as ainda a condições especiaes que lhes multipliquem os encantos. Eu não pretendo alongar-me no assumpto, embora elle se preste a amplas considera-

ções de critica. Não resisto, porém, á tentação de enumerar aqui, conservando quanto possivel o pittoresco da linguagem, as oito reputadas grandes scenas da provincia de Omi, atravessada por este famoso lençol de aguas que se chama o lago Biwa, e ao qual deve mimos paradisiacos indescriptiveis. Eis as oito maravilhas: — o lago prateando-se sob uma lua de outomno quando o olhar do observador desce do alto de Ishiyama; a neve durante a tarde, em Hirayama; a ardencia do occaso do sol, observada da ponte de Seta; o templo de Miiders, quando se ouvem á tarde os sons do sino; as embarcações fazendo-se de véla do porto de Yabase; os picos de Awazu, na limpidez do horisonte; a chuva depois de anoutecer, junto ao pinheiro de Karasaki; os patos bravos descendo em vòos para Katata.

— Outro assumpto, outro quadrinho, melhor dizendo um *instantaneo*, como que aproveitando o momento azado em que a objectiva surprehende uma scenasinha deliciosa. E' facil de conceber que o japonez, especialmente a japoneza, quando regressa do templo, depois de percorrer as suas áleas sombreadas e frescas e de conversar em dòces intimidades com os deuses, sinta a alma leve, cariciosa, propensa ao bem. D'este estado psychico sabem

valer-se a proposito os vendilhões, os quaes se vão postar á sahida com o estendal da sua exotica mercancia, que inclue varios animaes captivos, que o transeunte compra para restituir á liberdade e á alegria.

No vasto e famoso templo de Inari — o templo da Raposa, — onde eu peregrinava ha poucos dias, pela tarde, uma japoneza esbelta havia percorrido os diversos nichos meio occultos pelas mattas de pinheiros, curvando-se com particular uncção em frente d'elles, batendo as palmas com as suas mãos muito alvas para accordar as divindades adormecidas e proferindo a meia voz phrases de prece, que foram para mim intraduziveis. Pude vêl-a de perto, n'uma volta de caminho: era alta, ainda nova, de uma brancura de marmore, com uns cabellos muito negros, com uns olhos de azeviche, patenteando na expressão não sei que sentimento dolorido, ou apprehensivo, e nos gestos delicadissimos uma morna languidez que impressionava; vestia um simples *kimono* de algodão de ramagem azul e branca; suspensos dos finos pés nús arrastava no lagedo os altos sóccos resonantes.

Quando a solitaria peregrina se approximava do grande portico da sahida, todo de charão vermelho, deparou com uma velha

macrobia que para alli estava acocorada, sem cabello, sem dentes, lançando ao acaso o seu olhar mortiço; junto d'ella pousavam no chão tres gaiolas cheias de pardaes. Acercou-se então da velha, observou os passaros e perguntou o preço. Dez réis por cada um. Mas ella queria comprar todos, o que importava um grande abatimento. Contaram-se os passaros, eram dezoito, convindo-se finalmente na somma de cem réis por todos elles. Recebida a pratinha, a velha foi abrindo as portas das gaiolas e dando exodo a todos os pardaes, que não se faziam rogar e cruzavam rapidamente o espaço na direcção das mattas, soltando pios estridentes, de surpreza e de prazer. A compradora demorou um pouco esta operação, porque quiz haver da gaiola ás suas mãos um dos pardaes, que levou apaixonadamente aos labios, que beijou muito, ao qual encarregou em longas phrases não sei de que mensagem, dando-lhe em seguida a liberdade. Que diria ella ao pardal? palavras de carinho a um ausente? terá no campo de batalha um pai, ou um irmão, ou um marido, ou um namorado? . . .

Eramos tres os espectadores da scena: eu e dous soldados japonezes da guarnição de Fushimi. Os soldados, dous filhos das mon-

tanhas, rudes e de feição alvar, olhavam aquella graciosa mulher, vestida de encantos ultra-terrenos na dôce mimica da sua mystica piedade, visivelmente enternecidos. . .

XIV

18 de agosto de 1904

A batalha naval de 10 de agosto — Poder maritimo da Russia — Cruzador portuguez «Adamastor» — Uma das caracteristicas do feitio moral dos japonezes — A China — Relações do Japão com a Coréa e com a China — Portugal e a Europa no Japão.

RESUMAMOS os ultimos acontecimentos, o que não seria facil fazer-se quando se pretendesse entrar em minuciosos detalhes, porque muitos avultam dispersos, sendo dura tarefa o concretisal-os; para mais, a queda de Porto Arthur, o baluarte russo reputado invencivel, está imminente, podendo-nos aqui chegar a tremenda noticia da derrocada dentro de alguns dias ou dentro de alguns minutos. . .

No dia 10, toda a esquadra russa de Porto Arthur sahiu para o mar, no intuito desesperado de forçar o bloqueio e ir reunir-se aos navios de Vladivostok. A cerca de 20 milhas da terra encontrou-se com a esquadra de Togo, travando-se então um re-

nhidissimo combate naval, o primeiro rigorosamente digno d'este nome a registar, desde o rompimento das hostilidades. O combate durou desde a uma hora da tarde até ao sol posto, dispersando á noute a esquadra russa e ficando Togo victorioso. De seis couraçados russos, cinco recolheram a Porto Arthur, rebocados e duramente avariados; um apenas conseguiu safar-se, indo recolher-se ao porto allemão de Kiao-Chau, ao que parece completamente avariado. Um *destroyer* refugiou-se no porto chinez de Chefu, onde os japonezes o foram apresar; acto irreflectido, incorrecto e que offende particularmente a China, Estado neutral; a Russia não tem muita razão de queixa, pois pelos actos anteriores da sua marinha, de guerra e mercante, tem mostrado que o direito internacional não lhe merece especial cuidado. Mais dous ou tres *destroyers* foram mettidos a pique. Um ou dous cruzadores refugiaram-se em portos neutraes, com bastantes avarias, parecendo que um só cruzador, o «Novik», conseguiu ganhar Vladivostok.

Em 14, a esquadra de Kaminura encontrou nas alturas de Tsushima os tres cruzadores de Vladivostok, aquelles que pelas suas ultimas e repetidas excursões ao longo da

costa do Japão tantos damnos causaram ao seu commercio; dirigiam-se presumidamente até ás proximidades de Porto Arthur, afim de contrariarem a acção do inimigo n'aquellas paragens. Travou-se combate, que durou cinco horas, indo a pique o «Rurik» e retirando-se os outros dous cruzadores com grossas avarias, sendo possivel que reganhassem Vladivostok. Os navios de Kaminura occuparam-se seguidamente em salvar os naufragos do «Rurik», cerca de 600, e talvez em virtude d'esta humanitaria faina é que não conseguiram perseguir e capturar as outras duas unidades inimigas.

Os japonezes soffreram, nas duas batalhas, algumas perdas materiaes, mas, relativamente, sem importancia, e tambem algumas perdas de vidas; o joven principe Fushimi foi ferido ligeiramente a bordo do «Mikasa».

Os russos tiveram muitas perdas de vidas; dous almirantes pereceram na batalha de Porto Arthur. No entretanto, por esta simples resenha dos factos, se deve concluir que o poder naval russo deixou de existir nas aguas do Extremo-Oriente. Virá ainda a esquadra do Baltico? Parece que seria inutil tal reforço.

Como curioso detalhe, para nós, direi ainda que no porto de Chefu, quando os

japonezes apresaram o *destroyer* russo, achavam-se varios navios de guerra estrangeiros, sendo um d'elles o cruzador «Adamastor»; a noticia foi largamente espalhada pelos jornaes japonezes. Folgo em registar que a nossa marinha recomeça a ser lembrada n'estas regiões, o que não acontecia ha muito tempo; pois não é a modesta canhoneira da estação de Macau, em regra condemnada a jazer entre os lodos da colonia, que póde efficazmente concorrer para tal fim.

— Uma das caracteristicas do feitio moral dos japonezes mais frequentemente citada, sobre a qual o humorismo dos criticos mais ironicamente se tem manifestado é, sem duvida, o seu dom de imitação, a que eu julgo melhor dever chamar adaptação, nacionalisação. Effectivamente, nenhum povo como o japonez tem dado melhores provas das suas qualidades imitativas, apropriando as manifestações das civilisações estranhas, adaptando-as no seu meio; mas taes qualidades, em que muitos intencionalmente só respigam ridiculos e themas facciosos, affiguram-se-me, pelo contrario, altamente meritorias, devendo a ellas o imperio nipponico a surprehendente evolução dos seus progressos e a proeminente situação que occupa hoje na sociedade das nações.

Digamos de passagem o que seria inutil relembrar: que a imitação, exercida com mais ou menos habilidade e criterio, é um dote commum a todos os povos, providencialmente. Quando em um certo paiz se realisa um melhoramento qualquer de ordem material ou especulativa, do que os outros paizes tratam sem demora, se lhe reconhecem real proveito, é em imital-o, nacionalisal-o no seu meio. Quando o americano Fulton applica pela primeira vez o vapor á navegação, as demais nações do mundo civilisado não se quédam indifferentes perante o facto, esperando cada uma realisar tambem o seu invento no mesmo campo; do que cuidam todas é de aproveital-o, modificando-o embora, melhorando-o. E' assim a historia de todos os inventos.

Voltando ao Japão, imaginemos esta tribu estranha, que veio não se sabe d'onde, em todo o caso quasi barbara, invadindo as ilhas nipponicas, escorraçando para as regiões menos clementes os aborigenes, os ainos, sem duvida muito mais barbaros do que os japonezes. Isto passava-se em tempos remotos, de que apenas a lenda nos falla. Ora, dadas as condições aprazиveis e productivas do sólo e o seu isolamento geographico do resto do mundo, os japonezes poderiam ir medrando em

tal isolamento, desinteressados das civilisações de fóra, assemilhando-se em nivel social aos filippinos ou aos indigenas de Borneo. Não aconteceu, porém, assim. Parece que os povos aborigenes de uma dada região se comportam como os molluscos, que se agarram á rocha-mãe, sem outra ambição do que a de alli permanecerem em dòce immobilidade, só se conseguindo removel-os á força de pancadas, pelo aniquilamento, quebrando-lhes as valvas em que se abrigam. Com as tribus emigrantes dar-se-ha o contrario: adaptam-se embora ao paiz invadido, mas fica-lhes na intimidade psychica uma como que saudade inconsciente da patria abandonada, sentimento que se traduz em actividades estimulantes, proseguindo na senda aventureira, alongando a vista em torno, devassando os actos dos visinhos, apropriando-se dos seus progressos.

Esta qualidade eminentemente positiva, feita de energias effervescentes, que me parece commum a todos os povos nas condições que acabo de apontar, apresenta-se nos japonezes em uma grande intensidade incomparavel. Os japonezes, entrando cedo em contacto com povos de civilisação superior, comprehenderam com extrema lucidez que a civilisação faz a força e que um de dous caminhos se lhes

offerecia seguir; ou contentarem-se com o seu grau de inferioridade, o que implicava a ideia de sujeição ás tribus mais cultas, ou avantajarem-se a ellas, imitando-as nos seus processos, aperfeiçoando-os, melhorando-os, e por seu turno impòrem-se a ellas; um immenso e meritorio amor proprio fez-lhes adoptar sem hesitação o segundo caminho. N'estas palavras se resume, a meu vêr, o inteiro segredo da maravilhosa evolução d'este imperio no campo da civilisação occidental; não é, como alguem julga, que o japonez renegue os seus velhos costumes, as suas remotas delicadezas asiaticas; é a convicção de que se possuiu de que, para não ser escravo do Occidente, tem de apropriar-se da civilisação occidental, melhorando-a ainda, aperfeiçoando-a no que podér, para tambem dominar, ao lado dos primeiros Estados do mundo. E' curioso lembrar aqui o que succedeu á China: a China não procedeu como o Japão, a China não curou de adaptar-se á civilisação dos brancos; o resultado foi que os brancos, porque inventaram a polvora, lhe cuspiram nas cãs, sem o minimo respeito pela sua remotissima civilisação patriarchal e pela imponentissima massa dos seus 500 milhões de habitantes, unidos no mesmo crédo de ideias.

Mas voltemos ainda ao Japão, para não nos afastarmos mais do assumpto. As suas relações com a Coréa, da qual dista apenas algumas milhas, começaram cedo; e se dérmos credito á lenda indigena, no anno 200 da nossa éra a imperatriz Jingo dirigia em pessoa uma expedição armada contra aquelle paiz. Seguidamente, taes relações tornaram-se ainda muito mais activas; e a Coréa, que se achava n'aquelle tempo n'um grau de desenvolvimento muito superior ao do Japão, representou para este durante longos annos o papel de introductor da civilisação chineza.

O Nippon, primeiramente por intermedio da Coréa, depois directamente pela China, absorve em poucos seculos a inteira civilisação chineza, *imitando-a*, se a palavra mais agrada aos leitores, mas nacionalisando-a e elevando-a a um alto grau de cultura. A escripta chineza é adoptada no anno de 284 segundo a chronologia nipponica; seguidamente véem a medicina, as principaes obras de Confucius e de seus discipulos, a amoreira, o bicho da sêda, a arte de fiar e de tecer. Do seculo VI ao seculo VII, periodo em que se manifesta com mais vehemencia o ardor do transformismo, a religião budhista propaga-se no Japão, e com ella o calendario chinez, a

lingua, a litteratura, as artes, as sciencias, as industrias, o regimen burocratico. No anno de 628, quando morre a imperatriz Senko, o Japão está completamente remodelado á imagem do seu visinho continental; e isto tudo opera-se sem resistencias notaveis, sem opposições reaccionistas, n'um impulso unisono de todos os filhos do imperio, que querem aprender para serem fortes.

Passam os tempos. Em 1542, chegam a Tanegashima os primeiros europeus que pisam o Japão, tres portuguezes, que um forte temporal arroja ás praias do Japão em um barco de piratas. Os indigenas recebem-nos de braços abertos, curiosos d'esses sêres estranhos, que lhes pedem hospitalidade, inquirindo d'onde véem, em que se occupam, o que produz a sua patria longinqua. Recebem dos portuguezes as primeiras armas de fogo que viram, *imitam-nas* logo e em breve o artigo se torna popular; outros artigos nunca conhecidos recebem dos portuguezes, adoptando-os, e com elles muitos termos de linguagem, até hoje conservados no vocabulario. Este inicio de relações entre portuguezes e japonezes poderia ter sido para nós de uma immensa gloria e de um incalculavel interesse economico, e de igual interesse tambem para os japonezes, se uma

má orientação religiosa da nossa parte, que mal disfarçava um intimo desejo de absorpção, não viesse ferir a alma nipponica no sentimento que ella tem por mais sagrado — o patriotismo. Seguem-se as tremendas perseguições religiosas, bem conhecidas; em 1624, o Japão fecha as suas portas á christandade, permanecendo, por excepcional tolerancia, apenas os hollandezes, encerrados em uma ilha e sujeitos a humilhantissimo regimen; no entretanto, por intermedio dos mercadores hollandezes, continúa o Japão iniciando-se nas cousas do Occidente.

Em 1853, os americanos chegam a Yokohama, impondo por ameaças que o imperio do Sol Nascente se abra ao convivio mundial; não tardam representantes de outras nações; formulam-se tratados. Manifestam-se agora certas resistencias por parte dos japonezes, já precavidos contra os brancos; mas a evolução impõe-se fatalmente, a restauração imperial realisa-se em 1868 e o paiz enceta francamente o seu caminho pelo trilho das ideias modernas. O que o Japão realisou, n'estes ultimos 36 annos, sabe-se. No campo do trabalho ou das industrias, aprendeu tudo, imitou tudo; confessemos que ainda lhe cumpre aperfeiçoar-se, mas já creou uma industria

sua importantissima, que hoje se exerce de uma maneira brilhante, principalmente nos mercados orientaes. No ramo administrativo, no ramo de educação, nas sciencias, regista-se identica apropriação de ideias. Da efficacia que attingiram os seus elementos de defeza, do seu exercito, da sua marinha, é inutil discursar agora, quando no theatro do conflicto, batendo-se contra uma poderosissima nação europeia, se está cobrindo de glorias.

O Japão não inventa, admittamos, posto que se podéssem citar exemplos em contrario (o dr. Kiatasato descobre o microbio da peste, o dr. Shitose inventa um poderosissimo explosivo de guerra, etc.); o Japão não inventa, mas imita. Esta preciosa qualidade, que dispensa os intellectuaes das penosissimas locubrações de gabinete, que tanto definham o organismo, dá-lhes ao mesmo tempo a facilidade de selecção e o prazer de aperfeiçoar o artigo que lhe vem parar ás mãos. N'este paiz não ha um Edison, é facto; mas a luz electrica está divulgada em toda a parte, em cidades e aldeias, bem como o telegrapho, o telephonio e todas as applicações recentes da electricidade. Para não alongar mais este artigo e referir-me de preferencia a um assumpto agora mais em evidencia, consideremos o

que tem succedido com o exercito japonez: o Japão estudou todos os exercitos do mundo, colheu do allemão o que de melhor encontrou, fez o mesmo com respeito ao francez, ao inglez, ao italiano, etc.; assim obteve um exercito seu modèlo, considerado já por algumas auctoridades na materia como o melhor de todos os exercitos, o que as recentes occorrencias estão longe de desmentir.

Imitação, sim, mas prodigiosa e felicissima imitação, que em 36 annos transforma radicalmente um paiz e o eleva a um alto grau de prestigio. A sua antiga civilisação asiatica era bem mais delicada e talvez bem mais racional do que a nossa, e os japonezes são os primeiros a reconhecel-o; mas, se n'ella continuasse perseverando, o Japão seria hoje mui provavelmente uma simples colonia de qualquer Estado da Europa ou da America.

— Sacrifique-se a civilisação dos antepassados, mas salve-se a independencia da patria — foi a divisa moral que impelliu os japonezes nos seus progressos.

XV

31 de Agosto de 1904

Porto Arthur — A esquadra russa de Vladivostok — O cruzador «Rurik» — O desafogo que a população japoneza sentiu com a destruição do «Rurik» — O almirante Kaminura — O cruzador «Novik» — Ainda a batalha naval do dia 10 — O navio almirante «Mikasa» — Togo e a sua popularidade — Liao-Yang — Festas e celebrações — Costumes japonezes — O consulado portuguez em Kobe.

Na hora presente faltam absolutamente noticias referentes a Porto Arthur, o que quer dizer que o terrivel porto militar ainda se encontra em poder dos russos. Annunciava-se já ha dias a sua queda como imminente; mas o tempo vai passando, sem outras diversões á impaciencia nipponica do que os preparativos festivaes para a commemoração do grande acontecimento que se espera. O que se póde concluir de toda esta demora é que a tarefa é durissima para os japonezes, e que os russos, nas poucas milhas de terreno de que ainda dispõem, téem concentrado uma resistencia desesperada, minando ao mesmo tempo o sólo, dispondo-se, emfim, para fazerem pagar bem

cara ao inimigo a sua enorme audacia. No entretanto, Porto Arthur ha-de cahir; segundo todas as supposições, do que os generaes japonezes cuidam n'este momento é de poupar quanto possivel as vidas dos seus bravos soldados, avançando com mil cautelas antes de se travar o tremendo assalto.

Com a esquadra russa, mercê do alto valor do almirante Togo, é que pouco haverá ainda a contar nos futuros episodios da guerra. A batalha naval de 10, proximo de Porto Arthur, e a de 14 nas visinhanças de Tsushima, acabaram de desbarata-la. Encontram-se agora ao abrigo de Porto Arthur uns cinco ou seis grandes navios, avariados e provavelmente desartilhados; a sua destruição completa corresponderá á quéda de Porto Arthur. Em Vladivostok acham-se o «Rossia» e o «Gromovoi», arruinados pelo fogo da esquadra de Kaminura, mas certamente susceptiveis de reparações, ás quaes se deve estar procedendo, parecendo que o «Bogatyr», que ha tempos encalhou perto de Vladivostok e se suppunha perdido, foi reparado e poderá de novo entrar em combate. O que é, pois, ainda possivel é que dentro de algumas semanas os navios de Vladivostok, com o «Rurik» de menos e o «Bogatyr» a mais, tentem reno-

var as suas *razzias* ao longo da costa do Japão, com gravissimo prejuizo não só dos japonezes, mas de todo o commercio neutral; mas então, devemos crêr, Togo estará desembaraçado do bloqueio de Porto Arthur, o que lhe permittirá impedir efficazmente taes excursões e assegurar o livre commercio nos mares do Japão.

A'cerca do resto da esquadra russa, recordemos que na batalha naval de 10 se perderam o «Pallada» e alguns pequenos barcos; que os japonezes apresaram um *destroyer* em Chefu, que um cruzador e um *destroyer* se abrigaram no porto allemão de Kiaochau, onde desarmaram em conformidade com os usos das nações neutraes; que o mesmo deverá succeder ao cruzador «Askold» e a um *destroyer* refugiados em Changhae; que o «Rurik» foi totalmente destruido em 14 pela esquadra de Kaminura. Com respeito ao «Diana», que se disse estar em Saigon, nega-se agora a noticia, ignorando-se o seu paradeiro. Por ultimo, ha a registar o boato de que uma canhoneira russa, do typo «Otrasjny», e o *destroyer* «Sebastopol» foram pelos ares cerca de Porto Arthur, ao tocarem em minas submarinas, e que o bello cruzador «Novik» foi destruido pelos navios japonezes. Como se vê, é longa

a lista dos desastres recentes da esquadra do czar.

A destruição do «Novik» constitue o grande acontecimento d'estes ultimos dias. Este barco, o unico que se mostrou aggressivo e dirigido por mão intelligente durante os diversos combates travados nas visinhanças de Porto Arthur desde o comèço das hostilidades, conseguira romper o bloqueio na batalha de 10 e fugir para o mar largo, imaginando-se que teria ganhado a salvo o porto de Vladivostok. Mas não succedeu assim; passando ao Pacifico, dirigiu o seu rumo ao norte, dobrou depois o difficil estreito de Soya, que separa as terras do Japão da ilha russa de Saghalien, abrigando-se depois n'uma bahia d'esta ilha de modo a esperar ensejo favoravel para alcançar Vladivostok; mas os cruzadores japonezes «Chitosse» e «Tsushima» déram por elle em tal bahia, atacando-o e destruindo-o completamente. O «Novik» fòra construido ha quatro annos, segundo os planos do mallogrado almirante Makaroff; possuia tres helices, tinha um deslocamento de 3:100 toneladas e uma excellente marcha de 25 milhas por hora; era um magnifico barco.

Ainda com respeito ao «Rurik», cuja

perda desastrosa fez reviver a popularidade do almirante Kaminura, abalada pelas recentes infructiferas perseguições que déra aos navios de Vladivostok, ha algumas curiosas referencias a fazer. Registe-se em primeiro logar que as guarnições dos tres navios russos se portaram denodamente na batalha de 14; o «Rurik» foi desde o principio do combate o que mais soffreu; os seus companheiros, «Rossia» e «Gromovoi», trataram em vão de lhe prestar a possivel assistencia, expondo-se mais por tal facto ao vivo fogo do inimigo, e só se retiraram da scena quando o «Rurik» se ia submergir; os artilheiros d'este conservaram-se a postos e fazendo fogo até ao ultimo momento, isto é, até a agua subir ás cobertas.

O «Rurik», responsavel pelo maior numero dos recentes desastres occorridos aos paquetes japonezes nos mares do Japão e pelo maior numero de perdas de vidas dos tripulantes dos mesmos barcos, fòra o navio almirante da esquadra russa do Extremo-Oriente em 1895, isto é, ao terminar a guerra entre o Japão e a China; e foi tal esquadra que, graças ao subito accordo entre a Russia, a Allemanha e a França, se apresentou arrogante em Chefu, decidida a convencer por qualquer modo os

japonezes a abandonarem o que lhes fôra cedido pela China, Liaotung com Porto Arthur; diz-se mesmo que, se não fôra a attitude prudente e reservada do almirante francez de Beaumont, a esquadra russa, reforçada com os seus alliados de occasião, teria então cahido sobre a insignificante esquadra nipponica d'aquella época, esmagando-a sem ceremonia. Com taes precedentes, imagine-se com que intima alegria os japonezes receberam a noticia de que o «Rurik» havia desapparecido para sempre no seio das aguas! . . . No entretanto (diga-se isto em abono do caracter d'estes asiaticos), na occasião da catastrophe, os japonezes salvaram mais de 600 naufragos do «Rurik»; e quando ha poucos dias estes prisioneiros entraram no Japão e foram recolhidos nas casernas que lhes eram destinadas, o povo, reunido em multidão para vêl-os, recebeu-os com benigno acolhimento. Nem todos os povos do Occidente dariam, em occasião tão especial, provas assim distinctas da sua urbanidade.

— Contam os jornaes japonezes que durante a grande batalha de 10, o inimigo concentrou o seu fogo sobre o «Mikasa», que arvorava o distinctivo do almirante Togo, commandante da esquadra nipponica; isto deu em

resultado que só a bordo do «Mikasa» cerca de 100 homens, entre officiaes e marinheiros, foram mortos ou feridos. Togo pessoalmente, nada soffreu; mas ao terminar a batalha, quando os officiaes o felicitavam pela sua boa fortuna, notou-se no fato que vestia estragos devidos a fragmentos de projectis.

O povo começa acreditando que o seu querido almirante, graças a um milagre qualquer, é invulneravel. D'este distinctissimo marinheiro, talvez até agora o vulto mais em evidencia da presente campanha, espero poder apresentar aqui em breve algumas notas biographicas.

—Noticias da ultima hora, ainda mal precisas, dão conta de varios encontros a suéste de Liao-Yang, entre as tropas russas e as forças de Kuroki e de Oku, ficando os japonezes victoriosos e occupando Anping, a 12 milhas de Liao-Yang, após um renhido combate, que durou desde o dia 24 até 26. Parece, pois, que a grande batalha, ha muito prevista, se prepara ou já se está travando, a despeito dos continuos esforços do general Koropatkine, que tem sempre cuidado de evital-a, retirando successivamente para o norte. D'esta vez, diz-se mesmo que os japonezes acabam de destruir as pontes e a linha

ferrea entre Liao-Yang e Mukden, o que, a confirmar-se, torna materialmente impossivel tal retirada. Nada prophetisamos ainda; mas, se os nipponicos se apossam de Liao-Yang e esmagam o exercito de Kuropatkine, o golpe será terrivel para o prestigio da Russia, sem já fallar no prestigio pessoal do famoso chefe, em quem o governo do czar depositou todas as suas esperanças.

— A guerra não affecta naturalmente o calendario, e as festas e celebrações vão succedendo com a rotineira precisão de todos os annos.

Ainda ha pouco, no dia 7.º do 7.º mez (antigo calendario lunar), solemnisava-se *Tanabata*, uma historia de amores de estrellas. O Pastor é uma estrella da constellação da Aguia, a Tecelã é a estrella Vega, achando-se separadas pelo Rio do Céu, que é a *Via Lactea*. Tão occupada estava sempre a Tecelã em tecer os vestidos para a familia do Imperador do Céu, que de todo lhe faltava o tempo para adornar sua pessoa. O Imperador, por fim, condoído da sua solidão, deu-lhe um marido, o Pastor, que habitava a margem opposta da ribeira; e lá foi ella reunir-se ao bem amado. Aconteceu então que a Tecelã começou a mostrar negligencia em seu mister, o que irri-

tou o Imperador do Céu e o decidiu a fazel-a voltar ao antigo pouso, ordenando que uma só vez em cada anno, no 7.º dia da 7.ª lua, os esposos se reunissem. Eis, pois, a explicação da festa, decorando-se em tal dia todas as casas com verdejantes hastes de bambú, d'onde pendem fitas de papel com inscripções poeticas. Está averiguado que, quando chove e o tempo se entrovisca, o Rio do Céu se torna innavegavel, o que faz adiar por mais um anno o encontro feliz dos dous amantes; d'esta vez, a julgar pelo tempo radioso que fazia onde me acho, não houve estorvo aos beijos e aos abraços, sob o còlmo do albergue ornado em gala, trocados entre o Pastor e a Tecelã. . .

Seguidamente, de 13 a 15 (tambem pelo antigo calendario), foi a festa dos mortos, chamada *Bom*. Na noute de 13, teem por habito as almas dos defuntos abandonar as campas e virem fazer companhia a seus parentes, no seio das familias; na noute de 15, recolhem novamente ao triste pouso. Ora, dada a proverbial amabilidade japoneza, imaginem como esta gente anda occupada indo buscar ao cemiterio as almas, conduzindo-as a casa, alli offerecendo-lhes refrescos e manjares e reconduzindo-as finalmente ás campas respectivas! . . . Para se festejar tão estranhos hospe-

des, vestem-se as melhores roupas, adorna-se a casa com lanternas e com flôres, queimam-se incensos; em muitas aldeias, rapazes e raparigas entregam-se a curiosas dansas, o *Bom-odori*.

Na China, os mortos tambem dão que fazer em determinados dias, em que as almas tambem excursionam. Mas alli chora-se, as carpideiras soltam lamentosos brados; aqui ri-se, eis a differença.

— E' de notar que a imprensa japoneza raras vezes se deleita em artigos de politica desbragada, tão vulgares de encontrar nos jornaes do Occidente, nos nossos por exemplo, para não irmos mais longe. Assim como a pintura ingenua d'este paiz se apraz em chimeras, em esboços singelos de aves e de insectos pousando em ramagens de bambú, assim tambem os jornaes nipponicos preferem ás grandes tiradas de politica tenebrosa os assumptos pueris, as divagações ingenuas, por vezes as besbilhotices innocentes. Como especimen d'este ultimo genero, lembro-me de transcrever aqui um artigo apparecido ha poucos dias no jornal japonez *Kobe Yushin Nippo*, artigo que particularmente poderá interessar os leitores, por se tratar de referencias a estrangeiros. O artigo em questão intitula-se «Traços sobre os consules de Kobe» e é do theor seguinte:

«O vice-consul inglez snr. Griffiths acha-se doente no Canadá, devendo voltar em setembro; outro individuo o está substituindo. O consul americano snr. Lyon está doente desde março; esteve por algum tempo n'uma casa de saude, mas já regressou ao seu domicilio, sendo provavel que se retire em breve para a America. O consul francez snr. Fossaréeu tambem se acha doente, acabando de passar alguns dias na estação thermal de Arima, para onde voltará em breve. O consul allemão snr. Krien conserva-se em Kobe. O consul de Portugal snr. Moraes está agora accumulando as funcções de consul de Italia; o seu consulado encontra-se agora estabelecido n'uma casa nova. O consulado mais distante do porto é o da Hollanda.

«Os consulados que ficam mais cerca do porto são os da Inglaterra, da Belgica e da Allemanha, este n'um sumptuoso edificio de tres andares, onde, pelo conforto que offerece, os consules se reunem de preferencia quando téem de tratar de algum assumpto.

«No consulado portuguez encontram-se, entre varias curiosidades, algumas pinturas chinezas e japonezas, um canario n'uma gaiola e salamandras n'um vaso de vidro cheio de agua; o consul é homem estudioso.

«O antigo consul russo, snr. Wassilieff, agora em S. Petersburgo, era, quando aqui se encontrava, o mais preguiçoso de todos os consules: levantava-se ás 11 horas e meia da manhã. No consulado chinez offerece-se, invariavelmente, chá a cada visita. Os consules que se entregam simultaneamente á profissão commercial, são os da Belgica e do Chili...»

Pelo que mais particularmente interessa o nosso paiz, é facto que raro se vê, no porto de Kobe, como nos outros portos japonezes, um navio de guerra portuguez; o nosso commercio com o Japão é, por agora, quasi nullo, embora susceptivel de prosperos progressos. Emfim, temos aqui um consul; e consolemo-nos com a ideia de que, graças ás pinturas, ao canario e ás salamandras de sua senhoria, o nome glorioso de Portugal não foi ainda de todo esquecido n'estas paragens longinquas, por onde ha tres seculos, pouco mais ou menos, transitou Fernão Mendes Pinto.

XVI

27 de Setembro de 1904

Os acontecimentos — Liao-Yang; batalha de dez dias — Os enthusiasmos da Europa pelo Japão; o seu esfriamento; varias causas — Retirada dos russos — As chuvas — Porto Arthur — Japão e Coréa — A emigração chineza por Macau — Um episodio.

Depois da minha ultima carta, escripta ha bastantes dias, importantissimos acontecimentos se passaram, já a estas horas por certo profusamente relatados nos jornaes da Europa, mercê da faina incessante do telepraphо. Eu bem dizia aos leitores d'estas correspondencias, logo após o rompimento do conflicto, que ellas não queriam e não podiam mesmo aspirar a ter um interesse rigorosamente actual; limitando-se a simples commentarios, escriptos ao correr da penna e ao capricho das horas vagas, dos factos succedidos e sabidos. Sahem do Japão para Portugal, rabiscadas muitas vezes, no momento em que soam fanfarras jubilosas commemorando a

ultima victoria, ou quando os garotos vão berrando o popular estribilho: — *Nippon katta, Nippon katta! Rosia makimashita!* . . . (o Japão vence, o Japão vence! a Russia vai perdendo! . . .) — E eis o seu unico merecimento.

Ia-se contando como imminente a queda de Porto Arthur e para tal já se preparavam activamente estrondosos festejos; e por fim é Liao-Yang que cahe primeiro nas mãos dos japonezes, reclamando para si os regozijos! . . . Caprichos do destino. Após uma série renhidissima de sangrentos combates, que duraram dez dias, Liao-Yang é tomada de assalto pelos nipponicos no dia 4 de setembro, á custa de durissimas perdas de vidas dos dois lados. Kuropatkine, derrotado, foge com o seu exercito para o norte, em direcção a Mukden, abandonando ao inimigo sóbra de provisões e de material de guerra. Calcula-se, por alto, que as forças de cada belligerante orçariam por uns 200:000 homens; esta batalha de Liao-Yang póde francamente classificar-se como uma das maiores dos tempos modernos.

— Sabe-se por cá que foi intensa a admiração mundial por este povo de heroes, que ha algumas semanas apenas desbaratava pelo mar e reduzia a miseravel ruina a esquadra russa, inflingindo poucos dias depois por terra uma

tremenda derrota ás enormes forças do famoso generalissimo do czar. No entretanto, sabe-se tambem que uma parte da imprensa europeia, incluindo a ingleza, esfriou agora nos seus enthusiamos pelos nipponicos. Duas causas terão concorrido principalmente para isto. Uma deve estar no resentimento dos correspondentes da imprensa estrangeira acompanhando as tropas japonezas, de ha muito descontentes por se lhes não permittir livre besbilhotice no campo de batalha, e agora, alguns d'elles, em férias nos portos da China, fóra da tutela nipponica, vingando-se em expedirem telegrammas azedos derivados do seu mau humor. A outra causa reside mesmo no espirito das massas, dispostas naturalmente ao exaggêro, contando vêr na annunciada batalha de Liao-Yang uma segunda Sedan, em que os japonezes envolveriam o inteiro exercito de Kuropatkine, forçando-o a render-se em peso, seguindo-se o fim da guerra. Não se deve sonhar o impossivel. O que é facto é que, no campo do supremo arrojo e da pericia das armas, os japonezes acabam de realisar tudo o que humanamente lhes era possivel fazer. Para editarem uma segunda Sedan, precisariam elles dispôr de forças muito mais numerosas e que estas se

encontrassem relativamente folgadas, não exhaustas como estavam após dez dias — dez dias! — de continuos combates. Registe-se sinceramente que os russos se bateram com grande valentia, defendendo a todo o transe a cidade que fortificaram durante longos mezes e escolhida por Kuropatkine como base de operações. Registe-se que os japonezes, com forças proximamente iguaes ás russas, quando tão monumental empreza reclamava maior numero, se bateram com a maior bravura (*fanatismo*, segundo os russos), vencendo os mil obstaculos que as fortificações lhes offereciam, arvorando finalmente o pavilhão do Sol Nascente em substituição do inimigo na cidade manchu, tão vivamente disputada. Em resumo, registe-se de um lado uma grande victoria e do outro lado uma grande derrota, esta embora sem o completo aniquillamento do vencido, por que os russos podéram realisar uma perfeita retirada, se bem que á custa de grandes perdas, achando-se ainda em condições de continuarem hostilidades.

Admittamos, pois, sem reticencias, a retirada russa, louvando até, se tanto fôr preciso, a forte sciencia estrategica de retiradas, de que tem dado sobejas provas na presente campanha o general Kuropatkine; isto a

ponto de ter já merecido de um jornal americano o seguinte commentario: — «que por este andar se apresentam grandes probabilidades para que Kuropatkine vá comer o seu jantar do Natal d'este anno em S. Petersburgo...» — Houve uma retirada, uma escapada; os russos não se renderam, como os japonezes evidentemente o desejariam, embora sem duvida não contassem com tal desfecho. Mas não regateemos as grandes vantagens que os mesmos japonezes alcançaram com a tomada de Liao-Yang, importantissima cidade chineza; vantagens de ordem moral e ordem prática, bastando citar a de alli poderem invernar, com todo o conforto requerido, as tropas do Japão, n'uma possivel suspensão de hostilidades com que se talvez deva contar. Dar-se-ha em breve uma subsequente batalha em Mukden? E' possivel, e até repetidas escaramuças, que se travam, agora o fazem prevêr; mas tambem é possivel que Kuropatkine a ella se furte e trate de aquartelar-se em Karbin.

Em todo o caso, as chuvas já começam na região, inutilisando os caminhos; bem depressa virão os frios e as neves; o inverno, que falla mais alto do que as ambições humanas, vai suspender a campanha. Uns, raros, crêem, porém, que chegaram já enor-

mes reforços ao exercito russo e que soou a hora da desforra, como se saberá em breves dias; duvido eu. . .

— De Porto Arthur é que nada se sabe, continuando aqui a prohibição de qualquer noticia que se lhe refira.

Suppõe-se que se teem repetido os ataques e que os russos e japonezes teem soffrido sérias perdas; o que haverá decidido estes ultimos a mostrarem-se mais prudentes e pacientes, aguardando melhor ensejo para um ataque geral, do qual lhes resulte a posse de Porto Arthur. E' notorio que esta praça de guerra se acha poderosissimamente fortificada; por outro lado, a sua guarnição russa, commandada por um general energico e sem a minima esperança de soccorro exterior ou de opportunidade de escapar-se, rompendo o cordão que a cérca, tem-se exercitado em brios guerreiros, disposta a combater até á morte.

Todas estas circumstancias tornam difficilimo o ataque geral, não devendo, porém, restar duvidas de que os japonezes saberão dal-o em momento conveniente, tirando d'elle todo o proveito requerido, embora com grande sacrificio de vidas. Aguardemos pacientemente os acontecimentos.

— Annuncia-se concluido um novo accordo entre o Japão e a Coréa, que se resume em uns poucos artigos, certamente de effeito provisorio, pois o Tratado definitivo só poderá ser feito depois da guerra. Pelo actual accordo, a Coréa obriga-se a contratar como conselheiro diplomatico em materia de finanças um subdito japonez, recommendado pelo governo do Japão, bem como um outro conselheiro diplomatico, *estrangeiro*, em materias de politica exterior, igualmente recommendado pelo mesmo governo; tambem se obriga a consultar préviamente o governo do Japão antes de concluir Tratados ou convenções com as potencias estrangeiras, e outros importantes negocios diplomaticos, como grandes concessões ou contratos com estrangeiros.

Como se vê, o Japão não se demora em aproveitar-se da sua situação para impôr ao visinho os seus designios e restringir-lhe os direitos de paiz que se diz independente.

As condições actuaes da Coréa, chamada irrisoriamente *um imperio*, e o que se deve esperar ainda, mereceriam sincera piedade do observador imparcial, se não se tornassem evidentes o cahos interno em que labuta e a miseria irremediavel do povo entregue á sua simples iniciativa; por outro lado, a posição

geographica da Coréa, tornando-a a chave do mar do Japão, desenvolve taes cobiças, que fatalmente este paiz em decadencia deverá soffrer o jugo dos russos ou dos japonezes; sejam, pois, os japonezes, como a solução mais justa do problema.

— Ha poucos dias, um dos mais bem conceituados jornaes inglezes do Japão dava publicidade, em artigo de fundo, a um interessante episodio da historia da emigração chineza feita por Macau, no qual figurava o governo japonez; concluindo o articulista que fôra o Japão que déra o golpe de misericordia n'este trafego deshumano, que tanto desenvolvimento attingiu, n'uma determinada época, na nossa colonia asiatica. O episodio deve ser conhecido de poucos, e por isto aqui o reproduzo em resumo, pois creio que poderá interessar os leitores.

Foi a partir de 1848 que começou o chamado trafego dos *culis* em Macau, arrebanhando-se por todos os meios, geralmente pela violencia, os pobres chinezes do interior e expedindo-os contra sua vontade para Cuba, Perú e outros pontos; calcula-se que annualmente eram assim expatriados uns 13:000 individuos. Em 7 de julho de 1872 chegava a Yokohama a barca peruviana «Maria Luz», a

fim de reparar avarias causadas por um forte temporal que apanhára no mar largo; a «Maria Luz» trazia a seu bordo 232 chinezes emigrantes, embarcados em Macau e destinados ao Perú, os quaes, tendo em vista as largas dimensões da barca, vinham relativamente em satisfactorias condições de conforto. Constava, porém, que os *culis* eram muito mal tratados. Uma certa noute, de bordo do navio de guerra inglez «Iron Duke», surto no porto, foi visto um *culi* fugindo da barca e nadando para terra; apanhado e conduzido a bordo do «Iron Duke», fez declarações do mau tratamento de que era victima; levado ao consul inglez, este por seu turno enviou-o ás auctoridades japonezas, que o mandaram entregar ao capitão da barca, o tenente Herrera, da marinha de guerra peruviana. Passados alguns dias, dava-se scena igual com outro chinez, pelo qual se sabia que o primeiro fugitivo fôra barbaramente punido ao regressar a bordo. Ao corrente d'estas informações, as auctoridades japonezas intimaram o tenente Herrera a apresentar-se ao governador de Yokohama, concluindo-se do seu depoimento e de outras pesquizas que os emigrantes recebiam os mais duros tratos, que todos haviam embarcado á força e que nenhum d'elles desejava seguir

para o Perú. Com a mais louvavel energia, o governo japonez mandou desembarcar todos os *culis*, informando do caso o governo chinez, que não tardou em enviar ao Japão um seu delegado, com a dupla missão de agradecer tão humanitario serviço e de reconduzir á China os pobres emigrantes. Em resultado de tudo isto, os governos inglez e chinez decidiram que nenhum navio suspeito de fazer o trafego dos *culis* poderia dar entrada em qualquer porto das duas respectivas nações; no anno seguinte, o proprio governo portuguez declarava o trafego illegal. Quanto ao Perú, suppòz-se por algum tempo que viria ao Japão algum navio d'aquella republica tomar satisfação do succedido, mas tal não aconteceu, sendo a questão, porque houve uma questão, decidida em favor dos japonezes, por arbitragem do imperador da Russia.

O artigo citado deu logar a uma carta assignado por um J. C. H., igualmente interessante, publicada no mesmo jornal, dias depois, na qual o seu auctor se associava em prestar inteiro culto ao procedimente dos japonezes, mas queria para a Inglaterra a gloria de ter conseguido pôr termo á emigração chineza feita por Macau.

No outomno de 1871, isto é, alguns mezes

antes do caso da «Maria Luz», a barca «Dolôres Ugata», ou outra parecida, levava de Macau para o Perú um carregamento de *culis*, fechados debaixo de escotilhas, como de ordinario. N'um momento opportuno, os prisioneiros quebram os seus grilhões, matam o capitão, os officiaes e a guarnição e conseguem abordar um certo porto da China, onde desembarcaram, alcançando as suas aldeias. O caso tornou-se conhecido e o governo de Macau requisitou do de Hong-Kong a captura e entrega de alguns dos taes chinezes refugiados na colonia ingleza, um por nome Kwck-A-Ling, que foi apanhado; ia ser entregue como assassino, quando, bem aconselhado por alguns amigos, appellou para a justiça ingleza, no intuito de desculpar o seu procedimento em defeza da propria liberdade. Em tão boa hora o fez, que o juiz, estudando e fazendo uma publica exposição da emigração chineza feita por Macau, condemnou-a como um trafego de escravos e pôz em liberdade o accusado. Na opinião do correspondente foi, principalmente, este caso, embora reforçado pelo da «Maria Luz», que motivou a suppressão do trafego dos *culis* por Macau.

Ambos estes factos, a meu vêr, merecem registo, sem comtudo se dever tirar d'elles a

conclusão que parece intencional nos auctores dos dois artigos, tendente a tornar patente a dureza dos nossos costumes e ao mesmo tempo a acção humanitaria dos inglezes. Isto de humanitarismo, meus caros leitores, é uma historia muito complicada; e sobre o assumpto valeria a pena fazer algumas considerações, se o espaço me sobrasse, a proposito da emigração chineza que se inicia agora no mesmo porto de Hong-Kong para a Africa do Sul, em condições mais decorosas em apparencia, como exige o seculo xx em que vivemos, mas nem por isto sensivelmente mais benevolentes do que a emigração exercida, ha cerca de quarenta annos, na cidade do Santo Nome de Deus de Macau...

No entretanto, o assumpto presta-se ao seguinte commentario: se, na historia colonial moderna, Portugal occupa um logar distincto pelos seus honestos e incessantes esforços exercidos na região africana, sem já fallarmos da America; na Asia, no Extremo-Oriente, na sua colonia de Macau, os seus esforços não teem sido sempre igualmente meritorios; mas urge que faça em breve esquecer alguns transes da sua administração, nem sempre muito escrupulosa, firmando o seu credito por novas medidas de sã actividade, desenvolvendo o

commercio livre, melhorando as condições sociaes d'esta velha reliquia que se chama Macau, digna de melhor fama de que a de que goza actualmente.

XVII

28 de setembro de 1904

As attenções que se prestam hoje ao Japão — Referencias á geographia do Japão — Um rosario de ilhas — As que comprehende o Japão actual — O paiz japonez occupando o centro de uma importantissima zona de actividades humanas — Os principaes systemas de montanhas do archipelago japonez, os seus rios e lagos — Phenomenos geographicos — Considerações sobre a área do imperio, clima e população.

ORA, diga-se aqui muito á puridade que ha alguns mezes, ahi na Europa, ninguem pensava no Japão. Hoje, o Japão está na bòcca de todos e occupa longas columnas de jornaes e de revistas. Prova isto, embora se apregòe a indole pacifica e civilisadora do seculo em que vivemos, que as qualidades destruidoras, isto é, negativas, do povo japonez, fizeram mais em poucos mezes do que em algumas dezenas de annos os seus dotes constituitivos, laboriosos, emprehendedores, isto é, positivos. Pois seja assim. Mas parece-me que é já tempo para que a Europa

dedique mais detida attenção ao que é o Japão, sob o ponto de vista da sua situação natural, e ao que são os japonezes, como povo eminentemente emprehendedor, organisador, dotado de magnificas energias e de dedicadissimos sentimentos. N'esta ordem de ideias e no intuito, talvez immodesto, de despertar nos leitores portuguezes o amor do estudo por taes assumptos, apresento hoje aqui umas mui rapidas referencias á geographia do Japão, expostas como simples palestra; feliz me julgarei se, á curiosidade excitada, succeder o desejo de consultar obras de merito, não escassas nas litteraturas estrangeiras.

— Em face do vastissimo continente asiatico, constituido por massas compactas e offerecendo á vista fórmas cheias e espessos contornos, estende-se um longo rosario de elegantes e rendilhadas ilhas, partindo de Alaska e terminando no archipelago malaico. Uma secção d'este longo rosario, a parte que defronta com a Siberia e a China septentrional, é o actual imperio do Japão. Este imperio descreve tres curvas de quasi igual grandeza, lembrando uma haste de vinha em ondulações graciosas; offerecendo a costa asiatica o curioso phenomeno de acompanhar parallelamente taes ondulações. — « A fórma do nosso inteiro archi-

pelago, diz enthusiasticamente (e orgulhosamente) um escriptor indigena, a cujos estudos geographicos recorro para este trabalho, é a de uma enorme vaga do oceano, que viesse açoutar as praias do antigo mundo!»

O Japão actual comprehende cinco grandes ilhas: Honshû ou Hondo (a que os estrangeiros chamam algumas vezes Nippon), Shikoku, Kyûshû, Hokkaidò ou Yeso e Taiwan (Formosa), cedida esta ultima pela China em 1895, depois do tratado de paz. A estas cinco ilhas devem juntar-se: as ilhas de inferior grandeza Sado, Oki, Iki, Tsushima e Awaji; os archipelagos dos Pescadores (tambem cedidos pela China), de Chishima, Ogasowara (as ilhas Bonin), e Okinawa (as ilhas Loochu, as Lequios dos nossos navegadores); finalmente, mais de seiscentas ilhas de pequenas dimensões. A parte mais ao norte do imperio é o extremo norte da ilha de Araito nas Kurilas, cuja latitude é de 50°56'; a parte mais ao sul é a ponta sul de Taiwan, em latitude de 21°43'. Com respeito á longitude a ilha das Flòres, nos Pescadores, situada em 119°20' E. G., marca o extremo occidental; a ilha Shumushu, nas Kurilas, e em 156°32' E. G., marca o extremo oriental.

Considerando o Japão, propriamente dito,

formado pelas quatro primeiras grandes ilhas que enumerei, as quaes, por assim dizer, lhe dão a estructura, temos ao norte o Hokkaidô, separado da ilha Saghalien (hoje russa e anteriormente japoneza), pelo estreito de Soya ou de La Pérouse; segue-se para o sul o Hondo, a maior das quatro ilhas, separada do Hokkaidò, pelo estreito de Taugaro; Hondo estende-se primeiramente n'uma direcção norte-sul; depois inflecte-se para oéste em recortes caprichosos; da sua extremidade sul avisinham-se Shikoku e Kyûshû deixando no meio um espaço livre, que é o mar interior do Japão, povoado de pequenas ilhas e de uma belleza incomparavel.

— De um lado do Japão estende-se o Oceano Pacifico; do lado opposto, o mar do Japão. Privilegiadamente bem fadado, o paiz japonez occupa o centro de uma importantissima zona de actividades humanas, ficando-lhe a léste a rica America, com cujos principaes portos mantém muitas linhas de communicação maritima, e para oéste a costa da China e ainda a peninsula coreana, que dista de Nagasaki e de Shimonoseki apenas poucas horas de viagem, e tambem Hong-Kong, o grande emporio colonial inglez; para o sul ficam as Filippinas, Java e as Indias Neerlandezas, a Australia.

O archipelago Japonez é essencialmente montanhoso, sendo comparativamente raras as extensas planicies; só no Hokkaidò algumas se encontram de regulares dimensões. O paiz é caprichosamente accidentado por successivas elevações de terrenos, cobertas em geral de densas florestas e separadas por valles profundos adaptados ás culturas, predominando o arroz, que os innumeros cursos dos rios e das ribeiras, dirigidos pela mão do homem, irrigam de uma maneira admiravel. Os variaveis cones, de formação vulcanica, espalhados profusamente, concorrem para dar á paizagem o seu caracteristico encanto.

Dois principaes systemas de montanhas se observam no Japão. Um é o chamado systema do norte ou de Saghalien, tendo a sua origem na ilha do mesmo nome, passando ao Hokkaidò, onde se divide em varias ramificações subsidiarias tomando depois uma direcção sudoéste e penetrando no Honshû pela sua costa do norte; no Honshû e na sua parte central encontra-se e choca-se com o segundo systema, chamado do sul, produzindo-se um verdadeiro conflicto de estructuras.

Este segundo systema, o do sul, ou da China, ou ainda de Kunglung, tem o seu inicio nas cordilheiras de Kunglung, na China,

continúa-se pelo mar até á Formosa, apparece no Japão em Kyûshû, após em Shikoku, para depois ir reunir-se aos massiços alpinos da grande ilha central. A este ponto de reunião concorre tambem um terceiro systema menos extenso, que atravessa o Honshû e se prolonga até ás Mariannas, dando no Japão origem á sua mais alta e famosa montanha, o Fuji.

O monte sagrado do Fuji, marca distinctissima de navegantes, thema favorito de poetas e de pintores, é um vulcão, hoje extincto, elevado de 3:780 metros sobre o nivel das aguas, com a sua crista coberta de neves quasi constantes e de uma belleza de perfil indescriptivel, posto que extremamente popularisado pela arte.

O systema do Fuji, embora de curto desenvolvimento, tem na historia geographica do paiz uma importancia capital, dividindo-o em duas partes distinctas, septentrional e meridional, que se differenciam pelo clima, pelas culturas e mesmo pelos costumes dos habitantes, constituindo uma verdadeira barreira á evolução, o que fez que, de tempos remotos, predominasse, de um lado, a influencia da côrte de Kyoto, e de outro, a influencia de Shogun.

Os rios no Japão são de curto curso, o que facilmente se explica pela orientação das montanhas, que correm de norte a sul, e pela pequena extensão do sólo no sentido de léste-oéste; da mesma circumstancia deriva o facto de se encontrarem na estação sècca muitas vezes quasi sem agua, transformando-se em torrentes impetuosas durante a épocha das chuvas. Taes como são, prestam em todo o caso relevantes serviços ao systema das communicações internas, como o rio Yodo, o rio de Osaka; e mostram-se de uma complacencia providencial em virem refrescar os campos de cultura, os vastissimos arrozaes por exemplo, que constituem o principal alimento do povo.

Em assumpto de lagos, o Japão offerece ao estudioso toda a escala de phenomenos naturaes que dão origem á sua formação. Assim, encontram-se os lagos provenientes do abaixamento do nivel do sólo, derivado de perturbações seismicas e vulcanicas; tal é o formoso lago Biwa, que mede 12 milhas na sua maior largura, 39 milhas no seu comprimento, com uma circumferencia de 178 milhas, tão conhecido dos *touristes*. Encontram-se outros lagos constituidos nas crateras de extinctos vulcões e por conseguinte muito eleva-

dos sobre o sólo, como urnas gigantescas trasbordando de agua, apoiadas sobre altos pedestaes; o lago Chùsenjé, perto de Nikko, a 4:296 pés acima do nivel do mar, entra n'este grupo. Finalmente, outros lagos, como o Kasumiga-ura, provéem do retrahimento do Oceano, deixando a sècco o antigo leito, excepto nas depressões casuaes.

Um outro phenomeno geographico muito interessante no estudo d'este paiz é o concernente á linha da costa e sua respectiva ondulação. Estes dados constituem factores das energias e da prosperidade de um povo. Quanto maior é a linha da costa em proporção á área, quanto mais notaveis são as suas evoluções, que se traduzem em golfos, em bahias de abrigo e em portos de commercio, tanto mais activo é o povo, tanto mais progridem as industrias. Ora, no Japão, estes factores são notabilissimos, sendo a sua linha de costa de cerca de 10:814 milhas para uma área total de 161:290 milhas quadradas, o que dá em media um *ri* ou 2,44 milhas por cada 22 milhas quadradas. As estatisticas dão a ilha de Shikoku offerecendo proporcionalmente maior linha de costa, isto é, mais angras e portos; seguindo-se-lhe por sua ordem Kyûshû, Hokkaido, Formosa e Honshû, o que não im-

pede que Honshû possua os dous portos mais prosperos e frequentados da navegação de todo o imperio, Yokohama e Kobe.

— Algumas ligeiras considerações sobre a área do imperio do Japão. Esta área é, como já apontei, de 161:290 milhas quadradas, o que corresponde proximamente á 325.ª parte da total superficie terrestre e á 107.ª parte do do continente asiatico.

Representando por 100 a totalidade da área do Japão, Honshû, a maior das ilhas (86:843 milhas quadradas), occupa 53,84 partes d'esta totalidade; o Hokkaido, 18,70; Kyushû, 9,67; Formosa, 8,33; Shikoku, 4,36; Chrishima, 3,82; todas as ilhas restantes 1,28. Comparando mais uma vez a área total do Japão com as de outros paizes e tomando-a por unidade, esses paizes serão representados pelos seguintes numeros: Siberia, 29,99; China, 26,54; India ingleza, 11,64; Persia, 3,94; Turquia asiatica, 4,26; Siam, 1,91; Afghanistan, 1,31; asiatica, 0,83; Russia na Europa, 14,04; Allemanha, 1,29; França, 1,28; Turquia na Europa, 0,77; Hespanha, 1,20; Suecia, 1,07; Gran Bretanha, 0,75; Noruega, 0,77; Italia, 0,70.

O imperio era dividido, em tempos passados, em provincias *(kuni)*, sem já fallarmos nas

divisões feudaes. A classificação por provincias cessou officialmente com a nova administração estabelecida pela restauração imperial, embora práticamente ainda muitas vezes se recorra a tal classificação. Hoje, o Japão está dividido em 46 districtos ou prefeituras *(fu* e *ken)*, que se subdividem em cidades ou districtos urbanos e em districtos ruraes. Sabe-se que Tokyo constitue por si só um districto, é a capital do imperio e residencia do soberano, tendo-o sido anteriormente Kyoto. As cidades principaes, contendo mais de 50:000 habitantes, são em numero de 21.

Duas palavras sobre o clima. Das mui diversas latitudes que as differentes ilhas do archipelago attingem, resultam grandes variedades de temperaturas, sendo esta ainda notavelmente influenciada pela visinhança dos mares, correntes maritimas, disposição das montanhas e ventos predominantes. A mais notavel corrente maritima é o Kuroshiwo, ou corrente negra, de aguas quentes, que atravessam os estreitos de Malacca e das Filippinas, chegam ao Japão e correm ao longo da sua costa oriental. A costa japoneza do Pacifico, beneficiando do Kuroshiwo e abrigada, pelas montanhas, dos ventos do norte, que reinam no inverno, offerece em tal quadra do anno

um clima muito mais benigno do que a costa occidental, voltada para o mar do Japão; e no verão goza de uma temperatura menos elevada do sul, que recebe directamente, o que não succede á costa occidental. O Hokkaidò, em virtude da sua alta latitude e das correntes frias vindas da Siberia e que tornejam as suas costas, offerece um clima muito frio. Em Kyûshû e Shikoku notam-se as temperaturas mais elevadas, sem fallar da Formosa, onde o clima é quasi tropical.

A parte central do imperio, onde os europeus geralmente residem, goza de clima muito agradavel e sadio, certamente o melhor de todo o Extremo-Oriente.

Termino com algumas referencias á população. Em 1872, a população do Japão era aproximadamente de 33 milhões de almas; em 1876, de 35 milhões e 700 mil; em 1883, de 37 milhões; em 1889, de 40 milhões; em 1897, de 43 milhões; em 1899, o numero exacto da população era de 44.260:604 individuos, sendo 22.329:925 do sexo masculino e 21.930:681 do sexo feminino; estes successivos acrescimos correspondem á média annual de 412:955 individuos. Actualmente, a população do Japão orça por 45 milhões de almas. Com referencia á população da Formosa e Pesca-

dores, não incluida nos numeros apontados, era ella em 1899 de 2.621:158 individuos.

A média da densidade da população por cada *ri* quadrado (5,95 milhas quadradas), é de 1:831 individuos; no entretanto, convém notar que o Hokkaidò é a parte do imperio menos povoada (141 individuos por cada *ri* quadrado), emquanto que na parte occidental do Honskû a população se encontra mais densa (2:945 individuos por cada *ri* quadrado). Referindo-me ás cidades mais populosas do imperio, Tokyo, em 1899, tinha 1.440:121 habitantes; Osaka, 821:238; Kyoto, 353:139; Nagoya, 244:145; Kobe, 215:780; Yokohama, 193:762; Hyroshima, 122:306; Nagasaki, 107:422.

O numero de nascimentos, que em 1872 indicava uma proporção de 1,71 por 100 habitantes, em 1899 attingiu o numero de 3,10. Nos mesmos annos, a proporção dos obitos por 100 habitantes foi, respectivamente, de 1,22 e de 2,09.

XVIII

29 de novembro de 1904

Sobre a guerra: o sentimento da colonia estrangeira no Japão; invalidos que vão chegando; a situação dos japonezes e russos na Mandchuria; o que se passa em Porto Arthur; pergunta-se qual será o desfecho da guerra; ultimas noticias recebidas. — O banho japonez; divagações curiosissimas a proposito.

Calmaria em noticias da guerra, mas não mui presumidamente em acontecimentos occorridos no campo das hostilidades, os quaes se vão passando inteiramente desconhecidos do publico, mercê da rigorosa censura exercida pelas auctoridades imperiaes sobre a imprensa local. A mais, referindo-me á colonia estrangeira, uma certa oppressão, um sentimento indefinivel de mágua perante o sangrento conflicto que se fere, e cujos tremendos resultados finaes estão ainda muito longe de prevêr-se. Quando acabará a guerra? Como acabará a guerra? . . .

Aqui, no Japão, posto que a relativa curta distancia da Mandchuria, o ribombar da arti-

lheria e os gritos dilacerantes dos que se rojam pelo campo na ultima agonia, não chegam. As bandeiras desfraldadas, os clamores patrioticos, que não cessam, poderão mesmo dar uma primeira ideia da festa perenne para as armas gloriosas do imperio. No entretanto, os invalidos vão chegando por centenas, por milhares, uns atacados do *kakke* (beri-beri), a terrivel hydropesia tantas vezes fatal, outros sem uma perna, outros sem um braço, outros desfigurados por medonhas cicatrizes; e estes pobres inuteis, vestidos do uniforme *kimono* branco e com o symbolo da Cruz Vermelha sobre a manga, conjuntamente com vagos boatos de tremendas scenas de carnificina passadas, chamam-nos á noção da realidade e ao conhecimento, embora muito imperfeito, de quantos duros sacrificios estão custando aos pobres soldados japonezes as brilhantes victorias alcançadas em serviço da patria! . . .

No interior da Mandchuria, após a renhida batalha de Liao-Yang, victoriosa para os japonezes, proseguem operações mal definidas, ignorando-se o grau de probabilidades de uma subsequente batalha em Mukden, ou mais ao norte em Tieling. O inverno vai começar, ou já começou, n'aquella inhospita região; e não sei se as durissimas condições climatericas

permittirão o proseguimento das hostilidades. Diz-se, no entretanto, que Kuropatkine, vai agora tomar a offensiva, havendo recebido reforços importantissimos que lhe permittem mudar de tactica. Assim será: já agora só por uma grande desproporção de numero é que as tropas russas, desmoralisadas pelas derrotas, sem generaes competentes, sem espirito patriotico collectivo, poderão deter nos seus triumphos e esmagar os soldadinhos japonezes. Mas acautele-se Kuropatkine: nas circumstancias habituaes da vida, usa-se dizer popularmente que um homem é para outro homem; mas no caso presente, um russo não é para um japonez, nem dous russos, nem tres russos; o generalissimo terá de contar com um exercito muitas vezes superior em numero ás forças nipponicas para haver probabilidades de aniquillar estes intemeratos asiaticos, cuja coragem, cujo desamor á vida, cujo frenesi de gloria não encontram parallelo no mundo. Ora, por mais que se admitta que a Russia dispõe de um exercito immenso, é igualmente indiscutivel que o imperio moscovita não poderá concentrar na Mandchuria tão numerosas forças quantas deseje expedir para tal sitio; isto pela simples razão de que o seu caminho de ferro transiberiano, para além de

um certo limite, não poderá satisfazer ao duplo serviço impreterivel de transporte de homens e dos mantimentos e munições de que elles carecem. O mais que se póde esperar, e é já importantissimo, é que a Russia consiga manter, por um periodo indefinido, um constante numero de soldados no campo do conflicto, pois ser-lhe-ha relativamente facil o ir enviando reforços que supram as perdas soffridas; não se poderá dizer o mesmo dos japonezes, para os quaes de dia para dia, á medida que mais se internam em territorio alheio, mais crescem as difficuldades em receberem recursos da mãe-patria.

E que diremos de Porto Arthur? A temivel praça de guerra continúa em poder dos russos, contra a espectativa de todos, estrangeiros e japonezes, que julgavam que de ha muito houvesse cahido em poder dos sitiantes. Indubitavelmente, os japonezes suppunham ao principio a tarefa mais facil, não contando com os grandes recursos de que dispunha a praça, com o contrabando dos juncos chinezes, que conseguem de quando em quando romper o cêrco e ir abastecer de viveres os sitiados, e sobretudo com a resistencia desesperada que estes estão oppondo á acção nipponica. Consta vagamente que horriveis lances de carnificina

alli se téem dado, com muitas perdas dos dois lados, principalmente, e como era de prevêr, do lado dos japonezes. Aquillo é um açougue humano, onde os assaltantes cahem prostrados aos milhares pela acção do fogo da grossa artilheria e das minas que rebentam. Da bandeira branca já ninguem faz caso: ainda ha pouco os russos se gabavam de terem derrubado até ao ultimo soldado um grupo de japonezes que se viram com a retirada cortada e alçavam os seus lenços em signal de se renderem. Não ha tempo para enterrar os mortos; apodrecem onde cahiram. Alguem me contou que alguns japonezes permaneceram durante dias dentro de escavações das rochas, abrigados contra o fogo dos fortes inimigos e expostos a uma temperatura tropical, sem alimento algum nem agua; quando algum soldado se erguia e sahia do esconderijo, era logo attingido e cahia morto, e os companheiros tratavam de beber-lhe o sangue, para mitigar a sêde!... O ultimo lance do drama de Porto Arthur excederá tudo que a imaginação possa conceber: os homens, russos e japonezes, excitados pela longa demora no desfecho, transformar-se-hão em feras!... A matança será horrivel!...

No entretanto, seja qual fôr a medonha

resistencia da guarnição russa de Porto Arthur, a praça ha-de cahir e os japonezes hão-de içar sobre as ruinas dos fortes a bandeira do Sol Nascente, embora o sacrificio de vidas tenha de ser enorme; ninguem põe isto em duvida. Mas já será tarde para correr, ainda durante este anno, ao bloqueio e ao ataque de Vladivostok: os gêlos do proximo inverno impedirão por longos mezes tal audacia.

Mas qual será o desfecho da guerra? perguntamos todos nós com anciedade. Se se tratasse de belligerantes habitando ambos paizes continentaes e visinhos, as glorias já realisadas pelos japonezes, esperando-se ainda talvez pela queda de Porto Arthur, bastariam para pòr um fim á contenda. Mas infelizmente as condições são muito differentes, permittindo á Russia o prolongar por longos tempos o estado actual das cousas, e parece que é isto mesmo que ella pretende, no intuito de recuperar o que ella chama o seu prestigio politico. A guerra de exterminio continuará, pois, a não ser que uma grande circumstancia imprevista, um phenomeno politico inimaginavel, venha pôr termo, de prompto, á matança.

— Depois de escriptas as linhas que precedem, chegam-nos importantissimas noticias do theatro da guerra, as quaes não podem

ficar em silencio, embora eu tenha de alongar esta carta além de que era meu proposito.

Registemos em primeiro logar que estas informações de Porto Arthur nos dizem que os ataques dos sitiantes proseguem com incansavel ardòr, tendo os japonezes collocado canhões de grande alcance em algumas eminencias de terreno, o que lhes permitte metralhar a praça com mais destruidor effeito. A bravura de todos, japonezes e russos, n'este drama em que se joga um estupendo lance de amor proprio nacional, é assombrosa! . . .

No entretanto, o facto mais sensacional é a batalha de Shaho, que acaba de travar-se, correspondendo a uma completa victoria para os indomaveis nipponicos. Ha ainda poucos detalhes que lhe respeitem, mas sabe-se que Kuropatkine, havendo recebido importantissimos e frescos reforços da metropole e achando-se assim com um exercito provavelmente muito superior em numero ao do inimigo, resolveu tomar a offensiva, conforme os conhecidos desejos do czar. A batalha de Shaho deu-se ao sul e nas visinhanças de Mukden, iniciando-se no dia 10 do corrente e terminando em 14. Os russos começaram por atacar os japonezes; mas estes, não se contentando com o papel de defender simples-

mente as suas posições, effectuaram um contra-ataque, collocando-se logo na offensiva. O exercito russo soffreu então uma terrivel derrota, realisando uma apressada retirada, não sem perder uns 50:000 homens entre mortos e feridos, segundo as informações do marechal Oyama, e muitos mais, segundo informações de outras procedencias. Parece que as perdas japonezas foram bastante inferiores.

E' deploravel o effeito moral da derrota de Kuropatkine, no momento que elle julgava azado para emfim colher uma victoria para as armas russas, e após uma pomposa proclamação que dirigira ás tropas do seu commando. Infelizmente, os japonezes, batendo-se com um denodo que excede toda a expectativa, não possuem no campo de batalha forças bastantes que envolvam o inimigo e o obriguem a render-se em pezo, homens e armas, do que possivelmente poderia resultar o termo do conflicto. Succedem-se as victorias ás victorias, mas com resultados que quasi poderiamos chamar nullos; porque os russos, embora retirando sempre, vão substituindo as suas falhas com reforços de gente, a qual está longe de faltar, e assim a guerra se eternisa.

Informações da ultima hora dão conta de

continuarem as hostilidades nas visinhanças de Mukden.

— Ha algumas semanas, a proposito de certas damas europeias que se banhavam em uma das praias mais frequentadas do Japão, as quaes, pretendendo que o sentimento japonez se amolde ao sabor das suas exigencias, se mostraram muito offendidas porque na sua visinhança alguns indigenas se vieram banhar em plena nudez, veio á balha, na imprensa ingleza local, a eterna questão do banho japonez, d'onde se passou para uma questão mais generica — o pudor (ou impudor) dos nipponicos.

O assumpto é sempre interessante e presta-se a curiosos commentarios, que naturalmente dobram de valor quando destinados a leitores distantes, alheios por completo ao feitio moral d'este povo; por tal motivo vou aqui apresentar algumas ligeiras reflexões sobre a materia.

Na vida quotidiana dos japonezes, que primam pela singeleza do vestuario e dos usos sociaes, e n'um paiz onde o estio é por vezes abrazador, a nudez, parcial e mesmo completa, entra nos habitos geraes. O *touriste*, sem que se dê a grandes pesquizas, encontrará por toda a parte a mãe offerecendo sem recatos o

seio nú ao filho, a serviçal arregaçando o *kimono* até acima dos joelhos, um homem de labuta vestido apenas de uma faixa, nas praias os banhistas dos dous sexos em absoluta nudez. Questão de educação e ainda mais de feitio moral. No entretanto, apresso-me a dizer que, se o *touriste* mencionado *vê* isto, o indigena não o *vê*, isto é, o seu olhar não se fixa em taes quadros; a nudez passa, *vestida* da indifferença da turba. Não se classifique, pois, isto de impudor; ainda ninguem chamou impudicas ás borboletas, por exemplo, por não vestirem camizas e ceroulas. Como ainda mais completo contraste ao sentimento occidental, apresenta-se após o facto do japonez não admittir a nudez na arte; n'esse ponto é que elle manifesta o seu pudor. Esclareçamos este assumpto. Uma mulher núa ou quasi núa, passeando pelas ruas de Paris ou de Lisboa, provocaria o espanto e a indignação geral; mas em marmore, ou na téla, chamada Venus, chamada Chloé, ou mesmo anonyma, não desperta taes sentimentos, antes os de estima e do enlêvo, se o artista trabalhou com mestria a sua obra. Pois a mulher núa ou quasi núa é admittida sem reparo em Tokyo ou em Yokohama, já não digo passeando pelas ruas, mas relanceada n'uma casa de

banhos publicos ou no viver intimo do seu lar domestico; emquanto que a arte do nú, do nú que reclama a attenção dos que passam, é repudiada energicamente. Ha uns nove annos, quando um pintor japonez, embebido de modernismos, apresentou um estudo do nú n'uma exposição em Kyoto, a indignação foi geral, conseguindo elle a muito custo que a policia não lhe mandasse retirar o quadro; na exposição de Osaka do anno passado, mais alguns trabalhos do mesmo estylo se apresentaram, tolerados pelas auctoridades, mas não tidos em estima pelo publico, e note-se que taes trabalhos são sempre completados por uma cabeça loira de occidental, pois nenhum pintor indigena ousaria attribuir a uma das suas compatricias as fórmas que indiscretamente reproduz. Direi ainda que ao japonez ou á japoneza causam simplesmente nojo esses livros e revistas agora pullulantes em certas litteraturas occidentaes, intencionalmente illustrados com gravuras provocantes.

Mas voltemos ao banho nipponico. Todos os japonezes tomam banhos; a casa de banhos publicos é tão frequente, em cidades e aldeias, como a mercearia, onde se vão buscar as provisões diarias. Ha seis annos, só na cidade de Tokio havia 1:100 casas de banhos publicos,

com uma frequencia diaria de 400:000 banhistas, variando o preço de admissão entre 5 e 7 réis; actualmente, o numero deve ter augmentado. Além d'estas casas de banho, frequentadas geralmente pela classe pobre, cada habitação regularmente confortavel possue o seu quarto de banho privativo.

O banho do mar é um luxo moderno. O banho que o japonez prefere é o banho de agua quente, dòce ou mineral, elevada a uma alta temperatura, 45° centigrados pouco mais ou menos; pretendendo, e parece que com razão, que o banho quente aquece no inverno, produzindo no verão uma agradavel reacção de frescura. No banho domestico immerge diariamente, em regra, primeiro o dono da casa, depois a esposa, seguindo-se as outras pessoas de familia por ordem de precedencias; por ultimo os criados. Nas casas de banhos publicos, acha-se ao centro do grande recinto legeado a fumegante tina de madeira, de secção rectangular, parecendo mais um tanque, graças ás suas vastas proporções, e onde os clientes vão mergulhando juntamente, deixando a roupa fóra. Esta agua, que serve a toda a gente durante um dia inteiro, poderia invocar ao leitor desprevenido uma ideia de sujo habito, se não se advertisse que os banhistas

se entregam á roda da tina a abluções preliminares, servindo-se de pequenas celhas de madeira ou de metal, que trazem comsigo ou encontram á sua disposição no estabelecimento; lavam-se, ensaboam-se, lavam-se de novo e só depois mergulham na piscina commum. A circumstancia que acabo de apresentar, é motivo bastante para que nas hospedarias japonezas se difficulte o accesso de banho a um hospede europeu não conhecido, por se imaginar, com sobra de razão, que o sujeito se vai ensaboar dentro da tina, inutilisando o banho aos mais clientes. Na Europa, passam-se as cousas ao revéz: um distincto official japonez de artilheria contava-me um dia os tormentos que passára quando, recemchegado a Pariz e banhando-se n'um quarto de hotel, começou, segundo a regra, espargindo agua sobre si antes de entrar na tina; alagado o tapete, alagados os quartos dos visinhos, *chovendo* nos quartos inferiores, acode o proprietario em altos berros — « *mais, qu'est ce que c'est çà?*, . . *mais, qu'est ce que vous faites?* . . . — » e por pouco não desanca á cacetada o inexperiente viajante. . .

No Japão, os banhos publicos foram em todos os tempos franqueados a todas as pessoas, sem distincção de sexos. Apenas mui moderna-

mente, por mexericos da nossa moralissima civilisação occidental, as auctoridades japonezas entenderam decretar, nas cidades e aldeias mais frequentadas, a separação de sexos, ficando os homens para um lado e as mulheres para o outro lado. Eu ainda sou da época em que tal separação consistia n'um simples cordel; de modo que o viajante recemchegado a Yokohama, e levado invariavelmente pelo guia matreiro a uma casa de banhos publicos, via n'um só relance de olhos o jucundo espectaculo do grupo de homens que se banhavam e do grupo de mulheres que se banhavam... separados por um fio de pudor. O fio já foi substituido por uma sólida parede; isto nas cidades e pontos mais frequentados, porque nas aldeias e nos banhos de todas as hospedarias ainda persiste a mesma innocente promiscuidade dos velhos tempos.

Ainda ha poucas semanas um missionario inglez contava pela imprensa o seguinte caso divertido. Achava-se elle, não sei como, tomando o seu banho em certa hospedaria, modestamente recolhido a um canto do recinto; a distancia, uma familia japoneza deliciava-se em abluções, dando as costas ao reverendo; eis que, casualmente, o chefe de familia volta-se, fita o inglez, reconhece n'elle um amigo,

seguindo-se as interminaveis cortezias proverbiaes; o japonez não quer perder o ensejo de apresentar sua familia ao missionario, vindo então cada qual por hierarchias, — primeiro a esposa, depois as filhas, depois as creanças, — prestar suas homenagens ao estrangeiro, na dòce *toilette* de nymphas encharcadas, alvejantes de espuma de sabão.

Ha alguns dias, eu contava este caso, lido n'um jornal, a um amigo europeu; este, que acabava de chegar de Matzuyama, onde em serviço official fòra conferenciar com os presos russos, narrou-me por seu turno que na vespera, tomando o seu banho matinal, encontrára o recinto regorgitando de freguezes; dentro da tina, as damas cortezmente conchegavam-se entre si, faziam logar, acenando-lhe que entrasse, pois ainda havia espaço. . .

Ora, digam o que quizerem do banho japonez; sobretudo achem-no em contradicção com os nossos habitos; mas não queiram por elle concluir que seja impudico o povo japonez. O povo japonez não é impudico.

XIX

26 de outubro de 1904

O incidente da esquadra russa do Baltico com os pescadores inglezes — Noticias do theatro da guerra — Calculos do morticinio havido nos dous exercitos combatentes — Previsão de novos horrores — Enthusiasmo pelas victorias japonezas — Morte de Lafcadio Hearn — A emigração japoneza transformada em trafico de escravatura — Ausencia de cruzadores portuguezes nos portos do Japão — Compatriotas que nos téem visitado.

Escassez de noticias do theatro da guerra. As attenções aqui, e certamente com mais razão na Europa, occupam-se ha dous dias do extraordinario ultrage perpetrado pela esquadra russa do Baltico contra a nação ingleza, quando, apenas sahida das aguas nacionaes, encontra no mar do Norte uma esquadrilha de pescadores inglezes, sobre a qual faz fogo, mettendo no fundo alguns barcos, matando varios tripulantes, ferindo muitos e proseguindo impavida na sua derrota, sem se importar de recolher os naufragos agoni-

santes. Pretende-se explicar agora esta inqualificavel selvageria pelo facto de terem os officiaes da esquadra russa imaginado que os japonezes lhe armavam alguma cilada, collocando minas submarinas no seu trajecto. Admittamos a explicação, que não vem de molde a exaltar os brios da marinha do czar, á qual o medo leva já a taes desmandos no inicio de uma viagem, que exige pelo menos tres longos mezes para chegar ao seu termo; devemos, pois, contar com uma larga série de estranhas peripécias. Em todo o caso, a insolita proeza, tendente a cercear ainda mais as escassas sympathias que a causa russa vai merecendo no conceito mundial, ha-de custar-lhe cara, á Russia, devendo contar-se que a Inglaterra, ferida nos seus interesses e no seu orgulho, não se demorará em exigir uma prompta reparação, que redundará provavelmente em desculpas diplomaticas, n'uma larga indemnisação pelas perdas materiaes soffridas e talvez no desembarque immediato dos officiaes que ordenaram o bombardeamento.

Além do interesse ligado ao sensacional acontecimento que acabo de apontar, a imprensa local vae inventariando por miudo os detalhes das ultimas duas grandes batalhas de Liao-Yang e de Shaho. Calcula-se que as

forças russas eram em Shaho de cerca de 300:000 homens e as japonezas de 250:000 ou 280:000. As baixas dos russos aproximam-se de 70:000, incluindo uns 25:000 mortos; as baixas japonezas foram muito inferiores, indicando-se o numero total de 13:000, posto que não se conte ainda com informações rigorosas. Lamentam alguns que o marechal Oyama não podésse conseguir, em Liao-Yang ou depois em Shaho, envolver o exercito russo, obrigando-o a uma capitulação geral, que poria provavelmente fim á contenda. Seria isto certamente muito bom, mas não se deve desejar o impossivel: os nipponicos, manobrando em pessimo campo, detidos a cada passo pelas obras de defeza do inimigo, esfalfados e esfomeados em virtude de combates que duraram muitos dias seguidos, desenvolveram prodigios de heroicidade, ganharam penosissimamente duas grandes batalhas; francamente, seria loucura exigir-se mais ainda. E como envolver e aprisionar em peso o exercito de Kuropatkine, quando é certo que as habilidades estrategicas do generalissimo russo se concentram particularmente e antecipadamente em preparar a retirada segura, de modo que, quando os japonezes atacam a vanguarda, já a rectaguarda volta

costas e ganha a salvo os caminhos distantes? . . .

Fazendo os calculos desde o comêço do conflicto, devem os japonezes ter soffrido umas 100:000 baixas e os russos o dòbro d'este numero, pelo menos. Além d'estas 300:000 victimas, imagine-se o numero de soldados derrubados pelas doenças, pelas epidemias, sendo geralmente admittido que em uma campanha as baixas por doenças orçam em regra pelo dòbro ou triplo dos que cahem feridos pelas balas do inimigo. Estas ligeiras referencias bastam para se fazer uma leve ideia dos tremendos horrores da guerra actual, que promette ser a mais sangrenta na historia moderna das nações. E' medonho o quadro e, infelizmente, não se prevê quando este estado de cousas cessará.

A quem cabe, finalmente, a responsabilidade de tão grande matança? Seria mui difficil responder a tal interrogação e longas as considerações que viriam a proposito. No entretanto, registe-se mais uma vez que o Japão trabalhava pela paz; a Russia trabalhava pelos seus interesses ambiciosos, sem admittir a possibilidade de uma guerra, orgulhosa do seu nome, desdenhosamente indifferente ás continuas reclamações do pequeno povo de

Nippon, que ella via de longe como um cardume de formigas, sem direito a ser escutado nas suas queixas; as grandes nações da Europa por seu lado, todas desconsideradas pelo colosso no respeitante aos accordos realisados a proposito da evacuação da China, desinteressavam-se da responsabilidade que lhes cabia, não só não fazendo causa commum com o Japão, mas pondo-se de lado, embasbacadas perante os acontecimentos com um interesse alvar de saloios que assistissem pela primeira vez a uma representação theatral. . . e agora que a gente lhes ature as tiradas philosophicas! Com taes elementos, a diplomacia, sempre acrimoniosa nos seus processos, ateou o incendio latente e assim rebentou a guerra! . . .

— Um amigo meu, fino observador, que acaba de regressar ao Japão de uma viagem pelos Estreitos e India Ingleza, informa-me ter notado nas populações indigenas — malaios, singalezes, indús e outros — um franco interesse pelos actuaes acontecimentos do Extremo-Oriente e o maior enthusiasmo pelas successivas victorias dos japonezes. O facto é significativo. A população asiatica observa com admiração e com orgulho que um povo irmão, filho da mesma Asia, ouse erguer-se

contra uma potencia europeia, logrando obter gloriosas vantagens durante uns longos oito mezes de conflicto. Adivinha-se como que um renascimento platonico, o desabrochar de uma vaga esperança de liberdade e de poderio n'aquelles tantos milhões de almas, ha tão longos annos subjugadas á dura tutela da raça branca. Um tal sentimento é antes de tudo enternecedor, quando se pense nos terriveis flagellos — fome, epidemias, despotismo, — que vão esmagando, como uma condemnação do céo, aquelle enorme rebanho da familia humana; mas quem poderá affirmar que elle não conduza, n'um periodo mais ou menos longo, em seculos talvez, á realisação de uma estupenda evolução social, a renascença da Asia?... E vejo n'elle a possibilidade de effeitos bem menos remotos, de um alcance prático importantissimo, como uma corrente de auxilios pecuniarios, quando o Japão d'elles carecesse, que viessse da parte dos riquissimos commerciantes indigenas, que não escasseiam nos emporios de Bombaim, de Calcuttá e em outros muitos pontos do mesmo vastissimo continente.

— Aquelles que se interessam pela litteratura exotica ingleza acabam de perder em Lafcadio Hearn, ou em Koizumi Yakumo —

como quizerem, — um dos seus mais primorosos cultores.

Hearn nasceu em 1850, em uma das ilhas Jonicas, de pae irlandez e de mãe grega. Ficando muito cedo orphão de pae, foi mandado educar n'um collegio de jesuitas em França. Pouco depois morreu-lhe a mãe, parecendo que os taes jesuitas se apossaram com pouca lisura dos bens d'esta; em todo o caso o pobre Lafcadio foi enviado para a America a bordo de um navio de emigrantes, chegando ao seu destino apenas com o fato que vestia sobre o corpo. Na America iniciou uma vida de inclemencias, dormindo pelas ruas por não ter outro abrigo, desprovido dos mais infimos recursos, até que finalmente um impressor começou a prestar-lhe alguma protecção. Hearn trabalhou primeiramente tambem como impressor, foi depois jornalista, passou á colonia franceza da Martinica, onde se demorou cerca de dous ou tres annos. Em 1890, com quarenta annos de idade, apparece no Japão, mandado por um editor americano, com o fim de colher elementos para uma obra descriptiva d'este paiz; mas, por um motivo qualquer, indispõe-se com o artista desenhador que o acompanhava e quebra o seu contracto. No Japão, foi jornalista em Kobe, professor

de inglez nas cidades provincianas de Matsue e Kumamoto e finalmente professor de litteratura ingleza na Universidade imperial de Tokyo, cargo que exerceu até ha poucos mezes. Hearn, após alguns annos de residencia no paiz do Sol Nascente, casou-se com uma japoneza, da qual teve quatro filhos, naturalisando-se japonez com o nome de Koizumi Yakumo.

De debil constituição physica, abalada ainda certamente pela dura existencia da sua juventude, Koizumi achava-se ha algum tempo doente, recolhido na sua vivenda japoneza de Tokyo, rodeada de um delicioso jardim; de um temperamento nervoso e excentrico, farto do convivio dos homens, recusára-se absolutamente, n'estes ultimos tempos, a quaesquer relações com a numerosa colonia estrangeira da grande capital. Na manhã de 26 de setembro, após um ligeiro passeio no seu jardim, morria quasi repentinamente; o enterro realisou-se em conformidade dos ritos buddhistas.

Koizumi Yakumo adorou a sua patria adoptiva, conseguindo tambem, pelos seus livros, que muitos a adorassem de longe. Intelligencia superior, temperamento impressionavel e delicadissimo de artista, delicioso

no estylo, escreveu numerosos volumes sobre o Japão, os quaes passam por ser as mais finas joias litterarias de tudo que se tem publicado como impressionismo nipponico. Cito as suas principaes obras, convidando os meus leitores a diligenciarem conhecel-as: «Glimpses of unfamiliar Japan» (1894), «Out of the Earth» (1895), «Koroko» (1896), «Gleanings in Buddha Fields» (1897), «Exotics and Retrospections» (1898), «Ghostly Japan» (1899), «Shadewings» (1900), «A Japanese Miscellany» (1901), «Kotto or japanese Mrius» (1902), «Kwaidan» (1903).

— No decurso d'estas correspondencias tenho-me por vezes referido ao antigo trafego de emigrantes chinezes feito de Macau para a America, e ao moderno e identico trafego feito geralmente por Hong-Kong, destinando-se apenas os *culis* chinezes a pontos differentes do mundo. O assumpto, com a recente tentativa de introducção de trabalhadores chinezes na Africa do Sul, renova de actualidade e de interesse.

É notorio como todos os viajantes estrangeiros — francezes, inglezes, allemães e outros; — quando se referem nos seus livros a Macau, recordam, quasi sem excepção, os medonhos horrores do commercio dos *culis*

exercido na nossa velha colonia ha algumas dezenas de annos; commercio rastejando pela escravatura amarella, resumindo-se os processos em arrebanhar os chinezes do interior com falsas promessas, encurralal-os nos famosos *barracões* de Macau, detendo-os alli como prisioneiros até seguirem para o Perú ou para Cuba, á força, em navios vindos especialmente para esta mercancia. A lamuria platonica dos mesmos viajantes não se poupa então a variações de rhetorica plangente, aproveitando o ensejo para nos mimosearem com as costumadas ferroadas, como se pretendessem fazer dos portuguezes o povo mais scelerado do universo. Os inglezes, a mais, ufanam-se de terem sido os campeões de uma cruzada moralisadora, conseguindo, pelos seus esforços, acabar com o trafego de Macau; e orgulham-se das leis de emigração estabelecidas em Hong-Kong, permittindo apenas a sahida voluntaria d'aquelles que pretendem ir longe exercer actividades.

Ora, n'estas mesmas correspondencias, eu tenho procurado fazer sentir que sorrio de taes clamores de humanitarismo, parecendo-me que o homem é o mesmo em toda a parte, louro britannico ou moreno lusitano; affigurando-se-me que entre os dous syste-

mas de emigração, por Hong-Kong e por Macau, as differenças não são grandes. O que os tempos trazem incontestavelmente, é o supremo esmero na arte de disfarçar as irregularidades, de mascarar as podridões, de *dourar as pilulas*, servindo-me de uma locução bem nossa e cheia de profunda philosophia; é n'isto de saber *dourar a pilula* que os inglezes e outros se téem mostrado bem superiores a nós, na escravatura chineza como em muitos outros ramos da chafurda social; — é um merito, não contesto, não de ordem humanitaria, mas de ordem esthetica, e como tal digno de applauso. Claro está que os meus commentarios amargos hão-de ter sido taxados de azedumes de espirito resequido, observações de mysanthropo impenitente, em constante conflicto com a sociedade e seus progressos; mas cahe-me agora de improviso, sobre as mãos trémulas de commoção, um jornal inglez, por consequencia insuspeito, que vem dar alguma força aos meus ápartes desabridos.

Resumo os factos. Ha algumas semanas, um *culi* em Hong-Kong, pretendendo fugir pela varanda de uma casa onde se achava detido, cahiu desastradamente á rua, fallecendo pouco depois. Intervem a policia, passa

busca á casa, encontra alli encerrados e retidos por meio de maus tratos e ameaças varios individuos, mulheres e homens, todos destinados a serem exportados como emigrantes *voluntarios* pelo vapor «Catherina Apear» (poetico nome!), que devia largar do porto no dia seguinte. Em resultado d'esta intervenção casual da policia, tres chinezes, proprietarios ou seus representantes da casa referida, são conduzidos ao tribunal da colonia e alli julgados. O agente do ministerio publico demora-se em explicar o assumpto, demonstrando que uma vasta instituição secreta existe e tem existido na colonia, dada ao mister de agarrar chinezes ignorantes e incautos e de expedil-os á força para fóra, como emigrantes. Os regulamentos de emigração do paiz impõem aos emigrantes o preceito de virem prestar declarações e informar do seu proposito na capitania do porto; mas, em taes casos, os que devem partir acham-se encerrados em alguma das casas ao serviço d'este trafego, indo em vez d'elles uns impostores quaesquer, cumplices no crime e provavelmente sempre os mesmos, prestar declarações, naturalmente satisfactorias.

Contei já, em outra carta, o caso da absolvição dada por um juiz de Hong-Kong, ha

30 annos, a um *culi* fugido de um navio que o levava á força para a America, pretendendo os inglezes que por este facto acabára o nefando trafego na nossa colonia de Macau. Pois agora o juiz do mesmo tribunal em Hong-Kong condemna os tres chinezes referidos a prisão com trabalhos publicos, durante 18 mezes para dois, e seis mezes para o terceiro. Ha ainda a notar a circumstancia curiosa de ter pretendido o agente do ministerio publico proseguir em minucias, tendentes a demonstrar-se positivamente que a escravatura amarella se exerce desde longos annos em Hong-Kong em larga escala; mas o juiz cortou-lhe a palavra, advertindo-o de restringir-se aos pormenores do processo. Sirva isto para abonar sobre a lenidade das vistas actuaes da justiça ingleza a respeito do trafego dos *culis*, que tanto a impressionou n'outras éras, e para nos convencermos de que a escravatura amarella transitou de Macau para Hong-Kong, onde prospéra.

Nota importante: recommenda-se aos viajeiros litteratos, propensos a descripções sensacionaes, que cessem de fallar dos *barracões* de Macau, por antiquados, para se occuparem dos modernos *boarding houses* de Hong-Kong.

— Quasi que se vão perdendo as esperanças, entre portuguezes aqui residentes, de que

algum dos nossos cruzadores em serviço no Extremo-Oriente appareça por estes portos. Continúa quasi nullo o commercio do nosso paiz com o Japão, sendo provavel que a guerra haja por agora esfriado algumas tentativas incipientes da parte de dous ou tres dos nossos commerciantes; em todo o caso algum vinho do Porto e espumoso se vende, encontrando-se tambem nas lojas latas de sardinhas portuguezas. . . importadas por chinezes. No entretanto, o interesse dos portuguezes por este paiz está-se manifestando por outra fórma, não inutil — visitando-o quando se lhes offerece opportunidade: — é assim que muitos funccionarios, que véem do reino para Macau ou ao reino regressam vindos d'aquella nossa colonia, preferem o caminho da America, que lhes proporciona ensejo de relancearem esta terra, que tanta curiosidade está despertando no mundo civilisado. Registo a passagem por aqui, n'estes ultimos mezes, dos snrs. juiz Magalhães e familia, chefe de serviço de saude Gomes da Silva, director de obras publicas Abreu Nunes, chefe da repartição militar Chedas Sant'Anna, officiaes da armada Barros e Penalva e outros. Bem hajam.

XX

10 de novembro de 1904

O anniversario do imperador; algumas divagações sobre a figura d'este — Noticias da guerra; a defeza de Stoessel e a esquadra do Baltico; opinião de um funccionario japonez — Vista retrospectiva sobre o inicio das relações russo-nipponicas; informações curiosas a tal respeito — Inauguração da estatua do marquez de Ito.

No dia 3 do corrente, anniversario natalicio do soberano, effectuaram-se as commemorações officiaes do estylo; nas grandes cidades as manifestações populares, favorecidas por magnifico tempo, offereciam este anno mais accentuado esplendor, como facilmente se imagina.

O imperador Mutsuhito nasceu em 3 de novembro de 1852, entrando agora no seu 53.° anno de existencia. Subiu ao throno quando tinha 16 annos; no espaço dos 37 annos do seu reinado, o Japão tem passado por maiores e mais notaveis transformações politicas do que nenhuma outra nação em tão curto periodo. As esquadras estrangeiras

acercam-se do mysterioso imperio do Sol Nascente, instando por tratados de commercio; o Japão, fechado ao convivio mundial durante longos tempos, vê-se impellido a abrir as suas portas aos intrusos; o dualismo politico, constituido pelo imperador, entidade divina mas não deliberativa, e pelo shogun ou generalissimo, que governa em seu nome, cessa, desapparecendo o shogun e revertendo o inteiro mando ao soberano; a capital do imperio é transferida de Kyoto para Tokyo; é dissolvido o feudalismo; promulga-se uma Constituição; adoptam-se com fervor todas as ideias occidentaes; as actividades, officiaes e particulares, moldam-se pelos processos europeus; o Japão declara a guerra á China e fica vencedor: a sua importancia cresce de dia para dia, prodigiosamente, levando-o finalmente a occupar um logar proeminente na familia das nações; por ultimo, o Japão declara a guerra á Russia, rompem-se hostilidades, cobrem-se até hoje de gloria os soldados nipponicos, causando a admiração do mundo inteiro. . .

O imperador Mutsuhito não é hoje o cavalleiro esbelto que as gravuras das revistas locaes se aprazem em reproduzir e divulgar nas suas paginas. S. M. apresenta visiveis

indicios de fadiga, como se a existencia lhe vergasse ao peso das multiplices emoções que certamente a téem agitado desde os seus mais tenros annos. No entretanto, o vulto do monarcha impõe-se ao respeito geral e impressiona profundamente a quem o relanceia; o seu aspecto sereno e firme é bem o do soberano d'este brilhante imperio asiatico, ainda em parte envolvido em mysterio, glorificado pela lenda e admirado pelos seus progressos gigantes. O imperador é adorado pelo seu povo; o Nippon guarda ainda a feição de uma grande familia patriarchal, da qual naturalmente o soberano é o chefe supremo, o pai; Mutsuhito é certamente hoje, de entre todos os imperadores e todos os reis do mundo inteiro, o mais querido dos seus vassallos.

A guerra que se está ferindo, vem ainda enaltecer a figura do monarcha do Japão, na hora presente. Elle não é o auctor d'ella, os auctores são os seus ministros, ou antes todos os japonezes, porque todos a queriam, na defeza dos interesses da patria e da honra nacional ameaçada; mas é o imperador que assume toda a responsabilidade, decretando-a. A guerra enluta já o Japão, tendo prostrado muitos dos seus filhos; mas tambem o cobre de gloria e chama sobre elle a admiração do

mundo inteiro. A guerra é uma tremenda calamidade, sim, mas ainda não imprescindivel no estado actual das civilisações. Eu acabo de lêr o ultimo volume do mystico Tolstoi, referindo-se precisamente ao sangrento conflicto d'este momento. As crenças do velho apostolo da paz merecem o nosso respeito, como o merecem todas as crenças, mas a sua logica não convence. A guerra, sobretudo de defeza, é necessaria, emquanto houver ambições; a guerra é o effeito, as ambições são a causa; acabe-se primeiro com a causa, se é possivel, tornando os homens bons. Mas quem póde classificar de utopias, no momento presente, o emblema da bandeira nacional, o amor da patria? e condemnar a disciplina e a coragem dos soldados?... Utopias? talvez; mas o inteiro edificio social, a que se abriga a pobre humanidade, não é acaso todo construido de utopias?... O que seria para desejar é que a consciencia das nações, distinguindo o justo do injusto, as impellisse a virem entrepôr-se entre os combatentes, declarando-se pelo lado do opprimido; mas não véem... Philosophos da paz: lembrai-vos de que, de todas as grandes nações do mundo, uma só realisou ainda o ideal em que persistis, odiando e desprezando a guerra, tendo em hor-

ror os exercitos e as esquadras, eximindo-se aos impetos fogosos do patriotismo, prestando culto exclusivo aos seus usos patriarchaes, á familia, ás actividades pacificas; esta nação é a China; e sabeis, sem que eu vol-o recorde, quanto á China tem custado este grau de civilisação certamente superior, vendo-se escarnecida pelo mundo civilisado em peso, invadida por legiões de cubiçosos, espoliada dos seus dominios, joguete, emfim, da alta politica dos Estados! . . .

— Ponhamos agora de parte divagações transcendentes. Em homenagem ao dia 3 de novembro, *Banzai* pelo imperador do Japão e pelas glorias nipponicas, e tambem votos ferventes por um prompto termo das hostilidades! . . .

— Poucas noticias da guerra.

Para os lados de Mukden déram-se alguns encontros entre os combatentes, parece que favoraveis ao nipponicos. Estamos longe de prevêr os acontecimentos que se seguirão.

Muita gente contava que Porto Arthur cahisse nas mãos dos sitiantes anteriormente ao dia 3 de novembro; tal não succedeu, porém. No entretanto, consta que os ataques se téem repetido insistentemente, começando a ser empregados ha alguns dias canhões de grande poder destructivo, que occasionaram

já gravissimas avarias na praça. A defeza opposta pelo general Stoessel tem sido altamente briosa, e é incontestavel o relevantissimo serviço que o valente soldado está prestando á causa do seu paiz, immobilisando em frente de Porto Arthur toda a esquadra de Togo e um importante corpo de exercito inimigo, cujas actividades se requerem n'outros pontos. Julga-se em todo o caso que a temivel praça de guerra não permanecerá por longas semanas nas mãos dos moscovitas. . .

Deixou de prender aqui as attenções o altamente ridiculo incidente que se deu entre a esquadra russa do Baltico e os pescadores inglezes do mar do norte. A esquadra segue o seu rumo, segundo consta, e aqui chegará um dia, se chegar. . .

E nada que nos dê a esperança de um termo proximo a esta sangrenta campanha. . . A opinião de um distincto funccionario japonez, exposta ha algum tempo na imprensa, deve ser tomada em conta n'este assumpto. Eil-a em resumo. Imaginemos que o Japão continúa victorioso; em todo o caso, a Russia ficará sempre livre de só pedir a paz quando mui bem o entender, isto pelas condições geographicas especiaes dos dois belligerantes, quando não por outras causas; mas o Japão

não deverá seguir indefinidamente a sua marcha triumphal; antes lhe convém parar, fortalecer-se no limite que escolheu, e esperar os acontecimentos. Supponhamos agora a outra hypothese, isto é, que desanda a roda da fortuna e que os japonezes começam soffrendo duros revézes; o Nippon deve então immediatamente provocar a quebra da neutralidade da China e que ella se levante, com armas na mão, em seu favor; a conflagração será tamanha, que todas as nações occidentaes terão de intervir sem demora, em defeza dos seus proprios interesses, do que resultará fatalmente aquillo mesmo por que os japonezes pelejam — a repressão do alastramento moscovita. Póde muito bem ser que assim aconteça; aguardemos o desenvolvimento do drama, que nos reserva, porventura, estupendos desenlaces!...

Para aquelles que hajam seguido com interesse as ultimas phases das relações dos russos com os japonezes até ao tragico desfecho a que estamos assistindo, é interessante lançar vistas mais distantes sobre o inicio e successivas peripécias de taes relações; leva-nos este estudo a registar uma constante intenção aggressiva da parte dos russos para com os seus visinhos nipponicos, não de molde a cimentar sympathias sociaes entre os dous povos.

A primeira vez que uns e outros entraram em contacto foi em 1780. N'aquelle anno, um barco japonez perdeu-se nas costas da Siberia, já então sob o dominio do czar. A tripulação foi levada prisioneira até Irkutsk e alli sujeita a minuciosos interrogatorios com respeito á sua patria. Parece que as informações colhidas despertaram as ambições latentes dos russos, que desde longa data haviam, sem duvida, lançado olhares cubiçosos sobre as terras do Mikado, tão favoravelmente situadas, pela sua disposição geographica, para o alastramento dos seus planos de conquista. E' certo que, no anno seguinte, em 1781, um bando de moscovitas atravessava o golfo da Tartaria e vinha desembarcar em Sakhalien.

Sakhalien, denominada Karafuto pelos japonezes, é uma ilha extensa e estreita, correndo ao longo e a curta distancia da parte da Siberia que os russos chamam a sua Provincia Maritima, e comprehendida entre as latitudes de 46° e 54°. O clima é durissimo e nada convidativo; possue, no entretanto, a ilha valiosas florestas e minas; mas a principal riqueza da Sakhalien está nas abundantissimas pescarias das suas costas, o que decidiu os japonezes a irem para alli residir e exercer as suas actividades pacificas, sem encontrarem

outros competidores além dos ainos aborigenes.

A inesperada apparição dos moscovitas, em 1781, explica-se, porém, sem difficuldade, quando se attente no seu proposito. Sakhalien fica apenas separada do paiz nipponico, isto é, da ilha de Yeso, pelo estreito de La Pérouse ou de Soya, prestando-se assim ao estabelecimento de intimidades entre os dous povos, o que se tornava indispensavel para a realisação de mais importantes designios. No entretanto, nem ainos nem japonezes mostraram o minimo desejo de irem contra as leis então em vigor no seu paiz, as quaes prohibiam categoricamente quaesquer relações com estranhos; e os russos tiveram de retirar-se sem nada haverem conseguido.

Em 1806, muda-se de tactica, enviando o czar um embaixador seu a Nagasaki, portador de uma carta para o Shogun e munido de poderes para negociar um tratado de commercio com o Japão. A politica absorvente da Russia não era então já desconhecida n'este imperio, nem o Shogun ignorava que largos tractos de terreno haviam sido extorquidos por ella ao imperio da China. Prudentemente, as propostas do embaixador não receberam resposta satisfactoria.

Em seguida, e ainda no mesmo anno, uma expedição russa chega a Sakhalien, pilha e incendeia a cidade de Kushunkotan, que era o mais importante centro da actividade dos japonezes; ao retirar-se, deixa um documento escripto, onde declara o firme proposito do governo moscovita de destruir toda a parte norte do Japão, se os japonezes se não decidem a negociar com os russos. A mesma expedição ainda se dirige a uma das ilhas Kurilas, onde procede pela mesma fórma.

Cinco annos depois, os russos mandam ás mesmas paragens a fragata «Diana», com o fim de traduzir em facto as prévias ameaças; mas tal não se realisa e os japonezes logram mesmo prender alguns officiaes da referida fragata.

O governo russo muda ainda mais uma vez de tactica, persuadindo os seus emigrantes nacionaes a virem estabelecer-se em grande numero na parte norte de Sakhalien, prevendo um alastramento de população que lhe facilite os intentos. Por seu lado, os japonezes, não se achando em condições de poderem impedir pelas armas esta invasão não desejada e imminentemente perigosa para a integridade do sólo patrio, limitaram-se a irem estabelecer-se tambem em grande numero na parte

sul de Sakhalien; e assim a ilha se achou submettida, por alguns annos, a duas influencias distinctas, ao norte a russa e ao sul a japoneza.

Em 1855, durante a grande confusão que reinava em todo o Nippon, no momento critico em que a sua velha politica de isolamento cahia por terra e as portas do imperio se abriam ao convivio mundial, a Russia, seguindo o exemplo de outras nações, realisa o seu teimoso desejo, negociando com o Japão um tratado de commercio, que foi renovado em 1858.

Em 1859, a Russia toma posse definitiva da parte norte de Sakhalien. O facto produziu grande indignação no Japão, mas a prudencia aconselhou-o a não tentar resolver o problema por meio de hostilidades. O governo japonez envia á Russia uma embaixada, que chega a S. Petersburgo em 1862, com a missão de tratar de evitar novos alastramentos do invasor, cuidando de obter uma delimitação de fronteiras, que permitta ao imperio asiatico o gôso seguro da metade sul da ilha; a proposta foi acolhida com indifferença e a embaixada recolhe ao Japão sem nada ter conseguido. Em 1867, uma segunda embaixada partiu para a Russia com identico fim, chegan-

do-se então ao accordo de que a ilha fosse conjuntamente occupada por japonezes e russos; mas oito annos depois, em 1875, o imperio do czar consegue fazer acceitar pelo Japão um novo tratado, pelo qual os japonezes reconhecem perder todos os direitos a Sakhalien, isto em troca da posse do infimo archipelago das Kurilas, que a Russia lhes cede, posto que nunca práticamente o tivesse occupado como dono. Sakhalien passa então a ser uma colonia penitenciaria russa, o inhospito captiveiro de milhares e milhares de deportados, politicos e outros, cujas miserrimas condições de existencia nenhum viajante poderá rigorosamente relatar.

Deve tambem aqui registar-se que em um bello dia do anno de 1861 a fragata russa «Passadnik» ia fundear junto da pequena ilha japoneza chamada Tsushima, excellente ponto estrategico que defronta com o extremo sul da peninsula da Coréa e constitue a chave do mar do Japão. Os marinheiros russos desembarcaram em Tsushima e alli arvoraram a sua bandeira nacional, começando a dispôr da ilha como se fosse cousa sua; assustados pela chegada de um navio de guerra inglez, retiraram precipitadamente, não trazendo o desacato outras consequencias.

Convém agora fazer menção de que em 1876 os japonezes conseguiram negociar com a Coréa um tratado de commercio, abrindo-lhes esta o seu porto de Fusan; Chemulpo foi-lhes aberto em 1880. A America obtinha da mesma Coréa, em 1882, um tratado de commercio nas mesmas condições. Seguiu-se-lhe a Inglaterra em 1883 e a Russia em 1884. Desde então, a Coréa tornou-se um vasto campo da intriga dos russos, que não téem cessado um só momento de procurar por todos os expedientes substituir a sua influencia á que alli naturalmente exerciam, por laços de visinhança e de tradição, os japonezes. Estes tambem por seu lado téem intrigado, cuidando de fazer pender o braço da balança em seu favor. Mas note-se, em justificação do seu procedimento, que, encontrando-se o Estado coreano em taes condições de miseravel decadencia que não poderá subsistir sem o apoio de algum dos seus visinhos, que só póde ser um dos tres imperios — China, Japão ou Russia — o Japão tratou mui logicamente de se constituir o protector. Por piedade altruista? Não, não invoquemos este conceito hilariante. E' que, no momento em que a influencia chineza ou russa predominasse na Coréa, a independencia e a integridade territorial do Japão en-

contrar-se-hiam em imminente risco; e aos japonezes impõe-se o dever sagrado de pugnarem pelos interesses da sua patria, da patria de seus avós. E' claro que nenhum dos dois outros imperios poderia invocar identico motivo em seu favor; o que, perante a sã justiça mundial, mais robustece a legitimidade das pretenções nipponicas. E não se poderia aqui recorrer a um argumento, bem mais transcendente, servindo para a plena justificação d'estas mesmas pretenções nipponicas? Sobre os povos pesam por vezes tremendas responsabilidades, como que escriptas no programma insondavel dos destinos. Perante a philosophia da Historia, não se presente acaso que o Japão trabalha, consciente ou inconsciente, para a evolução da Asia inteira, para o seu engrandecimento, para a sua gloria talvez? Deve, pelo contrario, esperar-se tão alta missão partindo da China apathica ou então da Russia intrusa? Não, não póde esperar-se isso; perante o tribunal da consciencia humana, ao Japão assiste o direito e assiste o dever de firmar a sua hegemonia em todo o Extremo-Oriente.

Terminando estas linhas, devo por ultimo lembrar que as intrigas e ambiciosa interferencia da Russia nas questões da Coréa torna-

ram-se ainda muito mais activas n'estes ultimos annos; a Coréa foi, como é notorio, o pômo de discordia, levando finalmente o Japão a romper hostilidades com o seu orgulhoso competidor.

XXI

23 de novembro de 1904

As surprezas da guerra — O nome de Togo; coisas interessantes que respeitam a este arrojado marinheiro: a sua origem, a sua lista de serviços, a sua physionomia. — As rubras « momiji » do outomno.

A GUERRA actual vai-nos proporcionando de quando em quando as mais surprehendentes peripécias. Sirva de exemplo, para não escolhermos outro, o combate quixotesco da esquadra russa do Baltico contra a flotilha dos pescadores inglezes. Agora, isto é, ha poucos dias, é o caso do *destroyer* russo « Rastoropny ». Este barco sahiu de Porto Arthur e pôde furtar-se ao encontro com a esquadra japoneza de bloqueio, graças a um temporal de neve que se desencadeou n'aquellas paragens. Chegado ao porto chinez, pouco distante, de Chefu, desembarcava toda a guarnição; pouco depois dava-se uma explosão a bordo, evidentemente propositada, e o « Rastoropny » afundava-se. Não resta a menor duvida de que o commandante do *destroyer* era portador

de communicações importantissimas para o governo de S. Petersburgo; e que transmittidas ellas pelo telegrapho, como não seria empreza facil, nem util, o regresso a Porto Arthur, se sacrificou o barco, evitando-se assim complicações internacionaes ou que os japonezes d'elle se apropriassem. Mas que communicações importantissimas se teriam transmittido? Isto é que se ignora completamente.

Para não errar, nenhumas conjecturas é licito fazer com respeito á situação de Porto Arthur; sabe-se que os ataques continuam; atacantes e defensores continuam desenvolvendo energia enorme, coragem furiosa, o que está causando a maior admiração no mundo inteiro.

Dos lados de Mukden chegam noticias vagas, annunciando-se alguns encontros de fortuna varia, mas de nenhuma importancia para o proseguimento das operações, que em todo o caso parecem pouco activas n'este momento. Entre japonezes e russos levanta-se agora um inimigo terrivel, não poupando nem uns nem outros, matando sem balas nem polvora e impondo fatalmente longas morosidades aos progressos do conflicto: é o medonho inverno da Mandchuria. Mal se imagina como estão agora soffrendo, em tão

inhospita região de nebolusidades geladas, os bravos soldadinhos nipponicos, habituados ao seu dòce paiz do sol e de luz! . . .

E, infortunadamente, ninguem pensa na possibilidade de uma proxima solução pacifica do conflicto. . .

— O nome de Togo era, até ha alguns mezes, inteiramente ignorado para além da sua patria; hoje popularisou-se por toda a parte e já pertence á historia mundial. Os primeiros tiros feridos por uma divisão naval japoneza contra dous navios de guerra russos, á entrada do porto coreano de Chemulpo, no dia 9 de fevereiro; o ataque infligido, no mesmo dia, á esquadra russa fundeada descuidosamente em frente de Porto Arthur: o arrojado serviço dos torpedeiros e as successivas e horoicas tentativas de obstrucção da barra do mesmo porto de guerra; o combate naval de 10 de setembro, glorioso para os marinheiros japonezes e ao mesmo tempo triste documento da desorganisação reinante do lado dos seus adversarios; a caça subsequente aos navios de Vladivostok, resultando a perda total de um cruzador e a fuga dos seus dois companheiros de fortuna, sériamente avariados; a paciente e efficaz acção do já longo bloqueio de Porto Arthur; todos esses factos,

para não fallar de outras peripécias secundarias e do muito que é licito ainda esperar-se da victoriosa esquadra nipponica, téem feito convergir as attenções geraes sobre o distinctissimo almirante que a commanda.

Parece, pois, que não deixarão de despertar interesse os traços biographicos que vão seguir-se, referentes ao almirante Togo, um dos vultos mais em evidencia, se não o mais saliente, nos factos já registados do terrivel conflicto que se trava, e a cujo procedimento o Japão deve a enormissima vantagem de vêr-se senhor do mar desde o rompimento das hostilidades. Ha já bastantes semanas que era meu desejo apresentar aqui estas rapidas referencias, realisando-o só agora, por ter querido consultar publicações indigenas, que tarde me chegaram ás mãos.

Togo Hehachiro — Togo é o appellido de familia — nasceu na cidade de Kagoshima, capital da provincia de Satsuma (então daimyato) na ilha de Kyushû, aos 22 de dezembro de 1842 (encontro em varios documentos ligeiras divergencias de datas, o que não vale a pena discutir aqui). Pertence a uma familia de *samurai*, isto é, da classe votada ao serviço militar nos tempos do feudalismo.

Antes de ir mais longe, convém referir-me

a umas allusões que correram mundo sobre a origem de Togo: alguem escreveu algures, segundo noticia que me chegou da Europa, que elle descendia de portuguezes, mais correctamente — que era um mestiço. — Não acredito em tal. Tambem se disse ha pouco que o pai de Kuroki era francez. Taes divagações saltaram mui provavelmente da penna de qualquer escriptor russophilo, desejoso de fazer acreditar que os meritos indiscutiveis do almirante e do general recahem em dous mestiços, em cujas veias corre sangue europeu; de que se poderá, porventura, concluir, forçando a logica, que em genuinos japonezes não seria dado vêr reunidos tão finos dotes. Para o caso especial de Togo, quer-se talvez allegar a circumstancia de que foi cerca de Kagoshima que os primeiros europeus — os portuguezes por mais de 60 annos — abordaram o Japão, por 1543, conservando intimas relações, religiosas e mercantis, com esta parte do archipelago; mas não consta que de tal facto resultasse uma população mestiça na provincia de Satsuma ou seus suburbios, sendo absurdo requerer para Togo o privilegio.

Diz-se que a tenra infancia do meu biographado foi muito influenciada pela convivencia com um seu visinho, Ito Koyemen, homem de

profundos estudos, pensador, escriptor, educador, que baseava a essencia de todas as suas doutrinas n'um alto culto pela firmeza de caracter, pela inflexibilidade perante os contratempos da existencia. Poucos vestigios restam do que foi Ito Koyemen; mas julgando-os por alguns discipulos seus, cujo espirito formou, taes como Saigò, o valoroso chefe rebelde de Satsuma, e Okubo, e Katto, e muitos outros vultos notaveis na historia moderna do imperio, revela-se-nos como uma personalidade dotada de finissimos dotes de cavalheirismo, de subida nobreza de alma e de grande poder communicativo.

Seja como fòr, Togo, que-nos interessa agora mais do que os outros, começou cedo dando provas de um caracter primoroso, de uma intelligencia robusta e de profundo amor ao estudo. Por aquella época, coincidindo com a chegada dos occidentaes a Yokohama, insistindo em entrar em relações com o Japão, e com as grandes convulsões politicas resultantes, os differentes principados começaram a despertar do lethargo em que até então iam vivendo, reconhecendo a necessidade de se iniciarem nas ideias modernas e de se armarem com elementos novos em defeza da patria ameaçada. Satsuma figurava á frente

d'este movimento, o que em parte se deve attribuir a antigas rivalidades entre os seus principes e o shogun, generalissimo, cujo procedimento, contemporisador para com os desejos dos estrangeiros, ia já provocando indignada effervescencia na facção mais devotada ao prestigio do soberano. O daimyô de Kagoshima, Hisamitau, procedeu, pois, ao apuramento dos moços mais esperançosos de entre os seus vassallos, que destinou a diversas carreiras publicas, sob um regimen de educação moderna; Togo foi escolhido para a marinha, partindo para Yokohama, afim de estudar, antes de tudo, a lingua ingleza com um professor inglez alli residente.

Rebentam hostilidades entre os partidarios da causa imperial e os do shogun; Togo, collocando-se naturalmente do lado dos primeiros, põe de parte estudos, embarca no vapor «Kasuga» pertencente ao daimyato de Satsuma, tomando parte em varios combates contra os navios do shogun. Em 1871, quando restaurada de todo a paz no imperio com a suppressão do shogunato, Togo é enviado a Inglaterra, a fim de completar a sua educação nautica, servindo como aspirante no navio da marinha britannica «Worcester» e em outros, durante cerca de seis annos. Muitos

officiaes inglezes da *velha guarda* ainda se recordam do mocinho circumspecto e diligente, a quem os camaradas chamam *chinaman* (o homem da China); isto até que o tal mocinho lhes explicou mui asperamente que elle não era *china-man*, mas sim *japan-man*, e não estava resolvido a supportar por mais tempo a falsa alcunha... Após, quando o novo official deveria regressar á patria, recebeu instrucções do governo de Tokyo para assistir á construcção do «Hieikan», navio que os japonezes haviam encommendado na Inglaterra; facto que demorou por mais dous annos o seu regresso.

Mas esta demora foi uma circumstancia felicissima, que salvou certamente de um fim tragico e breve o valente marinheiro, que hoje tão relevantes serviços está prestando ao seu paiz. Recordemos a historia. Saigò Takamori, *samurai* de Satsuma e que representou um papel importante na restauração imperial, fòra ministro da guerra em 1870; mas retirou-se para Kagoshima quando viu que o governo, longe de respeitar os antigos usos nacionaes, cuidava com afinco de europeanisar o Japão. Em Kagoshima fundou uma escola militar, que se encheu da mocidade exaltada das provincias de Satsuma e de Osumi. O governo, desejando prudentemente chamal-o a Tokyo,

nomeou-o marechal commandante em chefe das armas do imperio, mas nada com isto conseguiu. O movimento insurreccional, latente havia alguns annos, fez explosão em 1877, capitaneado por Saigò. As forças imperiaes marcharam a ir suffoçar a revolta de Satsuma. Durante seis mezes, os combates succedem-se sem descanço, sangrentos e indecisos. Pouco a pouco, os rebeldes vão enfraquecendo, não por mingua de bravura, mas dizimados por forças superiores; até que finalmente Saigò se vê forçado a refugiar-se, com os poucos que lhe restam, no castello de Shiroyama, todos dispostos a venderem caro as suas vidas. A batalha deu-se no dia 24 de setembro; Saigò foi um dos primeiros a baquear, ferido n'uma perna por uma bala dos sitiantes; ordenou então a um dos seus officiaes que lhe decepasse a cabeça, para não cahir vivo nas mãos das forças imperiaes; muitos o imitaram, outros ficaram prostrados pela chuva da metralha; e assim acabou a revolta de Satsuma. Ora os tres irmãos de Togo haviam-se todos alistado no partido do seu nobre e prestigioso compatricio, Saigò Takamori, morrendo todos com elle, na batalha de Shiroyama; não resta duvida de que Togo houvera tido a mesma sorte, se chegasse a tempo de poder acompa-

nhar seus irmãos; mas não chegou a tempo; a 2 de maio de 1878 regressava ao Japão, a bordo do «Hieikan», quando as dissensões politicas se haviam acalmado e refloria a paz no paiz do Sol Nascente.

Segue-se agora a lista de serviços do valoroso marinheiro, mas que póde aqui só apparecer muito em resumo. Promovido a tenente á sua chegada á patria, foi seguindo rapidamente os postos e occupando sempre logares importantes, ora em terra, ora no mar. Assiste aos tumultos da Coréa em 1882, encarregado de proteger os japonezes residentes. Segue de perto o ataque dado pela esquadra do almirante francez Courbet aos navios chinezes em Fuchau, em 1885. Em seguida, já capitão de fragata, exerce o cargo de director do material de guerra no arsenal de Yokosuka. Em 1894, quando rebenta a guerra com a China, é nomeado commandante do bello cruzador protegido «Naniwa», de 3:650 toneladas, tomando parte muito distincta nas operações navaes. A bordo do «Naniwa» e de companhia com os cruzadores «Yoshino» e «Akitrushima», trava combate, após provocação, perto de Asan, na Coréa, com os dois cruzadores-couraçados chinezes «Tsi-Yuen» e «Kwang-y», resultando ir este ultimo encalhar na costa,

sendo abandonado pela sua guarnição, e o «Tsi-Yuen» fugir muito avariado na direcção de Wei-hai-Wei. Após este combate, que durou uma hora, o «Naniwa» encontrava o vapor inglez «Kowshin» transportando 1:100 soldados chinezes para a Coréa; como o vapor não se rendesse, Togo mette-o no fundo a tiros de canhão, caso que foi muito discutido n'aquella época por toda a imprensa europeia.

Na batalha de Yalu, no bombardeamento de Porto Arthur e finalmente na tomada de Wei-hai-Wei, ainda o «Naniwa» figura brilhantemente, encorporado na esquadra do almirante Ito e manobrado pelo seu habilissimo commandante. No fim da guerra, a actividade de Togo exerce-se no sul da China, sendo elle que protege o desembarque das forças nipponicas na Formosa. Durante os tumultos dos *boxers*, é Togo que commanda a esquadra japoneza no mar da China.

Togo era promovido a vice-almirante em 1898. Quando a guerra com a Russia se apresentou inevitavel, foi nomeado commandante em chefe da esquadra e promovido pouco depois a almirante. Entramos nos acontecimentos da actualidade, os quaes seria superfluo relembrar, porque são de conhecimento de todos; basta dizer que taes acontecimentos

serviram já para demonstrar plenamente quanto acertada foi a escolha do governo japonez, dando a Togo uma tão melindrosa missão.

A guerra naval que se fére, figurará certamente na historia do mundo como a mais terrivel e a mais notavel dos tempos modernos, e aquella em que pela primeira vez os mais altos aperfeiçoamentos — enorme alcance de tiro, extrema delicadeza dos machinismos, excellencia do poder da couraça, telegraphia sem fios, — entram em jogo. O almirante Togo mostra-se bem á altura do seu cargo, tendo já, por si e pelo auxilio dos seus bravos marinheiros, erguido ás eminencias da fama o prestigio da patria nipponica, perante a surpreza das nações. Mas muito terá ainda que fazer, após o bloqueio de Porto Arthur, em que agora se empenha. Chegará a estes mares a já tão fallada esquadra russa do mar Baltico? Se chega, novas energias exigirá de Togo o seu paiz. Elle já desbaratou e aniquilou os navios russos do Extremo-Oriente; mas cumpre-lhe que desbarate e aniquile tambem os navios do Baltico, convencendo por esta fórma indiscutivel os seus commandantes de que a esquadra nipponica não se encontrava nos mares do norte da Europa, pescando arenques de mistura com as companhas inglezas, mas

aqui, no mar do Japão, com os canhões em bateria, em defeza d'este encantador imperio insular.

Togo é um homem de mediana estatura, de olhos claros e meigos, de pequeno bigode quasi branco e barba grisalha e curta a emmoldurar-lhe o rosto. A sua physionomia é dôce, paciente, captivante. Quando em terra, nos seus raros ocios, entrega-se ao calmo convivio da familia, rodeado da esposa e dos filhos, que são numerosos, de ambos os sexos; encontram-no então ás vezes acocorado á borda das ribeiras, vestindo um simples *kimono* de aldeão, um grande chapeu de palha enterrado na cabeça, pescando serenamente á linha. . .

— Por estes dias de fins de outomno e por estas paizagens nipponicas, o incomparavel pintor colorista, que se chama, em boa linguagem chã, a nossa mãe natureza, prodigalisa as suas melhores tintas de ouros-velhos, de vermelhos, de escarlates, sobre as cômas das arvores, na esplendida amenidade dos campos. A primavera, a primavera! . . . no fim de contas, uma menina pretenciosa, enfrascada em perfumes, arrebicada de grinaldas, toda ella nervosismos; e por isto mesmo, por tanta garridice quisilenta. Não ha flôres que valham

esta rama requeinada de certas arvores que se chamam *momiji* em japonez, de delicadissimas folhas digitadas a lembrarem patas de gallinha, em estupendas apotheoses de incandescencia, graças ao colorido estranho que lhes imprimem os ultimos dias de novembro. Mas o outomno não cora apenas os *momiji*: um grande numero de outras arvores, de arbustos, de plantas, se vestem de tonalidades prodigiosas — amarellos ardentes, carmezins sanguineos, rôxos lutuosos, — contrastando com o verde perenne, eterno, da rama dos pinheiros.

Encantadoras florestas e encantador outomno! . . . E reparai: na primavera, uma folhinha que espiga é a imagem da esperança; no outomno, uma folha que cahe é a imagem da saudade. . . Sois velho, como eu? Se o sois, haveis de convir commigo que, no campo do mysterio psychico das forças emotivas, entre a esperança e a saudade, a poesia d'esta ultima é bem mais arrebatadora, bem mais intensamente sentida. E' bom rir. . . mas melhor é chorar, se a nossa sentimentalidade pôde attingir, com a experiencia da vida, o requinte supremo de se aprazer na dôr! . . .

Eu contemplava este soberbo espectaculo outomnal do alto do templo buddhista de

Kiyomizu, em Kioto, dedicado á deusa do perdão, Kwannon, de 11 rostos e de 1:000 braços. A meus pés, cavava-se em precipicio um profundo valle, coberto de arvoredo, em que abundavam os rubros *momiji*, e que ia estreitando até offerecer um leito serpeante e um filete de aguas crystalinas, que deslisavam em silencio. O povo em multidão, de vestes polychromas, desfilava pelos trilhos em ziguezague, ou abancava junto de pequenas vendas garridamente embandeiradas, para tomar chá e comer bolos, no enlêvo d'aquella festa das folhas mortas. . .

XXII

12 de dezembro de 1904

Calmaria de noticias — A situação dos dois belligerantes — Qual será o resultado do novo e tremendo encontro que se espera? — Porto Arthur — A esquadra russa do Baltico — A sympathia mundial a favor do Japão — Considerações e explicações — Ultimas noticias relativas á guerra.

Aproveitemos a quasi absoluta calmaria de noticias da guerra d'estas ultimas semanas, para lançarmos um rapido relance de olhos sobre a situação dos dois belligerantes, tentando deduzir dos factos as consequencias proximas mais provaveis.

Dos lados de Mukden os exercitos inimigos conservam-se em permanente contacto, como o estão provando as quasi constantes escaramuças que se dão, de resultados varios. Posto que o inverno, que começa rigorosissimo, como é sempre na Mandchuria, esteja impondo uma natural pausa nas hostilidades, para recomeçarem presumidamente na primavera, parece, comtudo, que nem russos nem japonezes se acham satisfeitos com as respe-

ctivas posições que occupam, affigurando-se imminente uma grande batalha ainda durante este mez.

Admitte-se como certo que importantissimos reforços, de tropas frescas vindas da Europa, tenham augmentado ultimamente o effectivo do exercito de Kuropatkine. Dos japonezes nada se sabe aqui, cuidando cautelosamente o governo de occultar ao publico as suas determinações; mas a experiencia dos acontecimentos anteriores induz-nos a acreditar que ainda ha sobra de soldados nipponicos e que as falhas nas forças do marechal Oyama hajam sido largamente preenchidas durante o presente periodo de tréguas.

Qual será o resultado do novo e tremendo encontro que se espera? Os observadores imparciaes já descrêem muito das promessas de Kuropatkine e da vinda do tal exercito immenso, incumbido de esmagar todos os nipponicos. Embora a Russia disponha, effectivamente, de uma população enorme, a expedição de similhante exercito e a sua manutenção em plena Mandchuria não passam de simples chimeras, de sonhos irrealisaveis. Succederá acaso que a sorte das armas favoreça as forças do czar, as quaes até agora não téem tido senão revézes; mas essa mui problematica

victoria não poderá deixar de ser incompleta, porque já será humanamente impossivel aniquilar o exercito do mikado, composto de tão excellentes soldados e hoje muitas vezes superior ao que era no inicio do conflicto, pela incalculavel força moral que lhe imprime o prestigio das suas multiplices victorias. A Russia em peso já não poderia esmagar agora, como um bando de formigas, os heroes de tão brilhantes e successivas batalhas.

Quanto a Porto Arthur, é certo que o publico no Japão, mesmo as auctoridades dirigentes, todos se illudiram muito, julgando que a temivel praça de guerra cahiria dentro de poucos dias nas mãos dos sitiantes. Não cahiu e ainda se mantém, mercê da coragem inaudita dos seus defensores, dos recursos de que dispunham, e das condições naturaes do terreno. Esta grande audacia dos japonezes tem-lhes custado, sabe-se, muitos milhares de vidas. Mas Porto Arthur ha-de fatalmente cahir. Os ataques continuam, com duras perdas para os japonezes, mas tambem com duras perdas para os russos, que não pódem receber auxilio algum do exterior. Annuncia-se agora que no dia 30 de novembro os japonezes tomaram de assalto, após desesperada resistencia, o forte chamado «Cota dos 203

metros», o qual domina quasi todas as fortificações do inimigo. D'este acontecimento e de outros que vão succeder-lhe, resultará, não se sabe quando, a derrocada final, substituindo-se a bandeira da cruz de Santo André pela do Sol Nascente, e assim se terá cumprido uma condição imprescindivel do tremendo programma nipponico.

No entretanto, a esquadra russa do Baltico avança, aproxima-se lentamente das aguas extremo-orientaes, o que até ha pouco nos parecia impossivel de realisar-se, porque não contavamos com uma certa elasticidade dos deveres neutraes que se está dando por parte de terceiros, deveres que tomam differentes fórmas, como uma bola de borracha, e assim permittem aos russos commodo aprovisionamento nas escalas que vão fazendo. Mas chegará cá, a já famosa esquadra do Baltico? Como é licito imaginar-se tal, que após uma longa e penosa viagem, com avarias certas a exigirem prompto reparo, com uma guarnição inexperiente (porque a flòr da marinha russa deve ter sido a que veio com a primeira esquadra), inexperiente e ainda por cima desmoralisada, do que já deu sobejas provas; como é licito imaginar-se que uma tal esquadra, carecendo, antes de entrar em combate, de

um porto de abrigo que não se lhe depara, venha expor-se temerariamente ao encontro da esquadra de Togo, a qual lhe é materialmente superior e guarnecida por uma tripulação altamente experimentada no mar e no fogo, exaltada pelas glorias dos seus feitos? . . . Não, eu creio que a esquadra do Baltico não se arriscará a aproximar-se do imperio insular, para não soffrer sorte igual á da esquadra do mallogrado Makaroff. De duas hypotheses, uma: ou algum grande acontecimento, como a provavel e proxima quéda de Porto Arthur, a decide a voltar para traz, imitando assim no mar a estrategia em terra de Kuropatkine; ou então vae espalhar-se por esses mares de Christo, occupando-se na faina aventureira de corsario, pouco gloriosa mas bastante proficua, e com o que poderá causar terriveis damnos ao commercio japonez e tambem ao commercio neutral. Não nos fatiguemos, no entretanto, em elaborar hypotheses, que pódem todas falhar; o futuro, na crise presente, mostra-se insondavel; sendo possivel que, se a Russia insistir no prolongamento do conflicto, tremendos acontecimentos surgirão, cujo alcance nem se imagina nos dias que vão correndo. . .

— A sympathia mundial, tão necessaria ao Nippon para a realisação dos seus designios,

apresenta-se ainda do seu lado, maravilhando a todos o esforço gigante d'este bando de ilhéus, arcando contra o inimigo colossal que pretende esmagal-os. Em todo o caso, não confiemos demasiadamente n'esta sympathia. Os effluvios sentimentaes das nações lembram, em grande, os caprichos, as preferencias das creanças, susceptiveis de mudarem n'um momento de sentido, quando por exemplo venha a fadiga de uma prolongada expectativa. E, assim como um confeito, ou um bom fructo maduro, lançado a proposito sobre a palma da mãosita cubiçosa, poderá modificar de improviso a orientação mental do infante, assim tambem outro genero de fructos ou de confeitos, isto é, os interesses proximos e porventura mesquinhos, os accordos productivos, poderão alienar do remoto Estado asiatico as attenções dos occidentaes, abandonando-o ao seu destino.

Creio até que uma certa impaciencia já começa a manifestar-se na Europa, já começa a manifestar-se na America, mesmo do lado d'aquelles que mais se enthusiasmam pela causa nipponica. A principio, era simplesmente uma louca temeridade a acção dos japonezes contra os russos; mas já que os venceram, já que os desbarataram, porque não avançam

mais? porque não correm a Mukden? porque não alcançam Karbin? porque não envolvem n'uma cintura de canhões o exercito em peso de Kuropatkine? porque não penetram de vez em Porto Arthur?... As massas folgam, commovem-se com o drama; mas não lhe concedem de bom grado mais dos cinco actos usuaes. Crueis e irreflectidas interrogações, que téem ares de desconhecerem as enormes difficuldades que tolhem constantemente o passo aos bravos soldados japonezes, os horrores do inverno durissimo que começa, as doenças que sobrevéem, a grande paciencia requerida, esperando momento azado para disputar mais um palmo de terra ao inimigo poderosissimo que está na frente!...

E' curioso, no entretanto, observar que, se ainda na Europa, se ainda na America, desabrocha a flòr da sympathia, voltando a corolla para o lado do Sol Nascente, é na região asiatica e principalmente no Japão, onde por entre os residentes occidentaes se nos deparam mais irreconciliaveis antipathias pela causa nipponica. Assim devia acontecer: Esta guerra reduz-se, no fim de contas, a uma lucta de raças, devendo ter-se o cuidado de esclarecer assim a situação: a Asia, representada pelo Estado asiatico mais florescente,

mais avançado em progressos, reclama o direito da sua independencia, da sua unificação, do seu engrandecimento; a Europa, ou melhor, o Occidente, representado por um dos seus mais temiveis Estados, quer para si o direito de explorar a Asia como cousa propria, como colonia escravisada. Ora ninguem personifica melhor o elemento mais empenhado em tal exploração do que os occidentaes aqui residentes, directamente com as mãos no negocio, em contacto diario com os japonezes no jogo das permutações, e por isto mais promptamente lesados pelas iniciativas indigenas.

E' assim que nos clubs, nos hoteis, provavelmente nas igrejas, n'um centro qualquer onde se pratique a palestra, entre residentes estrangeiros, transpira frequentemente o desejo de vêr vencido o Japão. A Russia não é boa, mas antes ella domine no Extremo-Oriente em vez do Nippon. A ideia enuncia-se apenas parcialmente, porque um inglez desejaria que a Inglaterra fosse o dominador, um allemão que fosse a Allemanha, um francez que fosse a França e assim os outros. O egoismo, dispondo soberanamente das consciencias.

Continuemos discorrendo, á falta de melhor assumpto, sobre este das sympathias e

das antipathias que o Japão inspira aos occidentaes; parecendo-me a palestra não de todo destituida de interesse.

Na Europa, na America, as sympathias sinceras por este imperio e por este povo encontram-se nos raros que apreciam o Japão pelo seu lado artistico, tão surprehendente de primores, ou nos egualmente raros que estudam a sua maravilhosa historia, o seu assombroso desenvolvimento, as palpitantes aspirações da nação. Até ha pouco, o resto, isto é, a grande maioria, quasi que se mantinha por completo indifferente em tal materia; a guerra popularisou o Japão, excitando a emotividade das massas, fazendo brotar sympathias e antipathias, ao acaso.

Com respeito áquelles que conhecem por seus olhos o Japão, que o habitam ou habitaram, devemos distinguir entre *touristes* e residentes. Os *touristes*, os que fizeram uma rapida apparição n'este paiz, adoram-no em geral; a litteratura enthusiastica sobre o Nippon emana quasi toda d'elles. Nem eu mesmo comprehendo que estas paizagens graciosissimas, que esta arte gentil que resalta de tudo e de todos, que este povo amabilissimo, que estas mulheres encantadoras, deixem frio, indifferente ou sarcastico aquelle que relanceou

tantos enlêvos; esse alguem, que não se enterneça com tal quadro, será um imbecil ou um perverso.

Com o residente, o caso muda muito de figura. Não fallando já nas razões mercantis que ficaram apontadas, e que naturalmente lhe predispõem o animo contra o competidor nativo, outras razões, mais subtis, vão explicar a frequente antipathia do europeu contra o japonez. Á primeira impressão de agrado, contrapõem-se dia a dia a ignorancia irritante da lingua, o antagonismo dos sentimentos e dos costumes, o orgulho occidental em fricção com o orgulho nipponico, uma certa acção morbida do clima e certamente ainda outras causas. O residente, em regra, afasta-se a pouco e pouco de tudo que seja japonez, vivendo na sua casa, no seu escriptorio, no seu club, no seu *bar* e no seu *tennis*.

Se ha algum branco que, após demorada permanencia n'este paiz, ainda se commova pela paizagem que o envolve, e pelo quadro exotico da vida indigena, votando franca sympathia ás glorias nipponicas, este homem de excepção deve ser um solitario e um excentrico, improprio para o *sport* e physiologicamente incapaz de esvasiar de um trago um copo de whisky e sóda; deve, além d'isto, ter

tido a fatalidade de haver soffrido do contacto dos seus similhantes e de não possuir um lar amigo, distante embora, que o attráia; deve, finalmente, ter gasto, na experiencia da vida o seu farnel inteiro de esperanças pessoaes. Um tal sujeito poderá viver evidentemente no Japão, como em outro qualquer sitio, reduzido ao aprazimento dos olhos; uma especie de homem-pharol — permitta-se-me a imagem — mas pharol para vêr e não para ser visto, elevado sobre o arido rochedo ideal das suas desillusões e do desinteresse de si mesmo. Para taes olhos — e alguns tenho encontrado nas condições descriptas, — para taes olhos, o espectaculo do Japão e do seu povo é fascinante! . . .

Insistindo no phenomeno da antipathia dos residentes pelos nativos, notemos ainda uma circumstancia especialmente curiosa: — é nas mulheres que tal antipathia mais se aninha; rara será a dama europeia residente que não deteste o Japão e os japonezes ou pelo menos estes ultimos. — Porquê? Vá a gente metter-se em discutir a psychologia feminina! . . . No entretanto, a medo, tentarei levemente esclarecer o enigma. Escasseiam á mulher, em comparação com o homem, dotes de analyse para descriminar os encantos da

creação e da paizagem e os encantos da arte, que são o que mais emociona quando se pisa o sólo japonez. A mais, ha o clima exotico, o meio estranho, que particularmente irritam a sua nervosidade sensitiva. A residente europeia é em regra, no Japão, uma doente — hysterica, neurasthenica, o que quizerem. O effeito desequilibrante das longas viagens pelo mar sobre a compleição moral feminina é bem conhecido d'aquelles que navegam; junte-se a isto a permanencia, ainda mais perturbadora, n'este paiz de tão flagrantes contrastes com as terras do branco, da branca, e assim nos approximaremos da explicação do caso.

Dois factores ainda, que se me affiguram bem mais ponderativos do que os que ficaram apontados, concorrem para tornar desagradavel á europeia a residencia no Japão, do que deriva consequentemente a sua aversão pelo indigena.

Um d'esses factores resume-se nas continuas complicações domesticas com os serviçaes; dando-se, por um lado, a circumstancia da já n'este logar apontada má vontade com que o criado japonez, sobretudo a criada japoneza, acceita o mister da servidão, e por outro lado os habitos de creoula em que em geral descamba a dama, no que a palavra ex-

prime de existencia preguiçosa e egoista, mordida de caprichos, propensa a exigir da gente de serviço as mais enfadonhas tarefas, os mais aviltantes empregos. As relações entre a dona da casa (o termo aqui é mal cabido) e os seus criados são sempre acrimoniosas; basta registar que o assumpto constitue a palestra predilecta do feminino loiro no Japão.

O outro factor, que ficou para o fim por ser mais grave, consiste na graciosidade da mulher japoneza, para fallarmos sem rodeios. A japoneza é dotada de uma graça, de uma gentileza enternecedoras; a elegancia do seu trajo é adoravel; a fluidez das suas fórmas e da sua mimica, os seus altos dotes em manusear as artes de deleite, a sua admiravel comprehensão das côres, no respeitante aos seus vestidos, ás cousas de uso, de ornamentação, revelam-na como uma creatura feminina cheia de encantos, a mais requintada em esmeros que ainda veio a este mundo. A europeia aprecia perfeitamente estes dons alheios e sente-se deprimida, offuscada. Tem inveja, tem ciumes da japoneza, mal póde encaral-a; alastrando seu odio, profundo embora inconfessado, ao povo inteiro, ao proprio sólo onde a japoneza pousa, protegido sobre a sandalia de palha, o seu pé nú, branco, esculptural.

Das boquinhas petulantes das minhas compatricias — refiro-me á grande patria occidental — chovem por vezes motejos crudelissimos sobre a terra nipponica, os quaes muito devem offender os ouvidos dos seus deuses tutelares. — «E' delicioso este paiz — dizia-me ha poucos dias uma d'ellas, quando contemplavamos juntos um quadro de paizagem agreste, admiravel; — é delicioso, mas queria-o n'outras mãos, sabel-o com outros donos. . .» — Sim, percebo, ser ella a dona, de parceria com as fufias das irmãs e outras senhoras do meu conhecimento, e os respectivos papás, os manos e os maridos. A picareta do progresso viria em breve trecho arrazar por completo tudo isto, demolindo os templos, os jardins, as casinhas de papel, todo o conjunto que tão bem se harmonisa com o aspecto natural d'este Nippon; e teriamos em troca as afuniladas egrejas de tijolo, os casarões de quinze andares, os *tennis*, os parques de *flirtation*.

Touristes: se algum dia souberdes que o Japão mudou de donos (catastrophe que não se me apresenta realisavel), não venhaes cá, porque já não haverá nada que vêr; se insistirdes na viagem, nada mais vos espera, para cumulo do vosso aprazimento, do que o salão

cheirando a bafio de uma qualquer matrona, no seu *reception day*, salão onde deveis permanecer por meia hora em insipido colloquio, com o vosso chapeu n'uma das mãos, com a chavena de chá preto n'outra mão, com o *kake* n'outra mão, com a *sandwich* n'outra mão... porque, deveis saber, para esta gymnastica do bom tom é pelo menos exigivel o ser-se quadrumano.

— Deixando para a ultima hora as noticias da guerra, eis o que ha.

A occupação, pelos japonezes, da cota de 203 metros, na visinhança de Porto Arthur, collocou-os em circumstancias especialmente favoraveis para levarem a cabo a terrivel empreza em que porfiam. D'aquella altura, que domina todos os fortes russos e d'onde se descobre a cidade e o seu porto, o bombardeamento tem proseguido tenazmente, sendo o fogo dirigido em particular contra os restantes navios de guerra russos, ancorados dentro do porto, do que resultou já a sua quasi total destruição. Práticamente, a bella esquadra moscovita, enviada antes da guerra a estas paragens, desappareceu por completo, com excepção dos dois ou tres cruzadores, avariados, que ainda permanecem em Vladivostok. As opiniões mais dignas de credito julgam que a

derrocada final de Porto Arthur não se fará esperar muito.

Annuncia-se agora mais um desastre para a esquadra japoneza. No dia 30 de novembro, o navio guarda-costas «Saiyen», quando muito junto de terra, cerca de Porto Arthur, no intuito de auxiliar a acção das forças de terra, tocou n'uma mina submarina russa, afundando-se logo. Salvaram-se 191 homens da tripulação, perecendo 31, entre os quaes o seu commandante.

XXIII

22 de dezembro de 1904

Ao findar do anno — Noticias da guerra — Desejos de paz; considerações sobre o assumpto — Estudo ácerca do nipponico; a sua pintura, esculptura, musica, theatro, poesia, architectura religiosa — Ultimas reflexões: a «uta» japoneza e a quadra portugueza.

Carta do fim do anno, longa, fastidiosa como uma noite de dezembro. Liberdade plena, porém, á benevolente redacção do *Commercio do Porto* para exercer sobre esta mesma carta o que *O Lavrador* recommenda com respeito á póda dos pomares, desembaraçando-os das ramadas inuteis, infructiferas; e como ultima medida, radical, resta ao leitor o dôce aprazimento de pôr de parte a epistola, lançando a vista a assumpto mais ameno. No entretanto, o 1.° de janeiro não vem longe, dia em que todos os japonezes percorrem os innumeros templos que lhes ficam ao alcance, a fim de implorarem os deuses para que lhes concedam sobra de venturas e muitas coisas mais; e eu já aqui prometto que hei-de pere-

grinar tambem de templo em templo, á japoneza, rogando ás minhas divindades tutelares que me illuminem e me tornem menos maçador n'estes cavacos. . .

— Que ha da guerra? Pouca coisa. Chegam noticias de algumas escaramuças do lado de Shaho. Quanto a Porto Arthur, as esquadrilhas japonezas de torpedeiros téem-se empenhado, n'estes ultimos dias, em vivos e successivos ataques contra os restos da bella esquadra russa ainda no interior do porto, restos representados pelo «Sebastopol» e por alguns *destroyers*. Os japonezes perderam bastantes vidas n'estes ataques, incluindo as de alguns officiaes, soffrendo tambem avarias; nem admira que assim succedesse, quando se imagine a arriscadissima empreza dos pequenos barcos, investindo pelo porto dentro, expondo-se, sem remedio, á chuva de metralha lançada dos innumeros fortes. Parece, porém, que, em compensação, se attingiu o fim desejado, restando ainda em condições de navigabilidade, se é que resta, apenas algum raro *destroyer* do inimigo. Em terra, as forças sitiantes occuparam mais uma posição importante, o forte de léste do monte Kikwan; isto após corajosa resistencia dos russos, que, finalmente, tiveram de retirar-se, deixando no campo uns 50 mor-

tos, abandonando cinco canhões e outro material. E' cedo ainda para fazer conjecturas sobre a época da queda completa da temivel praça de guerra.

Do Japão estão seguindo constantemente novos reforços de tropas para o theatro do conflicto. Um recente decreto imperial, que elevou de tres a dez annos o serviço das reservas, garante sobra de soldados para esta lucta tremenda que se fére. Está sendo mesmo a nota caracteristica da cidade onde me encontro, a ornamentação festiva das casas habitadas pelos reservistas que vão partir para a guerra, e os cortejos de amigos que os acompanham processionalmente pelas ruas, até á proxima estação da linha ferrea.

— Vai-se registando, pela imprensa europeia, uma notavel insistencia de desejos de paz, no que respeita ao terrivel drama do Extremo-Oriente. Admittamos que são sinceros e honestos taes desejos. Effectivamente, a sangrenta lucta que se fére, deve ir impressionando dolorosamente os espiritos cultos e os espiritos bons; e todos os esforços desinteressados, que se empreguem no sentido de aproximar de uma solução pacifica o problema extremo-oriental, merecem um caloroso applauso.

No entretanto, é licito perguntar-se como é que os occidentaes comprehendem, por seu lado, essa paz tão almejada; se se trata apenas de um simples exercicio declamatorio, para dar franca vasão á rhetorica dos publicistas; ou se, francamente, todos se propõem collaborar para uma longa tranquillidade, tão necessaria, da região de que me occupo. A paz ha-de chegar, cedo ou tarde; mas será ella duravel? Affigura-se-me difficil que assim aconteça, tendo em conta a insaciavel ambição das grandes potencias da Europa e da America e o enorme orgulho da raça branca. No presente estado do grande edificio social, a America é da America, e escusamos de pensar mais n'ella; a Africa, claramente, não é da Africa, mas de um certo numero de nações europeias, que já se entretiveram em retalhal-a em pedaços, occupando-se agora cada qual em tirar, como póde, o melhor proveito do seu pedaço. Mas isto não basta. Por um lado, a ambição dos grandes e dos ricos não se mostra satisfeita; por outro lado, a miseria do proletario augmenta em graves proporções. Evidentemente, o mundo civilisado prosegue por um caminho falso; este caminho não leva á felicidade dos povos, pois que os vêmos debaterem-se, com ancia crescente, contra a fome,

chafurdando no charco mephitico da ignorancia, do impudor, da devassidão e do crime. Quando nos extasiemos perante os maravilhosos resultados a que os homens téem sabido elevar todas as sciencias do conhecimento humano, parece que devemos confessar que n'uma só se mostram incapazes — a sciencia social, — rocha concreta, resistindo a todas as tentativas do obreiro.

Não vem para aqui o discutir se seria meritorio um enorme esforço de remodelação, abandonando o caminho errado, voltando para traz e procurando outro trilho, que nos parecesse levar mais efficazmente ao ideal que se deve ter em vista, que é a felicidade das massas. Basta-nos agora tomar nota do estado febricitante em que se encontra a cobiça mundial, do qual deriva fatalmente a politica de expansão e de conquista. Comprehendemos, pois, sem surpreza, o motivo das vistas insistentes lançadas ha alguns annos sobre o continente asiatico, o menos explorado e não o menos rico; hoje ainda mais em evidencia, mercê da guerra russo-japoneza, que está, por assim dizer, valorisando-lhe o terreno. As investidas começaram. A espoliação material está provada, não precisamos insistir no assumpto: Kiau-chau (para não irmos mais

longe nos tempos), nas mãos dos allemães; Wei-hai-wei, nas mãos dos inglezes; Tonkin, parte de Siam, nas mãos dos francezes; e nas mãos dos russos, embora actualmente escancaradas e quasi deixando fugir o passaro... o que se sabe. Mas ha muito mais: o problema da repartição da Asia pelos estados da raça branca é hoje negocio assente, esperando-se apenas opportunidade para a sua tremenda realisação.

Quanto ao desprezo e ao orgulho interesseiro com que o occidental encara o asiatico, é tambem materia facil de esclarecer. Se o asiatico se apresenta utilisavel como *massa combustivel*, para atear a effervescente labuta das grandes actividades lucrativas, eil-o expedido como carga, como fardo, a bordo dos vapores que se dirigem á Africa do Sul e a outros pontos, a fim de, com o seu suor, com a sua vida, sacar do sólo as riquezas escondidas — ouro, prata, diamantes — para gaudio dos grandes syndicatos. Quando, porém, nos centros aonde a existencia deslisa amenamente, o mesmo asiatico se offerece como um competidor ao trabalho do branco (por ser mais sobrio e mais modesto do que o branco), é escorraçado como cão damnado, fecham-se-lhe as portas sob todos os pretextos. Nos

Estados-Unidos, o chinez só tem entrada quando desembolse de chofre uma grossa quantia e continue pagando uma alta taxa de residencia; o ingresso aproveita, pois, só aos ricos, ainda assim sujeitos a longas formalidades e a não raros vexames. Na Australia, nenhum estranho é admittido sem primeiro provar que sabe escrever em uma lingua qualquer europeia, o que é o mesmo que dizer que este bello paiz se acha práticamente defezo á grande maioria dos asiaticos.

Mas, emquanto que os occidentaes vão decretando estas estupendas leis e outras equivalentes contra os asiaticos, estes mesmos occidentaes gozam do livre accesso nos paizes asiaticos. Quando, por excepção, os chinezes mostram desejos de que os estrangeiros se retirem do seu sólo, estes não se retiram, vão ficando; e dá-se então a revolta, não dos estrangeiros, como parecia logico chamar-se-lhe, mas... dos chinezes, dos *boxers*. Imagine-se agora, por um momento, que o Japão, que é no entretanto dos Estados asiaticos o que exerce com mais effectiva liberdade os seus direitos de soberania, imaginemos agora que o Japão decretava uma lei, prohibindo a entrada dos estrangeiros que não soubessem escrever em uma lingua asiatica!... Está-se

imaginando a erupção de rhetorica indignada que partiria do mundo que se diz civilisado, e a sua prompta acção, collectivamente aggressiva, para pôr termo ao que então se appellidaria pomposamente — os desmandos do barbarismo! — E reparem os meus caros leitores que uma tal lei, que viesse dos japonezes, seria por varios motivos justificavel, quando se pense na horda de pseudo-marinheiros vadios, desordeiros e dissolutos, que invadem os portos abertos ao commercio; quando se observem as diversas tabernas instituidas para regalo d'estes clientes, constituindo terriveis fócos de desmoralisação dos costumes; quando se fixe a turba crescente dos pequeninos mestiços, passeando a sua orphandade e a sua miseria pelas ruas; quando se note, emfim, que muitos attritos internos provéem da presença dos residentes estranhos; tudo isto, sem já lembrar a séria concorrencia que estes mesmos estranhos exercem em muitos ramos de negocio, com prejuizo dos interesses nativos. Pela China, pela Indo-China, pelo Siam, por todo o Extremo-Oriente, é o mesmo, ou peor.

Ora, relanceando assim, muito por alto, a maneira de julgar e de proceder de todos os occidentaes, no que respeita ás suas relações sociaes com os povos do Extremo-Oriente, é

licito que, voltando ás primeiras reflexões d'este artigo, perguntemos mais uma vez: — Quando a paz chegar, cedo ou tarde, será ella duravel? — Se a raça branca entende persistir na sua philosophia de orgulho e de ambições, a paz não poderá ser duravel; porque o Japão já não poderá assistir, silencioso e humilde, aos duros ataques contra os interesses do continente visinho, interesses que são os seus proprios, e contra a sua hegemonia no Extremo-Oriente; e tambem porque a Asia, a Asia em peso, acorda n'este momento da sua longa modorra, como que rejuvenescida pelo sòpro de vitalidade que lhe chega de perto, do pedaço mais nobre do seu torrão; e foi a Europa que a acordou . . . Se, pelo contrario, as potencias do Occidente resolvem adoptar uma politica mais equitativa e conciliadora para com os povos asiaticos, então será duravel a paz, nem a Asia reclama outra cousa.

A Asia prosegue na sua evolução, acreditai; mas lentamente, muito lentamente, e sem carecer dos estimulos de fóra, que pelo contrario a prejudicam. No entretanto, as duas grandes familias humanas, branca e amarella, nunca se poderão fundir uma na outra, por dissidencias ethnicas, por dissidencias de

civilisações, civilisações consolidadas, completas, mas distinctas, mas em flagrante antagonismo. Poderão, porém, marchar parallelamente uma com a outra, sem se prejudicarem, antes auxiliando-se na permutação de que necessitem e saudando-se cortezmente; eis o mais que é permittido esperar-se do convivio das duas raças.

Está em uso, em linguagem figurada e pittoresca, representar a Russia por um urso; a Inglaterra é o leopardo; a Hespanha é o leão; outros paizes reclamarão para o seu symbolo outros brutos. Talvez que esta assás humoristica imagem de uma *ménagerie* universal resuma em si um conceito philosophico de alto ensinamento, mas não nos detenhamos em sondal-o: admittamos o facto. Pois bem, féras do Occidente: — deixae em paz o dragão oriental; não o exciteis, não o provoqueis á lucta, isto por varios motivos peremptorios, incluindo o da prudencia; esphacelae-vos, se a tanto vos impelle o instincto, entre vós mesmos, mas deixai em paz o dragão oriental. . .

— Quando pretendamos aprofundar, embora levemente, o mysterio da alma japoneza, conceber uma ligeira ideia da requintada e exotica sentimentalidade d'esta interessantissima tribu de delicados, o melhor caminho que temos a

seguir — como não poucas vezes acontece — é o mais longo. Não será quando propozermos a nós mesmos questões preciosas, directas, sobre a emotividade do nipponico — estas, por exemplo: como elle ama a mulher? como supporta a dòr? como encara os revézes? — que chegaremos a conhecel-o. Os taludes do castello são demasiado em alcantil para pensarmos em tomal-o por assalto. São precisos rodeios. O que se nos offerece de mais aprazivel e com maiores probabilidades de bom exito, é o estudarmos o individuo pela sua obra, isto é, pelas suas manifestações artisticas e outras creações; documentos que persistem, visiveis, palpaveis, prestando-se complacentemente ao exame e á analyse. De taes investigações amenissimas que nos enfeitiçam, que nos prendem amorosamente o espirito, algumas surprezas inéditas poderemos colher sobre a sentimentalidade subtil dos filhos do paiz do Sol Nascente e registal-as na nossa carteira de apontamentos.

A pintura, a esculptura, a musica, o theatro, a poesia, a architectura religiosa, a construcção da casa, o aninho do lar, a arte ornamental dos ramos de flòres, a arte de servir o chá, a arte de jardinagem, e mais, e mais, offerecem-nos vasto e riquissimo campo

de exploração. Já n'estas correspondencias tive ensejo de referir-me á pintura japoneza, e possivelmente ainda voltarei ao assumpto, que se me affigura cheio de interesse; mas hoje fallarei da poesia, menos tangivel que a pintura, mas não menos rica em filões auriferos, se a ouro se póde comparar a rutilante feição psychologica d'estes extraordinarios asiaticos.

A poesia, no Japão, não é um privilegio dos educados. E' de todos, todos a comprehendem, todos são poetas, todos são capazes de fazer versos. A poesia não é só de todos, é de tudo, está em tudo. Dir-se-hia a alma da nação, fluido subtilissimo em que se embebe a inteira paizagem, que fluctua sobre as aguas, que se respira no ar, que embriaga nativos e até estranhos.

A poesia japoneza, expressa em palavras, reduzida a documento escripto, é representada principalmente pela *uta*, especie de pequeno poema, de pequena canção, de que restam milhares de exemplos, retidos desde os mais remotos tempos historicos d'este povo. Os japonezes tambem compõem o poema segundo as regras chinezas, genero de exercicio classico, que não corresponde á alma nacional, e do qual não me occuparei n'este logar; e

mui modernamente um ou outro innovador pretende imitar a poesia occidental, resultando um producto ainda mais hybrido e que nem merece menção.

N'uma compilação de *uta*, feita no seculo x da nossa era, os compiladores dão a seguinte definição do poema indigena: — « *Yamato uta*, a poesia de Yamato (do Japão), reside no coração do homem, mas é depois expressa em palavras. O homem occupa-se de tudo e manifesta o seu sentimento sobre tudo que vê, e sobre tudo que ouve. Mas escutae a voz do rouxinol pousado sobre as flôres, e a voz da rã emergindo dos charcos, e comprehendereis que todos os sêres compõe a sua *uta*. Commover o céo e a terra sem empregar nenhuma violencia, fazer chorar os proprios genios invisiveis, amenisar as relações dos dois sexos e consolar o espirito dos guerreiros corajosos, tal é o fim da *uta*. » — Após dez seculos de distancia, a *uta* dos nossos dias ainda se póde definir pelas mesmas palavras; é ainda o murmurio espontaneo, quasi inconsciente, que o japonez solta, como o rouxinol, como a rã, para traduzir o seu sentimento, de desejos, de alegria, de máguas ou de dôr. Se o espirito devaneia, o japonez escreve um poema; se ama, escreve um poema; se soffre, escreve

um poema; antes de suicidar-se, escreve um poema; ha algumas semanas, na Mandchuria, um soldado moribundo, cahido no campo de batalha, escrevia um poema, molhando o indicador no sangue das proprias feridas.

Na casa nipponica encontra-se frequentemente o *kakemono*, que é um desenho, sobre papel ou sêda, suspenso da parede; mas ainda mais frequentemente se encontra o *gaku*, isto é, o pequeno quadro, sobre o qual a mão habil de um calligrapho traçou um poema, a *uta* enternecedora. O japonez, na paz do lar, apraz-se em pousar os olhos n'aquelles caracteres, seguindo mentalmente a evolução pathetica da phrase, por longo tempo, até que a imaginação abra as azas e suba a voar, no mundo das chimeras. Mas não é só do quadro que a *uta* enfeitiça o sonhador: na parede, no biombo, na toalha de enxugar o rosto, na ventarola, na chavena de chá, na taça de vinho, no cachimbo de metal, no espelho, em mil e mil objectos de uso quotidiano, se encontra o poemeto, escripto ou gravado, para regalo dos olhos.

Ora a pintura japoneza caracterisa-se pelos contornos indecisos, pelos tons vaporosos, apenas esboçados, pintura pouco representativa das coisas, antes invocadora de

reminiscencias; é n'isto que se apraz a alma japoneza. Pois a *uta* participa da mesma inconsistencia, da mesma fluidez, da mesma parcimonia de detalhes. Como a pintura, é mais do que tudo um estimulo das nossas recordações, do que vimos, do que sentimos, do que soffremos. Reduzido em geral cada poema a dimensões infimas, não excedendo ordinariamente trinta e uma syllabas, contendo ás vezes apenas dezesete, a habilidade do poeta consiste em grupar dentro d'estes curtos limites uma sufficiente escolha de palavras, que suggiram uma profunda impressão intima. Esta circumstancia torna por vezes muito difficil a interpretação da *uta*, sobretudo para estrangeiros.

Exemplifiquemos. Cito para estreia algumas *uta* que encontro no delicioso livro *In Ghostly Japan*, de Lafcadio Hearn, apresentando apenas para a primeira o original japonez:

Chôchô ni!...
Kyonem shishitaru
Tsuma koishi!

Traduzindo: -- «Duas borboletas!... no anno passado, morreu a minha querida es-

posa!» — Um sujeito viu duas borboletas, talvez no seu jardim, e irrompe com a exclamação que reproduzo. Que quer isto dizer? Saiba-se que um casal de borboletas é o symbolo gracioso da união conjugal n'este paiz, sendo até de uso enviar duas borboletas de papel com o presente de noivado. Agora comprehende-se o resto.

Outra *uta*, esta profundamente enternecedora: — «Oh, vento que trespassa o coração! as marcas dos dedinhos sobre o papel das corrediças!...» — Que é isto? O poema é o de uma dolorida mãe, que acaba de perder o seu filhinho. As casas japonezas, ao longo das extensas varandas, são providas de grandes caixilhos de madeira, cobertos de papel, formando corrediças de alto a baixo, que se unem umas de encontro ás outras, no inverno; as creanças divertem-se a furar o papel com as pontas dos deditos; pelos buracos penetra o vento, que no caso presente vinha ferir, como um punhal, o coração da pobre mãe...

Eis outra *uta*, curiosissima, attribuida á poetisa Chiyo, de remota fama. Um dia, propozeram-lhe que compozesse um poema de 17 syllabas, o qual se referisse ao quadrado, ao triangulo e ao circulo; ella respondeu de

prompto: — «Desatando uma ponta do mosquiteiro, eis-me contemplando a lua!...» — Expliquemos: no Japão ha muitos mosquitos, principalmente no verão; os japonezes servem-se, durante a noite, de mosquiteiros de espesso gaze verde, amarrados pelas quatro pontas ao tecto do quarto de dormir, muitas vezes escancarado á brisa; ora, o mosquiteiro envolve a ideia de quadrado; desatando uma ponta, ficando assim o mosquiteiro suspenso só por tres, fica expressa a ideia de triangulo; a pessoa deitada póde então debruçar a cabeça fóra do mosquiteiro e contemplar a lua, que é circular...

Consta que em Okayama, não sei porque dura expiação de crime, uma misera rapariga passou toda a sua vida enclausurada. Pouco antes de morrer compòz a seguinte poesia: — «Nasci em Okayama, provincia de Bizen; uma espiga de arroz... ainda não sei o que seja!» — A ideia do permanente sequestro á vida e ao contacto com os enlêvos da creação não poderia melhor exprimir-se, nem mais sentidamente, do que por esta ignorancia do que seja a espiga do arroz, n'um paiz onde o arroz é o pão do povo e os arrozaes constituem a mais vulgar cultura. Isto aconteceu ha muito tempo; mas parece que a cantiga ficou retida por

todas as moças de Okayama, muitas das quaes emigram temporariamente para outras provincias, no mister de serviçaes; e quando a patrôa pergunta a alguma d'ellas: — «De que terra és tu, rapariga?» — ella responde invariavelmente, por modestia, por humildade: — «Nasci em Okayama, provincia de Bizen; uma espiga de arroz... ainda não sei o que seja!»

Mais outra *uta*, esta deliciosa de ingenuidade: — «A *asagao* enleou-se no poço; vai-se buscar agua fóra» — *Asagao* é uma trepadeira annual, offerecendo innumeras e bellas variedades, florescendo no verão em jardins e campos, onde nasce quasi espontaneamente. Ora um pé d'esta planta medrou junto do poço, abraçou-se casualmente a uma das duas ripas a prumo, trepou até á ripa transversal, enrolou-se á roldana e á corda do balde... por *piedade* não se molesta, vai-se buscar a agua a outra parte.

Ainda outra *uta*, puramente pittoresca, recordando uma paizagem vista, no inverno: — «Aldeia de neve; cantam os gallos; aurora alvacenta...»

Seguem mais algumas *uta*, para terminar as citações, deixando ao leitor o cuidado de commental-as. Notaremos que umas são exclusivamente descriptivas, pittorescas, *graphicas*, fallando aos olhos; outras vão ferir de prefe-

rencia o mysterio da nossa sentimentalidade; outras ainda trazem comsigo um como que perfume de amor, subtilissimo, porém, indefinido, porque o pudor japonez recusa-se a cantar a graça de uns olhos travessos ou a frescura de uma bòcca appetecivel. Mas vamos ás citações.

— «Contemplando em torno, vejo as flòres misturarem-se á verdura dos salgueiros. Brocado, tecido pelas mãos da primavera.»

— «Meiga e limpida pela noite, a voz de um rapazinho que estuda, lendo alto, um livro... Tambem eu tive um rapazinho...»

— «Vós sois como a arvore de *momiji*, cujas folhas mudam de côr com as estações; eu sou como o pinheiro, do mesmo verde constante em todos os dias do anno.»

— «Não imagineis que os sonhos só apparecem de noute, ao adormecido; os sonhos, n'este mundo de soffrimento, tambem nos apparecem de dia.»

— «Da semente, cahida sobre a rocha, nasce e prospéra o pinheiro. O amor não tem, pois, grandes exigencias.»

— «Todas as noutes, fixando as nuvens, penso em alguem, que vive sob outros horizontes...»

— «O perfume das flòres das ameixeeiras

do meu jardim é mais agradavel do que a sua côr. . . Quem foi, pois, a encantadora pessoa, cujas mangas do *kimono* roçaram por estas flôres? . . . »

— « Junto das margens da ribeira, como é delicioso brincar! . . . Mas tomae cuidado, borboletas do outomno! . . . »

— « Sobre a neve recente, as pégadas dos cães deixam a impressão de flòres de ameixeeiras. »

— « Oh, o rustico lago! e o som das rãs atirando-se á agua! . . . »

— « Quando fixo o olhar para os lados onde o cuco se achava cantando, nada está; vejo apenas a lua, começando a erguer-se no horizonte. »

— « A flôr da glycinia pende de altas latadas, em longos cachos. Quem quizer contemplal-a, tem de olhar para o céu. »

Fiquemos por aqui em exemplos. Digamos ainda que a *uta*, tão antiga como antigo é o Japão, tem merecido até hoje particular estima. . . Resiste á onda demolidora das velhas tradições. Até no palacio imperial se cultiva amorosamente. Em cada anno, em janeiro, o imperador, a imperatriz, os nobres da còrte, compõem sobre um dado thema um poema de trinta e uma syllabas, especie de concurso,

a que a nação inteira é convidada a concorrer; chovem então no palacio muitos milhares de poesias. Os themas téem sido, n'estes ultimos annos: — pinheiros reflectindo-se nas aguas; congratulações comparadas a uma montanha; a longevidade do bambu verde: pinheiros cobertos de neve.

— Umas ultimas reflexões. A traducção, vasada em molde poetico, da *uta* japoneza, seria um trabalho interessantissimo, posto que erriçado de difficuldades para aquelle que tentasse fazel-o n'uma lingua qualquer europeia. Ha alguns ensaios do genero, principalmente em inglez e francez. Em portuguez, nada, é claro; os nossos proprios missionarios e mercadores, que descobriram o Japão, para a Europa, eram pouco dados ás musas. A meu vêr, em lingua portugueza, seria a quadra popular que melhor corresponderia á *uta* nipponica. Primeiramente, pela sua estructura, limitada a um curto numero de syllabas, como acontece na *uta*. Em segundo logar, porque a quadra, que em Portugal traduz em regra a poesia do povo, é o genero que melhor se adapta á ingenuidade lyrica da *uta*, que tambem é poesia do povo, embora seja a poesia de todos... não havendo ainda, felizmente, poetas de academia no Japão.

Mal haja quem inventou
No mar andarem navios,
Porque foi o causador
Dos meus olhos serem rios!...

Oh aguia, que vaes voando
Por essas serras de além!
Leva-me ao céu, onde assiste
A alma de minha mãe!...

E tantas, e tantas outras deliciosas quadras, na inexgotavel fonte do cancioneiro portuguez!... Não vos parece, pois, se este artigo alguma attenção vos mereceu, que a quadra portugueza poderia bem passar, muitas vezes, por uma *uta* japoneza, *aportuguezada*, pela sobriedade na phrase, pela delicada observação, pela exuberante poesia que exhala? Não é que o portuguez haja aprendido a fazer versos com o japonez, ou este com aquelle; mas é porque ambas as composições traduzem sem rodeios a espontaneidade sentimental dos dois povos, e a alma do povo é por toda a parte a mesma, pondo de parte ligeiras divergencias de meio, de costumes, de educação.

Ainda n'uma particularidade a quadra popular portugueza faz lembrar a *uta* nipponica. A quadra não tem auctor, o seu auctor é a turba; apenas, quando muito, se lhe assignala

uma origem, uma determinada provincia do paiz. Pois tambem a *uta* japoneza corre anonyma, de bôcca em bòcca; apenas são conhecidos os seus colleccionadores, que de longe em longe se dão á tarefa de colher, como flòres em campinas, estas flòres da alma japoneza, grupando-as em volume, em ramalhete. . .

XXIV

5 de janeiro de 1905

Anno novo japonez — Apreciação a um artigo sobre o Japão — Raças superiores e raças inferiores — O *perigo amarello* e o *flagello branco* — Divagações sobre o que do despertar da Asia resultará para a Europa e para o mundo — Episodios curiosos da campanha — Os cossacos e a cavallaria japoneza — Porto Arthur rendeu-se!

Mais um anno que se foi; mais uma conta esbrugada do rosario da vida... Entramos no anno de 1905 da éra christã; ou, se me permittem fallar com mais propriedade, com referencia ao paiz onde habito, entramos no 38.º anno da éra de Meiji. No Japão, como é geralmente sabido, contam-se os annos em grupos de éras, assignaladas por algum grande facto da historia patria; e esta em que estamos, chamada de Meiji (Grandiosa), principia com o notabilissimo acontecimento historico conhecido pela Restauração Imperial (1868).

O dia 1.º de janeiro amanheceu sereno e limpido; e aqui, como acolá, como além, por toda a região central do Nippon, cidade e cam-

pos apresentaram-se vestidos de uma alvissima camada de neve. Delicioso espectaculo; mesmo de auspicioso agouro, como que trazendo á ideia uma delicada sensação de pureza, de candura, na obra esplendida da creação!... Nas florestas e nos jardins as arvores e os arbustos offereciam um aspecto encantador, dir-se-hiam recamados de brancas florescencias estranhas. Nas ruas, atapetadas de fòfas alvuras, destacavam-se gentilmente as figurinhas negras dos transeuntes, muito correctos nas suas longas sobrecasacas e nos seus chapéus altos, de etiqueta; e ainda mais gentilmente se destacavam os *kimonos* multicôres e festivos, sobretudo os das raparigas, primorosamente ataviadas, em commemoração do dia!... E as sobrecasacas e os *kimonos* curvavam-se em reverencias, a cada passo, trocando-se a phrase sacramental: — «O medetò gozarimaçu» — felicito-vos...

— Um delicadissimo amigo, interessado na questão japoneza, como está actualmente acontecendo á grande maioria dos espiritos cultos e reflectivos, envia-me de quando em quando da metropole retalhos de jornaes que tratam do assumpto. Foi assim que me veio parar ás mãos, ha poucos dias, um interessante artigo, «Russia e Japão», onde, a pro-

posito de japonezes, avultam referencias aos problemas sociaes mais palpitantes, do dominio da sciencia contemporanea. Sem o intento de criticar, nem por sombras, o artigo, mas respigando aqui uma ideia, além outra ideia, vai elle dar-me pretexto para a palestra habitual que n'este logar se me consente.

Diz-se que as raças inferiores são completamente incapazes de crear, e mesmo de continuar uma civilisação. Póde bem ser; mas, primeiro do que tudo, quaes são as raças inferiores? Que os japonezes, da raça asiatica, são inferiores aos europeus da raça branca, não resta a menor duvida. . . no conceito, é claro, dos proprios europeus; mas, precisamente, os japonezes são de contraria opinião. Carecia-se, em boa logica, de um terceiro para desempatar. . .

Talvez, porém, a classificação de raças superiores e inferiores seja incoherente, convindo apenas registar: — raças differentes. Porventura os dois qualificativos serão incompativeis com a animalidade inteira. Entre o pardal e a tainha, qual é o inferior? No vôo, é a tainha; mas em nadar, é o pardal. . . Não nos afastemos, porém, do nosso caso, mas cuidemos de escolher exemplos bem frisantes. Parece indiscutivel que o negro seja inferior,

muito inferior ao branco. Evidentemente o negro é-lhe inferior, por exemplo, para aprender geometria, ou para dirigir uma fabrica de fiação, ou para saber vestir uma casaca; mas perguntai a vós mesmos qual dos dois é superior ao outro para resistir ao impaludismo, ou para prostrar o antilope com uma flecha, ou para trepar a um tronco de palmeira. . . O homem, posto que não seja filho do meio, segundo as opiniões de maior credito, é, comtudo, imperiosamente influenciado por elle; de modo que cada tribu corresponde a uma dada civilisação, e cada civilisação corresponde ás circumstancias actuaes do meio. A emigração é phenomeno bem averiguado; o emigrante póde, sem duvida, viver em paiz estranho, mas em condições de inferioridade em relação ao indigena, — e é n'isto que se me affigura consistir a inferioridade relativa das raças.

— «Facilmente se faz um bacharel ou um advogado de um negro ou de um japonez; mas é um simples verniz, inteiramente superficial, sem acção sobre a sua constituição moral. . .» — diz Gustavo Le Bon. Assim o creio. Mas se pensaes que um europeu se transforma mais facilmente n'um japonez; se cuidaes que o branco, vivendo por longos annos no Japão, tendo aprofundado a lin-

gua do paiz, perscrutado os mysterios da sua litteratura, da sua arte, dos seus costumes, adoptando mesmo quanto possivel estes costumes, transformou de um ponto sequer a sua mentalidade de europeu na mentalidade do asiatico, enganaes-vos completamente. . . porque elle apenas conseguiu adquirir, se adquiriu, o verniz superficial asiatico. Logo a citação de Le Bon é dispensavel.

Se, por vezes, arabes, turcos, mongoes, venceram os europeus, sem comtudo saberem imprimir aos vencidos um forte grau de civilisação; vêde agora o que se passa com os europeus, que dominam ha tantos seculos na China, na India, mas dominando apenas, sem abalarem as civilisações indigenas! . . . Não se manifestam, pois, nas duas raças, differenças notaveis nos seus dons potenciaes.

Ganha mais a civilisação, triumphando a Russia em vez de triumphar o Japão? Distingamos: se se trata da civilisação europeia, ganha ella mais n'esta hypothese; se se trata da civilisação asiatica, ganhará esta mais na hypothese contraria.

Com respeito ao *perigo amarello*, precisamos encaral-o com escrupulosa attenção e angelica imparcialidade. O desenvolvimento da raça asiatica, que é o que se póde chamar o

perigo amarello, deve ser concebido em diversas phases, como os graus de uma escala ascendente. As ultimas culminancias perdem-se no vago do immensamente remoto, que escapa ás nossas previsões. A craveira possivelmente attingivel n'um proximo futuro, e á qual os asiaticos, impellidos pelo sôpro das actividades japonezas, parecem já dispostos a querer elevar-se, corresponde ao estado de independencia, de emancipação, de progresso material, que lhes permitta pòrem-se em defeza contra o *perigo branco*, ao que melhor poderemos chamar o *flagello branco*, porque *perigo* indica uma ameaça no porvir, emquanto que a dura auctoridade do branco, a sua acção escravisadora e absorvente, já se estão exercendo na Asia, de nossos dias.

Ora, quando imaginemos a Asia, em especial a Asia extremo-oriental, trabalhando para o seu proprio desenvolvimento, pouco importa que os sabios europeus, nos venham ensinar que o asiatico só logra apropriar-se de como que um verniz exterior da civilisação occidental. Assim é; mas elle não deseja nem precisa mais do que d'este verniz. Este verniz será a organisação regular do seu exercito, da sua marinha, das suas fortificações de defeza; será a creação da grande industria; será o util apro-

veitamento da sua riqueza mineira; será o conveniente estudo das linguas occidentaes. Mas a alma asiatica permanecerá intacta, mas a civilisação que se procurará desenvolver será a asiatica; e ninguem poderá agora pòr em duvida a capacidade da raça para um tal emprehendimento, quando se recorde, por exemplo, que a China, constituida em nação, é mais velha, por muitas centenas de annos, do que as mais antigas nações da Europa.

Não resta duvida de que os progressos da Asia, se se forem realisando, irão ferindo duramente os interesses da raça branca, e favorecendo, os interesses dos proprios asiaticos; isto sobretudo no que respeita aos interesses industriaes e commerciaes. Á raça branca convirá evidentemente muito mais que a hegemonia europeia se inicie e consolide n'esta parte do planeta; que a importancia do Japão decline, que as suas aspirações abortem; que a China, anemisada pelo opio inglez, mergulhada em inercia, se vá dia a dia submettendo mais ao jugo do homem louro, e indifferente aos seus caprichos, e finalmente retalhada em postas, se transforme em outras tantas colonias escravisadas aos Estados occidentaes.

No entretanto, quando se diga que, na guerra actual, nem a Russia nem o Japão são

movidos por outro sentimento que não seja o da ambição (mas é sempre a ambição que excita os povos á guerra?), devemos admittir francamente tal conceito, mas distinguindo. — A Russia, antes o governo russo, não o povo russo, batalha pela ambição de dominar na China, de impôr ahi a sua civilisação dessimilhante, as suas leis de autocrata sobre um povo estranho, amordaçando-o, escravisando-o. O Japão, governo e povo, a nação inteira, levanta-se pela Asia em peso, batalha pela ambição da sua perenne independencia, do seu desenvolvimento material e moral, do engrandecimento da sua civilisação mil e mil vezes secular, dentro dos limites do meio proprio e unico que a providencia universal lhe destinou.

Se sois europeu e com interesses na Asia, bradae afoutamente que, n'esta lucta tremenda, a justiça está do lado da Russia. Se sois asiatico, bradae com igual afouteza, que a justiça está do lado do Japão. Se sois imparcial, se as lentes do vosso telescopio de observador são lapidadas no simples e puro crystal da vossa consciencia, então não sois europeu nem asiatico, sois homem, e mais nada; e bradae então tambem, embora dolorido por tanto sangue derramado, de russos e nipponicos, que a justiça está do Japão. . .

— Agora, umas ultimas divagações da minha lavra para concluir o artigo. A Asia desperta. A Asia, por uma lei natural dos destinos, inicía o seu trabalho de unificação, de affirmação. A Europa ainda não sente isto, mas presente ou resente. E estas ideias, nascidas de hoje, da harmonia europeia, manifestadas, já por allianças, já por convenios amigaveis, já por aspirações pacificadoras, nas quaes se pretende adivinhar os progressos do bem, a tendencia á dulcificação do sentimento humano, não representarão mais talvez do que a labuta inconsciente mas instinctiva, soberanamente egoista mas justificavel, para a organisação collectiva da raça branca n'um poder unico e tremendo, preparando-se para o medonhissimo drama do futuro insondavel, quando a Asia, rompendo as vestes de chrysallida, se erguer tambem altiva das ruinas do seu mysterio. Uma fera ha-de então devorar a outra fera, por uma lei fatal dos destinos; ou então uma á outra se esphacelarão, abraçan-do-se, finalmente, em enternecido pranto, os raros sobreviventes que restarem, surgindo d'esse amplexo um sèr differente, mais perfeito do que o homem de hoje. . . e o mundo terreal, alheio ao sangue que correr, terá percorrido mais uma idade na sua marcha eterna e triumphal! . . .

— Os jornaes do paiz relatam alguns episodios curiosos, succedidos n'estes ultimos dias junto de Porto Arthur; especialmente interessantes por virem revelar-nos uma coisa que tão frequentemente se mostra em evidencia — um cantinho bom da alma humana. Nos centros civilisados, a delicadeza, a hospitalidade, a conducta obsequiosa e ainda outras gentilezas são, — louvado Deus, — quasi de uso correntio. Mas então o homem é feliz, tranquillo sobre o dia de ámanhã, agazalhado no aninho do seu lar; e, ajudado por uma pontinha de vaidade e pelo dôce egoismo de se incensar de agradecimentos, desabrocham facilmente taes virtudes, sem que mereçam, em verdade, mui enternecido reparo. O que se apresenta, ao primeiro aspecto, surprehendente, é o caso de espontaneas manifestações de amoravel sympathia entre japonezes e russos, mesmo no campo de exterminio. Uns e outros não se conheciam, nunca se haviam avistado. Para os russos, os japonezes eram os macacos amarellos, para os nipponicos os russos eram os barbaros da Siberia. Mas desencadeia-se a guerra. Os homens dos dois imperios entram em contacto, claro está que para se visarem os peitos atravéz das alças das espingardas, para se abrirem os craneos

com os gumes das espadas, para se rasgarem as carnes com as unhas, quando não encontrem a geito outra arma. No entretanto, eis o convivio, e d'elle a camaradagem, a estima reciproca, a fraternidade até, reforçadas pelos vinculos de um mesmo dever, pela identidade nos perigos e pela identidade nos soffrimentos.

Durante os ultimos combates, pasmosamente sangrentos, dos quaes resultou a occupação, pelos japonezes, do Forte de 203 metros e de outras posições de alta importancia na vanguarda da temivel cidadella, deram-se, por vezes, algumas tréguas de duas ou tres horas, por mutuo accordo, afim de cada qual dos dois belligerantes, que acabavam de se misturar em lucta corpo a corpo, cuidar dos seus feridos, dos seus mortos. Russos e japonezes estiveram então em placido contacto. Trocaram-se cartões de visita, fizeram-se elogios de parte a parte, os japonezes beberam aguardente das cantinas dos russos, estes beberam *saké* das cantinas dos nipponicos, um photographo tirou em grupo aquella amavel sociedade. Alguem, que presenceou a scena, narra o seu enternecimento, quando deu fé do carinho, quasi feminino, quasi maternal, com que os russos traziam para o campo japonez os mortos japonezes e

com que os japonezes levavam para o campo russo os mortos russos.

N'uma certa occasião, um soldado russo estendeu o braço a ir pousar a mão sobre o ventre de um soldado japonez, o qual, suppondo o gesto uma aggressão, se pôz em guarda. Mas não era: por palavras e por gestos, mas principalmente pelos gestos, porque não fallava japonez, o russo explicou que o seu ventre encontrava-se vasio, mercê da dieta em vigor em Porto Arthur, emquanto que a barriga do nipponico avolumava de farta refeição, sentindo elle prazer em apalpar-lh'a. Homens brancos e homens amarellos rompem em francas gargalhadas; um encanto! E então, do lado dos homens amarellos, começam apparecendo appetitosas bolachas de campanha, frascos de perfumado vinho indigena, com que se regalam o esfomeado e outros muitos; offerecem-se tambem cigarros do Japão. Finda a faina, estendem-se as mãos á pressa, apertam-se com ancia, soltam-se saudações de irmão a irmão... e toca á metralha!...

Tem-se já prophetisado que, quando cahir finalmente Porto Arthur nas mãos dos japonezes, tal é a longa tensão dos espiritos perante esta faina de sangue e soffrimento, que

vencedores e vencidos se lançarão uns aos outros, n'uma derradeira furia de exterminio. Não sou eu d'esta opinião. Após a ultima scena de matança, em plena apotheose do drama, as armas serão arrojadas no sólo, por inuteis, e vencidos e vencedores se abraçarão entre si commovidos, chorando de fome, de fadiga, de dôr, de alegria e piedade! . . . o quadro em miniatura e antecipado da catastrophe mundial que diligenciei esboçar nas linhas antecedentes.

— A guerra actual vae-nos mostrando, como todas as guerras, o seu lado utilitario, servindo-nos de ensinamento em assumptos varios e varrendo do nosso espirito diversas illusões por longo tempo conservadas. Uma d'estas illusões era o poder irresistivel que attribuiamos aos cossacos.

Esta gente, cujo nome deriva do termo tartaro *kosak*, que significa « ladrão nomada », constitue uma tribu guerreira de cerca de tres milhões de almas, de origem slava, mestiçada com outros elementos ethnicos, e habitando vastos territorios na Russia da Europa e na Russia da Asia. Vivendo em parte da agricultura, beneficiando de certos privilegios tradicionaes e de certas isenções de taxas, os cossacos obrigam-se em compensação a um

duro serviço militar, podendo dizer-se que desde os 17 ou 18 annos de idade até á invalidade se encontram á disposição do governo moscovita, que póde obrigal-os a pegar em armas quando assim o entender.

Servem principalmente na cavallaria, podendo fornecer 894 *sotnias* ou esquadrões em caso de mobilisação geral; mas tambem fornecem 19 batalhões de infanteria e 40 baterias de artilheria montada. Ora a cavallaria cossaca, armada com lança e carabina, decorativamente imponente, tem vindo honrando-se da fama, até hoje, de constituir o corpo de cavallaria mais habil e temivel do mundo inteiro. Direi melhor: até hontem; porque os resultados práticos, na guerra que se fére, não correspondem a tal fama. Os seus serviços em nada se téem distinguido, exceptuando talvez os de exploração; déstros e ageis cavalleiros, destemidos, crueis, são, por certo, os cossacos; porém, estas apreciaveis qualidades de guerra, mas da guerra antiga, não da actual, nada pódem contra o prodigioso alcance, o enorme poder destruidor da artilheria moderna e contra a sciencia do soldado bem instruido.

Ao passo que a cavallaria cossaca representa na época presente mais uma illusão

perdida, a cavallaria japoneza — curioso contraste! — montada nos seus garranitos felpudos e miseraveis á vista, a cavallaria japoneza, tida até agora por uma simples mascarada grotesca, que ainda ha uns quatorze mezes, durante a revista militar de Himeji, provocou mais de um sorriso no grupo petulante dos addidos estrangeiros que a ella assistiam, vae-se rehabilitando no conceito dos entendidos, dando provas indiscutiveis da sua capacidade e util effeito, no terreno accidentado de collinas, que constitue o theatro da guerra.

— Guardei para o fim, esperando por noticias frescas, a minha habitual referencia ás cousas da guerra. Bem frescas são, com effeito, taes noticias, e de excepcional importancia.

Correm boatos de que uma esquadra japoneza foi avistada cerca de Singapura, navegando para o sul. Possivelmente, vae ao encontro de alguns dos barcos da já famosa esquadra do Baltico.

O anno de 1904 terminou com um notabilissimo acontecimento. Destruida, finalmente, a esquadra russa do Extremo-Oriente, da qual restam apenas alguns raros *destroyers* e torpedeiros e os dois ou tres cruzadores que se encontram desarmados nos portos neutros, o

imperador desejou vêr e felicitar o almirante Togo, o grande heroe das façanhas navaes japonezas. Togo, acompanhado do vice-almirante Kaminura, chegou a Sasebo em 28 de dezembro, em 29 estava em Kobe, em 30 em Tokyo, sendo recebido no seu longo transito, pelo caminho de ferro, com grandes ovações do povo. Este bravo é, até hoje, o vulto mais em evidencia na presente guerra, e certamente o marinheiro mais glorioso dos tempos modernos da historia mundial. Quando tentemos comparal-o a algum heroe dos mares, não encontramos parallelo nos periodos proximos, sendo preciso remontar até Nelson, o grande almirante inglez de fama universal. Togo tem, desde hoje, o seu nome escripto em lettras de ouro nos annaes da historia maritima do mundo. Parece isto extraordinario, mas é assim mesmo. . .

— Finalmente! chegou a noticia ha tanto tempo desejada.

Porto Arthur cahiu; não em resultado de um ultimo e tremendo conflicto de sangue, como se esperava; mas porque o general Stoessel offereceu render-se e melhor foi assim, evitando-se mais dura chacina. . . .

As forças sitiadas haviam chegado á mais extrema penuria de recursos, os feridos eram

numerosissimos, poucos os combatentes, a posição insustentavel. Na noite do 1.º de janeiro o general Stoessel propôz capitular. Seguiram-se as necessarias conferencias; o general Nogui apresentou as condições de capitulação, que foram acceitas. N'este momento Porto Arthur é já japonez, cuidando-se apenas da final evacuação dos russos e do estabelecimento dos nipponicos na praça conquistada.

Seria longo enumerar aqui as condições da capitulação, já por certo conhecidas dos leitores. Basta registar que os vencedores com applauso do mundo inteiro, deram provas de magnanimidade para com os vencidos, dignos, na sua desgraça, do respeito geral, mercê do grande valor militar que os ennobrece.

Os japonezes, pela segunda vez, entram na posse do arido penedo, tido até ha pouco como a mais temivel fortaleza do mundo. Tal posse custou-lhes milhares de vidas. Entregam-se agora ás commemorações festivas do seu feito, ainda surprezos do acontecimento, que não julgavam tão proximo, e que vae assombrar o mundo inteiro!...

Depois?...

XXV

18 de janeiro de 1905

A queda de Porto Arthur — Effeito moral da victoria dos japonezes — Incoherencias de Stoessel — Imprevidencias dos commandantes da esquadra russa — Subsidios para a historia — As duas religiões que mais prosperam no Japão; complicações externas do culto dos mortos; uma recordação emocionante — A proposito do livro portuguez *O Japão por dentro*. — *P. S*: o embarque de Stoessel é uma divagação commovedora.

No fim da minha carta anterior registei a queda de Porto Arthur, entrando os japonezes em plena posse da terrivel praça de guerra, conquistada á custa de muito sangue derramado e de muitos milhares de vidas perdidas. A noticia, por outro lado, tambem correu logo mundo, devendo achar-se os leitores, sobre este assumpto, convenientemente informados. No entretanto, é de tamanha magnitude o acontecimento, que não parecerá estranho consagrar-lhe aqui mais algumas ligeiras referencias.

Tal magnitude não está no facto, de méra importancia material, que sejam os nipponicos em vez dos russos, os actuaes possuidores d'essa lingua rochosa e esteril, que se alonga pelo mar fóra a ir estreitar a entrada de Li-chi-li. Está no effeito moral que resulta de terem os nipponicos forçado a render-se o poderoso exercito que guarnecia o baluarte considerado invencivel, occupando após o sólo duramente porfiado, que já fòra seu por cedencia da China vencida, mas cuja devolução, logo em seguida, a politica europeia lhes impozera, indo a Russia, por seu turno, despoticamente recebel-o e alli arvorar a sua bandeira. A nova d'este feito de suprema audacia, escripto para sempre nas paginas da historia do mundo, vai retumbar em toda a Asia, vai encher de emoção a inteira e immensa familia amarella, que, acordada do seu longo lethargo, ia já presenciando os acontecimentos com um olho aberto, mas agora abriu os dois, esbogalhou os dois! . . ..

— O immenso prestigio da Russia (poderiamos dizer da raça branca) soffre agora uma tremenda brecha; e é o Japão que se eleva n'este momento á consideração dos povos visinhos, dos povos irmãos, como que personificando o braço justiceiro, ao qual ninguem

resiste, que expulsa o intruso, que esmaga o ambicioso. Póde muito bem acontecer que o Japão saiba aproveitar-se em breve trecho das circumstancias épicas actuaes, em que a Asia inteira o contempla, envolto na sua aureola de glorias.

Mas fallemos de Porto Arthur. Rendeu-se, com a sua avultada guarnição de cerca de 24:000 combatentes, porque, dizem, as munições e os viveres lhes faltavam, porque perto de 20:000 homens jaziam enfermos, uns victimados pela doença, outros feridos pela metralha do inimigo. Seguramente, Porto Arthur ainda poderia ter resistido por algumas semanas; mas chegára lá dentro a noticia de que nenhum soccorro immediato havia a esperar do exercito de Kuropatkine ou da esquadra do Baltico; e esta terrivel desesperança apressou a quéda, parecendo, comtudo, que alguns generaes optavam pela defeza da praça até ao ultimo extremo.

Os japonezes concederam a liberdade aos officiaes que prestassem juramento de não mais pegar em armas contra o Japão no presente conflicto; uns acceitaram este beneficio, outros negaram-se ao juramento e constituiram-se prisioneiros. Os homens da fileira são prisioneiros de guerra, e estão agora mesmo

chegando ao Nippon, onde são distribuidos pelos differentes depositos de detenção.

Na sua tremenda derrota, todos estes bravos, que tão denodadamente luctaram pelo prestigio e pela gloria das armas russas, merecem a nossa calorosa sympathia. Mas não achaes que, n'este epilogo do drama, alguma cousa vos gèla o coração? O chefe, esse já famoso general Stoessel, sobre quem iam chovendo desde longos mezes os applausos mundiaes, havia recusado arrogantemente uma proposta dos japonezes para entregar a praça, quando então a sua annuencia teria evitado as terriveis chacinas que se seguiram; Stoessel proclama aos quatro ventos que resistirá até ao fim, que Porto Arthur será o seu tumulo; ao seu commando omnipotente, os soldados persistem guarnecendo os fortes, soffrendo resignados mil privações, cahindo a êsmo sob o chuveiro das balas inimigas. . . e agora rende-se, presta o juramento que lhe pedem os nipponicos, vira costas á chusma dos soldados sobreviventes, que cá ficam em captiveiro, e elle ahi vai, caminho da patria, a bordo de um paquete francez, o « Australien », em companhia da esposa, de varias damas, de meninos, como que fazendo parte de um grupo de *touristes*, em excursão de recreio. . .

Ou eu me engano, ou Stoessel não se compenetrou, n'este momento final, da enorme responsabilidade que lhe pesava, perante a historia, como chefe dos heroes vencidos de Porto Arthur.

Com respeito aos japonezes, prolongando mais do que de ordinario as suas festas do anno novo, illuminam cidades e aldeias, desfraldam estandartes e põem-se a passear pelas ruas, em commemoração do grande feito das suas armas. Nem um caso violento de embriaguez, nem um ligeiro conflicto, nem a mais leve aggressão a um estrangeiro. Povo algum no mundo daria provas de tão notavel comedimento, tratando-se de glorificar uma das maiores façanhas militares dos tempos modernos.

A primeira phase da guerra chegou ao seu termo. A destruição da esquadra russa, a tomada de Porto Arthur e o movimento de retirada até aos suburbios de Mukden, imposto ao exercito de Kuropatkine, definem este periodo. O que vier depois, pertencerá a uma nova phase.

A'cerca da guerra, ha ainda as seguintes noticias a registrar. O generalissimo russo reuniu importantissimos reforços, calculando-se que terá hoje uns 400:000 homens sob o seu

commando; parece proxima uma tremenda batalha. Uma força russa conseguiu ha dias chegar a Newchwang, invadindo a cidade por surpreza; pouco depois foi desbaratada pelos nipponicos. Alguns navios da marinha de guerra japoneza foram avistados nas alturas de Java e das Filippinas.

— A soberba defeza de Porto Arthur representa para mim, até hoje, a pagina gloriosa do exercito russo na presente campanha; mas tive de apontar-lhe um unico senão — o procedimento final de Stoessel. — Tambem, referindo-me n'uma correspondencia anterior ao desastre de Chemulpo, quando o cruzador «Varyag» e a canhoneira «Koreatz» foram destruidos pela esquadra nipponica, classifiquei o acontecimento como a unica pagina brilhante d'aquillo que foi a esquadra russa no Extremo-Oriente; e tenho agora de similhantemente indicar um senão a esse quadro pathetico, após os recentes detalhes que colhi de alguem que, pela sua distincta posição como official superior de uma marinha estrangeira, tem plena auctoridade na materia. Os transportes japonezes já desembarcavam tropas em Chemulpo, e ainda os dois navios russos, que deveriam prudentemente retirar-se logo para o mar, iam recebendo as damas e

os cavalheiros da localidade, em banquetes festivos. Quando chega a esquadra de Uriu, que os convida a render-se ou a aprestar-se a combate, competia ao commandante do magnifico cruzador «Varyag», com uma velocidade de 24 milhas, receber a seu bordo a guarnição do «Koreatz», cuja velocidade era apenas de 10 milhas, metter no fundo este barco inutil e tentar fugir, a toda a força, do poderoso inimigo. Não se fez isto: os dois barcos largaram juntos para o mar, ao meio dia, ambos com uma marcha de 10 milhas, e tão despreoccupadamente, que nenhum preparativo de manobra, imposta em taes circumstancias, se tomou; para cumulo de imprevidencia, um marinheiro entretinha-se em dar brochadas de tinta, junto do portaló! . . . De sorte que a catastrophe de Chemulpo apparece-nos antes de tudo como uma scena de deploravel desleixo, de inteira responsabilidade dos commandantes russos.

E não pareçam estas considerações retrospectivas filhas de um azedume condemnavel do meu espirito. Ninguem talvez terá apontado esta verdade; quiz eu apontal-a. A critica da Historia haverá mais tarde de apresentar o seu juizo severo sobre o conflicto Extremo-Oriental; todas as contribuições,

ainda as mais humildes, pódem ser uteis; a coragem e a valentia do russo, do bom e rude povo feito soldado, hão-de ser apreciadas no seu justo valor; mas tornar-se-hão evidentes a mais estupenda incuria, a mais supina ignorancia de responsabilidades, por parte dos dirigentes — ministros, vice-reis, almirantes, generaes, commandantes. . .

— Os livros que se occupam dos japonezes dedicam em geral longas paginas ás duas religiões que mais prosperam no Japão, as quaes são: o shintòismo, culto nacional, e o buddhismo, religião importada do continente asiatico. O assumpto é sem duvida interessante, mas não de uma importancia capital para o estudo da alma do povo, quando se observa que o nipponico é pouco devoto, pouco dado a práticas religiosas; frequentando os templos, na maior parte das vezes, por habito, por passatempo e principalmente por prazer, deleitando-se na amenidade da paizagem em torno, ou folgando com a turba, em dias de commemorações festivas. Pensa-se no shintôismo, pensa-se no buddhismo; mas dá-se geralmente maior aprêço a um outro systema de crenças, a que bem se poderia chamar uma terceira religião, ou antes a primeira, por ser por certo a primitiva e aquella

a que ainda hoje mais arreigada está a alma nacional. Esta outra religião é o culto dos antepassados, o culto dos mortos.

O culto dos mortos não é, sabe-se bem, especial aos japonezes, nem mesmo aos asiaticos. É commum a todos os povos, sem duvida o mais remoto; datando da idade ingenua das tribus, da primeira interpretação mystica dos sonhos, é tão persistente, que ainda hoje, mesmo na sceptica Europa, raro será aquelle que não lhe preste homenagem. O amor pelos seus defuntos! Quem ha que se exima a este culto? Os cemiterios, o carinho que se vota á lapide tumular, as flôres em cultura junto da campa dos parentes, o dia votado aos finados e muitos outros usos, são outras tantas manifestações de um culto intimo, barbaro, mas enternecedor, que vem na série dos seculos muito primeiro do que as religiões que elevam os seus altares na synagoga, na igreja ou na mesquita.

Nos japonezes, porém, para não fallarmos dos outros asiaticos, o culto dos mortos attinge complicações extremas, para nós mal concebidas, mal adivinhadas. E' a base da inteira moral indigena, do sentimento da familia, da sociedade, da nação. O proprio shintòismo deriva d'elle; e o buddhismo, que não deriva

d'elle, pois é uma religião importada, teve de amoldar a sua doutrina, para poder implantar-se no sólo estranho, á concepção japoneza dos mortos.

O morto não morre, mas parece que não vae para o céu, nem para o inferno. Não sóbe tão alto, nem desce tão baixo: paira, em espirito, no ambiente proximo, quasi na intimidade dos seus parentes. O japonez presume, não forja grande sobra de theorias, nem se dedica a longas meditações, sobre este caso; conseguiu, por assim dizer, materialisar a saudade pelos que se vão; e n'isto se resume a existencia espiritual attribuida aos defuntos. Quando um japonez morre, o bonzo buddhista da parochia dá-lhe outro nome, em substituição do que tinha, e d'isto faz registo; é como que um baptismo, que marca o inicio de uma vida nova que succede á primeira, mas invisivel e eterna.

Do culto dos mortos, isto é, da estima, do respeito, da adoração, devidos aos parentes mais velhos, e com mais razão aos que se foram, deriva, como apontei, a concepção moral da familia, encontrando-se uma tal sentimentalidade em flagrante contraste com as ideias occidentaes sobre o mesmo assumpto. Assim no lar europeu, o chefe de familia tem

por principal dever o deixar em herança um nome honrado, illustre se é possivel, a seus filhos. No Japão, o japonez é apenas usufructuario das suas virtudes, das suas glorias; não póde dispòr d'ellas, não vão ellas honrar seus filhos, mas sim aureolar seus paes, no mysterio de além da vida. Não nos é dado aprofundar devidamente estas subtilezas mysticas da alma nipponica; mas desde logo se nos torna evidente que á familia japoneza, destituida de patrimonio moral, impondo-se-lhe pelo contrario o dever de illustrar os ascendentes, cabe mais dóse de actividades e de responsabilidades sentimentaes do que á familia occidental; tambem facilmente nos apercebemos do maior respeito que se tributa ao chefe da casa, directo representante dos mortos, primeiro sacerdote nos ritos que se lhes prestam e mais perto de reunir-se a elles. O resultado social de tudo isto é o accentuado cunho de familia patriarchal que nos offerece o lar japonez, no qual o pai é rei, é Deus, honrado e obedecido piedosamente por todos os outros membros; por outras palavras: a constituição da familia japoneza accusa um alto grau de cohesão, sem parallelo nas sociedades europeias.

Se é interessante o divagar n'estas consi-

derações de ordem psychica, não é digno de menor interesse o seguir com os olhos a prática ingenua do culto, na intimidade do povo. Em cada lar ha um altarzinho votado aos mortos, movel preciosissimo de charões e ouros na casa do rico, simples armario de madeira despolida no albergue do pobre. Alli se guardam as reliquias dos parentes defuntos e as minusculas alfaias do rito; alli diariamente se exercem praxes de piedade filial. Fóra de casa, no cemiterio, outros carinhos se dispensam, cuidando dos arbustos que vegetam junto do tumulo, conservando sempre viçosos ramos de flôres e folhas em bocaes de bambú, queimando incensos, enchendo de agua o exiguo recipiente cavado na lapide, onde, parece, o morto vem beber. Ha então, em cada anno, certos dias festivos para todos os defuntos, melhor direi — certas noites festivas; e mal imaginaes o phantastico espectaculo dos cemiterios em taes noites, illuminados por milhares de lanternas de papel, subindo em turbilhões o fumo dos pivetes, e o povo em multidão a contemplar as campas. . .

Palestrando dos mortos e do culto que merecem, acode-me á memoria a casita onde, ha alguns annos, eu tinha por habito ir repousar durante meia hora, a meio da extensa

ladeira que levava a um templo da minha devoção, alli para os lados de Kyoto. Era um bem modesto albergue, reduzido a proporções infimas — dois pequeninos quartos apenas — mas cuidado com esmeros requintados. N'elle vivia o velho Yamasaki, com os seus 70 invernos a pesarem-lhe no lombo, e a sua filha O-Toki, gentil moça de 24 annos. Nunca cheguei a perceber de que dispunham o velho e a rapariga, em que se occupavam. Pouco importa. Occupavam-se em sacudir a poeira das esteiras e dos dois unicos moveis visiveis a meus olhos — um armario com roupa e um altar do culto — occupavam-se a mais em aquecer a agua no brazeiro, em preparar o chá, em cozinhar o arroz, em regar o pinheirito do jardim e no culto dos seus mortos. No desempenho d'estes ultimos misteres, o pae cirandava para um lado, a filha cirandava para outro lado, sorrindo-se, fallando-se raramente ou então palestrando de segredo, porque o velho era muito surdo e tanto menos ouvia quanto mais se lhe berrava, só pela mimica dos labios percebendo as phrases proferidas.

A feição mais curiosa, para mim, d'aquellas duas existencias era o cuidado que votavam aos seus mortos. Dentro do altar grupavam-se

coisas varias e mysteriosas, escriptos mysticos, o retrato em daguerreotypo de uma velha, nomes de defuntos gravados em pedaços de madeira; lampadas, taças, flôres; notava-se um espaço livre, antecipadamente com destino ás reliquias do velho Yamazaki, quando elle deixasse de existir. Umas tres vezes por dia, de manhã, ao meio dia e pela tarde, o velho ou sua filha, segundo preceitos rituaes, vinham junto do altar queimar pivetes, ou accender as lampadas, ou servir o chá aos mortos, ou servir-lhes o vinho ou o arroz da refeição, tendo feito soar préviamente um timbre para acordar os espiritos.

Um dia, encontro os dois muito occupados n'um grave problema. A rapariga photographára-se, emmoldurára gentilmente o seu retrato e tratava de pendural-o na parede; e discutiam agora os dois um local apropriado, — aqui, alli, acolá, — onde a luz mais lhe désse e melhor enfeitasse o aposento. Eu então, escorrendo em suor apóz a caminhada, estirado sobre a esteira, saboreando uma chavena de chá, quiz tambem ter meu voto na materia e indiquei um espaço vasio da parede, por cima do altar dos mortos. Ignaro! . . . O-Toki, reprehensiva, observou-me que isso seria um sacrilegio, concedendo á sua imagem mais

honras que aos defuntos. Effectivamente, é sabido que entre os japonezes a etiqueta é muito escrupulosa nas alturas; por esta razão ninguem póde encontrar-se, á passagem do imperador, superior a elle; ás portas e ás janellas rentes com o chão assoma o povo, mas todas as janellas dos andares superiores são respeitosamente fechadas.

Bem. Para o caso do culto dos mortos no Japão, não vos está parecendo que de tal sentimento fatalmente resulta uma intensissima cohesão moral na familia nipponica, embora não possamos avaliar devidamente os seus effeitos? . . . E essa eternidadesinha domestica, familiar, na qual os septuagenarios vão antecipadamente pensando com amor, imaginando já o momento proximo que os substanciará, que os synthetisará n'uma photographia, ou n'uma madeixa de cabellos, ou n'um punhado de cinzas, n'uma reliquia qualquer infima, á qual a descendencia inteira prestará culto diario, ámanhã os filhos, mais tarde os netos, ainda mais tarde os bisnetos; essa eternidadesinha *a preços reduzidos*, despida de transcendencias, não será acaso, para estas almas simples, de uma grande consolação, de um grande amparo, nos derradeiros dias da decrepitude, que precedem a derrocada final? . . .

— Tenho procurado dar noticia, no decurso d'estas correspondencias, dos bons livros sobre o Japão, que vão chegando ao meu conhecimento.

Cabe agora referir-me ao volume *O Japão por dentro*, que acaba de sahir dos prélos portuguezes, devido á penna do snr. Ladislau Batalha. O livro é de reconhecido merito, abundando sensatas considerações do seu auctor, entremeadas com copiosa compilação de tudo que de melhor tem apparecido sobre este interessantissimo imperio nipponico. O nosso publico, agora decididamente interessado pelo que se vae passando no Extremo-Oriente, ha-de, sem duvida, prestar sincero applauso á obra litteraria, de vulgarisação, do snr. Ladislau Batalha.

P. S. — É hoje que o general Stoessel embarca em Nagasaki, no «Australien», de regresso á Europa e á patria, onde o esperam as ovações das massas e as distincções das côrtes. . .

Eu estou longe de Nagasaki. Aqui, onde me encontro, assisto por acaso á passagem de um comboyo cheio de soldados prisioneiros, que véem de Porto Arthur, com destino ás casernas de detenção. O instantaneo é

profundamente commovedor. O povo acode a postar-se ao longo da via ferrea, para vêr, silencioso e respeitoso perante a desgraça do inimigo. Lá dentro, na longa fila de carruagens, é o rebanho humano. Assomam para fóra das janellas das portinholas centenas de bustos vestidos em farrapos de uniformes, centenas de cabeças, núas umas, outras cobertas com kepis de varios typos, outras enfiadas até ás orelhas no enorme barrete dos cossacos. Barbas e cabellos longos e hirsutos, que não sentem a tesoura ha muitos mezes. Rostos roseos, juvenis, sorridentes. É o animal humano a revelar-se, nas suas dòces qualidades affectivas.

As scenas de matança esqueceram-se já. Agora é o suave clima e são as amenas paizagens de Nippon a enfeitiçarem os olhos, a chamarem á realidade e ao amor da vida; é a perspectiva de noites inteiras de somno, embora no captiveiro; é a perspectiva de um jantar em cada dia, com verduras, com carne e com um pão... O russo adivinha já este paraizo, feito de uma cama, de um nabo, de um naco de carne e de um pão! e, impellido pelas suas tendencias sociaes — o bicho homem é eminentemente social — envia sorrisos á multidão, é já amigo dos japonezes, pre-

tende que elles o sejam d'elle, quer viver n'um ambiente de sympathias e de carinhos. Depois de passar o comboyo, ouço algumas vozes, sahidas da turba, talvez dos paes que perderam os filhos na guerra, talvez das *musumés* que perderam os namorados na guerra, balbuciarem : — « *kinodoku! kinodoku!* » (coitados! coitados!).

Coitados! coitados!

XXVI

2 de fevereiro de 1905

Evoluções da guerra — Os tumultos na Russia — Previsões sobre a duração que poderá ter a futura paz — O que poderia tornal-a estavel — Uma heroina — Maravilhosa viagem que fez um coelho branco — Os proverbios japonezes — Concurso imperial de poesia.

Está-se dando presentemente uma pausa, todavia natural, nos acontecimentos da guerra. O campo do theatro limita-se por agora ao espaço que avisinha Mukden, onde os dois tremendos exercitos se confrontam, apparentemente inactivos, não levando em conta algumas ligeiras escaramuças; mas presumidamente esperando anciosos um momento favoravel para se precipitarem um contra o outro, o que se espera succederá em breve. O exercito de Kuropatkine terá por certo recebido da Europa valiosissimos reforços, durante estas longas semanas de simulado repouso; o exercito de Oyama haverá, por seu turno, sido reforçado com soldados frescos idos do imperio, sem que o publico possa avaliar o seu

numero, e tambem com a grande maioria das tropas que cercava Porto Arthur, as quaes tão brilhantemente acabam de concluir a sua durissima missão.

Pelo que respeita á acção naval, calcula-se que uma poderosa esquadra japoneza se encontra a estas horas em pleno Oceano Indico, não longe da esquadra russa, que ainda ha poucos dias se achava nas aguas de Madagascar. Algum grande combate se espera, pois, d'aquelles lados.

Annuncia-se que as forças navaes japonezas, sob o commando superior de Togo, receberam agora um importante augmento, vindo reforçal-o uma esquadrilha de barcos submarinos — nomeiam uns dez — o que constitue uma novidade no Japão; estes barcos, adquiridos não se diz como, vieram provavelmente da America, em secções separadas.

Mais do que se passa presentemente aqui, estão merecendo as attenções do publico os actuaes tumultos internos da Russia, que são como que os primeiros tremores do terrivel vulcão latente, o alarme inicial de um povo immenso, acorrentado aos grilhões da escravidão e clamando pelas suas liberdades. Quem póde prevêr as consequencias tremendas da convulsão social, hoje suffocada talvez pela

metralha da fuzilaria, mas irrompendo ámanhã com maior furia? . . .

E a paz? e a paz? . . . A quéda de Porto Arthur pareceu indicar a alguns que o momento de entrar em negociações pacificas não estaria longe; mas tal esperança vae-se já desvanecendo. Corre agora uma opinião de que a Russia, abalada profundamente no seu prestigio de grande potencia europeia, não poderá prestar-se a entrar em propositos conciliadores sem que tenha ganho brilhantemente uma batalha, feito que, de certo modo, sirva a diminuir a tristissima impressão moral das suas constantes derrotas. Seria de Kuropatkine que poderia esperar-se um tal desforço; mas os acontecimentos anteriores não são de molde, em minha opinião, a fazerem acreditar na proxima probabilidade de uma notavel victoria russa.

No entretanto, animemo-nos com a esperança de que, por qualquer fórma imprevista, contra todas as apparencias agoirentas do conflicto, possamos registar, dentro de curto periodo, a cessação de hostilidades e do drama eminentemente sangrento que se trava. Venha a paz. Convém, porém, que não nos deixemos illudir em tal assumpto. A futura paz entre a Russia e o Japão, sejam quaes

forem as peripécias que a guerra ainda nos reserva, não poderá ser senão uma paz provisoria, um descanso na lucta. Os japonezes sabem isto. A Russia não se resignará a desistir para sempre das suas tremendas aspirações de dominio do lado do Extremo-Oriente. O Japão, por sua parte, tambem não se resignará a assistir impassivel á acção invasora da Russia. Mas uma tal acção, que corresponde á ancia de um povo immenso em busca da costa maritima e de portos, sem o que não poderão desenvolver-se as suas actividades latentes, póde comparar-se a uma enorme massa de aguas, que viesse inundando os campos proximos e alastrando-se pelas planicies contiguas. O Japão terá de perseverar na sua heroica resistencia em reprimir esta castastrophe, erguendo diques contra a onda calamitosa; a lucta continuará; devendo prevêr-se que virá um dia em que os esforços dos nipponicos, por mais arrojados que sejam, se mostrem impotentes perante tamanha empreza. Um meio se offerecia de perpetuar a paz, quando os dois imperios entraram em intima alliança, partilhando entre si a vasta região onde os seus interesses contam desenvolver-se mais energicamente; a Europa e a America calar-se-hiam, embora com pezar. Mas isto,

que seria possivel ha alguns annos, affigura-se-me agora impraticavel, quando o Japão mostra assumir um papel de libertador da Asia extremo-oriental, pouco compativel com um subito reviramento para a politica de conquista.

Não. O problema, o momentoso problema que se apresenta, não encontrará solução definitiva senão pelo acordar da Asia inteira, no proposito de garantir a sua hegemonia no proprio sólo que os destinos lhe legaram. Assim se irá constituindo uma outra enorme onda, avançando em sentido opposto á primeira; e é do choque inevitavel d'essas duas immensas forças que resultará um phenomeno sociologico qualquer, capaz de estender a pacificação n'esta vastissima região mundial, que uns já cobiçam com tanta ancia, e que outros, os legitimos donos, tratarão de defender com igual ancia.

— No numero dos soldados russos da guarnição de Porto Arthur, constituidos prisioneiros de guerra e que seguiram para o Japão, contava-se um soldadinho franzino e sympathico, de cabellos louros, imberbe, então soffrendo de uma forte coryza, o que lhe valeu especiaes attenções do destacamento japonez que acompanhava os vencidos. Quando desembarcou em terra japoneza, o soldadinho fez ás

auctoridades a surprehendente declaração de que elle era. . . uma mulher, expondo pela fórma seguinte a sua romanesca historia.

Algum tempo antes da guerra, foi residir para Harbin, na Mandchuria, empregando-se como enfermeira. Teve alli occasião de prestar os seus cuidados profissionaes a um rapaz, que se apaixonou por ella, sendo correspondido em seus affectos. Quando se ia tratar do casamento, já então se estava em plenas hostilidades; e o noivo, que era official de artilharia, teve de seguir precipitadamente para Porto Arthur. A enfermeira Bogdanoff (tal é o seu nome) resolve acompanhar o noivo, sendo admittida na cidadella, onde a sua profissão lhe proporciona util emprego. Soffre corajosamente uns oito mezes de cêrco, supportando durissimas privações, assistindo diariamente aos mais horrorosos espectaculos de sangue e arriscando a propria vida a todos os momentos. Rende-se finalmente a praça, e então, vestindo-se com um uniforme de soldado, a nossa enfermeira decide acompanhar para o captiveiro o seu querido official. Chegados a Ujina, resolve-se a fazer confissão do disfarce, implorando para ser empregada nos hospitaes japonezes onde os feridos russos vão ser tratados, e assim conservar-se tão perto

quanto possivel d'aquelle que ella ama mais do que tudo n'este mundo. A' enfermeira Bogdanoff foi logo concedida a liberdade, mas ainda não está resolvido se se dará satisfação aos seus desejos.

Eu vi esta heroina em Kobe: um entesinho delicado e modesto, vestindo já um traje feminino, de flanella preta, e um gòrro alvadio, que lhe occulta os cabellos, cortados rente; as mãos, brancas e mimosas, tremem ainda convulsas, accusando assim o estado morbido d'aquelles pobres nervos femininos, tão terrivelmente abalados pelo estupendo drama, de morte e de angustias, que se ia desenrolando dentro das muralhas de Porto Arthur.

Romancistas: ora aqui está um thema magnifico para os vossos romances sensacionaes; mas o thema é já por si um romance, real, vivido, bem estranho nos tempos que vão correndo, de egoismo e de dinheiro; e não o profaneis, supplico-vos, com a rhetorica irreverente das vossas pennas ferrugentas. . .

— As velhas chronicas nipponicas dão conta da maravilhosa viagem, que levou a effeito um sagaz coelho branco, o qual, mais tarde, entrou no rol das divindades japonezas.

O coelho habitava a pequena ilha de Oki, que fica, como é sabido, em pleno mar do

Japão, e andava desejoso de fazer uma viagem até á provincia de Inaba, que lhe estava fronteira, situada na grande ilha de Nihon. Mas de Oki até Inaba ha que navegar 50 milhas, pelo menos, o que define claramente a difficuldade da empreza.

Ora, um bello dia, em que o nosso coelho se entretinha passeando junto á praia e olhando em direcção da terra cobiçada, como era seu costume, viu acercar-se um crocodilo. De subito, uma ideia, das que vulgarmente se chamam luminosas, passou-lhe no bestunto, enchendo-o de alegria. Prudentemente, sabendo com que vil animalejo tinha a haver-se, desfez-se em cortezias e em mesuras, deu os bons dias, indagou do nadador como ia de saude, fallou da chuva e do bom tempo... E o voraz bicharoco, começando talvez a imaginar no delicioso almoço que a sorte lhe apontava, respondeu nos mesmos termos, mavioso como um diplomata das éras actuaes:

— «Que solidão a sua, n'esta ilha, meu caro coelho!...— ia dizendo o espertalhão. — Procure-me, quando se sinta aborrecido; poderemos palestrar, matar o tempo em passeios interessantes...» — Mas o coelho retorquiu, pezaroso no gesto, que eram impraticaveis propostas tão bondosas, vivendo um

dentro de agua e o outro nas montanhas. . . E sabendo — philosopho consummado — que partido se póde tirar da vaidade da varia bicharia, fez sentir que bem imaginava como alegre a vida seria pelas aguas, em numerosa e selecta companhia. — « E tem muitos amigos da sua especie, snr. crocodilo? » — continuou. — Disse que muitos, impertigando-se. — «Dez? vinte? cincoenta?. . . » O crocodilo affirmou que mais de mil, mais de um milhão, dois milhões, tres milhões, nem tinham conta! . . . O coelho branco, ingenuo, pediu licença para duvidar; e ajuntou, após ligeira pausa: — « Então, todos os seus amigos, em fila, um a seguir a outro, preencheriam a distancia que vae d'aqui a Inaba? » — O crocodilo disse que sim, ufanoso. — « E permitte-me que verifique o que assegura e que os conte a um por um? . . . »

Assim se combinou. Em certo dia, affluiu o enxame. A um signal dado, postou-se cada qual como convinha; e os negros dorsos formaram uma ponte, que ia desde Oki até Inaba. O coelho, á cautela, recommendou tranquillidade na fileira, pois queria saber ao certo o numero de todos os amigos de tão poderoso rei das aguas. E, aos pulinhos, contando alto: — «Um! dois! tres! quatro! cinco! . . . » — foi-se safando, foi-se safando, foi-se safando,

até que chegou a Inaba e se embrenhou no matto, a rir, a rir, a rir. . .

Até aqui, a fabula, com mais uns predicados, que não véem agora para o caso. Mas, pergunto eu, que sou dado a descobrir os parallelos entre a chimera e a vida prática: — Não terão querido os japonezes passar do Japão para a Coréa, para a Mandchuria, para a China, solicitando dos crocodilos de Moscow um pretexto, a *ponte* da lenda, para executarem seus planos? . . .

— Os velhos cancioneiros, as fabulas, os proverbios, tudo isto que agora está em moda chamar-se o *folk-lore*, e que constitue um cabedal preciosissimo para o estudo psychologico dos povos, redobra de interesse quando se trata do Japão: por um lado, pela abundancia da materia, datando das mais remotas éras, o que tende a proporcionar maior somma de deleite; por outro lado, porque, assimilando facilmente o japonez as exterioridades das civilisações estranhas, só pelo *folk-lore* se póde ir desvendar, embora mui de leve, o mysterio da alma nipponica, despida do verniz das convenções.

Já n'uma carta anterior fallei da *uta*, a poesia classica japoneza. Hoje, para entreter os curiosos, vou apresentar alguns proverbios

nipponicos. A seguir a alguns d'elles, escreverei o proverbio portuguez que melhor lhes corresponde, pelo sentido moral; porque uma parte do assumpto, não a menos attrahente, está precisamente em respigar similhanças, que próvem, ao lado dos caracteristicos que distinguem os povos entre si, os não poucos pontos de contacto da alma humana, sejam quaes forem as familias que se comparem, tratando-se por exemplo de uma tribu latina do extremo occidente da Europa e do asiatico insular extremo-oriental. Seguem os proverbios, ou antes a sua traducção, muito despida de brilho, sem duvida, porque a litteratura fallada, dos proverbios, obedece em todas as linguas e mais na japoneza, a uma selecção de termos, a um rythmo musical, que não pódem transmittir-se á traducção.

«Quando as pedras florescerem» (quando as gallinhas tiverem dentes).

«Se vives na aldeia, ella é a capital.»

«Uma rã dentro de um poço, não conhece o mar largo.»

«Provar é melhor do que discutir.»

«Um mau orador discursa muito.»

«O perfume das flòres sente-se a distancia.»

«Longa experiencia vale mais do que talento.»

«A belleza sem virtude é igual á flôr sem aroma.»

«O ausente torna-se menos intimo de dia para dia» (longe da vista, longe do coração).

«Implorar os deuses na desgraça» (lembrar-se de Santa Barbara só quando ha trovões).

«Se tomares veneno, lambe o prato.»

«A vida assimelha-se a uma luz exposta ao vento.»

«Emquanto ha vida, ha meio de resolver.»

«Esconder a cabeça sem esconder o rabo» (rato escondido com o rabo de fóra).

«Não ha ninguem que não tenha sete ratices pelo menos.»

«Cuidado com uma mulher bonita: é o pimento vermelho.»

«Se não se entra na toca do tigre, não ha meio de apanhar-lhe os filhos.»

«O amor illude todos os calculos.»

«Uma boa opportunidade raramente se encontra e facilmente se perde.»

«Antes de te molhares, acautela-te até do orvalho.»

«Dar uma moeda d'ouro a um gato» (manteiga em nariz de cão).

«O grito de mil pardaes é inferior ao de uma só cegonha.»

«Com o auxilio de mil marinheiros póde um navio subir a uma montanha.»

«Os rapazes que moram perto de um templo sabem as rezas de cór.»

«Conhece-se se um homem é bom ou mau pelos seus amigos.»

«Não julgues um homem pela sua apparencia» (as apparencias illudem).

«Observa os erros dos outros e corrige os teus proprios.»

«O homem honesto tem muitos filhos.»

«Em occasião de fome, não ha comida insonsa.»

«Aos tres annos, aos cem annos, a alma é a mesma.»

«O morto não falla.»

«Não batas no cão que abaixa o rabo.»

«Rabo de pargo não vale cabeça de sardinha.» (quasi identico ao rifão portuguez).

«Theoria é facil, prática é difficil.»

«O soberano é um navio, o povo dos vassallos é o mar.»

«Hontem noiva, ámanhã sogra.»

«Os macacos cahem ás vezes das arvores abaixo.»

«Uma mulher respeitavel não conhece dois maridos.»

« Aprende as coisas novas, estudando as velhas.»

« Saude é dinheiro.»

« O mel na bòcca e um punhal escondido no coração.»

« Sem dòr, não ha prazer.»

« Um bom pintor não escolhe o pincel.»

« Bois com bois, cavallos com cavallos.»

« As nuvens estão a dez mil leguas da lama.»

« Quando se fazem calculos para o anno futuro, os diabos riem-se.»

« Os insectos do verão riem-se da neve.»

« Quando os pardaes brigam, não téem medo da gente.»

« Filho de rã, rã ha-de ser » (filho de peixe sabe nadar).

« Uns vão dentro do palanquim, outros carregam com elle.»

« Assistir a um barulho do lado opposto do rio.»

« Os paes pensam nos filhos mesmo a cem leguas de distancia.»

« O pensamento do homem e a corrente do rio pódem mudar de sentido durante uma noite.»

« O adivinho, que discursa sobre a sorte dos outros, desconhece a sua.»

«Fazer como os macacos, que queriam apanhar a lua.»

Ficou para o fim este proverbio, e vae com a devida explicação. Allude a certa parabola, que dizem contada pelo proprio Buddha. Varios macacos achavam-se sobre uma arvore, durante certa noite. Vae depois, dão fé da imagem da lua, reflectida n'um poço que lhes ficava por baixo. Julgando vêr a realidade e não a imagem, resolvem apanhar á lua. Um dos monos, enrolando a cauda a um tronco, deixa pender o corpo; outro mono suspende-se-lhe das mãos; á cauda d'este, outro se segura; e assim segue o rosario, avisinhando-se do objecto cubiçado, quando o tronco se parte e a macacaria toda, dentro do poço, se afoga, sem remedio. . .

— O primeiro concurso imperial de poesia, d'este anno, realisou-se ha poucos dias, no palacio do Imperador. Os poemas, *uta*, escriptos pelos principes, pelos altos funccionarios da côrte e pelo povo, em geral, elevaram-se ao numero de 16:232. Das composições populares, seis foram classificadas de distinctas e guardadas no imperial archivo, sendo uma d'ellas devida á mulher de um soldado, agora no campo da batalha. Feliz imperio de poetas! . . .

XXVII

15 de fevereiro de 1905

A tomada de Porto Arthur; algumas divagações a proposito — Data memoravel; principaes factos da guerra — O commercio do Japão no anno findo; firmas portuguezas em Kobe.

Chegam-me ás mãos os primeiros jornaes da Europa, registando a terrivel catastrophe de Porto Arthur, com que tão estrondosamente iniciou os seus fastos o novo anno de 1905. O acontecimento, embora esperado, impressionou profundamente o mundo occidental, e não admira que assim succedesse. Pela primeira vez, na historia moderna dos povos, um Estado europeu (e dos mais poderosos) é desfeiteado nos seus designios, e vencido nos seus arrojos, por uma nação de raça differente, por um grupo da familia amarella, julgada até ha pouco inteiramente incapaz de se erguer e de protestar contra a cubiça do branco. O pequeno Japão derrota a grande Russia; — *derrota*, — porque o feito, que está longe de traduzir ainda a feição final da cam-

panha, é só por si de uma importancia capital, bastante para desprestigiar perante o mundo inteiro o nome temido do enorme imperio moscovita. Assistimos, em face da rude e indiscutivel realidade das coisas, a uma reputação que se afunda e a outra que nasce; e do duplo phenomeno vae derivar certamente uma nova orientação social, vae surgir um novo sentimento na consciencia das nações, o qual se resumirá no respeito devido ao sólo asiatico, á sua integridade e á evolução independente dos seus povos. O risonho sonho da divisão da China em retalhos, como se fosse roupa de francezes, com que até ha bem pouco tempo se ia deleitando a velha Europa, tem agora de desvanecer-se como todos os sonhos, porque se descobriu — tarde, para nossa vergonha — que palpita no Extremo-Oriente uma alma cheia de arrojos, dotada de suprema coragem e moldavel a todos os progressos — a alma do Japão! . . .

Paz? . . . Os nomes mais considerados na imprensa mundial já a aconselham abertamente, convencidos de que uma prolongada teimosia pelo lado da Russia, no designio de recuperar o seu prestigio, não fará senão arrastal-a a mais terriveis desillusões e porventura á derrocada total das suas instituições. Encontra-

se-ha n'este momento o governo do czar disposto a propôr uma tal paz? Nada se sabe. Ha poucos dias, circularam insistentes boatos n'este sentido, mas parece que cessaram já. Se a effervescencia social, que convulsiona actualmente as massas no imperio moscovita, se alastra até á Siberia; se a ameaça de uma *grève* geral, no pessoal da linha ferrea transsiberiana, se torna acaso effectiva; então a paz apresenta-se imminente, inobstavel; porque o governo russo, seja qual fôr a tensão do seu orgulho, não ousará expôr aos horrores da fome e ás medonhas consequencias resultantes, quando o transporte de viveres cessar, o enorme exercito de Kuropatkine, contido ainda nas immediações de Mukden por um resto de disciplina militar, pelo temor dos chefes, mas desmoralisado pelas continuas derrotas, mas alanceado pelas doenças e pelos rigores do clima, mas profundamente desgostoso por uma lucta sem fim, cujos motivos politicos não electrisam a sua fibra patriotica.

Propriamente noticias da guerra escasseiam. Os dois grandes exercitos, em face um do outro, voltam ao que parece a uma quasi absoluta immobilidade. Não se prevê o que resultará de tão prolongada espectativa.

— Data momoravel foi a de 9 do corrente

mez, pois em igual dia do anno anterior soaram os primeiros tiros de canhão em Chemulpo e Porto Arthur, alarmando o mundo inteiro, marcando assim o inicio irremediavel da grande lucta. Conta, pois, já um longo anno esta guerra tremenda, assignalada por surprehendentes e terriveis acontecimentos, por grandes desillusões dos povos occidentaes e pela convicção, a que se chegou, do alto grau de sentimentalidade patriotica, de coragem e de sciencia militar e naval em que se encontra a familia japoneza. Profundas considerações se pódem ir fazendo sobre os factos consummados. Por minha parte, no decurso d'estas despretenciosas correspondencias, terei occasião de ir discreteando, antes palestrando, com respeito ao que o assumpto me suggere.

Limito-me por hoje, commemorando o anniversario referido, a apresentar uma resenha dos principaes factos, a qual successivamente irei continuando; é tirada de uma das mais correctas publicações sobre a guerra, impressas no Japão, e offerecerá, supponho, algum interesse áquelles cuja curiosidade está convergindo para o sangrento drama Extremo-Oriental. Segue a resenha.

1904 — Fevereiro 5, cortadas as relações

diplomaticas entre o Japão e a Russia; 8, lei sobre o sitio approvada; 9, batalha naval de Chemulpo; 9, primeiro ataque a Porto Arthur; 10, proclamação de guerra, pelo Japão; 10, proçlamação de guerra, pela Russia; 10, o ministro Kurino retira de S. Petersburgo; 11, o ministro barão Rosen retira de Tokio; 11, o vapor costeiro «Nagupa-maru» é mettido a pique pelos russos na costa de Hakodate; 11, o «Yenisei» é afundado em Porto Arthur, em resultado de uma explosão de torpedeiros submarinos; 12, o ministro Pavloff retira de Seul; 13, segundo ataque a Porto Arthur; 13, é capturado o vapor inglez «Foxton Halle»; 14, é atacado o vapor inglez «Fuping»; 15, é atacado e capturado o vapor inglez «Hsiping»; 22, os passageiros do «Nagura-muro», com excepção de dois (afogados), chegam a Nagasaki; 22, aprezado o vapor inglez «Rosalie»; 22, o paquete inglez «Mombassa», da Companhia P. & O., é atacado e obrigado a parar; 23, terceiro ataque a Porto Arthur, fazendo-se tentativas para obstruir a barra da entrada; 26, o vapor inglez «Ettrickdale» é obrigado a parar, não proseguindo na sua viagem; 26, o vapor inglez «Benalder» é obrigado a parar; 27, o vapor inglez «Oriel» aprezado; 28, encontro entre forças russas e

japonezas de reconhecimento, ao norte de Pingyang.

Março 6, bombardeamento de Vladivostok; 9, encontro de forças de reconhecimento em Pakchkyon; 10, quarto ataque a Porto Arthur; 12, o vapor allemão «Stuttgart» é obrigado a parar; 21, quinto ataque a Porto Arthur; 23, primeira escaramuça em Tongju; 27, sexto ataque a Porto Arthur, com tentativa de obstrucção da barra; 28, escaramuça em Tongju, a cidade occupada pelos japonezes.

Abril 8, os russsos evacuam Gensen; 10, escaramuça entre forças avançadas á entrada do rio Yalu; 13, setimo ataque a Porto Arthur, destruição do «Petropawlowsk», morrem afogados o almirante Makaroff, o seu estado maior, 30 officiaes e 600 marinheiros; 15, oitavo ataque a Porto Arthur, em que se estreiam os novos cruzadores «Nisshin» e «Kazuga»; 21, escaramuças na entrada de Yalu; 25, alguns navios de guerra russos apparecem em Gensan (Coréa), mettendo a pique o vapor mercante «Gayo-maru»; 25, os russos destroem uma ponte no Yalu; 26, o transporte japonez «Kiushiu-maru» é afundado perto de Gensan.

Maio 1, os japonezes occupam Chulien-cheng, após severo combate; 2, o navio de

véla japonez «Haginoura-maru» é mettido a pique pelos russos perto de Coréa; 3, terceira expedição enviada a Porto Arthur para obstruir a entrada; 3, o paquete inglez «Osiris» (P. & O.) é obrigado a parar e é revistado; 5, uma divisão japoneza desembarca em Liao-tung; 6, esta divisão occupa as visinhanças de Kinchan, começando o cerco de Porto Arthur; 6, os japonezes occupam Fuinhancheng; 7, os japonezes occupam Porto Adams e Pi-tsze-wo; 10, escaramuça em Anju, ataque dos russos repellido; 12, o torpedeiro japonez n.º 48 afunda-se na bahia Kerr, em resultado da explosão de torpedos submarinos; 13, os japonezes occupam Sinjan (oéste de Fuinhancheng); 14, afunda-se o «Miyako» na bahia de Kerr, em resultado da explosão de torpedos submarinos; 15, acontece identico desastre ao «Hatsuae», em frente de Porto Arthur; 15, o «Yoshino» é abalroado pelo «Kusuga» e afunda-se; 18, combate em Chulishau (nordéste de Kinchau), russos desalojados; 23, escaramuça perto de Kwanten, os russos retiraram; 25, o almirante Skrydloff chega a Vladivostok; 26, os japonezes occupam Kinchau, após duro combate; 27, os japonezes occupam Nanshan (monte do sul); 30, escaramuça em Sichatsu (perto de Porto Adams);

30, escaramuças na peninsula, os japonezes dispersam os russos em Tienchaton, Chanchaton e Royoobyo.

Junho 4, a canhoneira russa «Gremiaschy», afundada por explosão de torpedos submarinos; 7, os japonezes occupam Samazi (norte de Fuinhancheng); 9, os japonezes occupam Sinjan (oéste de Fuinhancheng); 11, severo ataque em Fuchan e visinhanças, os japonezes victoriosos; 14, a esquadra de Vladivostok apparece em frente de Okinoshima e, procedendo para Tsushima, torpedeia os transportes japonezes «Hitachimaru», «Sado-maru» e «Idzumi-maru», nos estreitos de Tsushima e ataca e afunda alguns barcos costeiros; a esquadra do almirante Kaminura persegue sem resultado a esquadra inimiga; 16, batalha de Tokuriji; 18, os japonezes expulsam os russos de Shichibanrei; 18, o vapor inglez «Allanton», apresado em frente do Hokkaido pela esquadra de Vladivostok; 20, os japonezes occupam Schunyoncheng; 22, os russos atacam os japonezes em Aiyangpienmun (sul de Samazi), retirando após curto combate; 22, escaramuça em Senkaton (na estrada de Tashichau), os japonezes occupando subsequentemente Kakoto e Tojiko; 23, nono ataque combinado contra Porto Arthur, a esquadra

russa impedida de largar do porto, um couraçado russo a pique, outro desmantelado, dois cruzadores de primeira classe com avarias; 27, os japonezes apossam-se de Bunsurei (Fenshuilien); 27, uma divisão de torpedeiros japonezes ataca o navio vigia em Porto Arthur, afundando-se no combate dois navios russos; 29, os japonezes occupam importantes pontos estrategicos nas visinhanças de Fenshuilien; 30, a esquadra de Vladivostok bombardeia Gensan, mettendo no fundo uma lancha a vapor e um navio de véla japonezes.

Julho 1, dá-se vista da esquadra de Vladivostok nas visinhanças de Tsushima; 2, os japonezes atacam os russos ao sul de Tashichao; batalha de Jisilipao (sul de Haicheng); 4, os japonezes occupam Motienling (nordéste de Liao-Yang); 5, a canhoneira japoneza «Kaimon» afundada por uma explosão de torpedos submarinos; 5, escaramuça na passagem de Fengsin, cossacos repellidos; 6, o vapor inglez «Cheltenham» aprezado; 6, os japonezes occupam Kansho; 9, os japonezes occupam Kaiping; 10, os japonezes occupam Shuhoko e Senkakoku; 13, o paquete «Malacca» (P. & O.) apresado pela frota voluntaria russa no mar Vermelho; 15, o vapor inglez «Dragonman» obrigado a parar; 15, o paquete

allemão «Prinz Heinrich» obrigado a parar e as malas do correio capturadas; 16, identico facto com o vapor inglez «Persia»; 16, o vapor inglez «Hipsang» torpedeado e afundado; 17, os japonezes atacam os russos dos dois lados da passagem de Montien, perseguindo-os até Kinchanpaotze; 24, os japonezes occupam Tashichao e posições proximas; 24, uma divisão de torpedeiros com duas canhoneiras ataca os *destroyers* russos perto do cabo Sensei, em Porto Arthur; 24, a esquadra de Vladivostok afunda o vapor inglez «Knight Commander»; 24, o vapor allemão «Arabia» apresado; 24, occupação japoneza de Newchwang officialmente annunciada; 25, o vapor allemão «Thea» afundado pela esquadra de Vladivostok; 26, o paquete inglez «Formosa» apresado no mar Vermelho; 30, Hsimocheng atacado e occupado pelos japonezes; 31, novo combate em Motienling; 31, os japonezes occupam posições nas elevações proximas de Hsimocheng.

Agosto 1, os russos evacuam Haicheng; 9, apparecimento de cossacos em Gensan; 10, a esquadra de Porto Arthur, quando procurava escapar-se, encontra a esquadra japoneza, seguindo-se um duro combate; subsequente dispersão dos russos, morto o almirante

Witgeft; 11, o *destroyer* russo «Retshitelny», refugiado em Chefu, é aprisionado pelos japonezes; 14 a esquadra de Kaminura encontra a esquadra de Vladivostok ao norte de Tsushima; após cinco horas de combate, o «Rurik» afunda-se, escapando-se com sérias avarias o «Rossia» e o «Gromovoi»; 17, o major Yamaska transmitte ao chefe do estado-maior de Porto Arthur o desejo do imperador para que as vidas dos não-combatentes sejam poupadas, bem como um convite de rendição; 17, resposta da guarnição de Porto Arthur, declinando o convite para render-se; 20, os japonezes afundam o «Novik» em Sakhalien; 24, inicio do combate a suéste de Liao-Yang.

Setembro 3, os japonezes apossam-se de Liao-Yang; 18, o navio de guerra japonez «Heiyen» vai a pique em frente de Porto Arthur, em resultado de explosão de uma mina fluctuante; 30, os russos incendeiam os barcos chinezes que encontram no rio Hun, mas são dispersados pelos japonezes.

Outubro 2, os japonezes derrotam a cavallaria russa em Hosoton; 10, em Mukden os russos começam um assalto geral a toda a linha japoneza; 14, victoria japoneza na batalha de Shaho.

Novembro 15, o *destroyer* russo «Ratsto-

repny» evade-se de Porto Arthur e chega a Chefu; 15, forças russas de cavallaria e infanteria atacam os japonezes em Hinlugtun, mas são repellidas; 15, a cavallaria e infanteria russas atacam Chitaitze e Mamachich, mas pouco damno causam ás posições japonezas; 16, a guarnição do «Ratstorepny» faz explodir o seu barco; 20, os japonezes apresam o vapor allemão «Peteran», perto da ilha Round; 24, a infanteria russa repetidamente ataca a guarda avançada japoneza em direcção de Lamatun, mas é repellida; algumas descargas da artilheria russa na visinhança da ponte da linha ferrea de Shaho não produzem effeito; 30, os japonezes tomam a «cota de 203 metros»; 30, o guarda-costas japonez «Saiyen» afunda-se perto de Porto Arthur, em resultado de uma explosão de mina submarina.

Dezembro 1, ataque infructuoso dos russos para recuperarem a «cota de 203 metros»; 19, informações officiaes do bom exito de um novo ataque de torpedeiros contra os navios russos em Porto Arthur e da captura de importantes posições; 23, Togo confirma a noticia da destruição da esquadra de Porto Arthur, pelo que recebe no mesmo dia um telegramma com as felicitações do imperador;

27, escaramuça na visinhança do Shaho; 28, os japonezes tomam o monte Niryo, em Porto Arthur; 31, os japonezes occupam o monte Sunshu, em Porto Arthur; 31, quatro *destroyers* escapam-se de Porto Arthur para Chefu.

1905 — Janeiro 1, após severo combate, mensageiros russos avançam até ás forças japonezas, apresentando uma proposta de capitulação do general Stoessel; o general Nogi acceita condicionalmente a proposta; 3, os officiaes commissionados dos dois exercitos para combinarem os processos de rendição da praça concluem os seus trabalhos; 4, as fortificações de Porto Arthur passam para as mãos dos japonezes; 5, felicitações imperiaes enviadas ao general Nogi; 7, completa-se a entrega de presioneiros; 9, completa-se a entrega de fortes e material; 10, chega a Nagasaki o primeiro troço de prisioneiros; 11, o general Stoessel larga de Porto Arthur; 11, forças japonezas, estacionadas em Ham-heling (Coréa), atacam os cossacos e capturam importante preza; 11, os japonezes capturam os vapores inglezes «Roseley» e «Lethington», ambos com carga de carvão para Vladivostok; 12, decreto imperial, annunciando o addiccionamento de submarinos á flotilha de tor-

pedeiros da marinha japoneza; 13, as forças japonezas occupam Porto Arthur; 13, a cavallaria russa ataca de surpreza Newchwang (a cidade velha) e é repellida; 14, chegada do general Stoessel a Nagasaki; 17, partida do general Stoessel para Shangae e Europa, a bordo do paquete francez «Australien»; 23, escaramuça perto de Kansho, a léste de Mukden; 25, os russos principiam avançando na margem esquerda do rio Hun; 25, o vapor austriaco «Burma», carregado de carvão para Vladivostok, é apresado pelos japonezes, perto do Hokkaido; 26, os russos são repellidos em um encontro perto de Liuchaskon; 27, batalha de Heitaiko; depois de successivos combates durante tres dias, os russos retiram e os japonezes occupam Heitaiko; perdas russas avaliadas em 20:000 e japonezas em 7:000; 27, o vapor inglez «M. S. Dollar» com carga de carvão para Vladivostok, é apresado pelos japonezes em frente do Hokkaido; 30, a mesma sorte tem o vapor inglez «Weinfield», carregado de contrabando de guerra para Vladivostok.

— Em breve espero ter occasião de apresentar alguns dados estatisticos com respeito ao commercio do Japão durante o anno findo; commercio que se mostrou muito lisongeiro,

apesar dos gravissimos inconvenientes que, sem duvida, a guerra lhe occasionou.

Por agora fallemos de assumpto que mais nos toca pela porta. É geralmente sabido que existem em Kobe duas firmas mercantis portuguezas: uma é a do snr. J. L. Gil Pereira, outra a de Gomes Brothers & C.º, as quaes mantéem relações directas com algumas importantes casas de Portugal. Já, ha tempo, me referi á primeira, e hoje seria superfluo insistir sobre a sua respeitabilidade. Tambem já mencionei a segunda por occasião da exposição de Osaka, onde figurou honrosamente como representante da Companhia Vinicola do Norte de Portugal; a firma Gomes Brothers & C.º, cujo nome gosa de excellente credito, desde longos annos, no Extremo-Oriente, tem alargado ultimamente o seu negocio, offerecendo magnificas promessas de longa prosperidade. Citando hoje estas duas firmas portuguezas, é meu intento lembrar aos nossos negociantes do continente a vantagem de entrarem em relações com alguma d'ellas, com o fim de estabelecer-se de fórma definitiva uma séria corrente de negocio entre Portugal e o Japão.

XXVIII

27 de fevereiro de 1905

Noticias da guerra — O descobrimento do Japão pelos Portuguezes; a passagem d'estes pelo imperio nipponico — Vestigios linguisticos — O inverno no Imperio do Sol Nascente; conta-se a proposito a historia de um salgueiro.

Escasseiam inteiramente noticias da guerra, se não levarmos em conta as pequenas escaramuças que diariamente se repetem ao longo da extensissima linha das forças inimigas estacionadas ao sul de Mukden, tendo por chefes superiores Kuropatkine e Oyama. O inverno, tão rigoroso, da Mandchuria está impondo quasi que completa immobilidade a esse milhão de homens vivendo em pleno campo, apenas abrigados dos nevões, das chuvas e dos ventos desabridos pelas cavas subterraneas e velha casaria chineza onde se acoutam, e que lhes proporcionam um simulacro de conforto.

Resta o assumpto das conjecturas — e este é vasto — para ir entretendo a curiosidade publica. Muito possilvemente uma tremenda

batalha se ferirá, quando o tempo a torne exequivel, isto é, dentro de algumas semanas; inclinando-se fortemente a opinião japoneza no sentido de que ella reserva á Russia uma enorme catastrophe e a ruina completa do seu prestigio, já muito abalado nos tempos que vão correndo.

No entretanto, não é condição imprescindivel que tal batalha se dê, podendo acaso evitar-se a medonha carnificina que ella representará. No momento presente, não é por certo ao Japão, victorioso e confiando na extrema bravura e no alto patriotismo dos seus soldados, que pertence iniciar quaesquer propostas de paz. Mas a Russia tem razões de sobra para começar por seu lado taes propostas, sendo notorio que já vão correndo pela imprensa mundial largos boatos sobre o assumpto. A promessa de Kuropatkine, apregoada nos jornaes do Occidente, ante a prophecia de que o exercito japonez seria massacrado no continente até ao ultimo soldado e que elle viria em pessoa, o generalissimo, impôr em Tokio as duras condições de paz, já ha longos mezes perdeu o merito de poder ser invocada como uma esperança. Hoje a Russia verga ao peso das suas successivas derrotas, sem vir contrabalançal-as a consolação de uma só

victoria, quer por terra, quer pelo mar; e não se affigura verosimil que, depois d'este longo anno de guerra, as suas tropas da Mandchuria ou a sua esquadra do Baltico, esta reforçada com uma nova esquadra que se annuncia em caminho, sejam capazes de virar a fortuna das armas em favor de colosso europeu.

Parece, pois, simplesmente logico que o colosso tenha de submetter-se á força dos destinos, embora provisoriamente, e embora sangre o seu amor proprio. No emtanto, se é possivel admittir-se que o orgulho nacional, recusando-se a confessar a derrota, porfie na lucta ingloria, eternisando o conflicto; e é facto que os recursos moscovitas, a enorme massa humana disponivel e ainda a protecção da rica e poderosa alliada poderão permittir, quasi por um tempo indefinido, essa precaria teimosia; o que parece agora imminente é que a effervescencia interna do grande imperio fará calar todos os orgulhos e será a causa fatal e omnipotente que levará a Russia a entrar na via das conciliações e a solicitar por qualquer fórma a cessação das hostilidades.

Relanceie-se o que se vae passando presentemente dentro das fronteiras da Russia. Pouco se póde ajuizar dos factos; o estranho não logra aprofundar devidamente o intimo

mysterio social d'esse immenso povo. Mas
vulcão adivinha-se, ou antes, já se manifest
A multidão, até agora passivamente soffredora,
solta o primeiro grito de revolta contra o despotismo que a opprime; patenteia desordenadamente o seu furor, já pelo tumulto, já pela *grève*, já pelo assassinio, sem que as descargas da tropa ou os horrores do supplicio a amedrontem e detenham nos seus impetos. Está encetada a lucta, o povo não póde recuar já. O governo, na defeza das instituições ameaçadas, terá de firmar á pressa um tratado de paz com o Japão, de modo a poder concentrar na tragedia interna todos os seus cuidados e todos os seus elementos de força.

E' assim que a iniciativa das propostas de paz pelo lado da Russia se annuncia não só coisa possivel, mas até provavel; e n'isto confiam muitos d'aquelles que se interessam pela tranquillidade do Extremo-Oriente. Se depois o governo russo disporá de meios sufficientes para sustentar a revolta interna, agora incipiente, isto é uma outra questão. Quem poderá ser propheta? Póde muito bem acontecer que esta guerra tremenda, provocada unicamente pela má e orgulhosa politica dos governantes do imperio slavo, duplamente lhes seja funesta, como um gladio de dois

gumes, trazendo-lhes por um lado a derrota e o desprestigio, por outro lado a guerra civil, a anarchia, o desmoronamento final das instituições do Estado. O povo, o povo immenso, esse não succumbirá. Mas que poderá resultar do fermento, da convulsão da nação em massa, onde tantos elementos ethnicos pullulam, animados por differentes credos, por differentes aspirações, por agora synthetisadas na dôce palavra — Liberdade? . . . A tempestade extremo-oriental apresenta-se hoje cruel; mas, quanto mais carrancudo e ameaçador se vae mostrando o horizonte dos lados do Occidente, a despeito de todos os hymnos de paz e de confraternisação, com que se vão deleitando os ouvidos dos simples! . . .

— Como é sabido, em 1542 (data mais recommendada), os Portuguezes descobriram o Japão ao mundo occidental. Em seguida, os nossos missionarios e os nossos commerciantes começaram a frequentar o paiz do Sol Nascente; foram bem recebidos, a religião christã e o negocio floresceram maravilhosamente. Após, graves complicações se desencadearam, como igualmente é notorio: os europeus residentes, que eram então principalmente portuguezes e hespanhoes, começaram soffrendo crueis perseguições; fechando-se

emfim o Japão, em 1624, a toda a Christandade.

No entretanto a influencia portugueza no imperio nipponico, durante o periodo que vai de 1542 a 1624, foi muito notavel; e o acontecimento representa uma época importante na historia do Japão. Acode, pois, ao espirito dos curiosos perguntar quaes são os vestigios, reconheciveis até hoje, que deixámos aqui da nossa passagem; e é esta pergunta que vae servir de thema á curta palestra que se segue.

Tal passagem teve a má fortuna de se tornar profundamente odiosa aos nipponicos, que julgaram adivinhar na nossa invasão pacifica, e não sem razão, disfarçados designios de cobiça, inconfessados intentos contra as suas instituições politicas e mesmo contra a sua independencia; e os nipponicos de então eram já tão patriotas como os de hoje. Isto, por si só, explica a mingua de documentos que ficaram sobre o assumpto, pois não se sentia desejo de guardal-os, antes de destruil-os, no intuito de apagar da memoria do povo, tanto quanto possivel, uma éra classificada de nefasta e de perigosa.

Não restam, que me conste, monumentos, na rigorosa significação da palavra, da nossa estada no Japão; as igrejas, que tanto abun-

davam, foram arrazadas até aos alicerces. Dos utensilios de uso, alguns, certamente, foram modificados pela nossa apparição e hoje affectam fórmas copiadas dos objectos que trouxemos; mas nada se sabe ao certo, e a investigação n'este campo seria difficilima. Cite-se apenas, não como uma modificação, mas como uma apropriação, a *Tanegashima*, actualmente conservada como simples artigo de muzeu, e que é uma espingarda ou arcabuz copiado dos modêlos portuguezes trazidos aqui por Mendes Pinto e seus companheiros, como resa a *Peregrinação*. Tanegashima é uma ilha perto de Kagoshima, onde pela primeira vez desembarcaram os nossos aventureiros; e o nome da ilha passou ás armas de fogo, as quaes — entenda-se as do primitivo systema — conservam até hoje a mesma denominação.

Existem velhos documentos escriptos e velhos desenhos, contemporaneos dos primeiros portuguezes que visitaram o Japão e a elles referentes, mas mal explorados pelos eruditos e parece que bastante confusos em alguns pontos. Afóra isto, dois interessantissimos factos, de ordem sentimental e social, servem de eloquente testemunho da nossa influencia n'estas paragens. Um, foi a descoberta enternecedora de familias christãs japo-

nezas, feita pelos primeiros missionarios francezes que chegaram ao Japão logo após os tratados com as nações occidentaes; familias que conservaram, durante cerca de dois seculos e meio, a crença ensinada pelos missionarios portuguezes aos seus remotos ascendentes, guardada na sombra do mysterio e inteiramente ignorada das auctoridades, que julgavam haver sido extirpado da alma nacional de todo e para sempre o culto de Jesus.

O outro facto, sobre o qual vou agora apresentar algumas breves considerações, é o da introducção na lingua japoneza de muitos termos portuguezes, pela maior parte ainda de uso corrente; claro está que taes termos soffreram modificações varias, derivadas principalmente da accommodação que se lhes deu ao syllabario indigena, não muito rico em tonalidades.

Convém notar que a lingua japoneza se apresentava, certamente, muito escassa de locuções no seu primitivo estado, como lingua que era de um povo insular, de conhecimentos rudimentares e fechado inteiramente ás civilisações estranhas. De ter o Japão entrado depois em contacto com a China, resultou o facto natural de se ir enriquecendo subsequentemente a sua linguagem com muitos termos

chinezes de objectos e de noções que os nipponicos viam e recebiam pela primeira vez; e pela mesma razão o buddhismo da China lhes trouxe mais tarde bastantes palavras de origem sanskrita. O mesmo aconteceu depois e successivamente com os portuguezes, com os hespanhoes e com os hollandezes; e mais recentemente, e até aos dias que vão correndo, com os inglezes, com os francezes, com os allemães e com outros; de sorte que a imitação das coisas, tão apregoada como uma caracteristica dos nipponicos, começou tornando-se effectiva na sua arte de fallar.

Pelo que em particular respeita á lingua portugueza, cujos termos necessariamente se impunham aos japonezes para designarem muitos objectos europeus que elles viam pela primeira vez nas mãos dos nossos missionarios e mercadores, ha ainda a circumstancia, que lhe facilita a adopção, de apresentar ella, muito harmoniosa pelo abundante emprego de vogaes, uma certa similhança phonetica com a lingua japoneza, que igualmente ou ainda mais recorre ao uso das vogaes. A similhança vae mais longe: quasi todas as nossas syllabas simples, formadas por uma consoante e uma vogal, téem correspondentes na lingua japoneza; e a reciproca é igualmente verdadeira.

Resalta d'isto até a curiosa e por vezes engraçada coincidencia de muitas palavras portuguezas serem exactamente identicas, pelo som, a outras tantas palavras japonezas, embora de mui differente significação; seguem alguns exemplos, tirados ao acaso: — mono, *mono* (objecto, coisa); santo, *santo* (o conjunto das tres cidades principaes do Japão); cara, *kara* (casca, concha); cana, *kanà* (caracteres do syllabario japonez); mata, *mata* (bifurcação de um caminho); mato, *mato* (alvo); cura, *kura* (armazem); cama, *kama* (marmita); macaco, *makkaku* (quadrado perfeito).

Voltando agora ao interessante facto de muitas palavras japonezas serem derivadas do portuguez, vou citar algumas d'estas palavras de uso mais corrente. Convém notar que a religião christã, ensinada pelos nossos missionarios, concorreu com uma grande cópia de locuções, algumas mesmo latinas; os modernos missionarios francezes téem-se esforçado em substituir taes locuções por termos genuinamente japonezes, julgando isto mais util aos seus fins, o que não vale a pena discutir n'este logar. Seguem as palavras de origem portugueza: — *kontasu* (contas, rosario); *kirisuto* (Christo); *anima* (anima, alma); *bateren* (padre); *battera* (batel); *kompetô* (confeito); *tabako* (ta-

baco); *bidoro* (vidro); *koppu* (copo); *kappa* (capa); *mantô* (manto); *manteru* (manter); *saberu* (sabre); *katana* (catana, ou é o termo portuguez que deriva do japonez?); *pan* (pão;) *shabon* (sabão); *tempura* (especie de fritura, provavelmente de tempero; o termo tambem é usado pelos negros de Moçambique); *karuta* (carta de jogar); etc.

Para concluir este ligeiro estudo, é interessante indicar agora algumas palavras portuguezas, que devem ser consideradas de origem nipponica. *Biombo* vem certamente do termo japonez *biôbu*, e o objecto é do puro estylo japonez. Em Macau chama-se *caia* a um mosquiteiro, palavra que deve provir de *kaya*, termo japonez com identica significação. *Bonzo*, que é a palavra corrente entre nós para designar um sacerdote buddhista, vem de *bôzu*, com a mesma significação. *Chá* poderia vir da China, porque os chinezes do sul dizem *chá*; mas os japonezes tambem assim dizem: e inclino-me mais para esta ultima origem, porque nós dizemos *chavena* (chicara), e os japonezes dizem *chawan*, para indicar o mesmo objecto.

Fiquemos por aqui, para que não me chamem massador... ou sabio, que vem a ser a mesma coisa.

— Estamos em pleno inverno, pois, como é sabido, o mez de fevereiro é o mais rigoroso d'esta quadra. O thermometro desce quasi diariamente a zero e ainda mais abaixo, aqui na região central, tida pela mais suave. Cahem frequentes nevadas. Mas estamos tambem em plena florescencia das ameixieiras, sendo, por vezes, difficil, em excursão pelos campos, distinguir se tal arvore se ostenta coberta de neve où coberta de flôres.... *Até parece mentira*, mas não é. N'este paiz, o inverno não logra transmittir á paizagem o tom de desolação e de angustia que leva a outras terras; as arvores e os arbustos de folhagem persistente, tão abundantes, retéem os seus verdes cariciosos; florescem camelias e florescem ameixieiras; se os vertices dos montes branquejam de quando em quando, ou se sobre a superficie gelada dos charcos passeiam serenamente os corvos, registemos estes incidentes como novas graciosidades para o quadro sempre risonho em que o olhar se pousa, acrescentando que para a neve inventaram os japonezes a phrase — *Yukimi-saké* — que quer dizer — *beber vinho ao vêr cahir a neve* — que nos revela, sem outros commentarios, as habituaes reuniões de amigos, motivadas sob o pretexto de se ir contemplar tão gentilissimo phenomeno, sobre-

tudo frequente nos mezes de janeiro e fevereiro.

Fallando de ameixieiras, recorda-me de outras arvores, do salgueiro entre varias, a que nós chamamos chorão, em cujas hastes, pendentes já por este tempo, vão assomando multiplices rebentos verdejantes, o que constitue um dos primeiros avisos da primavera proxima. E, a proposito de salgueiros, acode-me á lembrança a historia commovente de um d'elles, o qual, segundo opiniões dignas de credito, vegetou em sólo japonez ha algumas centenas de annos.

Eu vou contar-lhes a historia. Antes, porém, devo dizer-lhes que os salgueiros não gozam de boa fama n'esta terra, attribuindo-se-lhes sobras de feitiços e o vezo de servirem de abrigo a almas do outro mundo. Em não raras occasiões se tem visto, quando se abate um salgueiro, cahirem gottas de sangue do seu tronco.

Ora, havia em Kioto um *daimyô*, senhor feudal; e contiguo ao castello, no terreno destinado á gente de armas, um salgueiro crescera no jardim de certo guerreiro, ou *samurai*. Este, que embirrava com a arvore, sem duvida pelas razões que apresentei, resolveu destruil-a; mas um dos companheiros acudiu,

reprovando-lhe a intenção, dizendo que o salgueiro tinha uma alma e seria acto criminoso fazel-a padecer; e vae d'ahi, transplantou-o para o seu proprio jardim. A arvore prosperou no novo sólo e sentiu-se sensibilisada por tão carinhosa acção; e, em recompensa, o seu espirito tomou a fórma de uma mulher muito formosa, que veio a ser a esposa do seu delicado protector. Um filhinho foi o fructo d'esta pathetica união. Annos depois, o *daimyô*, que andava empenhado na reparação de um templo, mandou abater a arvore para servir-se da madeira. Então a esposa confessou ao *samurai* a sua estranha origem, e em choros foi dizendo que tinha de desapparecer, de recolher á arvore e de morrer com ella. O *daimyô* não se commoveu a rogos, o salgueiro foi cortado e baqueou no chão. Foi então coisa digna de vêr-se que dez homens, vinte homens, cem homens, trezentos homens não conseguiram removel-o. N'esta altura, o pequenito, segurando n'um raminho do salgueiro, balbuciou filialmente: — «Venha...» — e, seguindo em frente, a arvore acompanhou-o até ao portal do templo, onde então os carpinteiros, serra e machado em punho, a desfizeram em pedaços.

XXIX

15 de março de 1905

Batalha de Mukden — Divagações; o mais vehemente desejo de todo o japonez — Informações curiosas de um correspondente do *Times* — O amor pantheista dos japonezes pela creação.

Depois da data da minha ultima carta, importantissimos acontecimentos se passaram e se estão passando n'este momento no campo das hostilidades, ainda incompletamente conhecidos, mas aos quaes devo referir-me n'este logar, embora as informações telegraphicas da imprensa europeia largamente se encarreguem de instruir sobre o succedido os leitores d'este jornal.

A batalha prevista, ao sul de Mukden, desencadeou-se e ainda não está terminada. Por mais de quatro mezes os dois exercitos inimigos fortificaram-se nas suas posições, um em frente do outro, quasi em contacto, recebendo largos reforços, viveres, munições, estudando planos de estrategia para um tremendo combate decisivo, e dando apenas signal de si,

de quando em quando, por ligeiros encontros de forças avançadas, sem importancia real.

Por fim Kuropatkine tomou a offensiva, em que alguns adivinhavam a *revanche*, pois não era certamente o tempo que havia faltado ao famoso general para bem dispôr dos seus recursos. Outros, os que contavam com mais uma victoria nipponica, anhelavam porque Oyama envolvesse totalmente o inimigo, obrigando-o a uma capitulação geral, que impozesse assim um termo ao sangrento conflicto. No entretanto esta ultima hypothese não passava de pura phantasia, porque, se não me illudem os escassos conhecimentos militares de que disponho, por maior que seja a fortuna das armas, não cabe no humano poder o arcar e obrigar a render-se, em pleno campo, um exercito enorme, que occupa uma linha de frente de cerca de 130 milhas de extensão; a massa das forças de Kuropatkine, que excedia 300:000 homens, só poderia render-se por capitulação na hypothese improvavel de guarnecer uma praça de guerra, que fosse cercada e sabiamente atacada pelo inimigo.

Mas vamos aos factos. Travada a batalha, que ha-de ser considerada na historia uma das primeiras, a derrota de Kuropatkine foi

completa, mesmo mais do que uma derrota, — uma tremenda catastrophe. As forças japonezas responderam ao ataque com uma furia maravilhosa, forçando os russos a retirarem precipitadamente, impondo-lhes perdas terriveis, em gente, em material, em viveres, em tudo. Após, differentes columnas nipponicas romperam as fileiras inimigas, atacando-as pela rectaguarda, cortando-lhes o unico meio de salvação, que era fugir, expondo-as ao horror de dois fogos. Déram-se assim encontros destacados, do mais mortifero effeito, ficando os russos inteiramente á mercê dos japonezes, que fizeram basta colheita de prisioneiros. Taes encontros ainda proseguem, bem como furiosas correrias em perseguição dos grupos desbaratados d'aquillo que se chamou o exercito de Kuropatkine, e que já não merece agora este nome. Quanto a Mukden, a cidade sagrada, que contém os maravilhosos monumentos tumulares dos ascendentes do actual soberano da China, consta que os japonezes, por especial deferencia pelo visinho imperio, escorraçaram d'ella os russos sem occupal-a militarmente, gentileza que deve ter sido muito grata a todos os celestes.

As perdas dos russos, incluindo provavelmente os prisioneiros, são calculadas em

200:000 homens; as perdas japonezas orçam talvez pela quarta parte. Os russos deixaram no campo 500 canhões e uma enorme quantidade de munições de guerra, viveres e diversos materiaes.

Kuropatkine pede ao czar a demissão do seu alto commando.

— Paz? A imprensa occupa-se muito do assumpto, mas não sei que credito se lhe deva attribuir. É facto que só dentro de uns seis mezes os russos poderão conseguir, se conseguirem, reconstituir na Mandchuria um exercito egual em força ao que acaba de ser aniquilado. Mas, durante este tempo, os nipponicos victoriosos occuparão Tieling, avançarão até ás alturas de Karbin, cortarão a linha ferrea, isolarão Vladivostok; provavelmente, a agitação interna, no coração da Russia, accentuar-se-ha mais effervescente; e, o que é peor, os banqueiros francezes já annunciam que fecharam os seus cofres á attribulada alliada...

Muito se póde discorrer sobre a materia; mas reservo para a correspondencia proxima algumas outras considerações.

— O conflicto extremo-oriental está commovendo profundamente a sensibilidade dos espectadores. Quando pensamos na já bem

longa duração d'esta guerra sangrenta; quando imaginamos a triste resenha de milhares e milhares de vidas — de russos e japonezes, — sacrificadas no campo de batalha, pelo chuveiro da metralha, pelas doenças — a nossa alma chora, alanceada.

No entretanto, não sei bem se nos é licito votar identico sentimento de piedade a todos os mortos, quer se trate dos russos, quer dos japonezes. Não resta duvida que esses miseros subditos do czar, nossos irmãos pela raça, que baquearam ou vão baquear, feridos pelas balas nipponicas, ou dizimados pelas epidemias ou pelos rigores do clima mandchu, merecem incondicionalmente a nossa inteira commiseração; pobres *mujiks* arrancados, á força, á paz da sua aldeia, ao conforto do albergue, ao aninho da familia, e empurrados para a Siberia, para a Coréa, para a Mandchuria, para Porto Arthur, a fim de se arrebanharem em legião e irem travar dura contenda com um inimigo improvisado, na defeza de uma causa, cuja logica subtil excede os limites da sua comprehensão.

Mas merecem acaso as victimas nipponicas o mesmo grau de piedade que os russos nos merecem? Parece-me que não. Uma tal duvida, que acode ao meu espirito, constitue assumpto

grave; e, visto que tive a sinceridade de apontal-a, devo explical-a, o que passo a fazer.

A' minha concepção offerecem-se duas unicas maneiras de interpretar os individuos pelas suas relações com a nação: ou como unidades distinctas, como entidades independentes, embora reunidas por interesses communs, e então, a nação, o Estado, póde bem chamar-se uma confederação de individuos; ou, pela segunda maneira, os individuos não são mais do que simples parcellas de uma só unidade — o Estado — não são mais do que porções de argamassa (permitta-se-me a expressão) constitutiva do edificio nacional. D'aqui dois systemas philosophicos de sentimentalidade social.

As sociedades modernas (refiro-me aos Estados civilisados da Europa e da America) tendem cada vez mais a perfilhar a primeira interpretação. O homem emancipa-se dia a dia de um certo numero de concepções ideaes, nas quaes se incluem a dedicação incondicional á patria, o sacrificio espontaneo pelo symbolo da bandeira. O homem vae comprehendendo que o seu primeiro dever é ser feliz, e para isto trabalha; os seus outros sentimentos passam ao segundo plano; o respeito pelas instituições, pelos outros homens, o patriotis-

mo, são para elle, mais do que outra coisa, simples estatutos de collectividade, que elle admitte e a que se submette, mas, principalmente, porque n'elles encontra a garantia dos seus proprios interesses. Não o condemnemos; antes devemos reconhecer n'este estado de alma o pleno desabrochar da consciencia humana, segura de si mesma, da sua força, dos seus recursos; o rei dos animaes fabrica por suas mãos o proprio throno, e é logico que assim seja. Poderemos apenas commentar que a felicidade é raro fructo terreal, e que o homem, quando despindo-se assim de ideaes, quando repetindo, para seu uso, a phrase que outr'ora foi proferida por um rei — «O Estado sou eu», — resvala facilmente para os desregramentos do egoismo e de egotismo, isola-se, contempla-se não raras vezes no deserto do seu *Eu*, descamba na nostalgia cruciante. . . e não é feliz.

Ora, os japonezes, por um duplo phenomeno historico e psychologico, facil de admittir, encontram-se n'este momento n'um estado medieval e a mais com a tremenda responsabilidade moral de defenderem perante o universo inteiro o prestigio de uma raça; d'isto resulta o elles não acompanharem a evolução positivista da época, grupando-se, levados pelo

raciocinio e ainda mais pelo instincto, do lado do segundo systema social que apresentei. Na alma japoneza, os individuos não se contam; não são mais do que a pedra em pedaços e a argamassa agglutinante do feiticeiro edificio social que se chama o *Dai-Nippon*, o Grande Japão!...

Esta concepção basta para explicar, a meu vêr, todos os actos de coragem inaudita, de patriotismo sem freio, de desprendimento da vida, de resignação perante o soffrimento, de que já tem dado tantas provas este povo, no conflicto que se trava.

O que quer cada soldado ou cada marinheiro? alcançar um nome distincto, ou uma medalha para o peito, ou mais um galão para o braço? O que quer o povo? enriquecer-se com os despojos da guerra, substituir o *kimono* de algodão pelo *kimono* de sêda? Nada d'isto: soldados, marinheiros, povo, luctam com um unico intuito — o engrandecimento da patria nipponica, o prestigio da bandeira do Sol Nascente.

Em taes circumstancias do sentimento, morrer que importa? ou melhor: morrer, quando a morte possa trazer beneficio á nação, é uma gloria, é uma felicidade invejavel. Vale mesmo mais, talvez, morrer: os que voltarem

á patria, após a paz, serão os ignorados, os anonymos; aquelles que hão-de persistir na memoria de todos, serão os mortos, aos quaes se elevarão, nas cidades, nas aldeias, em toda a parte, monumentos commemorativos, visitados pela multidão em épocas memoraveis do anno. Morrer pela sua patria, morrer pelo seu imperador, é o mais vehemente desejo de todo o japonez.

E' assim que pensa o povo. Para documentar, com todo o desejavel rigor, este ligeiro estudo sobre a feição patriotica da alma japoneza, e passar depois ás conclusões que tenho em mente, precisaria inquirir dos mortos, dos cahidos no campo de batalha, o que elles pensam sobre o assumpto; mas elles não poderão responder-me, os pobres mortos! . . . E'-me licito apenas colher as ultimas impressões dos moribundos e relancear tambem a sentimentalidade das familias, dos parentes proximos d'aquelles que se vão; isto basta, a meu vêr, para se ter uma opinião approximada dos defuntos, em materia que tanto lhes respeita. Nos campos da Mandchuria, os soldados alvejados cahem por terra bradando — «Banzai!», viva a patria! — com o seu ultimo suspiro. Um moribundo occupa os ultimos momentos de vida que lhe restam, humedecendo o dedo

indicador no proprio sangue e esboçando *a tinta vermelha* uma scena de batalha. Sabe-se como, a bordo dos transportes inutilisados pelos russos, um grande numero de soldados preferiu o suicidio ao captiveiro. As familias não pranteiam os mortos; glorificam-se apenas do seu nome; as mães exhortam os filhitos a seguirem o exemplo de seus paes, sacrificando-se pela patria. Ao general Noghi, o briosissimo commandante do exercito japonez, que cercava Porto Arthur, morrem dois filhos, os unicos que tinha, pelejando pelo seu imperador; e orgulha-se d'isto, resignado e calmo. N'aquelle mesmo Porto Arthur, os primeiros soldados avançavam para os fortes com a certeza de morrerem; mas felizes, por saberem que seus corpos serviriam de degraus aos seus camaradas para subirem acima das muralhas e irem implantar nas culminancias uma bandeira japoneza! . . .

Ora, pois, a nossa piedade platonica, de occidentaes, deve temer-se, julgo, de dar largas á sua rhetorica dolorida perante o phenomeno sentimental que nos está offerecendo o povo inteiro japonez. Morre um japonez, attingido por uma granada moscovita? morrem mil? morrem dez mil? Crêde que são dez mil felizes, na epopeia patria. O patriotismo no Japão

alcança a craveira do heroismo; ser-se heroe é quasi ser-se um Deus, com direito a invocação n'um templo, com direito á adoração da turba dos fieis. Não nos assiste justiça bastante para virmos discutir se esta eternidade gloriosa não compensa a meia duzia de annos banaes descontados de surpreza á existencia. Limitemo-nos a juntarmo-nos á turba, tiremos os nossos chapeus, respeitosos, silenciosos, abysmados, em face do mysterio psychologico d'esta gente. . .

— Como imagino que o *Times* londrino não seja frequentemente consultado pelos meus leitores, julgo interessante referir-me aqui a um recente artigo apparecido n'aquella folha, devido á penna do seu correspondente em Pekin, o conhecido dr. Morrison.

O correspondente, que teve a fortuna de visitar Porto Arthur logo após a capitulação, refere-se circumstanciadamente á grande quantidade de provisões e de munições de guerra encontradas na praça e tambem ao facto do avultado numero de soldados russos válidos e nas melhores disposições de saude, em força de mais de 25:000 homens, quando Stoessel declarava que, nos ultimos dias do cêrco, não podia contar senão com uns 5:000 homens capazes de combater. Conclue por estas pala-

vras: — «Todas as informações concordam em condemnar o general Stoessel, o qual, se não tivesse sido reprimido pela resolução do general Kondratchenko, já houvera capitulado algumas semanas antes. Todas as informações concordam em condemnar a maioria dos officiaes russos, os quaes mais se arreceavam da mingua de certos confortos do que da falta de munições. Todas as informações enaltecem a coragem da gente da fileira, em muitos e muitos casos vergonhosamente commandada pelos seus officiaes. Todas as informações concordam em que nenhum homem, que haja exercido um commando responsavel, menos merece o titulo de heroe do que o general Stoessel.

« Aquelles que foram testemunhas das condições da fortaleza, comparando a evidencia dos seus olhos com a assombrosa falta de verdade do general Stoessel, sentem a sua sympathia transformar-se em irrisão, convencidos de que a historia não recorda mais deshonrosa rendição. Tivesse o Kaiser esperado pelos relatorios do addido militar allemão e de outros addidos, e, certamente não houvera conferido ao general Stoessel a ordem *Pour le Mérite*.»

E' muito cedo ainda para attribuirmos o

seu justo valor ás opiniões pessoaes, mesmo as mais honestas, mas porventura apaixonadas, sobre as peripécias do drama extremo-oriental. Registremos apenas a exposição do dr. Morrison. E ajuntarei, por conta propria, constar-me que muitos dos officiaes russos dos mais graduados, hoje prisioneiros no Japão, fazem largas acusações ao seu antigo chefe, attribuindo a Kondratchenko, desastrosamente alcançado por uma granada japoneza, alguns dias antes da quéda da praça, toda a gloriosa iniciativa da defeza. Quanto aos soldados russos válidos, que todos julgavamos em infimo numero e escavacados pela fome e outras angustias, vi-os eu, via-os toda a gente, passarem, caminho das casernas de detenção, atafulhando as carruagens do caminho de ferro, e isto durante semanas inteiras e em frequentes comboios diarios; e guapos, e rosados, e cheios de vida e de forças, amorosamente embevecidos na paizagem nipponica, debruçando-se das portinholas, para enviarem, com um gesto, beijos ás *musumés* que iam pelas ruas. . . Pobres rapagões, esquecendo já rancores e abençoando a creação: do que elles tinham fome, os patifes. . . era de beijos! . . .

— O amor pantheista dos japonezes pela creação accusa-se por mil fórmas, revela-se por

mil preferencias; vindo a proposito fallar da sympathia que elles votam a muitos insectos e outros animaes inferiores, que em geral não merecem dos occidentaes a minima estima, antes lhes produzem muitas vezes aversão e asco.

Já uma tal sympathia se denuncia intensamente na arte, na pintura e na esculptura, por exemplo. Ninguem melhor do que os nipponicos sabe desenhar um rato, ou um peixe, ou uma tartaruga, ou uma mosca, ou uma aranha, ou um verme. Mas esta perfeição não está só, nem está tanto, na reproducção fiel do animal; está principalmente em saber respigar elegancias de contornos, delicadezas de attitudes, como que expressões de sentimentalidade, em cada um d'estes brutos, á primeira vista tão avessos á analyse psychologica do observador attento. De sorte que o pincel de um artista póde offerecer-nos, supponhamos no desenho de uma lagarta, intenções sentimentaes que nos commovam e enterneçam, taes como as provocadas por uma téla realista da escóla hollandeza ou religiosa da escóla italiana. Isto confirma a primeira parte de um conceito, que corre mundo entre europeus: — «Os japonezes são grandes nas pequenas coisas e pequenos nas grandes coisas»; — não vindo agora para aqui apreciar a se-

gunda parte, de mais a mais susceptivel de larga controversia, nos tempos historicos que vão correndo.

Mas voltemos aos bichos. Fóra do dominio da arte e entrando na realidade da vida, é interessante registar que ha no Japão sitios afamados para ir ouvir o coaxar das rãs; outros sitios para ir vêr os lumes vagabundos dos pyrilampos cruzando-se no espaço, durante a noite escura; outros ainda para ir ouvir *cantar* — se o termo é admissivel — certos insectos, uns similhando os nossos grillos, outros de especies differentes. E a todos estes sitios concorre o povo em multidão, como para uma festa, em determinadas épocas do anno. E ainda poderiamos fallar dos innumeros tanques, dos innumeros lagos, em Tokio, em Nasa, em Kobe, por toda a parte, em volta dos quaes os passeantes se demoram a todas as horas, contemplando os peixes vermelhos, ou os kágados, familiarisados com a turba, concorrendo em cardumes ao chamamento, quando se batem as palmas, e aos quaes se lançam varios acepipes, comprados ao vendilhão de artigo, muito de proposito acampado cerca, com o estendal da sua industria.

A rã, por si só, exigiria um grosso volume,

se eu pretendesse occupar-me aqui detidamente do papel que ella representa na arte e em geral na sentimentalidade nipponica. O japonez vota, effectivamente, especial sympathia a este bicho. Porque? Sem poder responder cabalmente á interrogação, é certo que o seu canto acalentador, ouvido em noites estivaes, na suggestiva serenidade dos campos, quando nos achamos na visinhança das extensas varzeas de arroz ou cerca das ribeiras ou das lagôas, entra como causa predominante da estima de que ella goza. Ha sobretudo uma especie, a *kojika*, que é particularmente apreciada.

E' popular o uso de ter em casa gentis gaiolinhas de rêde de arame, assentando n'um prato cheio de agua, onde se dispõem plantas do rio e pequeninos rochedos, de modo a reproduzirem em miniatura uma paizagem aquatica; dentro da gaiola, algumas *kajika* deleitam os ouvintes com o seu papear gracioso. Ha um poeta em Osaka (conta Lafcadio Hearn), que guarda no tanque do seu jardim centenares de rãs; em certas épocas, convida os amigos para um banquete, impondo a cada um o preceito de compôr um pequeno poema, *uta*, respeitante aos seus batrachios. Mas não é só n'este cenaculo das letras que as rãs

téem inspirado poetas: ha mais de mil e cem annos que figuram nos cancioneiros nipponicos.

Um outro motivo que concorre em fazer beneficiar a rã da estima publica é sem duvida a sua propria apparencia. Rastejando no sólo, com as pernas curvadas, o corpo pendente para a frente, as duas mãos espalmadas no terreno, a postura da rã lembra muito a de uma rapariga sobre a esteira domestica, no acto de saudar respeitosamente o hospede recemvindo. D'isto provêm a gentil cantiga, devida a um antigo poeta, cuja traducção é pouco mais ou menos como segue: — «Com as mãos pousadas no chão, reverentemente vaes repetindo o teu poema, oh rã!...»

Que direi dos insectos? Em noites calmosas de junho, em certos logares, como na aldeia de Ishiyama, que avisinha de uma pittoresca ribeira, a turba acode para gozar do espectaculo dos pyrilampos, que alli enxameiam, e para colhel-os, perseguindo-os no vôo. A scena é esplendida, na negridão da noite, crivada de myriades de lumes de insectos; devassando-se ao clarão fugidio das lanternas, os barcos cheios de caçadores alegres, onde abundam as *gueishas*, deliciosas, primorosamente ataviadas nas suas sèdas

multicôres. Os japonezes comprazem-se em conservar em casa, em graciosas gaiolinhas, feitas de gaze, enxames de vagalumes, colhidos nos logares onde abundam ou comprados nos mercados.

Outros insectos ha, queridos pelo agradavel ruido dos seus elytros, merecendo por este dom assiduas peregrinações aos sitios onde mais se encontram e melhor se ouvem, carinhos amorosos em conserval-os em gaiolas junto do lar, e dos poetas um interminavel cancioneiro em honra dos seus encantos. N'um artigo sobre o assumpto, que tenho presente, encontro mencionadas não menos de doze variedades de insectos e os seus respectivos preços correntes no mercado de Tokio, como o *kiriguirisu*, o *kanetataki*, o *matsumushi*, etc., alguns d'elles muito de perto aparentados com os grillos e gafanhotos dos campos do nosso Portugal.

Com respeito aos peixes de ornamento, a que nós vulgarmente chamamos *peixes vermelhos*, posto que nem todos sejam vermelhos, ha no Japão, como na China, innumeras variedades, algumas da mais exotica belleza. Koriyama, povoação visinha da cidade de Nasa, é o principal centro de creação de taes peixes, que alli representam importante ramo

de commercio. No estio, quasi que não haverá casa japoneza onde se não encontre o classico globo de vidro cheio de agua, com dois ou tres peixinhos vermelhos, os quaes tambem povoam o lago minusculo, de rigor em qualquer jardim nipponico.

Peixes, rãs, kágados, insectos varios, vêem-se profusamente á venda nos innumeros mercados, como que feiras permanentes, que abundam no Japão; e tambem nos bazares, que se estabelecem junto aos templos, por occasião das grandes festas annuaes, aonde a multidão afflue. Todos estes bichos, em concorrencia com alguns passaros de particular estima, como o *uguisu* (o rouxinol japonez), o *mejiro* (interessante insectivoro), e outros, concorrem para alegrar a casa, pelo enlêvo da sua apparencia ou do seu canto, trazendo a nota da vida ao aspecto das coisas, já sabiamente dispostas para nos chamarem ao amor da natureza e das dòces maravilhas da creação.

XXX

23 de março de 1905

Commentarios sobre a guerra; a situação dos belligerantes — O chrysanthemo repudiado da cidade de Himeji; historia curiosa a proposito — Um punhado de exotismos japonezes.

Commenta-se ainda a recente batalha de Mukden, que engrinalda de louros o nome do marechal Oyama, que eleva a um alto prestigio a pericia militar e a rutilante coragem do exercito nipponico e que, associando-se ás glorias navaes da esquadra do almirante Togo, colloca o imperio nipponico na primeira linha das grandes potencias do mundo inteiro. No entretanto, o exercito vencedor não repousa á sombra das suas victorias, comprehendendo que o momento é soberanamente asado para avançar para o norte, para perseguir os restos desmoralisados e fatigados do exercito de Kuropatkine, agora já sem Kuropatkine, que recolheu precipitadamente á patria, vergando ao peso do seu terrivel insuccesso, agora sob o

commando de um novo chefe, o quasi septuagenario Linievitch, ainda surpreso e indeciso dos planos a pòr em prática perante tão desesperada crise.

São pouco minuciosas as noticias que nos chegam do theatro da guerra, mas sabe-se já que no dia 19 as forças de Oyama occuparam Kayuan, uma importante cidade situada na linha ferrea e distante de Tieling cerca de vinte ou trinta milhas, o que prova a celeridade com que vão avançando os japonezes.

E' opinião corrente, não só aqui, mas em toda a Europa e em toda a America, conforme nos diz o telegrapho, que é chegado para a Russia o momento de confessar-se vencida e de solicitar a paz por qualquer fórma, sujeitando-se, fatalmente, ás condições, por certo pouco lisonjeiras, que téem de ser-lhe impostas; isto para evitar maior catastrophe. Antes que um novo exercito moscovita possa apresentar-se na Mandchuria e fazer face ao inimigo, os nipponicos terão provavelmente attingido as alturas de Karbin, que tomarão; ou, embora se limitem a cortar a linha ferrea, eis a cidade de Vladivostok, que é o unico porto siberiano, isolada, e cahindo em poder do Japão, cedo ou tarde.

Mas a vinda á Mandchuria de um novo

exercito russo, mesmo quando decorridos longos mezes, é já problema muito duvidoso. A massa enorme do povo, que se insurge contra a primeira expedição, a ponto de estar ameaçando as instituições do Estado, que fará quando se cuide da segunda? Ousará o governo do czar pòr assim em imminente risco o inteiro machinismo social do imperio, indo de encontro á vontade imperiosa da nação em peso, que rugirá, abrazada em odio, contra os seus despoticos dirigentes? E quando ouse; quando, mais uma vez o chicote, o sabre e a metralha logrem impòr apparente serenidade ao vulcão humano que estremece; ha uma coisa que se exigirá de prompto e largamente, para formar e expedir o tal novo exercito, coisa que é a alma de todos os gigantes emprehendimentos: — o dinheiro. E falta o dinheiro: os altos financeiros francezes, que téem na fiel alliada o seu maior crédor, já se esquivam a futuras sangrias; sendo bem eloquente a voz da imprensa da grande republica europeia, que já aconselha abertamente a paz, conselho que se deve ter por bom aviso e em todo o caso significativo de que os cofres dos Bancos se fecharam. Ora, seria agora excellente ensejo para uma outra potencia qualquer se entremetter solicita e captar assim a

estima do colosso, em detrimento da França; mas, como se trata de dinheiro, e de dinheiro que ficaria mal parado, não ha politica que se afoite. Em conclusão: a Russia não deverá contar com notavel auxilio monetario do mundo financeiro.

Nas sérias condições que apontei, a paz annuncia-se provavel e proxima, e será a Russia que procurará obtel-a sem demora, no seu proprio interesse, para fugir ao abysmo de mais tremendas humilhações, que se adivinham, tanto quanto se póde adivinhar o porvir, n'esta delicadissima ordem de assumptos. A julgar, porém, pelas informações da imprensa mundial, que, seja dito, nem sempre representam o espelho da verdade, não é pela paz que se inclinam n'este momento os espiritos dos dirigentes de S. Petersburgo, antes se declaram resolvidos a continuar sem tréguas o sangrento conflicto, que tão mal lhes vae sahindo.

Eu explico esse estado sentimental do governo russo, pela reluctancia que experimenta em apressar o facto irremediavel da paz, nas tristes circumstancias presentes. Emquanto os acontecimentos prosigam como proseguem, succedendo-se as derrotas ás derrotas, as desillusões ás desillusões, persiste

sempre a seductora esperança — com o auxilio do orgulho nacional — de que a fortuna das armas mude um dia de rumo, de que um factor qualquer propicio entre em jogo, de que emfim a Russia esmague o seu tenaz e intemerato adversario, sacuda de si a poeira do opprobrio, reconquiste o seu nome de colosso invencivel, prosiga ufanosa e temida na sua obra de expansão e de absorpção, n'esta parte do mundo que tanto a enfeitiça. A paz, pelo contrario, a paz humilhante, apaga n'um minuto todas as esperanças de um immediato desafogo, deixando apenas, como platonica consolação, a ideia da *revanche*; e sabe-se como a historia ensina, mesmo por factos proximamente anteriores (exemplo a França e a Allemanha), que a *revanche* se desfaz muitas vezes, em fumo, pela successão dos annos. A indecisão, perante a alternativa da dòr que opprime e do córte radical, tem na vida comesinha de cada um o seu eloquente parallelo, que serve para vir explicar cabalmente o phenomeno: a Russia é agora o individuo, a quem um dente cariado e infecto incommoda e perturba; mas que não se decide a ir ao dentista, que lhe arranque a excrescencia inutil, pelo horror do caso e na esperança chimerica de que cesse a dòr e volte a saude á gengiva

tumefacta. E', possivel pois, que o conflicto se prolongue até o ultimo extremo de desengano e desespero.

Acceitar a paz affrontosa das mãos de um povo asiatico, confessar o homem amarello superior em seus recursos a um poderosissimo Estado europeu... que vergonha!... Assim pensam os russos, infelizmente bastante tarde para evitarem o peso do desaire. Assim pensam elles, e assim pensam muitos outros. Ha dias, dizia-me um hollandez, de esclarecida educação, que elle, que via a chusma dos indigenas estacar respeitosa e humilde nas ruas de Batavia, para deixar passar adiante o europeu que transitava, nunca poderia admittir complacente a marcha altiva da turba japoneza, caminhando de cabeça erguida pela senda dos seus progressos. E é assim mesmo. Admittia-se o pequenino Japão, offerecendo-nos com um sorriso os galanteios das suas *musumés*, o exotismo da sua arte mimosa, a dòce alegria das suas paizagens, mas na attitude submissa de povo de outra côr, inferior, nascido para nosso regalo, para nosso proveito e para nosso dominio; e quando algum nipponico esquecesse inadvertidamente este codigo que lhe decretamos, e não parasse nas ruas de Tokio ou de Yokohama para nos deixar seguir em

frente, um bom murro, expedido a tempo da mão nodosa do homem louro, lhe faria duramente relembrar os seus preceitos de conducta. E' licito suppôr-se que assim deveria ter pensado o commodoro americano Parry, quando com a sua imponente esquadra, em 3 de junho de 1853, veio bater ás portas do Japão, intimando-o a que as abrisse. Foi assim que pensaram aquelles que depois vieram. Mas o pequenino Japão, a principio reluctante, desconfiado, timorato, comprehendeu de prompto que o melhor que tinha a fazer era seguir resolutamente a civilisação imposta, iniciar-se na cultura estranha; e tão intelligentemente o conseguiu, que se transformou, como acaba de proval-o, n'um grande Japão, cioso da sua independencia, da sua illustração, dos seus direitos, e oppondo á cubiça alheia uma esquadra e um exercito valentissimos.

O facto, que só agora se patenteia em toda a magnitude, assombra toda a gente e produz fatalmente um profundo desequilibrio na politica mundial. Até aqui, o poder dirigente era para tres ou quatro grandes Estados do mundo occidental, que se entretinham em intrigar, em espoliar e em armar-se até aos dentes para se defenderem uns dos outros; os pequenos Estados não contavam, eram o jo-

guete dos seus tutores; e as nações exoticas, da Africa, da America, da Asia, da Oceania, eram a plebe ignara, boa simplesmente para escravisar, ás quaes se iam enviando a pouco e pouco, á medida das exigencias, dois missionarios e tres metralhadoras, para salvação da alma e purificação do corpo.

Surge agora o Japão como potencia de primeira ordem, reclamando o seu quinhão de prestigio, impondo-se na região que é destinada a soffrer a influencia da sua acção; e como que reivindicando o direito do asiatico á liberdade e á integridade do seu sólo. O Occidente applaude, em geral, as glorias recentes: uma minoria, por sincera admiração e sympathia; a maioria, porque se apraz na desgraça do colosso. Mas, por outro lado, a opinião publica já se irrita: no parlamento francez falla-se no perigo que ameaça a Indo-China; no parlamento americano falla-se no perigo que ameaça as Filippinas; ha mesmo quem avance que o enorme incremento, que vae dar-se á esquadra americana, tem por mira primordial o pôr em cheque a esquadra japoneza. Veremos em breve as actividades officiaes dos grandes Estados do Occidente concentrarem-se no Extremo-Oriente, invejosas e precavidas. A politica internacional vae soffrer um

tremendo deslocamento. O Japão, sorridente e sereno, mysterio vivo da psychologia humana, é bem capaz, não só de impôr o respeito á Russia, o que já se afigura indiscutivel, mas de afastar de si todas as outras tormentas, que negrejam agora n'estes horizontes. Homens, que vos aprazeis, desinteressados de vós mesmos, no desenvolvimento do drama social em que esbracejam os outros homens:
— Olhae para cá!

— Sabeis, por certo, leitores bondosos, que o chrysanthemo é uma planta genuinamente japoneza, que os japonezes cultivam com particular carinho, mercê das suas maravilhosas flôres; tambem na Europa, desde alguns annos, os nossos jardineiros lhe consagram estima desvelada. No mez de novembro a florescencia dos chrysanthemos nos jardins imperiaes de Tokio é sem rival, dizem; mas, em tal época, mesmo sem recordar tão alto luxo, é um enlêvo surprehender a gente em cada jardinzinho modesto, em cidades e aldeias, os verdes tufos d'estas plantas, recamadas de flôres, de mil fórmas diversas, de mil tonalidades distinctas.

Parecerá, pois, caso estranho que, sendo o chrysanthemo tão popular n'este paiz, haja um sitio no Japão onde, asseguram-me, ninguem se occupa d'elle, ninguem o cultiva, por ser

tido alli de mau agouro. O sitio é uma parte da gentil cidade de Himeji, na provincia de Harima, distante de Kobe umas duas horas de viagem, em caminho de ferro. Vou dar a devida explicação d'este mysterio.

Ha longos tempos, havia na cidade de Himeji um nobre senhor, que tinha ao seu serviço uma joven e formosa serviçal, de distincta familia e de nome O-kiku-san (*Kiku* quer dizer — chrysanthemo); de modo que a moça de quem fallo chamava-se a senhora Chrysanthemo. O seu mister consistia na guarda das reliquias do museu, da baixella da casa, das preciosidades raras, contando-se no numero d'ellas dez pratos de ouro, valiosissimos. Ora, consta que um rapaz, tambem com certo emprego no palacio, nutriu desejos atrevidos com respeito á bella O-kiku-san; e, como encontrasse honesta resistencia, teve artes de fazer desapparecer um dos taes pratos, no vil intuito de vingar-se da rapariga; esta, após baldadas buscas e haver contado e recontado aquelles pratos, mil vezes, dez mil vezes, sem que podésse contar além dos nove, e prevendo a justa cólera do amo, sem ao menos poder provar sua innocencia, atirou-se a um poço e afogou-se.

Eis toda a historia, simples e sentida. Con-

vém agora acrescentar que o espirito da desventurada moça paira no poço, dando signal de si pela alta noite, desde então até hoje; porque o poço ainda existe; vê-o quem quer, com os seus bordos de pedra, que se elevam um pouco sobre o sólo, carcomidos e esverdeados de musgos seculares, com a cova profunda, negra, mysteriosa, e lá em baixo a agua dormente. Quando, pela noite velha, alguem se aproxima d'este poço, começa apercebendo-se de um monotono murmurio, interminavel, que vem de dentro d'elle. Depois, se tem coragem de acercar-se, ouve palavras mui distinctas. E' a pobre O-Kiku-san que conta eternamente os pratos de ouro: — «Um, dois, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove. . . aaaai! . . .» — a contagem termina por um grito doloroso, quando, após o nono, falta o decimo prato. E recomeça: — «Um, dois, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove. . . aaaai! . . .»

O-Kiku-san encarnou-se n'um pequenino insecto, ao qual se chamou O-kiku-mushi (a mosca O-kiku) e que só em Himeji é encontrado; ás vezes, nas feiras de povoações distantes, exhibe-se, a tanto por cabeça, um exemplar da especie. E' um bichinho de fórmas graciosas, com longos pêllos similhando cabel-

los desgrenhados, dando ideia de uma *musumé* em angustia. . .

Assim fica plenamente explicado porque na cidade de Himeji, especialmente no bairro que avisinha do poço referido, por excepção se tem quisilia em cultivar os chrysanthemos, que recordam o outro Chrysanthemo. . .

— Para terminar, por hoje, eis um punhado de exotismos japonezes, á falta de mais agradavel passatempo:

I — O papel de escrever, leve, flexivel, em vez de ser em cadernos, é em rolo. O pincel, como é sabido, desenha os caracteres da direita para a esquerda e de alto a baixo; e a mão exercitada vae então desenrolando o papel, á medida que a escripta o reclama. Depois, rasga-se, arranca-se do rolo a parte que constitue a carta, dobra-se em muitas voltas e introduz-se no competente sobrescripto. E', pois, curioso registar que entre namorados, por exemplo, que são aqui, como em toda a parte, grandes rabiscadores de ideias, as missivas que se trocam não enchem quatro folhas, ou um caderno, ou dois cadernos, como entre occidentaes; occupam uma folha unicamente, mas de dois metros, mas de dez metros de extensão. . . A *musumé*, erguida e pensativa com a faixa de papel que acabou de

percorrer com a vista, desenrolando-se das mãos e cahindo até aos pés, ou fluctuando á brisa, é assumpto corriqueiro de desenhos e gravuras.

II — Na Europa exige a polidez que ao entrar em uma casa a gente tire o seu chapéu. No Japão ao entrar em casa japoneza, não é de rigor este preceito; mas, como as cousas aqui são ao revés, é de dever a gente tirar o seu calçado, deixando á porta os butes, ou os sapatos, ou as *gueta*, ou os *zori*. A regra alcança os europeus, claramente; nem se poderia admittir que a lama da rua, fosse como fosse transportada, viesse macular a limpissima esteira do aposento. Quantas vezes, em occasiões ceremoniosas, nos temos encontrado — eu e nós todos que *japonizamos* por estes lados, — vestidos de bella calça preta, de distincta casaca preta, lustrosa camisa alvissima, correcta gravata branca... e em meias!... Acrescentarei que ha no Japão a industria de ratoneiros de calçado, os quaes espreitam pelas portas e se safam com o que encontram, deixado pelos visitantes; ainda ha pouco, um cavalheiro francez meu conhecido, victima d'este maleficio, teve de recolher a casa sem sapatos, valendo-lhe um *kuruma*, o commodo carrinho indigena, que encontrou facilmente e o dispen-

sou de ir a pé, ou melhor, no caso presente, de ir... a pés.

III — Ah, estes ratoneiros japonezes... que artes, que feitiços!... Querem os senhores saber como elles roubam as *gueta*, mesmo dos pés das raparigas? As *gueta*, convém dizer, são umas grossas solas de madeira, sustidas ligeiramente aos pés por uma presilha de sêda ou de velludo. O finorio levou comsigo, bem escondido, um par de *gueta* velhas, sem valor. Junta-se á multidão, n'um arraial, n'uma festa qualquer, onde os attractivos desnorteiem um tanto as cabecitas. E vae então, abaixa-se, não sei como, e com um alfinete pica ao de leve o pé nú da pobre moça. Ella, assustada, julgando que uma vespa mordeu, levanta o pé sem *gueta*, relanceia-o, nada vê, enfia-o de novo na *gueta* deixada sobre o sólo e prosegue... mas já leva comsigo a *gueta* velha. Repete-se a operação, mas n'outro pé; o resultado é identico; e eis, mui simplesmente como, com pouco trabalho mas com supina astucia, o patife ganhou em dous ou tres minutos uns cinco ou seis tostões.

IV — E' notorio, pelo menos entre aquelles que teem vivido no Japão, que o japonez, que a japoneza, sentem, amam, compenetram-se da creação, pelos olhos claramente, mas tam-

bem pela epiderme, pelos póros, pela alma, por toda a sua delicadissima affectibilidade; vibram com ella. Sem querer amesquinhar-lhes, nem de leve, os dotes intellectuaes, que tão rutilantes se mostram, póde bem comparar-se cada japonez ou cada japoneza a uma planta, a um ser vegetal qualquer, porque é o que podemos conceber mais visivelmente sensivel ás variações meteorologicas do meio. Este estado de deliciosa servidão — digamos assim, — ao ambiente, traduz-se em todos os instantes pela phrase, entrada na categoria de cumprimento, que o nipponico não deixa nunca de acrescentar aos bons-dias e á mesura que dirige á gente das suas relações, nos encontros habituaes. A phrase, segundo as circumstancias, é do teor seguinte: — «Que lindo tempo!» — ou — «Que enorme calor!» — ou — «Que grande frio!» — ou — «Que furioso vendaval!» — ou — «Que valente chuva!» — O chinez tambem tem o seu estribilho; mas, mais positivo e vivendo essencialmente pela barriga, dirige aos amigos que encontra, o invariavel cumprimento: — «Oh! já hoje comeu arroz?...»

V — Os gatos, no Japão, são, em geral, desprovidos de cauda, ou antes, a cauda limita-se a um simples còto, mais ou menos ru-

dimentar, por vezes tortuoso, isto em consequencia da defeituosa disposição das vertebras; na China, valha a verdade, tambem estes bichos apresentam um exotismo similhante. Além da citada disformidade, os gatos japonezes são pequenos, infezados, de feio pêllo, não attingindo jámais belleza igual á dos seus irmãos do Occidente e ainda menos comparaveis aos seus visinhos de Siam, aos quaes bem cabe o epitheto dos mais gentis gatos do universo. A' parte estas miserias exteriores, o gato nipponico em nada differe, moralmente, dos seus parentes distantes: caracter de supina independencia, bohemio de telhados, ladrão do que encontra a geito na cosinha, caçador emerito de ratos e pardaes; e, com especial referencia á fêmea, exemplo enternecedor de solicitude maternal, no cuidar da joven prole. Em abono d'esta ultima virtude, poderia agora referir sobejas provas, se o louvor da propria familia não fosse acção classificada de immodesta: fallaria da minha gata, do poema sentimental dos seus desvelos, que dispensa n'este momento a quatro gatinhos que lhe pertencem. . . e mais a um cachorrito, que lhe impingi, por achar-se orphão de mãe.

FIM

INDICE

INDICE

III

15 de março de 1904

IV

28 de março de 1904

Pag.

V

5 de abril de 1904

VI

26 de abril de 1904

VII

4 de maio de 1904

Pag.

VIII

17 de maio de 1904

IX

28 de maio de 1904

X

7 de junho de 1904

(*) Por lapso foi indicada no texto outra data.

XIX

26 de outubro de 1904

XX

10 de novembro de 1904

Pag.

XXI

23 de novembro de 1904

XXII

12 de dezembro de 1904

XXIII

22 de dezembro de 1904